

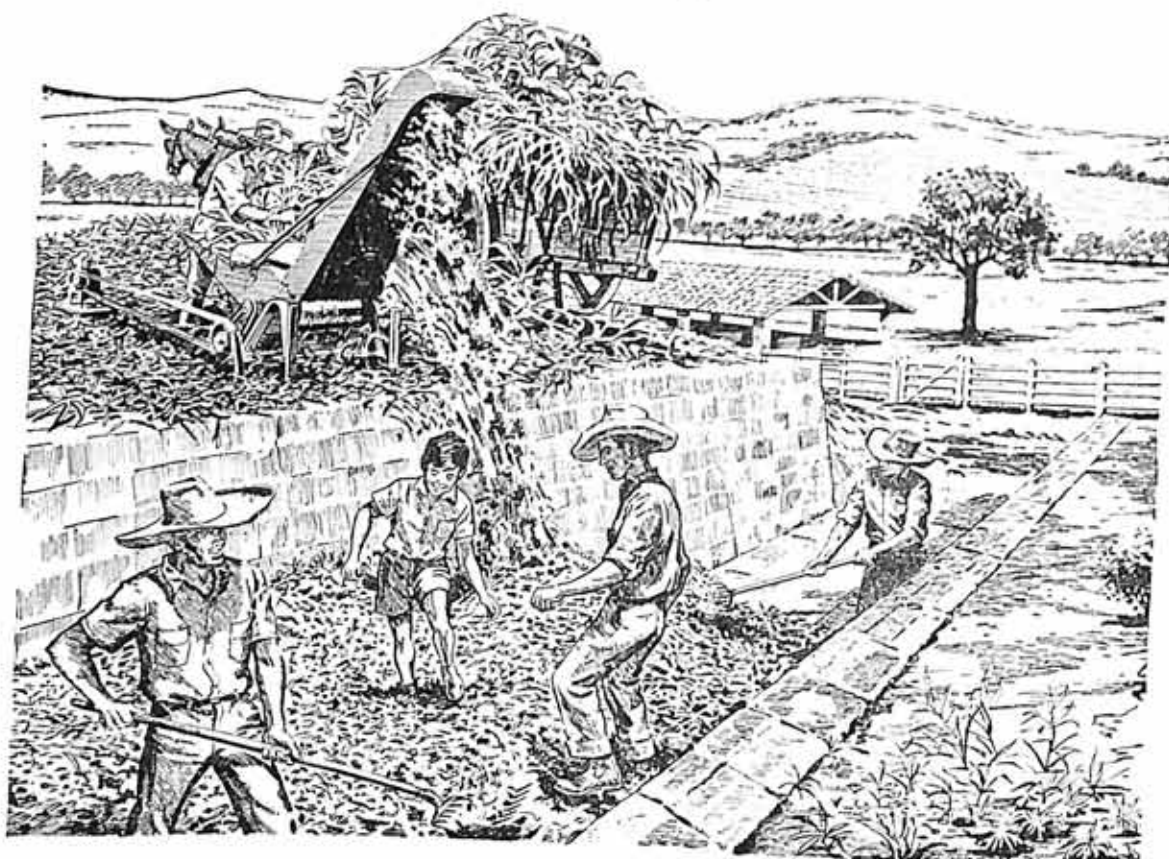
**REVISTA
DOS
CRIADORES**

ANO XXXVIII — 1967 — ABRIL — N.º 448

TUDO SOBRE A EXPOSIÇÃO DE CURITIBA

edição especial da carne

Ensilagem



Transformando milho, sorgo, sobras de pastos, capins Guatemala, Napier etc., em silagem, o gado leiteiro terá alimentação garantida para atravessar o período da seca.

UMA COLABORAÇÃO DE PRODUTOS NESTLÉ



SETOR AGROPECUÁRIO

FEIRA E REMATE

HOLANDÊS PRETO E BRANCO

Eng.º ROBERTO CHAVES FLECK



GRANJA
QUERO-QUERO



OPORTUNIDADE EXCEPCIONAL PARA ADQUIRIR BONS VENTRES E ÓTIMAS LEITEIRAS

- 100 a 200 novilhas ventre PC
- Novilhas prenhes com ótimos "tours provados"
- Sêmen Congelado Importado dos Estados Unidos American Breeders Service, Curtiss e Pan-America)
- Registrados na Associação dos Criadores de Gado Holandês do R. G. do Sul (oficializada pelo Ministério da Agricultura)
- Touros PO
- Animais carrapateados
- Atestados negativos oficiais de Bang e Tuberculose
- Financiamento bancário — Transporte — Seguro

LOCAL:

Granja Quero-Quero - Canoas - RS - Km 8 da BR-116 (P. Alegre - S. Paulo)

INFORMAÇÕES:

Rua Barão de Santo Ângelo, 33 — Fone 22-801 — Pôrto Alegre — RS

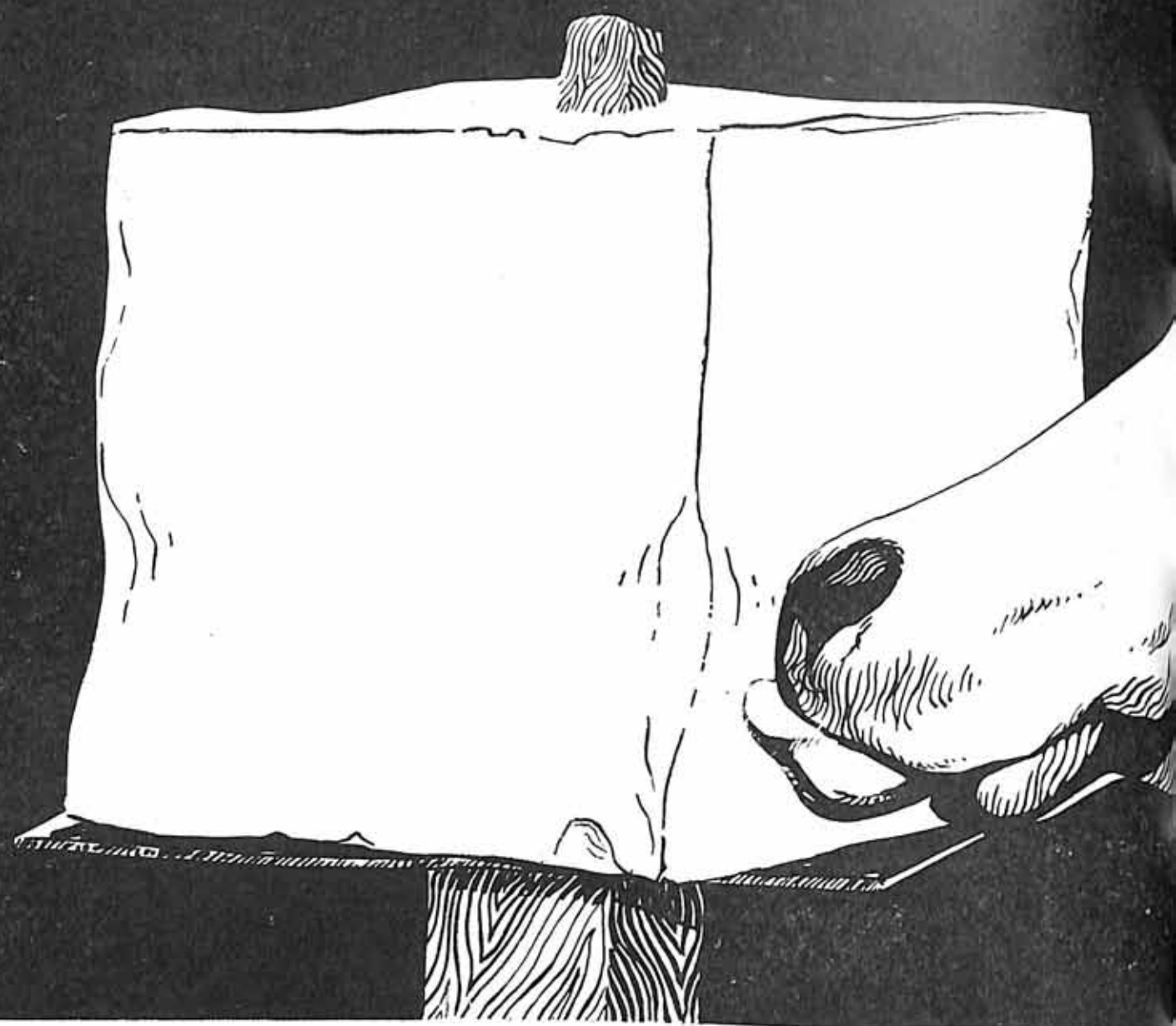
REMATARÁ:

Trajano Silva — Rua Uruguai, 240 — Conjunto 803 — Pôrto Alegre



RESERVA-SE HOTEL

Para financiamento bancário, os interessados devem dirigir-se às seguintes agências de seus municípios, solicitando os respectivos cadastros e fazendo-se acompanhar dos mesmos: Bradesco — Lar Brasileiro — Banco do Brasil — Caixa Econômica Federal — Banco do Estado do Rio Grande do Sul — Banco Duque de Caxias.



Rumiolet

a nova
maravilha
Lepetit

RUMIOLET é a nova maravilha Lepetit. É o novo amigo de todos os criadores. RUMIOLET é ponto final naquele trabalhão de misturar sal nos cochos. Ele faz tudo mais simples e além de ser uma fórmula completa em sais minerais é mais econômico do que os tratamentos comuns. É aquilo mesmo que o sr. esperava para engorda certa, segura, metódica do seu gado. RUMIOLET é um bloco de sal mineralizado que pesa 20 quilos. O sr. mesmo pode colocá-lo no pasto e todos os dias, na hora certa, o gado encontra a sua necessária ração de sal e sais minerais. Impermeável, não derrete com o sol nem se estraga com a chuva. RUMIOLET é muitas vantagens! Não precisa côcho e dispensa a mão de obra. Cada bloco mineraliza vinte cabeças de gado por mês, acabando com a carência e a insuficiência de sal e sais minerais do plantel. RUMIOLET é resistente. RUMIOLET é a nova arma de riqueza do criador brasileiro.



Reclam

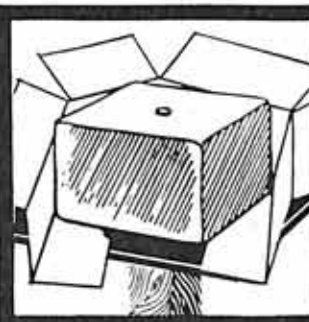
MODO DE USAR:



1 - PRENDER O SUPORTE
NUMA ESTACA, DE
ACÔRDO COM O ESQUEMA



2 - INTRODUIR O ORIFÍCIO
DO BLOCO NO SUPORTE



3 - RETIRAR A CAIXA
DE PAPELÃO



CADA BLOCO MINERALIZA
20 CABEÇAS DE GADO POR
MÊS

Lepetit

LABORATÓRIOS LEPETIT S/A - Divisão Veterinária

SÃO PAULO (GUANABARA, CURITIBA, STA. CATARINA e GOIÁS) - Rua Afonso Celso, 1015 - S. Paulo - SP • PÓRTO ALE-
GRE - Rua Venâncio Ayres, 602 - RS • BELO HORIZONTE - Rua Sergipe, 341/349 - MG • SALVADOR - Rua Rocha Galvão, 22 - BA
• RECIFE - Av. Oliveira Lima, 997 - PE • FORTALEZA - Rua Governador Sampaio, 492 - CE • BELEM - Rua Gaspar Viana, 870 - PA.



VACA SANTA GERTRUDIS, com 38 meses. Pêso: 720 quilos.

SANTA GERTRUDIS

**A melhor raça de gado de corte do presente e do futuro:
uma das mais procuradas em todo o mundo!**

Por que...

... num teste encerrado em 27 de março de 1965, nos Estados Unidos, o **MAIOR GANHO DE PÊSO** coube à raça **Santa Gertrudis**, a saber:

- 1.º lugar — aumento de pêso de 309,628 kg em 140 dias (2,210 kg/dia)
- 2.º lugar — aumento de pêso de 296,008 kg em 140 dias (2,114 kg/dia).

E o que é mais importante: total de animais na prova = 7.500 pertencentes a todas as raças!

E ainda: 69 animais tiveram ganho de pêso superior a 227 kg em 140 dias, dos quais 64 eram da raça **SANTA GERTRUDIS**, isto é, apenas 5 pertenciam a outras raças.

Associados da Associação Brasileira de Santa Gertrudis possuidores de gado registrado: **BAHIA**: Cornélio Moreira Souza e Natanael Trajano Costa — Itabuna; Francisco Augusto S. Souza — Salvador; José Franco Sobrinho — Itabuna. **PARANA**: Fazenda Califórnia, Leon Israel — Jacarèzinho; Theodoro Pinheiro Machado — Curitiba. **RIO GRANDE DO SUL**: Dr. Américo Michelini — Caràzinho; Fazendas Reunidas — Dr. José Mariano da Rocha — São Borja; Milton Silva do Nascimento — Pôrto Alegre; Cláudio Taconi — Viamão; Francisco Matheus — Pôrto Alegre. **SÃO PAULO**: Agenor Nogueira Filho — Avaré; Alberto de Paula Leite Moraes — Chavantes; Antonio Carlos Quartim Barbosa — Avaré; Baltazar G. Paraventi — Matão; Dr. Bruno Heydenrich, Fazenda Santa Gertrudis — Itapetininga; Dr. Carlos Francisco Alves — São José do Rio Preto; Cia. Agro Industrial e Comercial "Arnoldo Bannwart" — Avaré; Cia. Itaquerê Industrial e Agrícola — São Paulo; Condomínio Fazenda Jangada — Guararapes; Condomínio Fazenda Santa Bárbara — Itapira; Fazenda Maristela — Tremembé; Dr. Geraldo Quartim Barbosa, Fazenda São João — Sorocaba; Guilherme Ernesto Constantino — Piedade; Aluizio Rebelo de Araújo — Amparo; Guilherme Campos Salles — Americana; Giannandrea Matarazzo — Araras; Hélio Gouvêa de Mello — Chavantes; Dr. João Francisco Rabelo — Novo Horizonte; Dr. João Boumgartner — Osvaldo Cruz; José de Souza Queiroz Filho — Leme; King Ranch do Brasil S/A — Rancharia; Luiz M. Prates — São Paulo; Marcos Gasparian — São Paulo; Paulo Lacerda Quar-Barbosa — Garça; Dr. Pedro Wirth — Oriente; Renato A. Arens — São Paulo; Dr. Theodoro Quartim Barbosa — São Paulo.

EXISTEM CENTENAS DE CRIADORES EM TODO O BRASIL FAZENDO CRUZAMENTOS COM TOUROS SANTA GERTRUDIS

o que engorda o rebanho

É o olho do dono, quem não sabe?
Principalmente quando o criador
acrescenta ao zelo natural
uma assistência prática
e atualizada. Quando confia a
orientação do rebanho a
veterinários, e escolhe suplementos
alimentares, vacinas e
medicamentos especializados
PFIZER, garantidos por um padrão
científico de nível internacional
- admirável afirmação do
desenvolvimento de nosso País.

The Pfizer logo is displayed within a dark oval, which is itself centered between two horizontal black bars. The background of the entire advertisement is a large, high-contrast, black and white image of a human eye, looking directly at the viewer. A small white silhouette of a cow is positioned in the center of the eye's iris, creating a visual metaphor for the 'eye of the owner' mentioned in the text.

Pfizer



UM SACO DE "RAÇÃO SOCIL"

Porque, além de uma ração cientificamente elaborada, a SOCIL lhe dá:

- Assistência técnica
- Fichas de controle de produção
- Completa garantia de qualidade
- Ampla literatura especializada
- Instrução sobre tipos de instalações
- Perfeita rede de distribuição
- 9 fábricas e 21 depósitos
- Experiência de 23 anos
- A Pioneira no Brasil



SOCIL PRO-PECUÁRIA S.A.

Para o senhor receber gratuitamente literatura especializada da SOCIL, assinale os assuntos de seu interesse, destaque e envie este recorte para



SOCIL PRO-PECUÁRIA S.A.

S. PAULO - Rua Campos Vergueiro, 85 - C. Postal 5013
P. ALEGRE - Av. Itália Brasil Milano, 2593 - C. P. 1966
CURITIBA - Rua Mal. Floriano Peixoto, 7024 - C. P. 503

Desejo conhecer detalhes sobre:

- | | | | |
|---------------------|--------------------------|---------------------------|--------------------------|
| Criação de bezerras | ☐ | Salis iodados Minerais | ☐ |
| Criação de porcos | ☐ | Supervita para Aves | ☐ |
| Criação de pintos | ☐ | Supervita para Suínos | ☐ |
| Criação de frangos | ☐ | Concentrados para Bovinos | ☐ |

NOME:

ENDEREÇO:

CONTÊM
MUITO
MAIS
DO
QUE
VOCÊ
PENSA!



DIRETOR

Luiz A. Penna

REDATOR-CHEFE

Pedro Ferraz do Amaral

REDATOR-SECRETARIO

Rosemberg Marson

COLABORADORES

Alberto Alves Santiago

Hélio Fernando de Albuquerque

Henrique F. Raimo

Hugo Prata

José Resende Peres

Leovigildo P. Jordão

Luiz Carlos Campos

Nilza Perez de Resende

P. A. Gonçalves

Pimentel Gomes

Walter C. Battiston

DEPARTAMENTO DE PUBLICIDADE

Aldo D'Angelo

Sylvio Barretti

Jayme Dônio

D. Dina Avela

João Baptista Pinto

Laércio C. Noronha

DEPARTAMENTO DE REPORTAGEM

Laércio C. Noronha

Francisco Sciacca

Samuel Lisboa

REDAÇÃO

RUA CANUTO DO VAL, 216 —
S. PAULO, Z. P. 3 (BRASIL)
TELEFONE: 51-9234 — (CAIXA
POSTAL: 1669 — END. TELE-
GRAFICO: «CRIADORES»

ASSINATURA**Assinatura simples**

1 ano	NCr\$ 10,00
2 anos	NCr\$ 16,00
3 anos	NCr\$ 24,00

Assinatura registrada simples

1 ano	NCr\$ 10,50
2 anos	NCr\$ 17,00
3 anos	NCr\$ 25,50

Assinatura aérea

1 ano	NCr\$ 11,50
2 anos	NCr\$ 19,00
3 anos	NCr\$ 28,50

Assinatura registrada aérea

1 ano	NCr\$ 12,00
2 anos	NCr\$ 20,00
3 anos	NCr\$ 30,00



Revista dos Criadores

ÓRGÃO OFICIOSO DA ASSOCIAÇÃO
PAULISTA DE CRIADORES DE BOVINOS
FUNDADA EM 1930

ANO XXXVIII — São Paulo, Abril de 1967 — N.º 448

SUMÁRIO

Editorial — A queda da cotação da carne	9
Mercados pecuários	10
Sua carta chegou	12

EDIÇÃO DEDICADA À PECUARIA DE CORTE:

Boi em crise porque preço sobe demais; porco em crise porque preço desceu demais — Mário Mazzei Guimarães	14
A realidade econômica da pecuária gaúcha	22
O porco como produtor de carne — João Soares Veiga	26
Modernas técnicas de engorda de bovinos em confinamento — F. Fabiani	30
Araçatuba — capital do boi gordo — José Resende Peres	34
O registro de bovinos de corte não pode ignorar o peso nos animais — Arnaldo Zancaner	38
A Fazenda Indiana — Pimentel Gomes	40
A raça Charolês, produtora de carne e trabalho — L. P. Jordão	44

EXPOSIÇÃO DE CURITIBA:

Acontecimento extraordinário a I Exposição-Feira de Curitiba	50
Unanimidade: uma exposição empolgante; uma pecuária adiantada	54
O Paraná conquistou seu lugar na pecuária brasileira	56
O Paraná caminha a passos largos	57
101.630,00 cruzeiros novos foi a renda do leilão	58
Os Expositores	59
Os Campeões	60
No Brasil um criador norte-americano de Santa Gertrudis	74
Leite: as usinas ganham mais	76
Salvemos a produção leiteira — L. A. Sandoval	78
Manual do criador de gado leiteiro — Capítulos XIV e XV — Conclusão	80
Panteão dos nossos patriarcas rurais — I — Valdez Corrêa	82
Seção Jurídica — O contrato individual de trabalho	92

AVICULTURA

Ventilação cruzada e por gravidade: fatores melhoradores da produção — Henrique F. Raimo	94
Trocando em miúdos — Últimas da ciência	96
Relatório n.º 265 do Serviço de Controle Leiteiro da A.P.C.B.	97
Granja Quero-Quero — uma fazenda modelo no Rio Grande do Sul	104

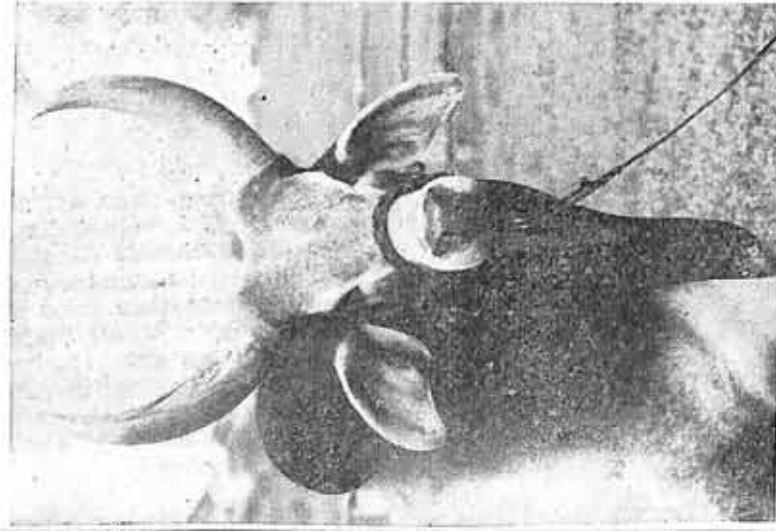
NOSSA CAPA

Apresentamos em nossa capa deste mês colorida vista da entrada do Parque "Presidente Castelo Branco", tendo à frente o reprodutor Charolês Ricardo, boi símbolo da I Exposição-Feira de Curitiba, que teve caráter nacional. É a nossa homenagem ao laborioso povo paranaense, cuja pecuária já se projeta além fronteiras estaduais e passa a ocupar lugar de realce no concerto brasileiro. Dedicamos esta edição ao certame de Curitiba, Paraná, e aos vários problemas que envolvem a pecuária de corte no País, com cuja matéria os leitores tomarão contacto logo nas páginas seguintes deste número.

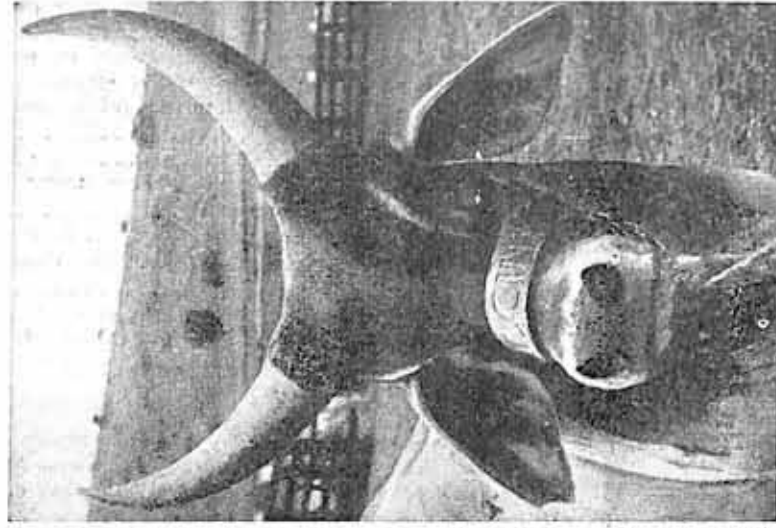
Quatro linhagens de reprodutores — Quatro Guzerás importados

DA

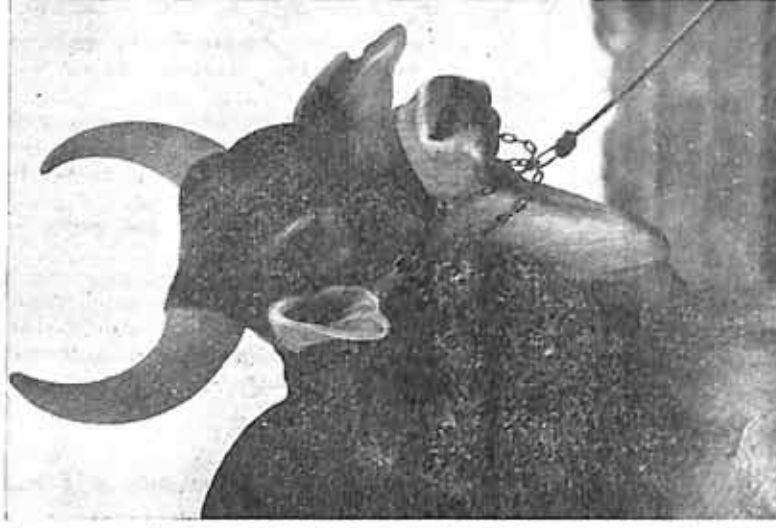
FAZENDA NOVA DELHI



KANTA — Reg. 383



CALCUTA — Reg. 189



MADRAS — Reg. 1776



GHALOR I — Reg. 3554

FAZENDA TUPÃ - Município de Linhares - Estado do Espírito Santo

FAZENDA NOVA DELHI - Km 295 - Rodovia S. Paulo - S. J. Rio Preto - Caixa Postal 39 - Fone 53

Matão - Estado de São Paulo

Prop.: Joel de Paiva Côrtes

Enderêço em São Paulo: Av. Ipiranga, 1248 - 4.º andar - conj. 405

W

A queda da cotação da carne

A "Revista dos Criadores" dedica este número ao importante problema da produção e comercialização da carne bovina

Esta é a edição anual da "Revista dos Criadores" dedicada à produção e comercialização da carne bovina. Sempre atentos aos progressos e aos problemas da pecuária nacional — hoje a maior riqueza do Estado de São Paulo, da região econômica do Brasil Central e Sul e provavelmente do Brasil — não podíamos fugir a este dever. E a tal imperativo se associa a tradição desta casa, de dedicar anualmente um de seus números a cada um dos três importantes aspectos atuais da criação nacional: pecuária de corte, pecuária leiteira e avicultura. Como de costume, pusemos todo o nosso esforço no apresentar um quadro tanto quanto possível exato da situação que ora vivemos. Oxalá compreenda-o o leitor.

Já o dissemos. Os progressos da pecuária acarretam problemas, não obstante seja ela uma das nossas maiores fontes de renda nacional. E no momento o maior desses problemas reside exatamente no preço oferecido ao boi destinado ao açougue, preço que está bem abaixo do custo do produto. Os criadores do Rio Grande do Sul, do Paraná, de Minas Gerais, de Mato Grosso lutam por encontrar justa paga para seu trabalho, enquanto em São Paulo as concordatas requeridas por importantes empresas que exploram a frigorificação da carne cria verdadeiro pânico entre criadores e invernistas, que se vêem à beira da miséria e da ruína.

A queda da cotação da carne no mercado mundial tem sido atribuída a responsabilidade nela situação. Está certo. Mas é preciso lembrar que a esse fato acresce a série de erros que o nosso governo praticou recentemente, instituindo uma política de carne que apenas atendeu a pruridos demagógicos. Aliás, nem política se pode chamar a esse suceder de providências de emergência, que aliás continua, como se viu recentemente.

A produção nacional já não encontra mercado suficiente no País. Há duzentos mil novilhos no Rio Grande do Sul, esperando abate. O Estado do Paraná tem cem mil bois gordos nas mesmas condições. Minas Gerais também. Avaliam-se os prejuízos que a estiagem próxima trará, em consequência do emagrecimento

do gado: bilhões e bilhões de cruzeiros. Impõe-se, pois, que o governo fixe de uma vez para sempre a orientação a tomar: exportar ou não exportar.

A FAO e outras entidades da Organização das Nações Unidas estão constantemente a advertir os governos quanto à grave ameaça de fome que pesa sobre o Mundo, pois o índice demográfico cresce assustadoramente, enquanto a produção de alimentos se mantém estacionária em certas regiões. Não é este o caso do Brasil. Ao que tudo indica, há produção pecuária suficiente. Por que não acudirmos o Mundo com a nossa pequena contribuição?

É certo que não cabe ao governo revolucionário a responsabilidade pela grave crise. Desde 1953 ou talvez antes, que vozes autorizadas se têm erguido no País, pleiteando uma solução para o problema da carne. Mas, em pura perda. As medidas de momento pioraram a situação. Veio a Revolução de Março. Pensava-se que pusesse paradeiro ao mal. Nada fez ela, a não ser continuar com os paliativos. Agora, chegou a hora de agir. Saiba o governo do eminente Marechal Costa e Silva ouvir o justo clamor dos pecuaristas e encontrar para o caso a solução satisfatória e perdurável.

—ooOoo—

Dedicamos também esta edição à Exposição Agro-Pecuária de Curitiba, onde se mostra a pujança da riqueza do grande Estado e sua capacidade de organização e trabalho. Trata-se realmente de uma exposição que pode ser considerada a melhor dos últimos tempos. Está de parabéns o dinâmico governador Paulo Pimentel. Por intermédio da secretaria da Agricultura, a qual tem à frente o sr. José Miró Guimarães, realizou, num ano de administração, obra que outros levariam anos para realizar. A todos os setores da agro-pecuária deu a devida atenção, podendo apresentar os mais alvissareiros resultados. Daqui a três anos, ao findar o mandato do jovem governador, saberemos que o Brasil tem em Paulo Pimentel um administrador de pulso.

Mercados Pecuaríais

Boi em baixa acentuada, com a safra às portas e mercados retraídos, sem abate para estocagem e exportação e refletindo baixas gauchas e argentinas. Porco subindo ainda, gozando a entre-safra e curtindo o desinteresse pela atividade, afetada por anos seguidos de maus preços. Baixa do leite, por motivos ligados à abundância do Produto e ao ICM. Baixa do frango, que não pôde resistir à tendência de baixa do boi e ao fenômeno do arremate de aves de postura, dado o desinteresse pela produção de ovos. Alta insatisfatória do ovo, para uma época de escassez e considerando a elevação dos custos. Eis, em rápidos traços, o panorama nada alentador dos principais mercados pecuaríais, para os produtores, em São Paulo (e Brasil Central, por extensão), durante o mês de março último.

BOI NA DESCIDA

O preço do novilho paulista, no Interior, livre de frete e imposto, alcançou em março a média aproximada de NCr\$ 16,40 por arroba, abaixo do nível de NCr\$ 18,00 que ainda mantivera em fevereiro. Nos últimos dias do mês, a base de NCr\$ 17,00 da primeira quinzena se arruinou completamente, e os negócios se relaxaram a tal ponto que a própria SUNAB interveio para evitar concretização de negócios a NCr\$ 15,50, mandando pagar NCr\$ 16,00. A tendência em abril, porém, era de queda além desse último preço. Aponta-se, como causa principal, maciça retração do mercado consumidor, no qual o preço da carne, aliás, não registrara baixa proporcional à queda do boi. Outro fator baixista: falta de abates para estocagem e exportação, aquela por falta de esquema financeiro e por ameaçar as empresas particulares, muito prejudicadas em 1966 pelo preço CADEP; a outra, por falta de paridade (ain-

da) com o preço internacional vigente nos principais mercados exportadores. Aconteceu também que, na entrada do vigor da safra, repercutia no Brasil Central a baixa do novilho argentino (desvalorização do peso) e do novilho gaúcho, a qual por sua vez refletia a do país vizinho.

GADO MAGRO SENTE

O boi magro, que resistia, abriu as comportas completamente em março. As cotações descenderam acentuadamente em Goiás e Mato Grosso. Boi goiano já se comprava por NCr\$ 190,00 a NCr\$ 200,00 por cabeça (chegara a NCr\$ 250,00) e boi matogrossense do Pantanal andava até a NCr\$ 150,00 (chegara a NCr\$ 200,00). Não há memória recente de baixa tão acentuada das cotações do novilho magro de um ano para outro. A inquietação subia nas áreas criadoras, com reflexos naturais nos programas particulares de criação.

NOVILHO GAUCHO A NCr\$ 160!

O drama maior do boi foi no Rio Grande do Sul. Na safra passada, vendeu-se novilho de exportação a NCr\$ 0,45 por kg bruto vivo; mas frigoríficos paulistas pagaram lá, para abate aqui, até NCr\$ 0,50. Depois a cotação foi até NCr\$ 0,55, na entre-safra. Pois este ano, face da nova desvalorização externa do cruzeiro, pensava-se em manter a base de NCr\$ 0,55 (já que a de NCr\$ 0,45 não fora estimulante em 66); mas o frigoríficos, que a princípio falavam em NCr\$ 0,50 e depois em NCr\$ 0,45, acabaram por

propor a abertura da safra ao nível de NCr\$ 0,40, e assim mesmo se houvesse isenção de ICM; caso contrário, só poderiam pagar NCr\$ 0,36, em face dos preços dos países concorrentes na exportação, sobretudo na Argentina, onde a depreciação do peso, para efeito externo, implicou na própria queda da cotação em dólar. Para se ter ideia do que significariam NCr\$ 0,36 por kg bruto vivo, deve-se esclarecer que um boi de 450 kg rende aproximadamente 16 arrobas de carne; valendo NCr\$ 162,00 (0,36 x 450), equivale a NCr\$ 10,12 por arroba, pelo sistema de aferição do Brasil Central...

Boi continua descendo
ladeira

Porco deverá subir
ainda mais

Leite terá de esperar
entressafra

Avicultura novamente
em crise

CARNE NAO CAI COM BOI

A carne no atacado não refletiu proporcionalmente, em São Paulo, a queda do boi. Os abatedores alegam, primeiro, que antes vinham trabalhando com prejuízo, devido ao artificial sistema CADEP; segundo, que o ICM encareceu a carne, pois a incidência sobre o boi e seus produtos acumula-se no estabelecimento abatedor,

que é o responsável pela arrecadação. Em São Paulo, registraram-se os preços de NCr\$ 1,7 por kg para o trazeiro especial, NCr\$ 1,55 para o trazeiro comum, NCr\$ 0,95 para o dianteiro e NCr\$ 0,85 para a ponta de agulha. No varejo, também ainda não havia chegado a baixa do boi. A carne de primeira era vendida a NCr\$ 2,8 por kg. Os açougueiros alegavam o peso do ICM e o fato de não ter havido baixa no atacado.

PORCO SUBINDO AINDA

A entre-safra, ajudada por chuvas insistentes, implicou em nova alta do preço do porco em março em São Paulo. Admite-se média de NCr\$ 18,50 por arroba (contra NCr\$ 16,00 fevereiro), mas houve negócio no fim do mês até a NCr\$ 21,00. Em abril, deveriam permanecer elevados os preços, devido a estes fatores principais: pouco milho ainda disponível, grande corrida de exportadores e industriais na compra do cereal, maior tranquilidade do produtor devido ao preço bom e à perspectiva de mais alimento para engorda. Acontecia ainda que os rebanhos estavam muito desfalcados.

FRANGO PARADO, OVO SUBINDO MAL

O preço de frangos manteve-se em março abaixo da média de fevereiro. No interior de São Paulo caiu de NCr\$ 1,00 para NCr\$ 0,95 por kg e no atacado paulistano só nos últimos dias do mês superou a barreira de NCr\$ 1,15. Havia muita galinha retirada da postura fazendo concorrência como carne e a fatura de carne de boi dificultava a cotação da carne branca. Quan-

to ao ovo, subiu ao se aproximar a Semana Santa, tendo ido de NCr\$ 24,00 por caixa de 30 dúzias (tipo A, brancos) a NCr\$ 32,00. Ainda assim, o ambiente na avicultura era de crise, devido à desproporção entre o desenvolvimento do preço da ração e o verificado para o ovo e o frango. Ração para poedeira, que em janeiro de 1966 custava NCr\$ 1,36 por kg, em fevereiro de 1967 chegava a NCr\$ 2,16 (mais 62%).

Frigoríficos gaúchos abrem safra com 34 centavos o quilo vivo ou 10,20 a arroba

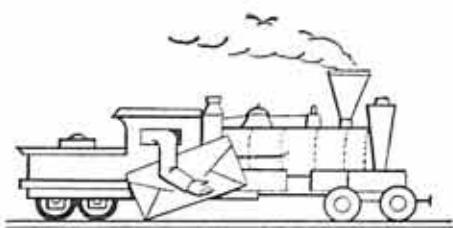
Uma crise sem precedente na história da pecuária gaúcha vem-se desenvolvendo desde fins de março quando os frigoríficos gaúchos (Anglo, Swift e Armour) se recusaram a aceitar o preço oficial de NCr\$ 0,45 o quilo ou NCr\$ 13,50 a arroba para a presente safra. Esse preço foi fixado pelo Instituto de Carnes e

aceito pelas cooperativas. Não aceitando-o na reunião a que foram convocados pelo Instituto de Carnes, os frigoríficos abriram preço de NCr\$ 0,34 o kg vivo, ou NCr\$ 10,20. A diferença provocou grande reação desfavorável na classe rural. A FARSUL, em notícia na imprensa, recomendou aos criadores que resistissem a

qualquer oferta inferior a NCr\$ 0,45.

Uma comissão integrada pelo Secretário da Agricultura e presidentes da FARSUL e do Instituto de Carnes, foi ao Rio e Brasília pleitear medidas que permitam resolver a questão. Como os frigoríficos abatem cerca de 150.000 reses, o

(Conclui na pág. 77)



Sua carta chegou

Sr. Narciso Silva Júnior — Rua Quimberlita, 462 — Santa Tereza — Belo Horizonte — Minas Gerais.
Muito obrigados ficamos pelas

suas palavras amáveis. A "Revista dos Criadores" oferece uma assinatura grátis a quem conseguir três assinaturas pagas, por três anos. O Amigo está convidado a se tornar um dos muitos assinantes que procedem dessa maneira. Mande-nos, pois, meia dúzia de assinaturas, que terá direito a duas assinaturas.

Sr. Luciano Saturinino — Fazenda da Ponte — Cordisburgo — Minas Gerais.

Vamos enviar-lhe o novo Anuário. Muito obrigado. Agradecemos também seus elogios. A sugestão de incorporar o preço do Anuário ao preço da assinatura da "Revista" merece estudo.

Sr. José Augusto Jordão — Rua João Lyra, 162 — Ap. 201 — Leblon — Rio de Janeiro — Guanabara.

Uma assinatura anual da "Revista dos Criadores" custa presentemente NCr\$ 10,50, sob registro postal; e NCr\$ 12,00 por via aérea. Por dois anos, NCS 17,00 e, por três anos, NCS 25,50, em ambos estes casos sob registro. Agradecemos suas amáveis palavras. Desejamos-lhe felicidades nos estudos de agronomia.

Sr. Manuel de Albuquerque Rego — Rua 3 de Maio, 189 — Caruaru — Pernambuco.

Enviamos-lhe um exemplar da "Revista dos Criadores". Aguardamos sua assinatura. Obrigados pela atenção.

Sr. Celso Cabanellos — Rua São Luiz, 208 — Bom Retiro do Sul — Rio Grande do Sul.

Diz-nos o Amigo que viu e ganhou uma "Revista dos Criadores" de 1961. Estamos enviando a seu endereço um dos nossos últimos números, a fim de que veja como ela melhorou daí para cá e como merece que seja lida por criadores adiantados como o Amigo. Esperamos sua assinatura.

FOTO DO MÊS

Mãe, filha e neto



• Eis aqui um caso bem raro em matéria de fertilidade, principalmente entre gado fino registrado. Trata-se de vaca zebú da raça Guzerá. Seu nome é BONECA, com 26 anos, campeã várias vezes, e seu netinho. A vaca adulta ao lado é sua filha CANANEIA, afamada vaca também campeã em certames nacionais e regionais. Crioulas do Dr. João Laraya, Fazenda Santa Sylvia, em Garça, Estado de São Paulo. Boneca é filha de Grão Pacha e neta de Laor, importados, do plantel do venerável João de Abreu.

FUNDADA A ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE CRIADORES DE SUÍNOS

Até 31 de maio deste ano, a Associação Paulista de Criadores de Suínos aceitará inscrições de suinocultores, que serão considerados socios-fundadores. A entidade já está em pleno funcionamento, visando à defesa dos interesses dos criadores de suínos, tendo sido grande o número daqueles que compareceram à assembleia de fundação.

OBJETIVOS

A Associação Paulista de Criadores de Suínos tem, entre outros objetivos, os seguintes: a) reunir criadores e defender seus interesses em todos os assuntos ligados direta ou indiretamente à criação, ao melhoramento, à industrialização e comercialização de suínos; b) cooperar na execução e manter um serviço de registro genealógico de raças de suínos; c) colaborar na execução e manter controles de produção e sanidade; d) promover, dentro de suas possibilidades, a importação de reprodutores assistindo no que lhe for possível aos criadores interessados; e) organizar e colaborar em exposições, concursos e leilões de suínos que venham a ser realizados; f) estimular e auxiliar na organização de cooperativas de criadores de suínos; g) colaborar com os poderes públicos na solução de problemas relacionados com a suinocultura em particular e com a pro-

Conclui na pág. 132)

PARE E PENSE...

Se ao dosificar seu gado, você quiser um vermifugo que elimine os vermes gastrointestinais e ofereça muitas outras vantagens...

THIBENZOLE*

o vermifugo de confiança para seu gado

- ... à medida que combate a verminose com eficácia comprovada, ajuda a assegurar
- MAIOR AUMENTO DE PÊSO
- MAIOR RESISTÊNCIA ÀS INFECÇÕES
- MAIOR FECUNDIDADE

- com THIBENZOLE você obtém melhores resultados mais rapidamente -

Um produto com a garantia
MSD MERCK SHARP & DOHME

ONDE A TEORIA DE HOJE É A TERAPIA DE AMANHÃ

* Marca registrada de Merck & Co., Inc.

PARE

BOI EM CRISE PORQUE PREÇO SOBE DEMAIS

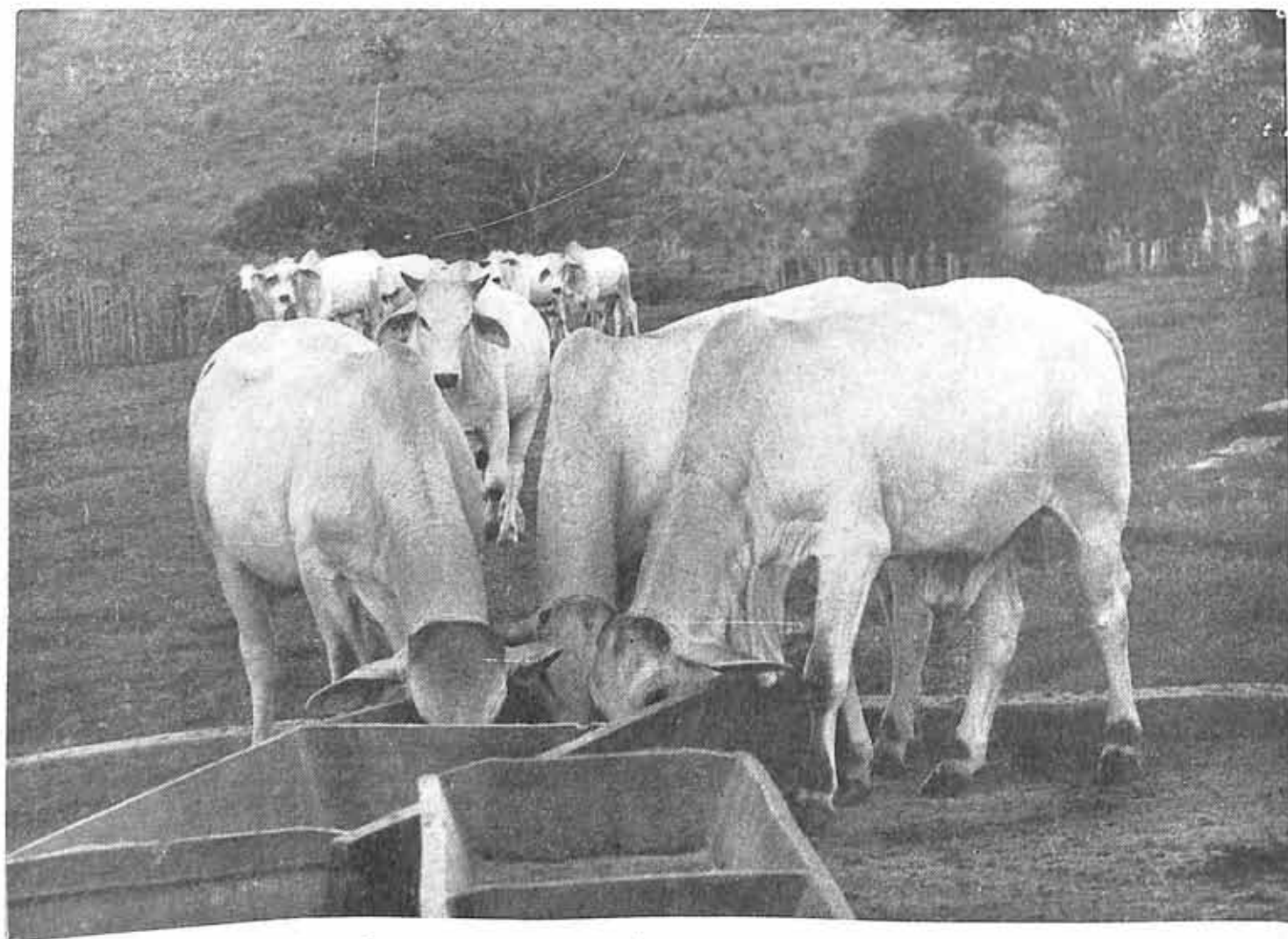
Porco em crise porque preço desceu demais

MARIO MAZZEI GUIMARAES

Tivemos em 1966, no Brasil, abate menor de bovinos e menos volume de carne a oferecer aos mercados do que em 1965. Essa escassez condicionou forte alta de preço, a maior já havida, para o novilho, na década de 60.

Com menos abate, mas mais preço, a renda da pecuária bovina de corte subiu em termos reais. O pecuarista embolsou mais dinheiro bruto, mas se acha às bordas de séria crise em 1967, embora não haja perspectiva de abundância;

acontece que os mercados se encurtam. Cai o nível aquisitivo interno, o que determina baixa do boi, e vêm pressões de fora do mercado internacional, cujos preços FOB país de exportação estão acima da paridade brasileira,



Tipo de gado que tende a predominar em nossas fazendas de criar.

ameaçando o próprio RS, de crônico excedente exportador e boi mais barato.

Houve demasiada intervenção em 66, embora menos policial que em 65, e isso se relaciona com a crise que se desenha para as carnes bovinas. E como sintoma de que os mercados locais não reagem, já que as estações internas declinam, negocia-se em 67 farta exportação de gado em pé no Rio Grande do Sul, o que dá melhor remuneração imediata ao invernador, mas constitui recuo tecnológico e comercial.

A suinocultura deve ter proporcionado mais abate em 66, mas está em séria crise, erodida por anos seguidos de preços maus. Em 67, porco deverá ficar caro, por escassez.

E desenvolvem-se, mais ou menos marginalmente, a produção de ovinos e caprinos para o talho, que dão carne sem universalidade nacional de consumo. E como aqui se fala de carnes vermelhas, não se deslembra do cavalo, que está dando matéria prima para exportação, com base no refugo equino dos sítios e fazendas.

ABATE BOVINO CAIU E DEVE CAIR MAIS

A matança brasileira de gado bovino deve ter declinado em 1966, segundo dados preliminares. Os 29 principais estabelecimentos paulistas reduziram-na de 14% (Associação dos Abatedores de Gado e Frigoríficos do Brasil Central). Também foi menor a safra gaúcha.

Em 1965, abateram-se no País, 7,8 milhões de bovinos, ou cerca de 8% acima do nível médio do quinquênio 1960/64, que alcançara 7,2 milhões de cabeças (Ministério da Agricultura). Deve estimar-se o abate do Brasil em cerca de 7,4 milhões em 1966, ou 5% menos que em 1965, mas (ainda) 3% acima da média do período 1960/64.

O abate caiu em 1966 devido a uma causa de ordem geral e de longo curso: o desenvolvimento insatisfatório da pecuária de corte, ocasionado por defeitos de estrutura da exploração e ainda por uma política desestimulante de crédito e fiscal. Mas houve causas específicas e imediatas: a) a limitação oficial dos abates na entre-safra, no Brasil Central, a maior área produtora, a 70% do nível de 1965; b) dificuldades na exportação; c) estocagem excessiva na safra; d) importação de carne bovina; e) redução do poder aquisitivo nos grandes centros populacionais do País, em vista da política econômico-financeira geral, que implicou em menos emprego, menor salário real e portanto em demanda menor de alimentos.



A subdivisão das pastagens é condição essencial para o êxito na criação ou na engorda do gado bovino.

Note-se que não se dá ao Brasil em geral o mesmo declínio porcentual que autorizaria a queda havida nos estabelecimentos paulistas principais. Acontece que as retenções de gado no interior para abate local têm demonstrado tendência de aumento devido a fenômenos locais de industrialização e urbanização, e isso compensa parcialmente a queda verificada no movimento dos matadouros que vivem dos suprimentos aos grandes centros urbanos e das exportações.

Não se deve aguardar melhor perspectiva de abate em 1967. O mercado externo continuava difícil em abril, mesmo com a desvalorização do cruzeiro. Iria promover-se apreciável estocagem, o que reduziria as possibilidades de abate próprio da entre-safra. A matança

desta última foi condicionada pela SUNAB, devendo limitar-se, a partir de agosto, entre 25 e 40% do abate de cada estabelecimento na safra. Como o gado magro custou a descer aos níveis novos de preço do mercado da carne (mais baixos), o povoamento das invernadas de engorda processou-se de maneira irregular. Havia certo temor pelo negócio do boi, em virtude de "concordatas brancas" de vários abatedores. Com escasso capital de giro, os frigoríficos abatiam com muita cautela. Ao lado disso tudo, não se notava no interior (como era óbvio) nenhum surto excepcional de produção. E os consumidores, apesar da baixa do gado, continuavam a considerar a carne, mais onerada por imposto, acima de seu estatuto normal de procura.

Dessa forma, salvo mudança radical nas perspectivas econômicas gerais, com melhora do poder aquisitivo interno, e uma virada no mercado internacional (ou por alta em dólar da carne, ou por novo ajustamento da taxa cambial do cruzeiro), não se poderia aguardar aumento dos abates em 1967. Possivelmente, declinem mesmo, como já indica a matança paulista dos primeiros meses, nos estabelecimentos principais.

MENOS CARNE À VISTA

A produção de carnes bovinas alcançou, no País todo, em 1965, o volume de 1.312 mil toneladas, ou 10% acima da produção média do quinquênio 1960/64. Trata-se de carne verde, frigorificada, enlatada, charqueada, etc. Naturalmente sofre modificações em relação ao peso original, conforme a categoria, mas, como as variações de categoria obedecem praticamente às mesmas porcentagens (a verde deu média de 74% no quinquênio e ainda 74% em 65), deve-se admitir que tal acréscimo tem substância real. Onde se pode concluir que melhorou a produtividade de carne do rebanho abatido, pois, para aumento de 8% na matança, obteve-se aumento de carne de 10%.

Em 1966, deve-se ter obtido produção de 1.270 mil toneladas, o que daria queda proporcionalmente menor que a verificada no abate. Deve admitir-se rendimento maior por rez abatida porque se abateu proporcionalmente mais gado na safra do que na entre-safra, em comparação com o hábito de outros anos.

Essa pequena vantagem na obtenção de carne por animal abatido deve ser levada a conta de algum progresso zootécnico do rebanho, mas também à presença efetiva relativamente maior do novilho nos abates. Até 1966, e durante todos os anos de 60, houve

tendência de alta do boi, o que determinou maior interesse em prender a vaca para procriação e reduzir a dizimação de vitelos. Como se sabe, a fêmea e o gado novo, mais leves, diminuem o rendimento-carne médio do abate geral.

Em 1967, com as limitações do abate da seca, é possível que se obtenha também mais carne do gado abatido, mas não de maneira a compensar o declínio da matança. E se os preços se arruinarem ainda mais e o crédito pecuário não se reorganizar, haverá tendência de maior abate de vacas e vitelos, o que contribui para a queda do rendimento médio de carne.

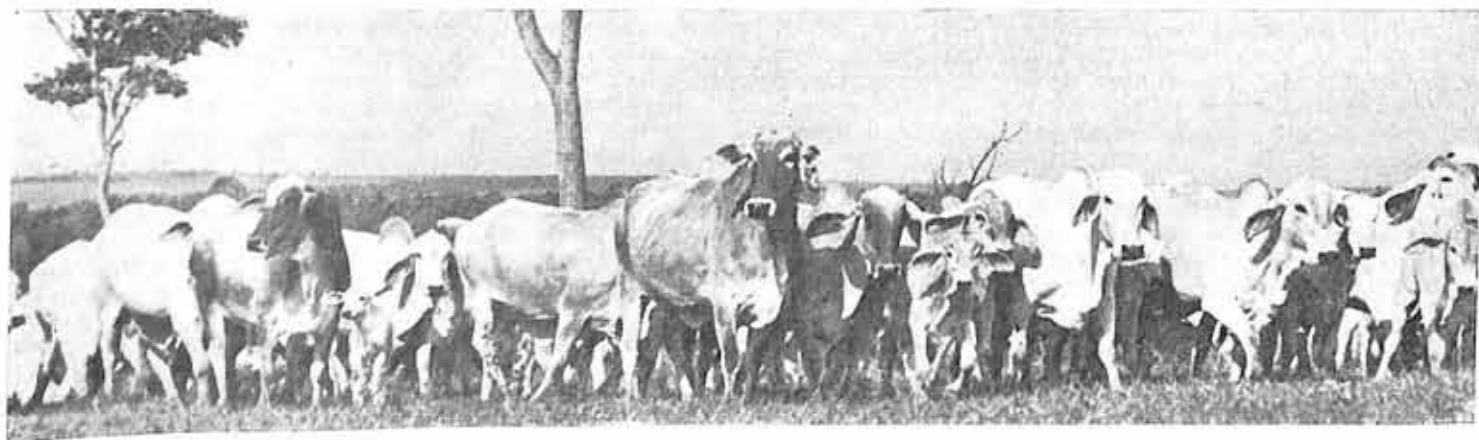
PREÇO NUNCA SUBIU COMO EM 66

Torna-se difícil precisar o preço obtido pelo gado bovino em 1966, pois, a partir de junho, vigorou no Brasil Central o chamado preço CADEP, nova forma de labelamento imposta pela SUNAB. Como a base fixada (Ncr\$ 16 mil) não foi obedecida, nem pela própria SUNAB, nas compras que fez em Araçatuba (SP), dominou o mercado paralelo, sem registros idôneos. Em São Paulo, onde as cotações, no mercado livre, subiram de Ncr\$ 14,31 em janeiro para Ncr\$ 16,16 em maio, por arroba de carne, livre de frete e imposto, no Interior, admite-se que a média mensal tenha sido de Ncr\$ 17 em junho, daí subindo até Ncr\$ 24 em outubro-novembro, para depois regredir. A média anual seria de Ncr\$ 16,19, aproximadamente, contra Ncr\$ 9 mil em 1965. Sendo assim, a alta foi de cerca de 88%, bem mais acentuada que a de 1965 em relação a 1964, que atingiu apenas 49%, naquela mesma área. Nos termos de dados disponíveis (Associação dos Abatedores de Gado e Frigoríficos do Brasil Central), os preços do novilho da década de 60 assim evoluíram:

Anos	% aumento sobre ano anterior
1960	72
1961	50
1962	51
1963	60
1964	51
1965	49
1966	88

Observa-se que houve certa constância na alta do boi, com pontos altos em 1960 (grandes exportações desfalcentes em 1958 e 1959) e 1963 (seca excepcional). Mas nunca no período, o novilho subiu tanto como em 1966, em confronto com o ano anterior. A excessiva intervenção governamental em 1965, continuada, com algumas mitigações, em 1966, pode ser apontada como a causa principal da alta singular, em face da desorganização que introduziu nos mercados. O boi, que vinha começando a perder a corrida contra a inflação, tornou a ganhá-la em 1967, com muitos corpos de margem.

Não há perspectiva de que o preço se eleve com nitidez em 1967 acima da média de 1966. A principal barreira é o alarma no mercado interno, cujo poder aquisitivo se deteriora e resiste às altas da carne. Segundo a já citada Associação dos Abatedores, o novilho desceu em janeiro a Ncr\$ 18,20, em fevereiro a Ncr\$ 18 e em março a Ncr\$ 17,50 (preliminar). Esperava-se média em abril abaixo de Ncr\$ 16,50, não só porque entrava o pleno da safra paulista e centralina em geral, mas também porque os abates caíam, as empresas particulares não se interessavam pela estocagem, a exportação estava sem perspectiva e havia frigoríficos em dificuldades. Dois deles fizeram em março uma concordata amigável com os pecuaristas credores. E, se não houver exportação do Rio Grande, onde reinava sério impasse, haverá a pressão dos preços gaúchos, por



Novas variedades de Zebú vão surgindo, entre as quais o Zebú-Môcho.



Boas matrizes: base do êxito na criação.

sua vez pressionados pelos argentinos e uruguaios, que se deixavam pressionar pela queda nos mercados internacionais de exportação.

O Brasil Central, pela sua importância na pecuária bovina de corte do País (quase 60% do rebanho nacional), dá a tônica da evolução dos preços do novilho, e dentro dele São Paulo é a amostra mais autorizada (52% dos abates regionais). Mas no Rio Grande do Sul também subiu o preço em 1966, apesar da pequena exportação, e graças à demanda de Rio e São Paulo. No entanto, a pecuária sulina está encontrando dificuldade para manter em 1967 os preços de 1966, que, tendo oscilação da safra para a entre-safra, de NCr\$ 45 a Ncr\$ 55 por kg vivo bruto, devem ter resultado em média anual ponderada de cerca de Ncr\$ 48. A recente desvalorização do peso argentino criou sérios problemas de comercialização no Rio Grande, onde o excedente da safra recebe muita influência dos preços internacionais.

RENDA CRESCEU MAIS QUE INFLAÇÃO

Em 1965, obteve-se em todos os matadouros do País o volume de cerca de 1,5 milhão de toneladas de carcaça bovina (carne limpa sem qualquer tratamento frigorífico ou de industrialização). São 100 milhões de arrobas de rendimento-carne do gado abatido, pela média de negócio do Brasil Central.

Considerando o deságio do gado que se abate no Sul (20% e no resto do País, bem como o contingente de vacas, de cotações menores e vitelos, que somam na produção da carne verificada, podemos admitir naquele ano um preço médio de NCr\$ 7 por arroba de carne vendida pelos pecuaristas. Teremos, então, em 1966, uma renda nacional da pecuária bovina de corte, medida pelas vendas finais de NCr\$ 700 milhões aos abatedores.

Adotando-se êsse raciocínio e tomando uma produção de 99.650.000 arrobas de carne limpa em 1966, ao preço médio de NCr\$ 13 por arroba, teremos uma renda de Ncr\$ 1,295 bilhão na pecuária de corte brasileira.

Assim, a renda subiu de 85%, mais do que a inflação, que se calcula entre 40 e 45%. Essa plethora financeira da pecuária, todavia, como se viu, não parece suportável pela indústria, pelo mercado interno nem pela exportação. A hora do reajuste parece ter soado, e quando ainda não se nota sinal convincente de uma virada substancial no setor da produção.

CONSUMO "PER CAPITA" CAI

Deduzida a exportação, que não deve ter ultrapassado 25 mil toneladas, a disponibilidade de carne bovina para o mercado interno, de várias categorias, em 1966, deve ter somado cerca de 1.245.000 toneladas, contra 1.265.000 em 1965. Houve queda no consumo "per capita", acentuando-se assim fenômeno já registrado pelos órgãos internacionais, que davam 46 libras-peso de consumo anual de carne bovina, por habitante do Brasil, de 1956 a 1960; 38 de 1961 a 1965 e apenas 36 em 1965.

Acontece que o rebanho não tem aumentado no mesmo ritmo que o aumento da população. De 1940 a 1960, esta cresceu 73% e aquele

apenas 61%. Como o progresso no rendimento-carne não é substancial, e como há periódica exportação volumosa, explica-se a tendência declinante.

Em face dessa menor disponibilidade de carne bovina para o mercado interno, menos acentuada no Centro que no Sul e que no resto do País, os preços do produto vêm subindo continuamente, apesar das restrições oficiais do abate e do policiamento das tabelas da SUNAB. No atacado, em São Paulo e Rio, o boi casado (trazeiro especial mais ponta de agulha mais dianteiro) deve ter atingindo cerca de NCr\$ 1.190 por kg em 1966, contra NCr\$ 633 em 1965. Aumento, por conseguinte, de 88%, idêntico ao registrado para o novilho em pé. A carne bovina assim, ficou mais cara para o consumidor interno do que o autorizava o nível geral dos preços, medido pelo aumento do custo da vida, que se registrou oficialmente em cerca de 42%.

A estocagem de mais de 30 mil toneladas não resolveu o problema do preço da carne no mercado interno, porque ela se armazena e conserva a custo muito elevado e, num mercado livre, difi-

cilmente concorre com a carne fresca de boi mais leve, abatido na seca. Houve mesmo certa dificuldade para colocação do produto congelado, tanto do armazenamento no Brasil Central, como no vindo do Rio Grande do Sul e no importado (cerca de 5 mil toneladas da Argentina e Paraguai). Os abatedores, lembrando que a queda do peso do boi na seca, em certas regiões, não é muito acentuada, têm sugerido uma estocagem experimental de boi vivo, no pasto, com ou sem ração suplementar, sob controle oficial para efeito de abate e de preço, a fim de testar a congelada. E embora tenham encontrado apoio na SUNAB (com experiência própria de abate), não conseguiram sensibilizar a Comissão Coordenadora do Abastecimento, ainda presa à rotina de que estocar é abater o boi e jogá-lo no frio.

A PRESENÇA DA SUNAB

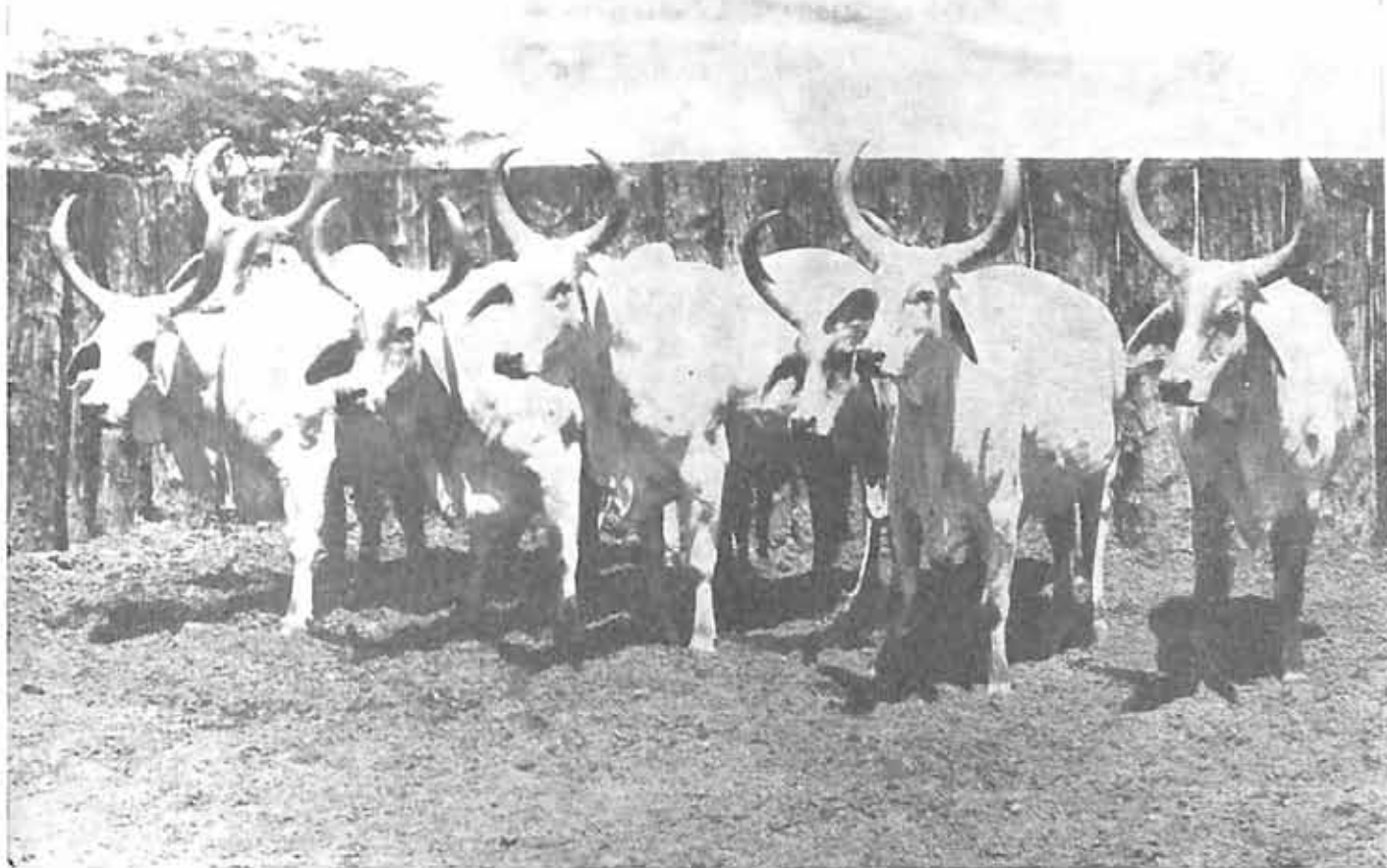
O mercado interno, em 66, como em 65, embora de maneira menos policial, sofreu a absorvente presença da SUNAB no mercado. Ela abateu, estocou, importou, criou o regime CADEP, que a prin-

cípio permitia que a carne variasse conforme o preço do boi, mas logo se transformou em tabelamento disfarçado e rígido, mediante compromisso arrancado aos abatedores, de não pagarem mais de NCr\$ 16 mil no Interior (e pagaram mais) e de não venderem acima de NCr\$ 1,6 por kg no atacado o TE e de NCr\$ 0,8 o dianteiro (e venderam acima). Mais uma vez se positivou que a intervenção excessiva não resolve problemas de produção nem abastecimento, pelo menos dentro da realidade econômica brasileira desta época e das possibilidades administrativas e financeiras de nosso governo.

Em 1967, a SUNAB anunciava a permanência dos controles, mediante a locação do Frigorífico T. Maia, de Araçatuba (SP), a estocagem oficial de no mínimo 10 mil toneladas (e talvez viesse a ser bem maior devido ao desinteresse das empresas particulares, muito prejudicadas pela política de preços da congelada em 1966) e a restrição de abates na entre-safrá do Brasil Central, a principal área produtora (menos 25% em agosto e dezembro, 25% em setembro e 40% em outubro e novembro, cal-



As boas instalações e o ótimo aspecto deste gado atestam o capricho e o zelo do proprietário.



Esplêndidas matrizes. Atentem para o arqueamento das costelas.

culados pela média mensal dos abates de 1.º de janeiro a 31 de julho, em cada estabelecimento). O Estado continuava desconfiado da iniciativa particular e assumindo responsabilidades além de suas forças, com graves onus para o Erário. Restava verificar a posição do novo governo, que se anunciava mais liberal nessa matéria, do que o anterior.

De qualquer forma, com a tendência de redução dos abates e um nível de preço ainda elevado para o grau do poder aquisitivo interno, não se esperava melhora no suprimento de carne bovina "per capita" em 1967.

EXPORTAÇÃO EM DIFICULDADES

Não se divulgaram ainda dados sobre a exportação brasileira de carne bovina, mas há estimativa icônea de uma saída de cerca de 25 mil toneladas. Até agosto, venderam-se no exterior 19.500 toneladas, sendo 13.600 de produto congelado e 5.900 de produto em conserva, contra 25.400 e 9.900, respectivamente, em igual período de 1965, num total de 35.300 toneladas. Declínio à vista, portanto,

de 81%. Em 1965, ano todo, exportaram-se 46.600 toneladas.

O preço em dólar não sofreu variação apreciável, por tonelada de ambas as categorias. Até agosto, a carne exportada havia produzido cerca de US\$ 13,4 milhões contra US\$ 24,4 milhões em 1965, igual período. Houve baixa da carne frigorificada (de US\$ 675 para US\$ 650), mas o fato de, proporcionalmente, ter sido maior a cota de carne em conserva em 66 (não se exportou congelada via Santos), equilibrou o preço unitário global.

De 1960 a 1964, exportaram-se 22.400 toneladas anuais, em média. Houve assim forte avanço em 1965 (exportou-se mais do dobro) e ainda em 1966 apresenta-se certa vantagem em relação aos primeiros cinco anos da década de 60. Se descontarmos o contingente importado, de 5 mil toneladas, verifica-se que a exportação real foi inferior em 66 à da média de 1960/64. Em 1967, deveremos exportar menos, em face da dificuldade de ajustamento dos preços internos aos preços dos demais mercados de exportação. Embora o preço do boi e da carne nos grandes países importadores este-

jam muito acima do brasileiro, o que é cobrado pelos países exportadores (Argentina, Austrália, Canadá, etc.) nos deixa em desvantagem no comércio exterior. Aliás, a própria Argentina vem-se queixando da pressão que os países importadores, sobretudo os do MEC, exercem contra a pecuária latino-americana. Enquanto lá se espera pagar, por um boi local, no mínimo, Ncr\$ 1,79 por kg vivo, no Rio Grande do Sul há dificuldade em abertura da safra (abril) a Ncr\$ 0,50, para exportação.

Se a exportação de carne estava difícil, havia interesse na exportação de boi em pé. O Rio Grande deveria vender 60 mil bois para a Europa. O pecuarista receberia melhor remuneração na fazenda, mas no País ficaria menos trabalho e riqueza. É um recuo em matéria de qualificação da pauta exportadora.

SUINO ESTÁ EM CRISE

O abate de suínos em 1965 praticamente nada avançou sobre o realizado em 1964: 8.765.000 cabeças contra 8.768.000. Mas, em relação à média anual do período de 1960/64, que acusou 8.256.000 reses, houve avanço de 6%.



Boas instalações e bom gado.

Possivelmente em 1966 deva ter subido a matança, em face da evolução insatisfatória dos preços e da elevação brutal do custo do milho e da ração. O desequilíbrio de relação de preço porco-milho provocou a liquidação de muitas explorações e, portanto, o encaminhamento precipitado de suínos para o talho. Tal precipitação influiu, por sua vez, na maior ruína da cotação do suíno dos mercados.

Nos últimos meses de 1966, houve reação das cotações que se acentuaram em 1967. Era entressafra, mas esperava-se um ano de porco mais caro, devido ao afastamento de numerosos interessados do negócio. Em 1966, o preço médio por arroba no mercado paulistano, segundo a Associação dos Abatedores, foi de NCr\$ 12,48 por arroba, ou seja menos que a média de Ncr\$ 12,51 verificada em 1965. Como já 1965 não apresentava vantagem real sobre o nível de 1964, tem-se que durante três anos o pogo não acompanhou sequer o avanço da inflação; até o preço nominal diminuiu!

Dessa forma, deve-se esperar redução dos abates de suínos em

1967. E como escassez vai determinar procura de gado inacabado, é possível que o peso das carcaças diminua ainda mais acentuadamente. De 1960 a 1964, o peso da carne limpa do gado suíno abatido no País atingiu o volume de 549.893 toneladas, em média. Em 1965, obtiveram-se 595.849 toneladas, ou seja rendimento bem mais satisfatório que o do ano de 1964, que, com o mesmo número de cabeças abatidas, apresentou 577.893 toneladas. E note-se que o contingente de leitões foi maior em 65 do que em 64. Essa melhora não deverá permanecer em 1967; pagar-se-á tributo à contínua erosão dos preços do gado suíno, para o qual, no Sul, já se pede a garantia de mínimos oficiais.

A suinocultura tende a resistir, na medida em que ainda pesem no comércio o safrista (que solta o porco no milharal) e o pequeno criador, que prefere colher o milho para dar ao gado suíno do que remetê-lo ao comércio. Na proporção, porém, em que o milho começa a entrar sistematicamente no mercado, como matéria prima de indústria, deixando de integrar o binômio local de sítio-porco, as dificuldades au-

mentarão, e ou o porco recebe um estímulo remunerador, ou a atividade entrará em séria crise.

Deve-se assinalar que a renda da pecuária porcina, medida pelos preços paulistas, com deságios, foi equivalente em 1965 e 1964, ou seja girou em torno de NCr\$ 400 milhões; isso, nominalmente; mas na realidade, como a moeda se desvalorizou no mínimo 40% internamente, tivemos uma queda de renda da pecuária suína de NCr\$ 160 milhões. O golpe foi muito profundo.

Não há dados nacionais de exportação de carne suína em 1966. Mas, em Santos, limitou-se a 297 toneladas, menos 12,5% do que em 1965. É uma exportação simbólica, mas sua queda revela que temos, também no setor externo, problemas com a carne de porco.

CARNEIRO, CABRITO, CAVALO

Na carne vermelha, há ainda três setores que podem contar. De um lado, a carne ovina e a caprina, de consumo mais comemorativo no Brasil, salvo alguns bolsões regionais (ovelha no sul, caprino na Bahia, etc.). De outro,

a carne equina, de que não há consumo confessado no Brasil, pelo menos para fins humanos, mas que assumiu destaque na exportação.

A matança de ovinos alcançou 2.088... cabeças em 1966, contra 1.877.000 em 1964. Cresce um pouco de ano para ano, destacando-se no RS e na Bahia. Deverá aumentar ainda em 1967, mas continua dando carne de consumo local, sem mercado organizado nos grandes centros, onde apenas certas colônias estrangeiras a disputam. Acontece mesmo que a ovinocultura brasileira mais adiantada, a do sul, está todo voltada para a lã, não se preocupando em produzir carneiro tipo-carne.

A matança de caprinos somou

156.000 em 1965 contra 1.824.000 em 1964. Avança também lentamente e destaca-se na Bahia e Nordeste, para alimentação local. Nos grandes mercados do sul é carne de festa.

Finalmente, a carne equina é um episódio exclusivo de exportação. Só por Santos, em 1966 saíram 4.232 toneladas (97% para o Japão, ou 32% acima do nível de 1965, quando já se superara em 47% o volume alcançado em 1964. É uma carne produzida para fora e recruta-se entre cavaliadas que se refugam nos sítios e fazendas, sem nenhuma orientação para a produção de carne.

ARAME FARPADO

EXIJA

**QUALIDADE
RESISTÊNCIA
DURABILIDADE**

ARAMES

TADEU

R. CANTAREIRA, 662 - CAIXA POSTAL, 70
FONES: 37-8511 - 34-3022 - 32-4459
END. TELEGR. "ARATADEU" SÃO PAULO

FAZENDA PAGADOR

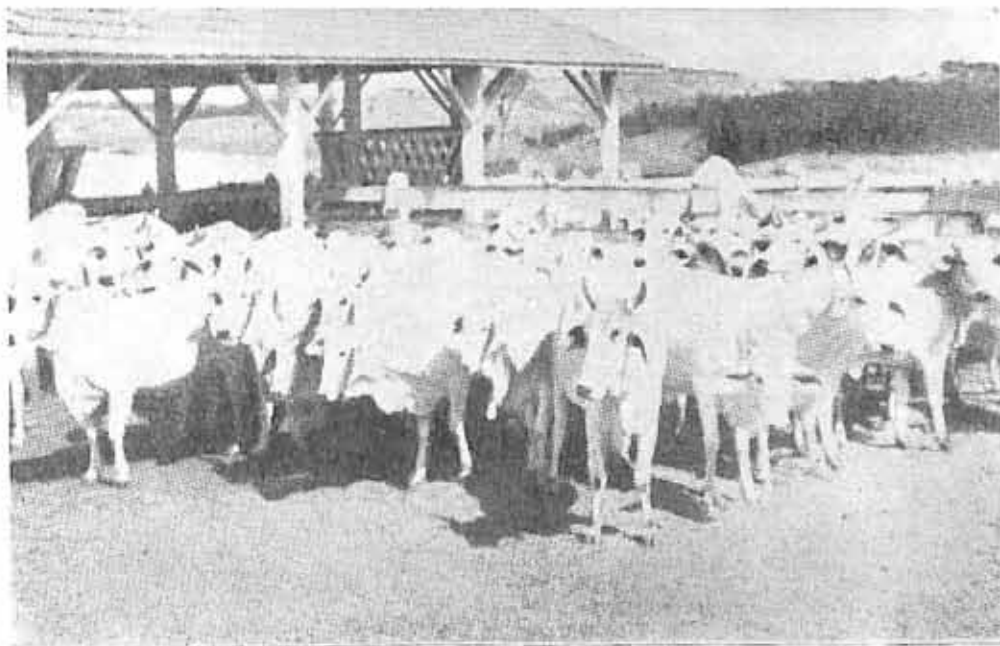
Presidente Prudente

Criação e Seleção de Gado Nelore

Propriedade de

ANDERSON, CLAYTON & CO. S/A.

Rua Formosa, 367 — São Paulo



Grupo de crioulas Nelore da Fazenda Pagador, que se caracterizam pela uniformidade no tipo, rusticidade e grande ganho de peso.

A realidade econômica da pecuária gaúcha

Há dez anos, o Rio Grande não teria mais de 100.000 hectares de pastagens; hoje são uns 600.000, área insignificante, se a compararmos aos cinco milhões de hectares das invernadas paulistas. A rigor, pois, tão-somente 3% dos campos nativos gaúchos se transformaram em pastagens. Praticamente nada.

Em 1935 o Brasil tinha 40 milhões de bovinos, dos quais a quarta parte pastava em campos do Rio Grande do Sul. Hoje apenas um oitavo dos 80 milhões de vacunos do rebanho nacional está nas coxilhas gaúchas. O Brasil dobrou sua população bovina mas o Rio Grande estacionou.

Qual a razão que impediu os criadores gaúchos de acompanhar o progresso numérico de seus colegas do resto do País?

A resposta, que já se apontou, seria a falta de pastagens artificiais, nome que se dá no Sul às pastagens cultivadas e semeadas pelo homem. O Rio Grande, como se sabe, tem sua força pastoril na excelência das pastagens nativas. Enquanto criadores de outros Estados têm que fazer seus

pastos, conquistando-os à terra de riato e catinga, roçando e queimando, o criador rio-grandense encontrou campos nativos virgens, onde pastavam veados por entre gramíneas de um metro de altura, que só precisavam de um pé de fogo em tempo próprio para dar lugar a uma brotação macia e nutritiva, que criava o rebanho com uma facilidade inexistente na maioria do País. Os primeiros povoadores que aqui aportaram, há dois séculos, vindos de Laguna primeiro e depois de São Paulo e Minas, maravilharam-se de ver o campo à sua espera. Falta-va somente o gado em número suficiente para povoar aquelas extensas campinas verdes, que o governo oferecia de graça, dando sermarias, que escilavam entre ..

4 600 e 14.000 hectares nas medidas atuais. Dissemos que só faltava gado em número suficiente, pois havia para os pioneiros algum gado à sua espera. Sim, enquanto no resto do País o povoador teve que comprar poucas cabeças de outros, os quais por sua vez pacientemente esperaram que se multiplicassem as contadas reses vindas de navio no período das Capitâneas, no Rio Grande era diferente. O gado andava pelas campinas do futuro Estado. Chegou mesmo a haver lendas de que eram milhões. Provavelmente o número verdadeiro estava longe de ser milhões. Talvez não chegasse a um milhão. Mas existiam nos campos onde se criavam à solta, desde que os espanhóis, um século antes de apa-



O boi puro gaúcho não alcançou o preço desejado nos demais Estados. E é mesmo o mais barato do mundo, fato comprovado por grandes exportações.

recerem os povoadores portugueses, tinham introduzido vacuns, cruzando o rio Uruguai para povoar campos que hoje são da vizinha nação, o Uruguai, em parte, pois os campos mais ao norte, depois das lutas do começo do século XIX, ficaram pertencendo à Portugal. O gado estava aí e os povoadores os compravam, embora em número muito pequeno para as léguas de campo recebidas. Compravam até de índios e brancos contrabandistas, que faziam mercado ilícito e sujo, roubando ou arrebanhando num lado de fronteira para vender no outro.

Com tantos campos nativos assim postos à sua disposição, o futuro estancieiro do Rio Grande não teve dificuldades em povoar a fazenda. Em poucas dezenas de anos, a área pastoril estava repleta de gado. Foi fácil encher com rebanhos de corte os vinte milhões de hectares que existem no Estado sob o verde campo nativo. E assim floresceu a pecuária, multiplicando o gado existente no campo já formado.

AS PASTAGENS ARTIFICIAIS

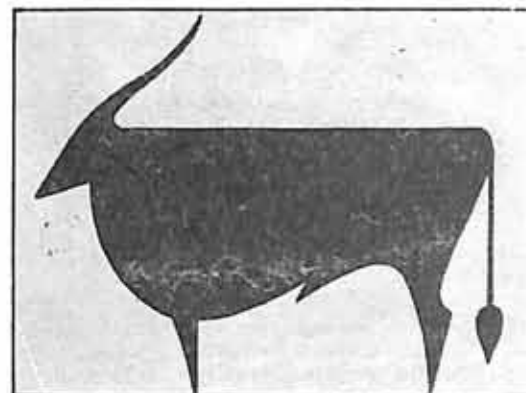
Durante um século todo, de 1800 a 1900, o período de formação da pecuária sulina, o problema de pastagens praticamente não existiu. Vendia-se bem o gado engordado no campo. Enriqueciam os criadores que se dedicavam com amor aos trabalhos diários da estância. No corrente século, porém, começaram a pensar em pastos semeados. Exemplos de Estados centrais mostravam que podiam ter mais peso nos bois de menos idade. E todos principiaram a semear alguns hectares de pastos. Em 1901, houve criador que mandou vir trevos da Europa.

Até o presente continuam essas tentativas, já em terreno oficial, nas estações experimentais. Infelizmente não surgiu um surto florescente para as pastagens. Não se impuseram naturalmente como as de capim Colômbio e similares nos Estados centrais. Há dez anos, o Rio Grande não teria mais 100.000 hectares de pastagens. Hoje são uns 600.000, ares insignificante se a comprarmos, com os cinco milhões de hectares das invernadas paulistas. A rigor, pois, apenas 3% dos campos nativos gauchos se transformaram em pastagens. Praticamente nada. Ou, antes, mais uma prova de que ainda estão no período de ensaios e tentativas, procurando o pasto ou os pastos capazes de vingar economicamente no conjunto especial de clima o solo gaúcho.

Criando, pois, em campo nativo, onde em média se exigem dois hectares para uma vaca criar seu

use seu
CRÉDITO
para

**obter maiores vantagens no
financiamento de suas vendas**



Em qualquer de suas agências localizadas nas principais fontes de produção agropecuária da Região Centro - Barretos, Araçatuba, Goiânia, Presidente Prudente, Uberaba, Campo Grande, Rancharia, etc. - o Banco Mercantil de São Paulo proporciona aos srs. agricultores e pecuaristas as vantagens de operar com uma experiente e moderna organização bancária, capaz de bem servi-los com pleno conhecimento de seus problemas. Apresente, em qualquer uma de nossas agências, as necessidades de financiamento para suas operações de compra e venda e utilize-se ainda dos demais serviços que lhe oferece o



BANCO MERCANTIL DE SÃO PAULO

— o mais alto padrão de serviços

terreiro, não admira que ainda hoje esteja o Estado com os mesmos dez milhões de vacuns de 1935. As estatísticas dizem que são 11,5 milhões em 1965, o que representam um sétimo do rebanho nacional, do qual tínhamos um quarto.

O PREÇO DO GADO É BAIXO E NÃO ESTIMULA PLANTIOS

Apesar de lermos que as pastagens artificiais são econômicas, os criadores descrevem dessas afirmativas, respondendo aos técnicos que perde dinheiro quem engordar boi em pastagens. Dizem que, vendendo boi a Cr\$ 500 (cruzeiros antigos) o quilo vivo ou a Cr\$ 15.000 15.000 a arroba de carne pelo sis-

tema do Centro não é possível pagar o custo elevado das pastagens que devem ser feitas a trator e com adubação, paga diretamente pelo criador a mão de obra.

O boi no Rio Grande, fruto ainda dos campos nativos, onde o criar era feito a baixo custo, obtém sempre menos preço que nos demais Estados. Isso parece difícil de entender, pois que o gado gaúcho na maioria é cruzado com finas raças europeias. Muitos roceiros são praticamente puros, frutos de cruzamento contínuo de meio século sem interrupção.

Novilhos gordos excelentes, pesando vivos 480 quilos, de pelagem e raça definidas, vendem-se agora, pela moeda velha, a Cr\$ 15.000 cruzeiros os 15 quilos de carne.



Empregando campos nativos, não é de estranhar que o Rio Grande ainda tenha os mesmos dez milhões de bovinos de 1935...

contrastando com os Cr\$ 16.000 e Cr\$ 18.000 de centro do País. Também o boi de invernar vale aqui muito menos. Atualmente o novilho de três anos feitos em novembro (em média, pois a parição vai de setembro a fins de dezembro) vende-se a Cr\$ 14.000. Ora, igual novilho no Interior Paulista oscila de Cr\$ 191.000 a Cr\$ 220.000. Resultado dessa diferença de valor está nas compras que paulistas fizeram em 1966, vindo buscar boi de invernar no Rio Grande e levando-os de caminhão. Para sentir bem a diferença, pensa alguém e inverso. Imagine o fazendeiro gaúcho indo a S. Paulo buscar boi de invernar! Um absurdo econômico...

NO RIO GRANDE, O BOI MAIS BARATO DO MUNDO

Escreve-se e repete-se que a "estância gaúcha produz o boi mais barato do mundo". Agora mesmo, seguiram para a Itália 2.000 bois gordos em um só vapor. Foram vivos, no tombadilho e nos porões. Morreram 19 na viagem, que durou mais de 12 dias até chegar ao porto de Gênova, onde se venderam em leilão. Mais 6.000 de-

vem seguir. Vieram os animais de trem desde a estância, a 600 km do porto do Rio Grande, onde foram embarcados. O preço pago foi de Cr\$ 5000 o kg vivo, lá na estância. Ou Cr\$ 15.000 a arroba de carne. Despesas de viagem ao porto marítimo de Rio Grande e na travessia oceânica, por conta do comprador. Se enfrentaram todos esses gastos num transporte que parece antiquado na época atual de frio é porque o boi gaúcho compra-se a preço convidativo.

Dessa forma, continua o criador gaúcho engordando e criando nos seus campos nativos. Não acha lucro em lavrar e semear pastagens.

O criador que tem mais de mil reses de cria, em campo próprio ainda encontra renda econômica ao fim do ano, embora o capital investido não lhe dê mais de 2% a 5%, conforme o região. Os criadores de menor número de animais vivem modestamente, sem renda à altura de grande capital empregado. Mantem-se a fazenda gaúcha, que foi recebida de herança, à espera de melhores dias. Já se foram os tempos em que aplicar dinheiro em pecuária era

o grande e melhor negócio do Rio Grande do Sul. Hoje, quem tem capital não mais é tentado a aplicá-lo em campos e gado.

TAMBÉM O PORCO GORDO: PREÇO INSUFICIENTE

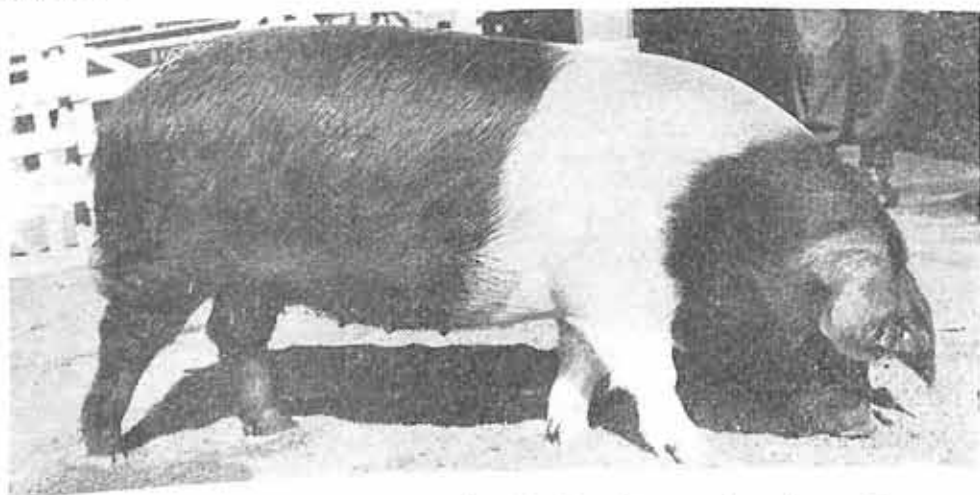
Pelas estatísticas oficiais, a situação da suinocultura gaúcha deve parecer maravilhosa. Num total de 8,7 milhões de suínos abatidos no País, em 1964, o Rio Grande concorreu com 2,5 milhões. Mais do que o dobro dos dois Estados seguintes, S. Paulo e Minas, somados, ambos mal passando de um milhão.

Sendo o rebanho suíno do Rio Grande de 6,5 milhões, quase todo cruzado com raças finas (Duroc Jersey, Wessex Saddle Back e Landrace), e apresentando ainda a melhor porcentagem de desfrute no País, segue-se que devia ser próspera a situação do suinocultor.

O contrário, porém, é a realidade. O suinocultor reclama que, vendendo o porco a preços de Cr\$ 500 a Cr\$ 750 o quilo vivo, está perdendo dinheiro. O preço médio de Cr\$ 600 o quilo corresponde a Cr\$ 12.000 a arroba de carne, preço por certo muito aquém dos Cr\$ 15.000 que em média recebe o criador paulista.

O criador de porcos, ouvido em sua própria casa, mostra-se sentido com a atual situação. Estranha que haja preço mínimo oficial para o trigo, todo ele comprado é pago pelo governo. O mesmo acontece com o arroz de que o governo compra boa parte da colheita, assegurando preço mínimo ao plantador. No entanto, esse mesmo governo ignora o problema do porco e nem lhe dá preço mínimo. O suinocultor diz que o porco gordo devia valer Cr\$ 1.000 o quilo vivo ou cerca de Cr\$ 18.000 a arroba, quando abatido.

Em consequência, ninguém investe dinheiro em pocilgas novas nem em grandes criações. Continuam os atuais, esperando melhores dias...



Apesar de ter o maior rebanho suíno do Brasil — mais cabeças do que São Paulo e Minas Gerais reunidos — o criador gaúcho não vê seu esforço recompensado, pois o porco não tem assegurado preço mínimo, daí não se investir mais capitais em melhoras de instalações nem em grandes criações.



SEMENTES à venda na A.P.C.B.

● PARA PASTO

Gramíneas Sementes

Gordura
Catingueiro Roxo
Cabelo de Negro
Jaraguá
Rodes
Colonião
Azul da Austrália
Grama Batatais
Kentuke Festuca 31
Red Top
Azevem anual e perene
Azevem-Italiano
Azevem-Inglês
Bermuda
Grama Castela
Aveia
Centeio

● LEGUMINOSAS

Alfafa
Ervilha
Cornichão
Trevo Branco
Trevo Branco Ladino
Trevo Vermelho
Soja Perene

Feijão Soja

Labe-Labe
Crotonaria Juncea
Crotonaria Paulina

● REFLORESTA- MENTO

Sementes de
eucalipto:

Saligna
Tiriticornis
Alba
Citriodora

● PARA CORTE, FENAÇÃO E SILAGEM

Alfafa
Soja Ootootan
Sorgo
Guandu
Mucuna

● PARA ADUBA- ÇÃO VERDE

Feijão de Porco
Feijão Mucuna

Semeadeiras e má-
quinas para plantar
grama • Formicidas
• Herbicidas • Roça-
deiras • Desintegra-
dores • Picadeiras.

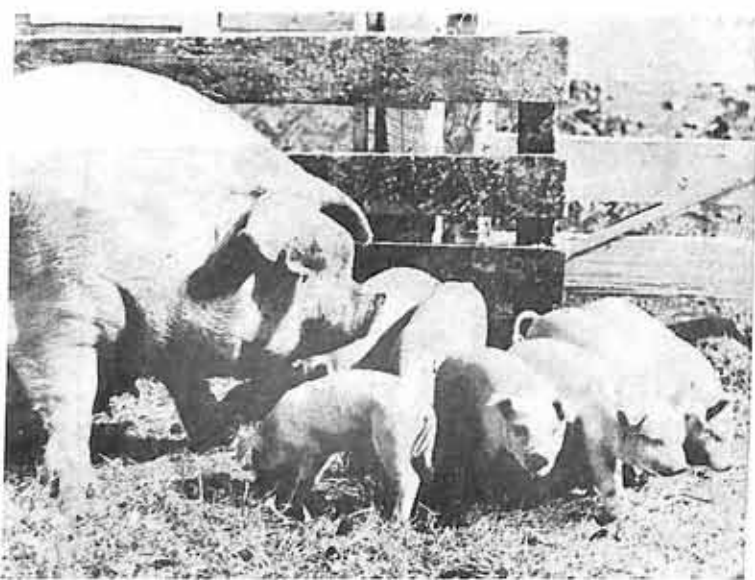
**PEÇAM PREÇOS E FOLHETOS COM INSTRUÇÕES
SÔBRE AS VÁRIAS CULTURAS**

ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE CRIADORES DE BOVINOS

Rua Jaguaribe, 634 - Tel. 51-6963 - 51-6380 - 52-6686 - 52-4388 - SÃO PAULO



Os suínos são extraordinários transformadores de alimentos, a par de rápido desenvolvimento.



Com o declínio das gorduras vegetais, modificações radicais se vêm operando na criação de animais, entre os quais acham-se os porcos. Isto se verifica não somente na tipificação, mas também quanto à alimentação e à criação, objetivando ao porco-carne.

PECUÁRIA DE CORTE

O porco como produtor de carne

Os suínos sobrepujam todos os animais domésticos na capacidade de transformar alimentos em produtos comestíveis

JOAO SOARES VEIGA

Professor de Zootecnia da Faculdade de Medicina Veterinária da USP

A concorrência dos óleos comestíveis de origem vegetal e a descoberta dos detergentes determinaram, em algumas regiões do mundo, um declínio na comercialização das gorduras de origem animal. A esses fatos, como não poderia deixar de ser, não ficaram alheios os criadores, sobretudo os melhoristas e os nutricionistas, os quais introduziram modificações não só no tipo dos animais de corte, mas também nos métodos de criá-los e alimentá-los.

Houve radicais modificações na classificação dos animais para o abate e na tipificação da carcaça. E as novas exigências do mercado determinaram sensíveis transformações nos métodos e sistemas de produção.

Uma das mais importantes consequências ligadas à produção de maiores proporções de carne em relação às gorduras foi o sensível redução da idade dos animais prontos para a matança.

Os suínos não escaparam a essas modificações e a orientação que vem sendo dada a essa exploração é um excelente exemplo. Tipicamente produtores de gordura, os suínos vêm sendo paulatinamente modificados para produzir mais carne. Tais modificações resultam de um contínuo trabalho de genética, associado a profundos estudos de fisiologia e de nutrição.

Em muitos países, entre os quais o nosso, a produção de carne suína ainda não se vulgarizou convenientemente, porque a banha ainda é largamente empregada na alimentação das populações. Entretanto, a extraordinária capacidade de multiplicação dos suínos poderia ser mais bem aproveitada, para aliviar a pressão exercida pelos consumidores, que ainda procuram na carne bovina sua principal fonte de proteína animal.

CRIAÇÃO RENDOSA

Uma criação de suínos bem orientada proporciona elevadas porcentagens de desfrute, mais de 150% quando os bovinos não chegam a ultrapassar 20 ou 32 por cento. No Brasil, o desfrute anual dos bovinos, apontado por inúmeros técnicos e criadores, não vai além do índice de 14%, sem graves danos para o aumento do rebanho.

Uma reprodutora suína pode, em um ano, produzir duas ninhadas de leitões. Essas duas ninhadas, com seis meses de idade, proporcionarão facilmente 1600 quilos de peso vivo, quase 1.800 quilos, se incluímos o peso da pródria reprodutora: 16 produtos, 8 por ninhada, com 100 quilos de peso vivo aos 6 meses. Uma vaca produz um bezerro por ano e este, na melhor das hipóteses, leva três anos para atingir 450 quilos de peso vivo. É claro que, nesses três anos, a vaca teria produzido mais dois bezerras, mas, ao fim desse período, a porca também já teria também mais quatro ninhadas, de modo que seu rendimento jamais poderia ser alcançado pela fêmea bovina. Deve ainda ser acrescentado que a fêmea suína começa a sua reprodução aos 8 meses de idade e a fêmea bovina, praticamente, a partir dos 2 anos. Ademais, no abate, o rendimento da carcaça limpa dos suínos sofre um desconto de 20 a 22 por cento, ao passo que a de um bovino gordo atinge 40 a 45 por cento.

Evidentemente, cada espécie oferece suas próprias características econômicas de aproveitamento da matéria prima disponível: os bovinos são naturais consumidores de forragens volumosas, plantas forrageiras, como capins e leguminosas; e os suínos, naturais consumidores de concentrados, de milho, de tortas, de resíduos das indústrias da carne do leite, etc. É de ver, porém, que, em todos os países onde a produção de carne já constitui alta especialização, os suínos podem oferecer ao consumidor produtos por preços inferiores aos conseguidos com bovinos.

País de grande extensão territorial, onde os pastos ainda não são sequer aproveitados racionalmente para produzir mais carne por preços mais reduzidos, e onde os produtos concentrados são escassos para atender a avicultura e a suinocultura e as próprias populações humanas, parece-nos prematuro o sistema de engorda de bovinos em confinamento, quando nesse método se empregam alimentos que os suínos e as aves muito mais economicamente transformariam em carne.

É claro que não nos referimos à engorda de bovinos em confinamento, quando se utilizam, no alimentá-los, sabugos de milho, feno, silagens, ureia, etc. produtos que não se aplicam, em largas escala, na alimentação dos suínos; mas, quando se desviam para a engorda de bovinos, o milho, as tortas de sementes oleaginosas e os farelos, resíduos da indústria, sobretudo de soja e de trigo, o método não reside a confronto, pois nessa competição os suínos apresentam larga vantagem. Os suínos sobrepujam todos animais domésticos na capacidade de transformar alimentos em produtos comestíveis. Se calcularmos a eficiência com que os animais domésticos transformam a energia de seus alimentos em energia contida em seus produtos, verificaremos, com Maynard, que essa eficiência é 20 no porco; de 15 na vaca leiteira; de 7 na galinha, de 5 no frango de corte e de 4% no boi e no carneiro.

EFICIÊNCIA TRANSFORMADORA DE ALIMENTO

Em verdade não consumimos os alimentos apenas para deles utilizar a energia. Esta poderá ser obtida de fontes mais baratas que os produtos animais, como, por exemplo, dos cereais. Mas, se formos comparar as quantidades de "unidades nutritivas" de Jennings necessárias para uma unidade de "caloria-proteína" que leva em consideração o valor energético e o valor proteico de um alimento, ainda veremos que, nesse particular, o suíno sobrepuja todos os outros animais, excluída a vaca produtora do leite. Para produzir uma unidade "caloria-proteína", um porco exige 9,2 unidades nutritivas, ao passo que o boi exige 41,3; o frango de corte, 12 e o cordeiro 52. (Uma unidade nutritiva equivale ao valor nutritivo de 1 libra de milho tomada como padrão). Finalmente, se considerássemos os animais alimentados exclusivamente com grãos de cereais e outros concentrados, a eficiência do porco seria de 8,6, a do boi 8,6 e a do frango de corte 11 unidades nutritivas.

É necessário que se entenda que a eficiência transformadora de alimentos apresentada pelos suínos (e por outras espécies de animais) é, com muita frequência, desperdiçada, arruinada por numerosas causas que, reunidas, a sobrepujam desfavoravelmente. Dentre essas causas podem ser citadas as doenças infecciosas e as parasitárias; os erros nos métodos de alimentação, gerando subnutrição e carências alimentares; o manejo inadequado; o desconforto, etc. etc.

Diante de tais condições desfavoráveis, ainda associadas a completo descaso pelos métodos de melhoramento dos rebanhos, é fácil concluir, como é crença geral, que o "porco dá prejuízo".

Não nos abalançamos a dizer, na atual conjuntura econômica do País, que a correção de todos os enganos e erros cometidos na criação de suínos, venha totalmente evitar tais prejuízos. Já se viu, nestes tempos tão desconcertantes, algo da lavoura e de pecuária que esteja proporcionando lucros ao produtor? Mas, em condições normais, os suínos podem ser uma criação tão lucrativa como a produção de leite, ovos, de carne de frango, etc. Em condições normais, é claro, porque atualmente, estas produções também estão passando por maus bocados.

COMO SE DESENVOLVE O SUINO

O porco é um animal de rápido desenvolvimento. A eficiência com que transforma em peso vivo os alimentos que ingere é elevadíssima nas primeiras fases de sua vida e decresce à medida que sua idade avança. Por outras palavras, nas idades mais novas, consegue desenvolver mais peso por unidade de alimento recebido.

A técnica de aproveitar a natural tendência assimilatória dos animais novos não pode, pois, ser desprezada na economia da produção. Ao contrário, deve ser explorada a fundo, a fim de que o peso próprio para o abate seja atingido dentro do menor espaço de tempo.

A medida que um suíno avança em idade, a composição de seu corpo sofre notáveis modificações. Ao nascer, o corpo de um leitão contém 80% de água e 14% de proteínas. Ao atingir 136 quilos de peso, com 7 a 8 meses de idade, a proporção de água em seu organismo é apenas de 41% e a de proteína 11,5%. A proporção de gordura, que era de 2% ao nascer, passa a 41,5%.

O esqueleto, os músculos e as gorduras têm, assim, um ritmo de desenvolvimento diferente. O desenvolvimento do esqueleto é o que tem prioridade na fase do crescimento. A seguir, a prioridade pertence ao desenvolvimento muscular. A gordura vem em último lugar. No processo de desenvolvimento do animal, os alimentos são utilizados de acordo com essas prioridades. Daí a razão por que o animal subnutrido; mal alimentado, na fase de crescimento, só tem ossos, músculos de proporções reduzidas e nada de gordura.

OS PLANOS DE ALIMENTAÇÃO

O partido que se pode tirar desses conhecimentos é muito importante na economia da produção dos suínos: os planos de alimentação podem ser dirigidos de acordo com a meta almejada. Assim, o mé-

todo de alimentar o suíno apresenta decisiva importância para se chegar ao tipo carne ou ao tipo banha.

Evidentemente, não se pode subestimar o papel do potencial genético dos animais. Mas ambos, patrimônio genético e alimentação, se completam e certamente não dariam resultado isoladamente.

Se o peso dos suínos se desenvolve nas primeiras idades à custa do esqueleto e dos músculos, essa circunstância precisa ser aproveitada ao máximo, antes que eles iniciem o desenvolvimento da gordura. E esse desenvolvimento deverá ocorrer no menor prazo, porque é nos primeiros meses que o suíno apresenta o mais elevado índice de eficiência ou de conversão dos alimentos.

Das brilhantes experimentações, de McMeekam se conclui que o peso final para o abate (90 — 95 kg) pode ser conseguido mediante vários planos de alimentação: plano alto do início ao fim; plano alto no início e baixo no final; plano baixo do início ao fim e plano baixo no início e alto no final.

Mas as diferenças do ponto de vista econômico estão no tempo que se leva para o acabamento do animal para o abate e no índice de conversão dos alimentos. Assim, no plano alto, do início ao fim, o peso de 90 a 95 kg poderá ser atingido dos 5 aos 6 meses de idade. No plano alto no início e baixo no final, o peso desejado será atingido aos 8 meses de idade. Ambos esses planos, alto-alto e alto-baixo, deram resultados semelhantes quanto à proporção de carne e de gordura, mas houve diferenças no tempo de preparo e no índice de conversão. (5:1 e 4,3:1 respectivamente). Os outros dois planos, baixo-alto e baixo-baixo relevaram definitivamente que a proporção de gordura era mais elevada com relação à carne. Ademais, no plano baixo-baixo, os animais levaram 9,5 meses para atingir 90-95 kg de peso vivo, com índice de conversão igual a 5,2. E no plano baixo-alto o período decorrido para alcançar 90-95 kg foi de 8 meses com índice de conversão igual a 5,6:1.



É grande a prolificidade dos porcos: pode a reprodutora, num ano, ter duas ninhadas de leitões, que com seis meses facilmente atingem 1600 quilos de peso vivo.

A adoção de uma das variantes mais aconselhadas, alto-alto ou alto-baixo, dependerá das conveniências do produtor. Mas os planos de baixo nível no início do crescimento, modificado ou não por altos níveis no final, sempre revelaram maior proporção de gordura, mais tempo de preparo e índices de conversão inferiores.

A VELOCIDADE DE CRESCIMENTO

Além disso, há que considerar que a velocidade máxima de crescimento de um suíno é atingida quando ele alcança 68-90 kg de peso e que, nas primeiras idades, seu índice de conversão de alimentos é o mais elevado. Portanto, para melhor economia da produção, o peso almejado (90-95 kg deve ser obtido ao mais cedo possível, dos 5 aos 6 meses de idade. A partir dessa idade, os índices de conversão vão diminuindo, isto é, a quantidade de alimento necessária para produzir um quilo de peso vivo, vai aumentando. Não seria, pois, necessário dizer que, vindo a produção de gordura na fase final, após o desenvolvimento do esqueleto e dos músculos, o peso adquirido à custa da gordura é um peso que requer maior quantidade de alimentos.

É certo que a gordura se produz com o emprego de alimentos menos proteínicos e mais energéticos e que deveriam, portanto, ser de custo inferior aos dos alimentos proteínicos. Entretanto, esse mesmo fator nem sempre é válido em nosso mercado, onde o preço do milho torna-se, às vezes proibitivo.

De qualquer modo, o produtor precisa reconhecer que o suíno tem suas características próprias de desenvolvimento e que, para atendê-las e retirar delas o rendimento máximo, precisa fornecer a esses animais alimentos apropriados em cada fase.

Não há erro maior que a utilização de um tipo de alimento, de uma mistura única para todo o período, do início ao fim. As necessidades de proteínas, minerais, vitaminas e energia variam consideravelmente e um só tipo de ração não as atenderia conveniente e economicamente.

ESPECIALIZAÇÃO TÉCNICA

A técnica da criação de suínos atingiu elevado nível de especialização e requer conhecimentos tão peculiares quanto os de criação de frangos ou de aves poedeiras. O rápido desenvolvimento destes animais e suas específicas necessidades de nutrientes precisam ser diariamente atendidos. Os suínos, como o frangos de corte, são extremamente sensíveis à carência de nutrientes, sobretudo de determinados aminoácidos minerais e vitaminas.

Os erros cometidos nos planos de alimentação repercutem desfavoravelmente na economia de produção, retardando o tempo para atingir o peso de abate, reduzindo a eficiência da conversão dos alimentos, modificando as relações entre carne e gordura.

Não há razão alguma, do ponto de vista econômico, para que se produzam porcos enormes, com mais de 120 kg de peso vivo, pois, a partir desse peso e pela idade, reduz-se o índice de conversão, gasta-se mais por quilo de peso ganho e produz-se mais banha, que no mercado vale menos que a carne.

Os açougueiros do Interior precisariam ser perfeitamente instruídos a respeito. É claro que precisam atender a freguesia que quer tocinho. Mas essa gordura será obtida de porcas adultas e de cachorros já impróprios para a reprodução.

É PRECISO CONSUMIR CARNE DE PORCO!

A força de produção dos suínos deve orientar-se para a produção de carne, cujo consumo cumpre se-

ESTANCASANGUE

MIOZOL



EXCELENTE AUXILIAR
NA PREVENÇÃO DO TETANO

- Faz parar a hemorragia desinfetando e evitando as bicheiras.
- Desinfeta o umbigo dos recém-nascidos, os cortes de castração, ou outras lesões de maneira técnica e prática.
- Combate as micoses, os eczemas e pruridos.

INDÚSTRIAS BIO-QUÍMICAS MIOZOL LTDA.

Rua Estados Unidos, 1586 - End. Telegráfico: CORUJA
SÃO PAULO — S. P.

ja aconselhado às populações. É possível que, em muitas regiões do Interior, os pequenos abatedores ainda continuem por muito tempo a dar preferência ao porco tipo banha para atender aos fregueses. Mas é certo também que, utilizando esses animais, estarão deixando de ganhar mais, eles e os produtores.

De qualquer forma, o que importa é produzir mais e economicamente. Os dois tipos — carne e banha — e possivelmente, o intermediário, podem subsistir, de acordo com as regiões, mas o produtor não pode dispensar de lápis e papel para fazer seus cálculos e tirar suas conclusões. Isso é que não!

FERTILIZAÇÃO E IRRIGAÇÃO



Este agricultor norte-americano mistura amônia anidrica, na água que vai tornar mais fértil a terra, à medida em que flui para os campos. (FOTO IPS)

MODERNAS TÉCNICAS DE ENGORDA DE BOVINOS EM CONFINAMENTO

DR. F. FARIANI

Objetivando a diminuição do custo de produção e a obtenção de carne de animais jovens, de melhor cotação no mercado, as modernas técnicas de engorda de bovinos apoiam-se no emprêgo de elevadas quantidades de rações concentradas à base de cereais.

Nestes sistemas, a alimentação pode chamar-se forçada, porque desde cedo intensificada ao máximo, para se desfrutar do menor desgaste de alimento em cota de manutenção nos animais jovens e de sua melhor conversão dos alimentos. Ela permite ganhos diários de peso da ordem de 1.300 a 1.500 gramas, dando novilhos

prontos para o abate com 400 kg de peso vivo, aos 10-12 meses de idade. A carne de novilhos assim jovens é a mais cotada, pois, além de tenra, não possui depósito superficial de gordura.

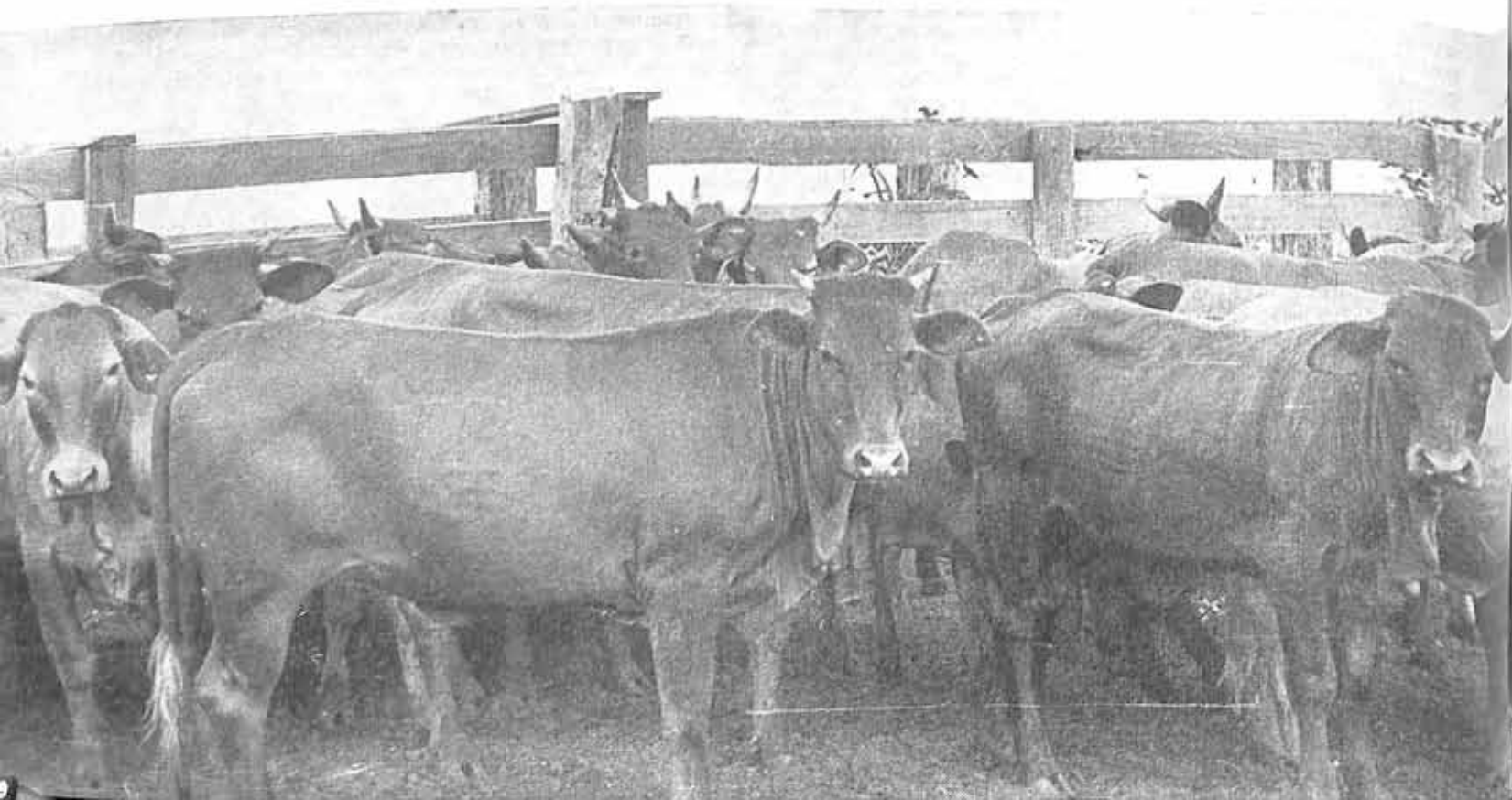
É desaconselhável, no entanto, pretender pesos vivos superiores a 400 kg. Pois, além deste limite, a conversão alimentar cai para nível antieconômico, conforme se vê na tabela I.

TABELA I
GANHO DE PESO E CONSUMO DE RAÇÃO POR NOVILHOS
ALIMENTADOS EXCLUSIVAMENTE COM CONCENTRADOS
ALEMANHA — RAÇA SIMMENTHAL — MACHOS

Peso dos Novilhos	Ganho diário gr	Consumo de ração gr
De 170 a 350 kg	1.390	4.430
De 350 a 400 kg	1.308	6.130
De 400 a 450 kg	1.025	7.900
De 450 a 480 kg	1.039	8.850

OBSERVAÇÃO — Os novilhos não recebiam nenhum alimento volumoso. Acima de 400 quilos, a conversão alimentar mostrou-se antieconômica.

Mestiços Santa Gertrudis x Nelore, com acentuada aptidão para a engorda forçada, que possibilita obtenção de bois gordos com apenas 12-18 meses.



SISTEMA ADOTADO NA EUROPA E NOS ESTADOS UNIDOS

O moderno sistema adotado na Europa e nos Estados Unidos emprega rações de alto poder energético. Razões econômicas justificam este critério, assim:

a) Nessas regiões, o custo da unidade nutritiva do feno, pasto e da forragem volumosa em geral é pouco inferior ao daquele da ração concentrada à base de cereais.

b) A energia posta à disposição dos bovinos, pelos alimentos volumosos, é ligeiramente superior à exigida pela cota de manutenção. Portanto, pouco sobra para o ganho diário de peso. Contrariamente, os concentrados ricos de energia possibilitam elevados ganhos de peso, porque amplo é o seu saldo de energia sobre o requerido para a manutenção. Além disso, tratando-se de animais jovens, a reduzida capacidade ab-



Mesmo em zebús, a alimentação adequada produz carne boa e em pouco tempo.

dominal não permite a ingestão de alimentos volumosos em quantidade suficiente à obtenção de ga-

nhos diários de peso da ordem dos acima citados.

Nas tabelas II, III e IV vêem-se, respectivamente, as taxas diárias de energia e proteínas digeríveis necessárias aos bovinos e a energia líquida, por quilo, em alguns alimentos. Essas tabelas foram elaboradas pela Universidade da Califórnia (Lofgreen, Mater e Gerhardt).

TABELA II

NECESSIDADES DIÁRIAS DOS BOVINOS EM ENERGIA LÍQUIDA

Peso vivo em kg	Mantença (calorias/dia)	Por kg de aumento de peso
150	3080	2620
200	3820	3240
250	4520	3840
300	5200	4410
350	5820	4950
400	6450	5500
450	7050	5990
500	7620	6470
550	8170	6950

TABELA III

TAXAS DIÁRIAS DE PROTEÍNAS DIGERÍVEIS NECESSÁRIAS AOS BOVINOS

Peso vivo em kg	Mantença	Por kg de aumento de peso
150	120	230
200	150	280
250	175	335
300	200	385
350	225	430
400	250	475
450	275	520
500	300	565
550	320	605

TABELA IV

CONTEÚDO DE ENERGIA LÍQUIDA

Produto	Mantença (calorias/kg de alimento)	Produção
Feno de Alfafa	990	480
Cevada	1850	1220
Milho	1850	1230
Sorgo em grãos	1610	1080
Melaço	1500	990
Farelo de algodão	1650	1100
Farelo de soja	1830	1210

OBSERVAÇÃO — Como se vê, o valor de um alimento em energia, quando destinado à cobertura das exigências de manutenção, é maior do que quando destinado à produção ou ao aumento de peso.

BASES DO SISTEMA

Este moderno sistema de engorda de novilhos, destinado a reduzir o custo de produção, baseia-se no seguinte:

a) Um programa de alimentação e o emprego de alimentos que permitam um índice máximo de conversão alimento-carne.

b) Mínimo de capital empatado em locais para engorda, utilizando-se, para tanto, piquetes. Desta forma, a cota de amortização é mantida no nível mais baixo possível.

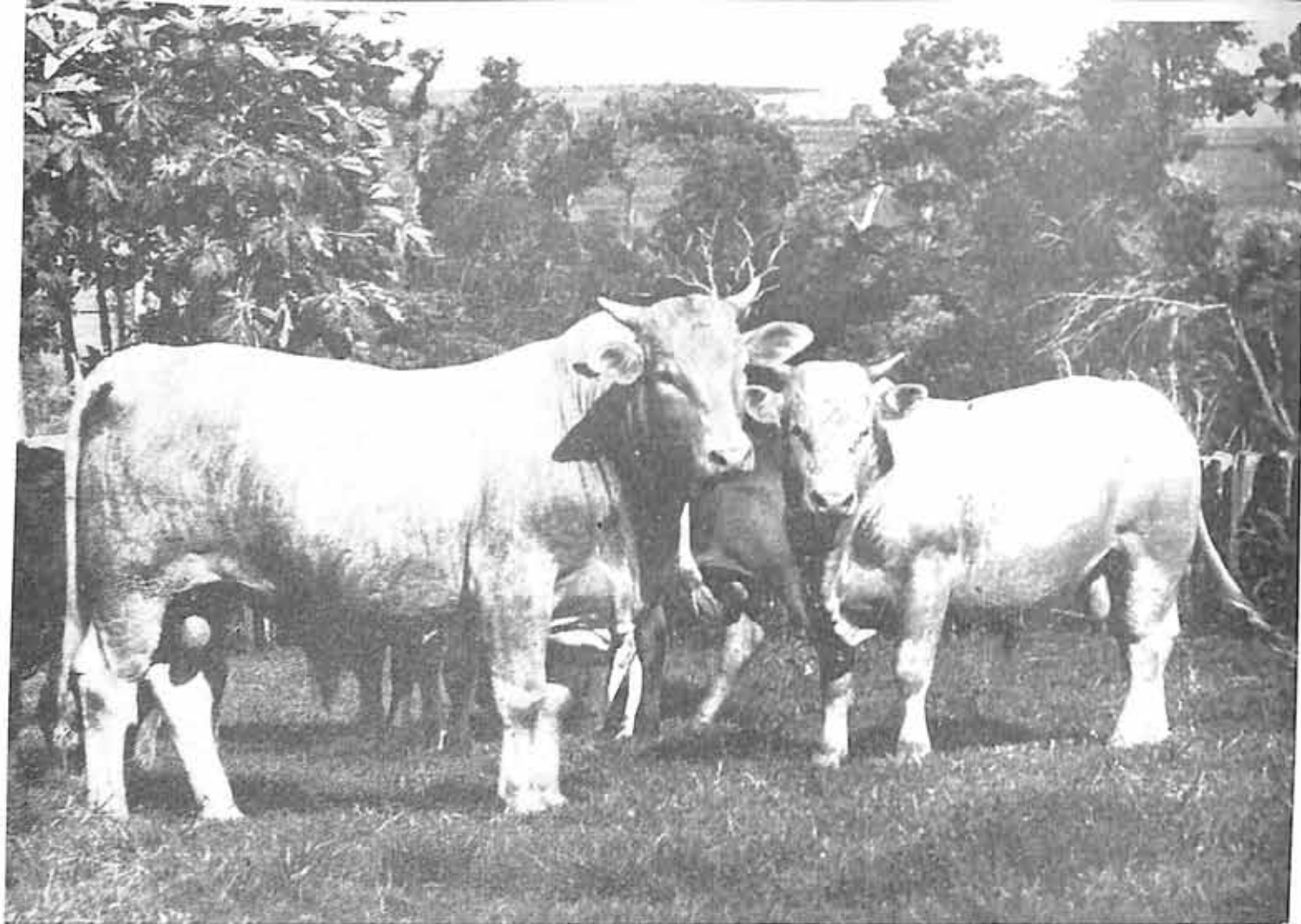
c) Mecanização racionalmente empregada, de forma a reduzir a um mínimo a mão de obra.

PROGRAMA DE ALIMENTAÇÃO

1.º Período

(Do nascimento até 90 dias de idade)

Após o período colostrar, a alimentação é orientada no sentido de se reduzir o leite. Emprega-se o produto artificial, constituído de leite em pó desnatado, acrescido de gorduras animais ou vegetais, vitaminas e minerais. Nestes 90 dias, a quantidade máxima de leite artificial é de seis litros por dia. A partir do 15.º dia, os bezerros começam a receber uma ração de desmame.



Mestiços precoces Charolês x Nelore, com alto rendimento em traseiro. A carne para exportação, capaz de elevada cotação no mercado exterior, tem que provir de mestiços de zebu com raças precoces de traseiro marcante.

2.º PERÍODO (90 a 150 dias)

É fornecida ração concentrada com elevada porcentagem de fubá, 15% de cevada, 10% de resíduos de trigo, 20 a 25% de farelo de soja e 2% de minerais e vitaminas.

Feno de alfafa ou silagem de milho, em quantidade não muito elevada, constituem o alimento volumoso.

A cota diária de ração concentrada é de três a cinco quilos.

3.º PERÍODO (De 150 a 300/360 dias)

A ração volumosa é igual à do período anterior, porém a concentrada é mais rica em cereais (milho), contém porcentagem menor de farelo de soja e continua integrada com vitaminas e minerais. A sua cota diária é de 5 a 8 quilos.

Neste sistema, desfruta-se a elevada conversão de alimento em carne, que possuem os animais com menos de um ano de idade.

ATIVIDADE INDEPENDENTE

Nos Estados Unidos, a engorda

de bovinos é uma atividade completamente distinta da criação. Os criadores vendem os novilhos com 200-250 kg aos industriais da engorda confinada. Estes, perfeitamente organizados, dispõem de fábricas de ração e silagem de milho.

A engorda confinada é feita a céu aberto, em piquêtes dotados de cochos abastecidos mecanicamente.

A maior parte dos bovinos é abatida entre o 18.º e o 20.º mês de vida.

RAZÕES QUE RECOMENDAM A PRÁTICA DA ENGORDA CONFINADA NO BRASIL

1. Considerando-se o elevado custo da terra, o sistema tradicional de engorda de bovinos é, hoje, antieconômico. Com duas cabeças apenas por alqueire, como ele permite, o juro capital-terra é tão ínfimo, que qualquer outro empreendimento o supera várias vezes em renda.

2. A engorda confinada possibilita encurtar de quatro para dois anos ou de três para um e meio a idade do bovino acabado para o matadouro. Além do giro mais

rápido do capital-boi, quadruplica o aproveitamento da terra, porque permite manter, no mesmo prazo, maior número de animais por alqueire.

3. Assegura sensível corte nos juros do capital-boi.
4. Garante carne de melhor qualidade.
5. Proporciona disponibilidade de bois gordos para a matança em plena entressafra, quando o preço é de 15 a 20% superior ao da safra.

A IDADE ECONÔMICA

Ao invés de bovinos de três anos de idade, como é normal na sala de matança de nossos matadouros, ou mesmo de quatro anos, como é freqüente, a regra deveria ser indivíduos de dois a 2 e meio anos, isto é, com apenas quatro dentes definitivos. Esta meta, como sempre insistimos com os criadores, é facilmente atingida, pois, qualquer fazenda, qualquer que seja seu plantel, puro ou mestiço de zebu com raças de corte ou de leite, pode produzir bois gordos prontos para o mercado, com a idade economicamente indicada

(dois anos). O principal fator, que retarda excessivamente a engorda dos bovinos destinados ao abate, trazendo sérios prejuízos para a bolsa do fazendeiro, está ligado ao regime de chuvas. Em consequência desse regime, os animais são anualmente condenados a um período prolongado de penúria alimentar na seca durante a qual não só param o desenvolvimento e perdem peso, como caem em estado de miséria orgânica. As vezes, tão acentuado é o depauperamento que só após dois meses de bom pasto se recuperam deixando de alcançar o peso que a abundância de pastagem permitiria.

SISTEMAS DE ENGORDA POSSÍVEIS NO BRASIL

I

Um sistema intermediário entre a chamada engorda forçada e o sistema tradicional brasileiro de pasto exclusivo, sujeito à alternância de crescimento nas chuvas e baixa de peso nas "secas", é aquele em que se faz a suplementação protéico-vitaminico-mineral da alimentação dos animais no pasto, durante a "seca".

Para conseguir-se aos dois anos o peso ideal de matança, basta seguir o programa abaixo:

1.º) Controlar as coberturas de maneira a obter a maior parte das parições na época da "seca". Com este programa, os bezerros disporão, na desmama, do pasto abundante da estação chuvosa.

2.º) Na "seca" subsequente àquela do nascimento, isto é, quando os bezerros ostiverem com um ano de idade, suplementar a alimentação com proteínas, minerais e vitaminas, para evitar a parada do desenvolvimento e o depauperamento. A suplementação é feita com concentrado protéico, contendo vitaminas e minerais, ministrado em côchos deixados no pasto (500 a 700 gramas por cabeça).

3.º) Na estação chuvosa seguinte, que é a segunda após o nascimento dos bezerros, quando já estarão com 1,5 ano de idade, deixá-los no pasto, suplementando-os com minerais (sal comum e complexo mineral).

4.º) Ao iniciar-se a "seca" (maio ou junho), recolher os bezerros, agora no segundo ano de vida, a cercados apropriados para a engorda em confinamento, que se entenderá no máximo por 3 a 4 me-

ses. O cercado ideal e mais econômico é o de madeira, com uma superfície de 10 a 15 metros quadrados por cabeça. Com uma ou mais árvores no local, garante-se sombra suficiente aos bovinos, que devem dispor de cerca de um metro linear de côcho por cabeça, água à vontade e, também, côcho para sal.

II

Há, também, um sistema de engorda relativamente rápida de bovinos adultos (2 a 3 anos de idade), no qual se utilizam produtos e subprodutos das fazendas. Esta meta se consegue com a aplicação de um dos tipos de alimentação constantes do quadro abaixo:

TIPOS DE ALIMENTAÇÃO PARA ENGORDA EM CONFINAMENTO

TIPO A

Cana picada (pé inteiro)	de 30 a 35 kg por dia
Ração de engorda	3 kg por dia

TIPO B

Ponta de cana	de 40 a 45 kg por dia
Melaço	1 kg por dia
Ração de engorda	3 kg por dia

TIPO C

Estelo, folha e ponta de milho secas, melaçadas e salgadas	de 12 a 14 kg por dia
Ração de engorda	3 kg por dia

TIPO D

Palha de arroz picada, melaçada e salgada	de 12 a 14 kg por dia
Ração de engorda	3 kg por dia

TIPO E

Fenos de gramíneas	8 kg por dia
Estelo, folha e ponta de pé de milho seco, melaçado e salgado	6 kg por dia
Ração de engorda	3 kg por dia

TIPO F

Sabugo de milho ou palha de milho moídos	7 kg por dia
Cana picada	12 kg por dia
Ração de engorda	3 kg por dia

TIPO G

Silagem de milho ou de sorgo	de 20 a 25 kg por dia
Ração de engorda	3 kg por dia

III

O sistema de engorda forçada seria realizável no Brasil, utilizando-se novilhos de um ano, crescidos no pasto. Confinados durante maio e setembro do ano subsequente ao do nascimento, receberiam alimentação volumosa de cana picada ou melhor de si-

lagem de milho suplementada com uréia incorporada nos silos. Além desta, lhes seriam dados de 4 a 5 quilos de ração concentrada perfeitamente balanceada, inclusive nos microelementos minerais e nas vitaminas, contendo 1,5 gr. de fósforo para cada 1.000 calorias fornecidas nos alimentos.

Araçatuba - capital do boi gordo

Quem estiver intoxicado com a demagogia da SUNAB, cansado de ouvir "lições" de teóricos, enfim, desanimado com o futuro deste grande País, precisa visitar Araçatuba, para novamente acreditar no futuro do Brasil

JOSÉ RESENDE PERES

O "Skylane" de Rubens Franco de Melo voava a 2.000 pés de altura, permitindo uma nítida visão da paisagem maravilhosa, quase monótona, tão uniforme as belas fazendas onde a brancura do Nelore era o contraste marcante contra o verde esplêndido do colono.

Dizem que "Deus é brasileiro", mas quando a gente percorre a fabulosa zona da noroeste, em São Paulo, a impressão que se tem é que "Deus é noroestino". Wagner Valela, um dos muitos miraflores que foram ajudar a construir a riqueza de Araçatuba e arredores, num instante de entusiasmo, arrematou:

— Esta terra é simplesmente

maravilhosa. Deus a fez, perdendo a receita em seguida...

Realmente, houve ali um encontro raro de índice pluviométrico, clima, solo fértil e topografia plana, apenas com suaves declives rumo aos leitos de córregos e rios.

Quem estiver intoxicado com a demagogia da SUNAB, cansado de ouvir "lições de teóricos, enfim, desanimado com o futuro deste grande país, precisa visitar Araçatuba para acreditar de novo no futuro do Brasil.

Sobrevoando Jaú contemplamos, comovidos, o esforço fabuloso do fazendeiro paulista, um herói que mesmo esmagado por tabelamentos, espoliado pelo confisco cambial, ainda cultiva sua terra roxa palmo a palmo, cientificamente,

sendo as práticas conservacionistas, como curvas de nível, uma rotina em quase todo o fabuloso vale do Tietê.

Mas em Araçatuba, cuja região exporta 350.000 novilhos gordos por ano, de alta classe, o que desperta entusiasmo é uma pecuária evoluída. Ali estão os melhores novilhos do Brasil, pesando em média 18 arrôbas aos 36 meses. A despeito disto, criadores excelentes continuam um trabalho sério em busca da produtividade crescente, procurando superar os recordes obtidos.

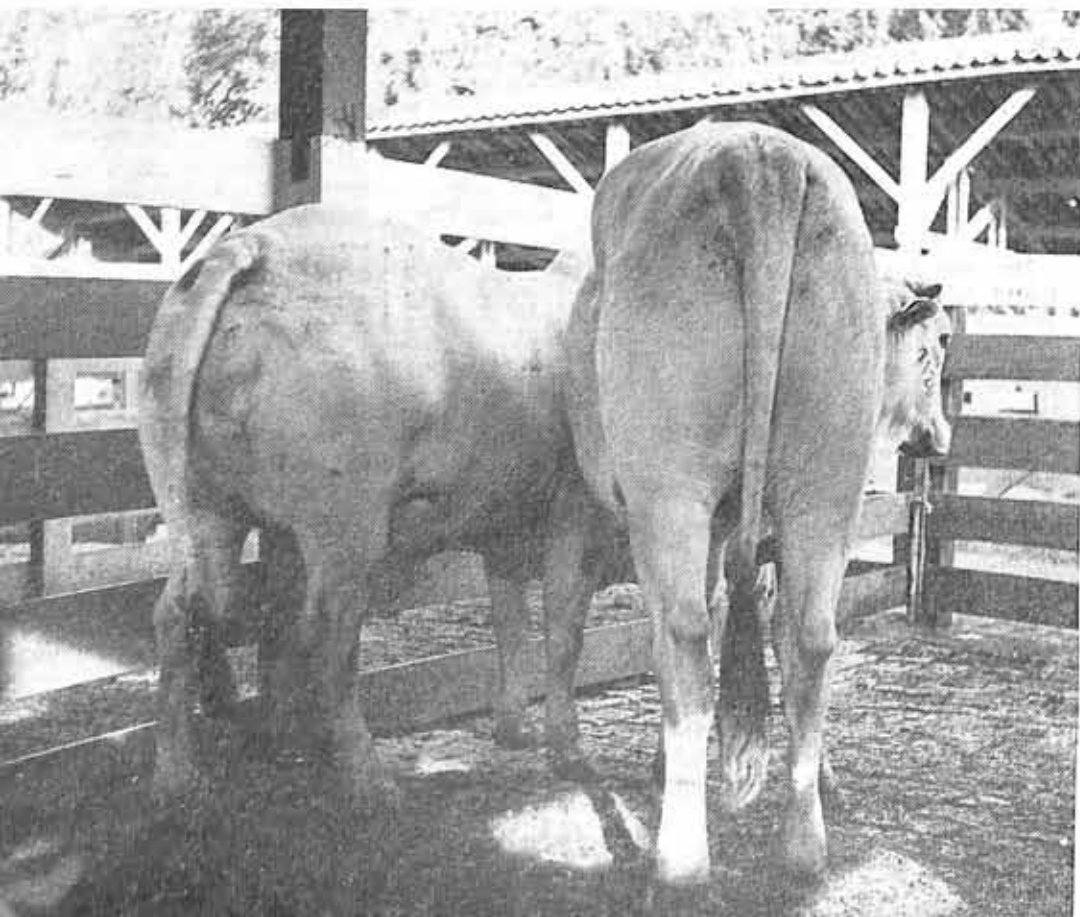
E assim pudemos ver, numa semana de visitas, trabalhos de alto gabarito. Na Fazenda Jangada, com 18.000 cabeças, o desfrute já é de 33%, quase igual ao dos Estados Unidos (36%). A organização é dirigida pelo zootécnico Roberto Soliva. Está importando sêmen das raças Brahma, Santa Gertrudis e Charolês, há alguns anos, podendo exibir excelentes animais. Agora vai dar um passo a mais, usando sêmen de Suíço e Holandês, rumo certo, porque as fêmeas valerão o dobro do preço alcançado pelas raças especializadas em produção de carne, até agora utilizadas.

Na Fazenda Santa Maria, do selecionador Rubens Franco de Melo, onde a criação principal é de Nelore (ele é o atual presidente da Associação dos Criadores de Nelore do Brasil) outras nove raças são criadas, inclusive um esplêndido rebanho Guzerá com vacas pesando mais de 20 arrôbas. É um dos melhores rebanhos brasileiros da grande raça indiana. Quando soube que os tourinhos maravilhosos não tinham muita procura, lembrei-me das centenas de milhares de novilhos estrados, de baixa qualidade, produzidos ainda em Minas e Goiás por absoluta ignorância dos criadores.

LEILÕES E EXPOSIÇÕES

Quem estiver precisando de reprodutores de alta classe, de qualquer raça zebuína, que não deixe

Estão em Araçatuba os melhores novilhos do País. Esta dupla constituiu-se na melhor dentre as de sua classe, num dos últimos Concursos de Ganho de Peso.



de comparecer ao leilão que se realizará em Lavinia, a 60 km de Araçatuba, a 16 de julho próximo, quando serão vendidos ao correr do martelo 300 exemplares muito bons, e com financiamento.

Visitei também a fazenda maravilhosa do tradicional criador Torres Homem. Gado Nelore importado, magnífico. As melhores fêmeas Gir estão sendo levadas para o trabalho de seleção leiteira em Uberaba, dando-se, assim à raça sua destinação econômica natural.

Aliás, seria bom, de uma vez para sempre, suprimir a raça Gir como produtora de novilhos de corte. Ainda nessa viagem, conversando com um homem que compra milhares de novilhos por ano, Sr. Afonso Gilgini, Agente Comprador da Cia. Swift do Brasil em Campo Grande, MT ele me confirmava que a média de peso dos lotes agirados, aos três anos, era de 15 arrôbas. No entanto, acabara de embarcar um trem (180 animais) de novilhos aguzados adquiridos aos Srs. Raul e Delcídio do Amaral (Jacadigo, Corumbá, MT), com média de 13 arrôbas. Não é possível que se continue perdendo tanto tempo (dinheiro) na longa tentativa de transformar uma raça selecionada há milênios para produção de leite, em raça de corte.

Outro rebanho excelente que fiquei conhecendo foi o do criador Alvaro Afonso do Nascimento, Fazenda Paraíso, próxima a Araçatuba. Sem dúvida, um dos melhores do país, com uma vacada Nelore pesadíssima.

Numa bela fazenda de José Teles de Meneses, o "Rei do Boi" da Noroeste, vimos magníficas pastagens de pangola, em solo onde, antes, o colômbio, mais exigente, já não funcionava a contento. Também Santo Lunardi, um grande selecionador de Nelore, pode mostrar um trabalho excelente em matéria de recuperação de pastagens, consorciando a soja perene com o colômbio. O trabalho deste criador, em matéria de produção, é, sem dúvida, o maior do Brasil. Vimos 21.000 fardos de feno de soja, armazenados.

STRANG, UM CRIADOR DE RIQUEZAS

No último dia tivemos o prazer de conhecer o grande trabalho de pesquisa zootécnica que Donald Strang vem executando em suas fazendas. Está fazendo um novo Canchim (5/8 Charolês, 3/8 Guzerá x Nelore), partindo de reprodutores de alta categoria, nas três raças. As novilhas 1/4 Nelore, 1/4 Charolês e 1/2 sangue Guzerá são simplesmente maravilhosas. Vimos o trabalho de cruzamento Si-

Rações vitaminadas asseguram ótima saúde, fertilidade e rendimento dos rebanhos



produz formas especiais de vitaminas estáveis nos alimentos, para aproveitamento completo pelos animais

LA-4-018



Dpto. de Vitaminas

PRODUTOS ROCHE

QUÍMICOS E FARMACÊUTICOS S. A.

Rua Moraes e Silva, 30 - C. P. 329 - ZC-00
Rio de Janeiro - GB

B. HORIZONTE:

Av. Augusto de Lima, 1241 - tel. 4-3435

CURITIBA:

Rua Des. Westphalen, 410 - tel. 4-1515

PÓRTO ALEGRE:

Rua Garibaldi, 853 - tel. 77-77

RECIFE:

Rua do Sol, 143 - Loja C-3 - tel. 4-1951

S. PAULO:

Av. Brig. Luiz Antonio, 1277 - tel. 37-9191





Associação Paulista de Criadores de Bovinos

Reconhecida como de utilidade pública pelo Decreto Estadual nº 33.811, de 20 de Outubro de 1958
34 ANOS DE BONS SERVIÇOS PRESTADOS AOS CRIADORES

DIRETORIA

Presidente
Dr. Urbano de Andrade Junqueira
Vice-Presidente
Hélio Moreira Salles
Secretários
— Dr. Gilberto Pires de Oliveira
Dias
— Roberto Sampaio de Almeida
Prado
Tesoureiros
— C. A. Willy Auerbach
— Dr. Joaquim Alves de Moraes

CONSELHO CONSULTIVO

Bernardo Gavião Monteiro, dr.
Antônio Luiz Ferraz
José Octávio da Silva Leme
Geraldo Diniz Junqueira, dr.
João de Moraes Barros, dr.
João Laraya, dr.

José Bonifácio de Coutinho No-
gueira, dr.
Dário Freire Meirelles
Lafayette Alvaro de Souza Camar-
go, dr.
Urbano Junqueira
Severo Gomes, dr.

SUPLENTE

Guido Malzoni, dr.
José Procópio Meirelles
Antônio Luiz do Rego Neto, dr.
Gilberto Arruda Sampaio, dr.
João Arthur A. Vianna, dr.
Gal. Diogo Branco Ribeiro
Lauro Toledo, sr.
Luiz Antônio de Souza Barros, sr.

CONSELHO FISCAL

José Cassiano Gomes dos Reis, dr.
Mércio Prudente Corrêa, dr.
Armando Miguel Barrett Gallo, sr.

SUPLENTE

Antônio Augusto Pires de Oliveira,
dr.
José Procópio do Amaral, dr.
Francisco Pereira Lima, dr.

GERÊNCIA

Gerente-Técnico:
Dr. Hugo Prata
Gerente-Comercial:
Virgílio de Almeida Penna

TÉCNICOS

Registro Genealógico:
Dr. Celso de Souza Meirelles
Avicultura:
Dr. Henrique R. Raimo
Assistência Veterinária:
Dr. Walter C. Battiston

mental x Nelore, com híbridos espetaculares. Grandes invernistas presentes, como Juquinha Maia, Ivo Tozzi, revelaram sua admiração pelos produtos Charolês x Nelore, realmente impressionantes. A título de pesquisa, Strang produz, ainda, novinhos Gir, naturalmente inferiores. Está reduzindo o plantel, que já é o menor.

O rebanho Nelore é imenso, servido por touros de alta categoria, inclusive de T.E. Duvivier e Délio Perez.

Foram exibidos grandes lotes de novinhos melhorados (maioria) e aguçerados (excepcionais), produzidos em pleno Pantanal na grande fazenda de criação que Strang montou em Aquidaua.

Mas, inevitavelmente, o grande trabalho prestado por Strang à pecuária nacional está expresso na alta qualidade de seu rebanho Guzerá. Homem da carne, sem fugir às características raciais, procurou formar animais pesados, precoces, de lombo largo, virilhas e culotas descidos, com excelente cobertura de carne. Centenas de tourinhos, com a famosa marca DS, estão melhorando rebanhos de Mato Grosso ao longínquo Piauí.

Se em cada município do Brasil houvesse um criador como Donald Strang, um brasileiro apaixonado por sua terra, que de "grineiro" só tem o nome, seríamos o maior produtor de carne bovina do mundo.

ARAÇATUBA NÃO PARA

O Concurso de Novinhos Gordos foi um sucesso. Pena que um critério, que seria certo se aplicado

a raças inglesas, de carne muito gorda, venha sendo utilizado, pelos técnicos do Estado, no julgamento, eliminando animais "pesados demais"... Ora, se nos "Feeding-Tests" o que se visa para os "pais dos novinhos" é mais peso em menos tempo, é o peso ponderal, como desclassificar um novinho de determinada categoria justamente por ter atingido o que se quer atingir, em termos de média para a pecuária nacional? Que se dê peso mínimo, crescente de ano para ano, para animais zero dentes, ou de dois dentes, está certo, para forçar o uso de touros melhores. Mas, dentro de cada categoria, que o mais pesado seja o campeão, pois não há perigo de excesso de gordura em animais de sangue zebu, aos 20 ou aos 30 meses.

No entanto, é preciso que Araçatuba procure, com urgência, o caminho do aumento da produtividade. Não será mais possível lucro, com um hectare de pasto valendo Cr\$ 500.000 produzindo apenas 6 arrobas de carne por ano (100.000), principalmente se se levar em conta que, com a tendência para decréscimo do ritmo inflacionário e com preços elevados à paridade internacional, não será possível continuar registrando as altas constantes, verificadas até agora. O mercado interno, embora em demanda crescente, não tem poder aquisitivo para absorver carne a preços internacionais, ou mais altos ainda, pelo menos enquanto não se fecharem matadouros municipais (um escândalo, o de Araçatuba continuar

funcionando, próximo a um moderno matadouro frigorífico) e os açougues, casas obsoletas que são obrigadas a remarcar a carne recebida em 40 e 50%, porque vendem, cada um, quantidades ridículas. Se o Governo quiser carne mais barata para o povo, terá que transformar os açougues em casas que vão vender outras carnes, peixe, frios enlatados etc., para que a despesa fixa se dilua sobre muitas mercadorias e a carne possa ser remarcada apenas com 20%.

Convidado pelo líder Orlindo Tedeschi, para uma palestra na sede do Sindicato Rural de Araçatuba, que preside, alertei meus companheiros sobre a necessidade de aumentar a renda de cada hectare, oferecendo três sugestões:

A primeira seria a produção de leite, como subprodução da carne. Vacada anelorada coberta por touros holandeses, sufços ou simentais, daria um tipo de produtora de leite com 1.500 litros em média, em 300 dias. A Cr\$ 150 seriam Cr\$ 225.000, valor de 15 arrobas a Cr\$ 15.000, e lucro líquido, porque o bezerro e a valorização da vaca cobririam o custo de produção. Esta vacada, objetivando um extraordinário novinho de corte e ótimas novilhas leiteiras, deveria ser coberta por touros Guzerá, a melhor raça de dupla aptidão para a faixa intertropical do mundo.

Mas quem não quisesse organizar produção de leite, deveria no menos produzir novilhas leiteiras para as bacias dos grandes centros de consumo. Só São Pau-

lo está precisando de mais 300 000 litros por dia. Assim, no hectare onde se colhem, atualmente, 6 arróbas, poderíamos colher bezerras no valor de Cr\$ 140 000 e bezerras a Cr\$ 220 000, o que daria a produção uma média de Cr\$ 180.000, ou seja, 12 arróbas por hectare. Na primeira solução teríamos mais do dobro da renda, e na segunda justamente o dobro, algo expressivo, principalmente levando-se em conta que o bezerro híbrido, aos 3 anos, pesara mais 2 arróbas, no mínimo, do que o atual Nelore quase puro. Ora, no momento em que os invernistas começam a pagar preços fabulo-

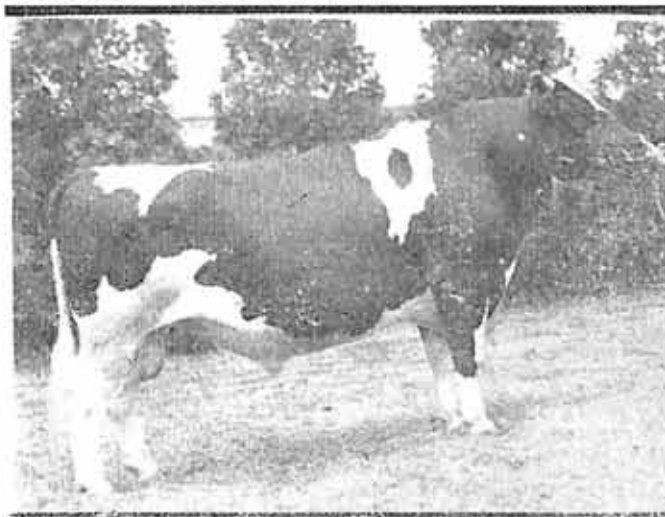
sos pelo boi magro, por que não o obter de graça — pois a fêmea híbrida seria vendida pelo dobro da fêmea Nelore — um maravilhoso bezerro para recria e engorda?

A terceira solução será a recria e a engorda, com base na mistura uréia-melaço, dentro do sistema Garst-Peres, o que veremos numa das próximas sextas-feiras.

Por ora o meu muito obrigado aos companheiros de Araçatuba, pela honrosa atenção que me dispensaram. Quando dirigia meu Rally Especial de Bauru para Araçatuba, percorri os 196 km em apenas 1h 40 m. Às vezes o velo-

címetro marcava 180 km por hora. Murilo Côrtes e Clend, dois companheiros de viagem, em certo momento pediram para reduzir a marcha. Realmente diante do oceano do colônio, aqui e ali interrompido por ondas de canaviais, eu dirigia com raiva, pensando que um dia, ao invés de técnicos e toda sorte de estímulos, tiveram a coragem de macular aquela terra sagrada com o envio de vigaristas, com tremendo aparato, para encurrular os criadores de riquezas da Noroeste pelo crime de terem criado riquezas para o Brasil, e, tudo isso, sob o silêncio dos órgãos de classe.

BURKE - RAG APPLE



80-H GRAY VIEW SKECROSS

Este touro foi classificado Ex. 93 pontos. É filho do consagrado GRAY VIEW CRISS-CROSS, 5 vezes All American e da SKYANNE, 3 vezes All American.

D
A
A
M
P
O
L
A
S
A
I



O
C
A
M
P
E
A
O

INSEMINAÇÃO ARTIFICIAL

CURTISS BREEDING SERVICE INC. — USA
BRITISH SEMEN EXPORT LTDA. — INGLATERRA

OXFORD AND DISTRICT CATTLE BREEDING ASSOCIATION — CANADA

IMPORTAÇÃO DE GADO

Importamos Reprodutores e Matrizes de Charolês, através do Herd-Book, financiados em 3 anos por Bancos Franceses sob a supervisão do Consulado da França em São Paulo.

Importamos também outras raças dos EE.UU., CANADÁ, INGLATERRA, HOLANDA, URUGUAI e ARGENTINA.



PEGROMAT - AGROPECUARIA LTDA.

Rua Marquês de Itu, 58 — 6.º and. Cj/A

Fone: 33-5781 — End. Telegr.: SALLES ITALCABLE

São Paulo — S.P.

O registro de bovinos de corte não pode ignorar o peso dos animais

Todo animal de uma raça de corte deveria ser pesado na fazenda de criação, para poder fundamentar o trabalho de seleção na direção única que a raça deve ter: peso.

ARNALDO ZANCANER

As raças bovinas são classificadas de acordo com a sua função: raças leiteiras, cuja função é produzir leite, medido em quilos de leite, e raças de corte, cuja função é produzir carne, medida em quilos de carne.

No que concerne às raças leiteiras, a adoção de um processo de seleção já é realidade. O mais humilde lavrador, quando vai separar uma novilha leiteira para analisar, se preocupa com sua capacidade de produzir leite. Somente manterá no lote de vacas leiteiras as que produzam um certo mínimo de leite. Esse mínimo é variável para cada fazenda ou sítio. Nos lotes que já sofreram trabalho de seleção e onde o arraçãoamento é rotina, esse mínimo é necessariamente alto, para haver compensação do capital e

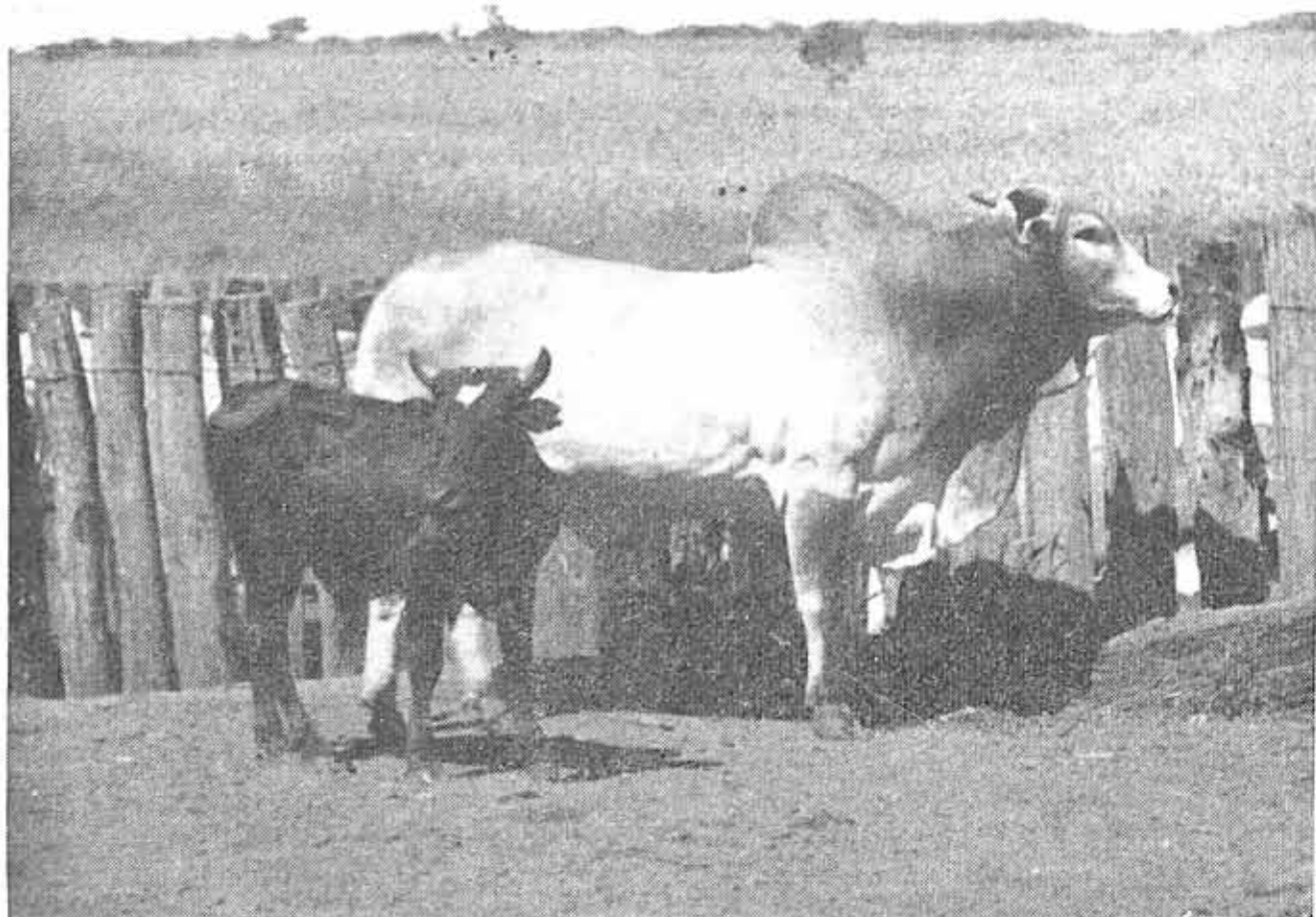
das despesas extras. No caso de pecuária leiteira mais incipiente, onde geralmente é usada apenas para consumo interno da propriedade o limite é mais baixo e a produção praticamente se torna extrativa. Mas essa escolha de vacas entre as mais leiteiras e o refúgio das fêmeas de menor produção existe em todos os plantéis, quer sejam numerosos ou pequenos, tecnicamente avançados ou não.

A situação muda totalmente quando se trata de gado de corte. Ali tudo é vaca e seus filhos são bois e todo boi tem seu valor. Na verdade o refúgio do gado leiteiro, quando não é vendido ao açogueiro, permanece na propriedade para criar bezerro de corte.

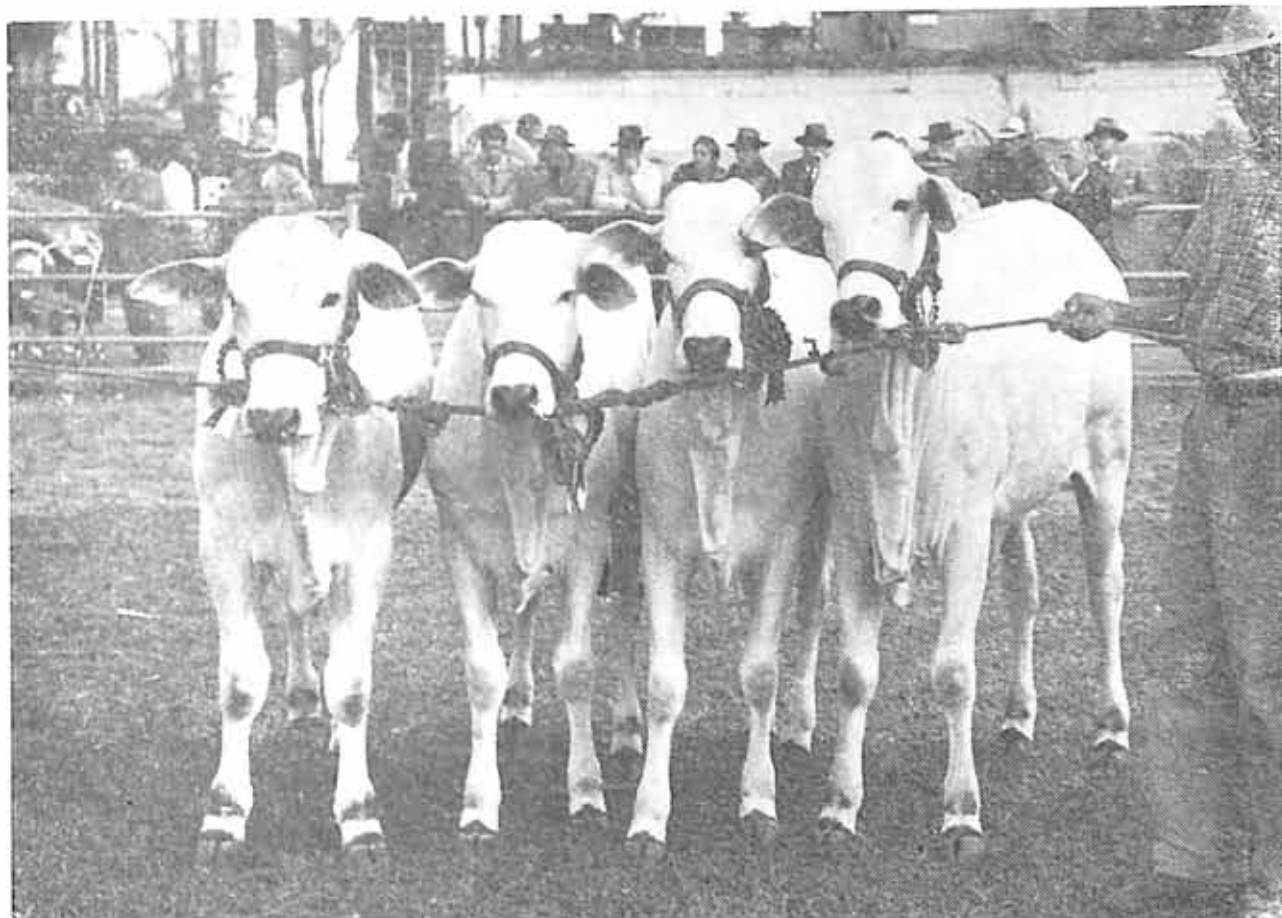
Mas esse critério é errado. Como no gado leiteiro existem rezes que produzem acima da média, também no gado de corte há animais que pesam mais do que a média e produzem mais carne em menor tempo sob as mesmas condições de trato. Qualquer trabalho de seleção que ignore esse fato está destinado ao fracasso na sua função econômica.

Uma das falhas do atual sistema de registro de gado zebu no Brasil, senão a maior, é o fato do Serviço de Registro Genealógico considerar somente o aspecto morfológico dos animais e ignorar o aspecto econômico.

É lógico que a morfologia dos animais é a única característica que possuímos para tentar manter a pureza racial das várias ra-



No animal de corte o que se busca é a carne no menor tempo e na menor área.



No animal de corte não se deve pensar somente em caracteres raciais — a rusticidade e a fertilidade também são importantes.

ças zebuínas existentes no Brasil e o trabalho que foi feito até hoje um valor inestimável. Porém já estamos em condições de juntarmos um fator econômico ao morfológico na apreciação dos animais apresentados ao registro.

Exemplo clássico é a raça Nelore, por ser aceita por todos como raça exclusiva de corte. Isso simplifica o problema pois então o seu fator econômico se resume em quilogramas de peso e eficiência de carcassa. Ao mesmo tempo, o Serviço de Controle de Carne da Associação dos Criadores de Nelore do Brasil já possui os dados necessários para uma apreciação e crítica dos pesos médios dos animais dessa raça. Portanto hoje se tornou inadmissível registrar bovinos Nelore sem levar-se em consideração o peso dos animais propostos para registro. O caso ainda se complica mais quando sabemos que em agosto de 1968 serão fechados os livros de registro das raças zebuínas quando, daí em frente, serão registrados somente animais que sejam controlados, isto é, filhos de pais e mães registrados.

A análise morfológica de um animal realmente é imprescindível, mas não é tudo. Sabemos que a raça Nelore é, entre todas as raças bovinas existentes no Brasil, a mais rústica. Para a realidade da pecuária de corte brasileira a rusticidade é uma das características mais importantes. Sabemos também, como exemplo, que a raça Nelore tem orelhas pequenas e lanceoladas. Agora, se houvesse uma correlação absoluta entre o tamanho da orelha e a rusticidade, não somente seria aceitável como também desejável o menor tamanho possível de orelha. Nesse caso fariamos o inverso do que se fez há anos atrás com o Indu-Brasil, isto é, medir-se-ia a orelha e quanto menor fosse, maior seria a sua rusticidade e portanto mais desejável. Porém essa correlação inversa, rusticidade — tamanho de orelha, não tem fundamento científico.

O que sabemos é que um bovino que possua as características morfológicas da raça Nelore, entre as quais uma orelha pequena, deverá ser rústico. Não é por ter a orelha microscópica que um

animal terá uma super-rusticidade. Isso se repete com todas as outras características morfológicas.

Pergunta-se, então, por que é que, sendo o peso a característica mais importante de uma res de corte, é o mesmo ignorado pelo serviço de registro dessa raça. Todo animal de corte é pesado pelo menos duas vezes: no abate e na venda ao varejo. Por que não é pesado no momento mais importante da sua existência, como proprietário que é, quando é apresentado à comissão de registro?

Na verdade, todo animal de uma raça de corte deveria ser pesado na fazenda de criação para poder fundamentar o trabalho de seleção na direção única que uma raça de corte deve ter: peso.

Que criadores mais tradicionalistas se mantenham na rotina, é entendível, mas que o atuante Serviço de Registro Genealógico das Raças de Origem Indiana, que nos deu o potencial que a pecuária brasileira tem hoje, se mostre ausente dos processos de modernização do seu "metier", é inexplicável.



Conjunto de vacas Nelore da Indiana. Demonstração de capacidade para a produção de carne.

PECUÁRIA DE CORTE

A FAZENDA INDIANA

Numa fazenda de tamanho médio, superiormente administrada, o melhor plantel Nelore brasileiro e uma excepcional e invejável produtividade — Um grande e entusiasmador exemplo

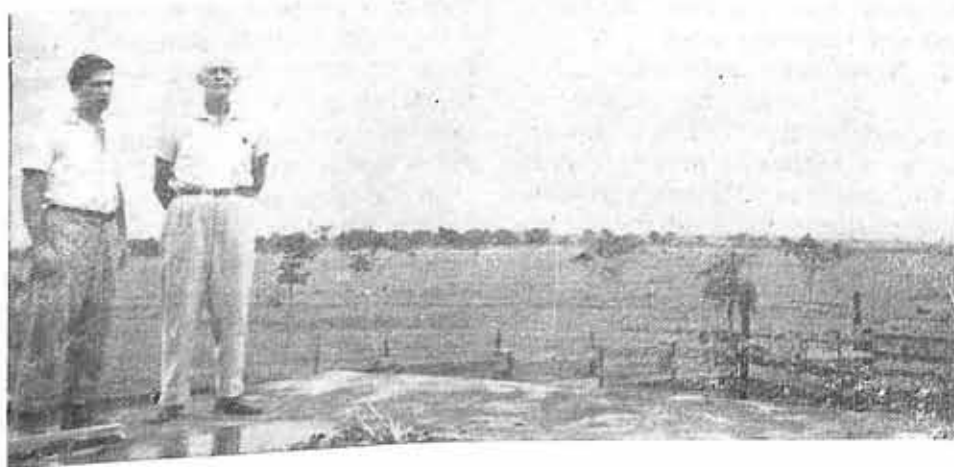
PIMENTEL GOMES
Engenheiro agrônomo

Quando me dispus a escrever um livro sobre os maiores fazendeiros do Brasil, os homens que, bastante desajudados, estão fazendo a nossa agrope-

cuária tomar novos rumos, lembrei-me logo de Durval Garcia de Menezes. Trata-se de um fazendeiro diferente. É engenheiro-agrônomo e antigo

professor de Zootecnia da Universidade Rural do Brasil. Conhece grande parte do nosso País. Esteve na Europa estudando miudamente os problemas zootécnicos. É diretor técnico da Confederação Rural Brasileira e comendador da Ordem do Mérito Agrícola. Já era mestre em Zootecnia quando, em 1949, se tornou proprietário de Indiana, fazenda que administrava desde 1939, como coproprietário. Procurei-o, portanto. Encontramo-nos, numa terça-feira, na sede da Confederação Rural Brasileira. Disse-lhe a que ia. E ele:

— Gostaria que você visitasse a fazenda Indiana. Fica, como Você sabe, em terras cariocas que continuam a Baixada Fluminense, ainda tão aban-



O eng.º-agr. Durval Garcia de Menezes, Paulo Ernesto e a várzea turfosa, úmida, fértil, limitada por um renque de eucaliptos e jaqueiras.

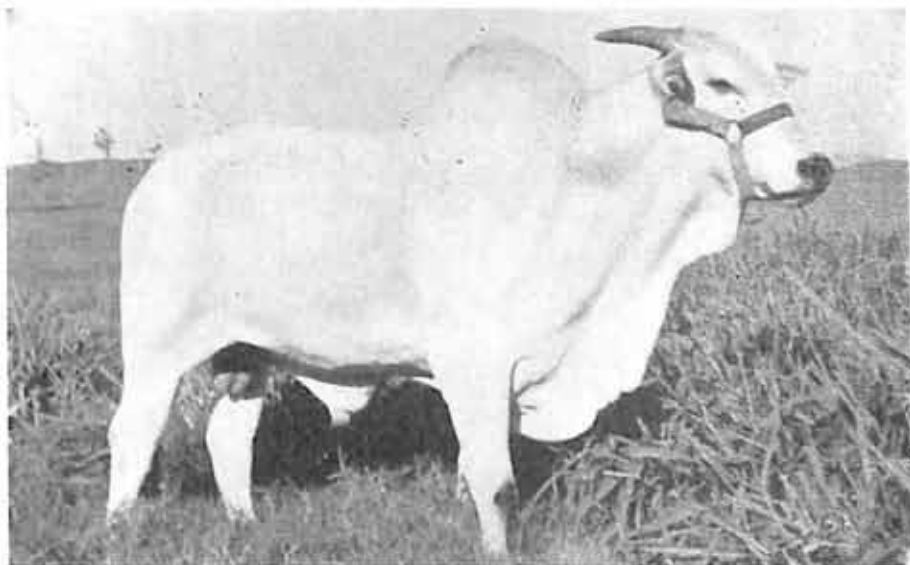
donada, embora tão cheia de possibilidades. Situa-se no quilômetro 31 da antiga rodovia Rio-São Paulo, enfrentando a serra de Marapicu, que separa a Guanabara da velha e simpática província fluminense.

— Assim é melhor. Viajando de automóvel, já passei muitas vezes pela Indiana. Sou sitiante por aqueles lados. Tenho o sítio Silvilândia em terras cariocas e na sua vizinhança. Gosto de ver as fartas pastagens de sua fazenda e um plantel de Nelore que é um espetáculo. Sadio, gordo, de pelo lúcido, todo igualzinho, destacando-se na verdura do colônio consorciado com jiterana e soja perene, até parece pintura e pintura de pintor bom paisagista e entusiasta da pecuária. Também dizem que Você tem o melhor Nelore do Brasil...

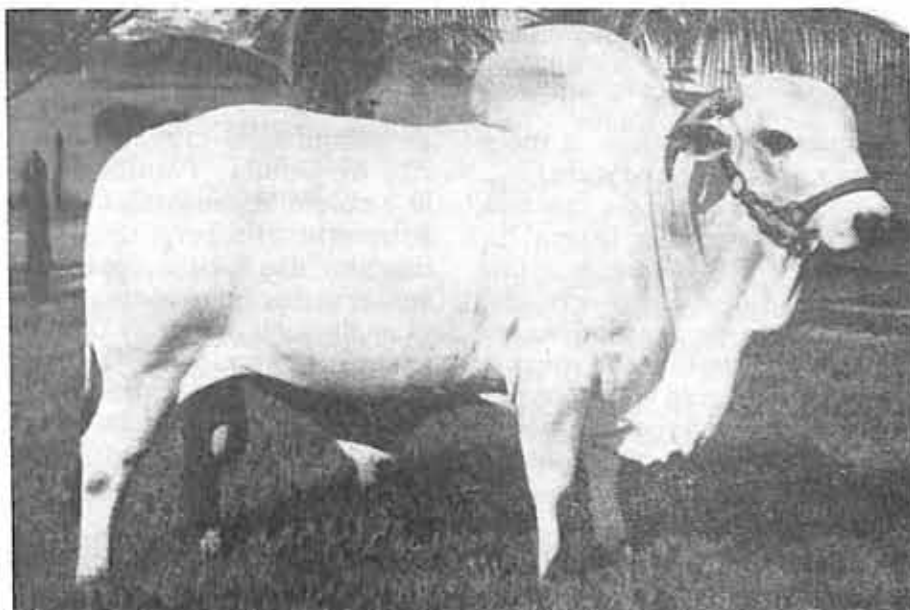
— Você não é o primeiro que diz isto. Cá para nós, não vá escrever isto, o Embaixador da Índia e dezenas de técnicos e fazendeiros australianos, norte-americanos, mexicanos, venezuelanos, argentinos e outros ficaram muito bem impressionados com a organização, as pastagens e o gado da Indiana. Escreveram coisas muito lisongeiras a respeito. Você verá.

INSTALAÇÕES E PASCIGOS

Dias depois, após um cafézinho na magnífica residência do fazendeiro, provida de todo o conforto moderno, da eletricidade à água encanada e à televisão, dirigimo-nos ao estábulo. Do alto da colina de encostas suavíssimas, via as pastagens verdejantes que cobriam terras levemente onduladas e a grande e fértil várzea que as continuavam até os limítrofes renques de eucaliptos e jaqueiras. Um pomar nas proximidades da casa principal. Além, os galpões, o estábulo, a esturmeira, o banheiro carrapaticida, os currais. Uma dupla fila de coqueiros. A serra de Marapicu verde e íngreme. Fechando o horizonte, o azular da Serra do Mar.



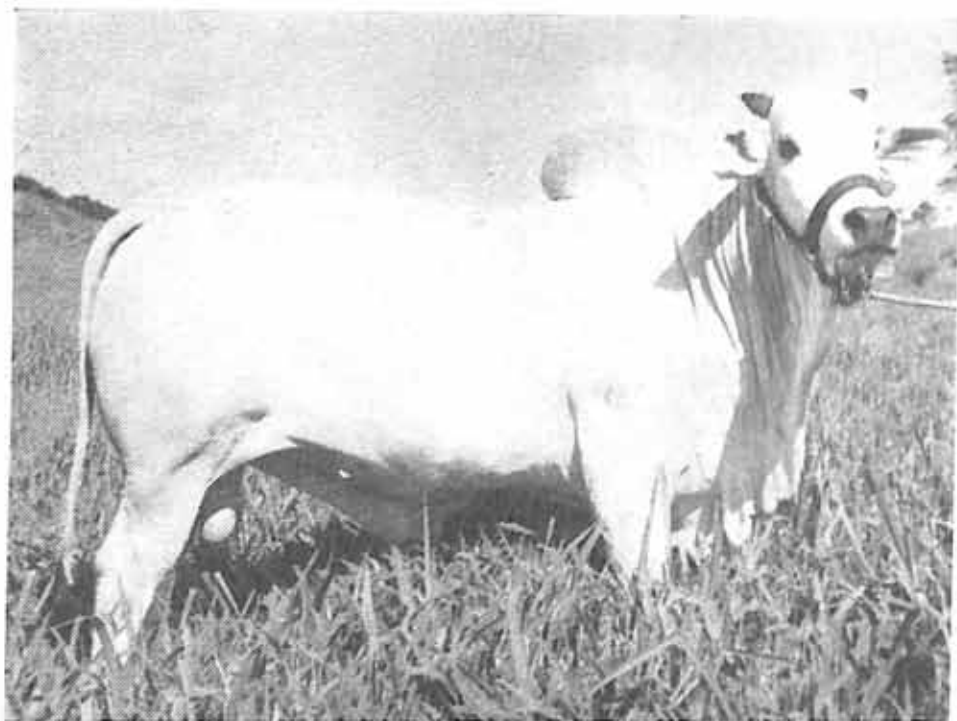
Touro Dandá, importado da Índia, de excepcionais qualidades raciais. Seus filhos impressionam pela beleza racial e desenvolvimento.



Touro Zatu da Indiana. Raça e peso. Seus filhos pesaram, em média, aos nove meses, 232,3 quilos, criados completamente a campo. Fruto de 48 anos de seleção.



Um grupo de vacas Nelore da Indiana. Raça, uniformidade, qualidade.



Touro Thalaivan, importado. Seus filhos pesam, em média, aos nove meses, 222 quilos.

Enquanto descíamos a meia-laranja, fui perguntando:

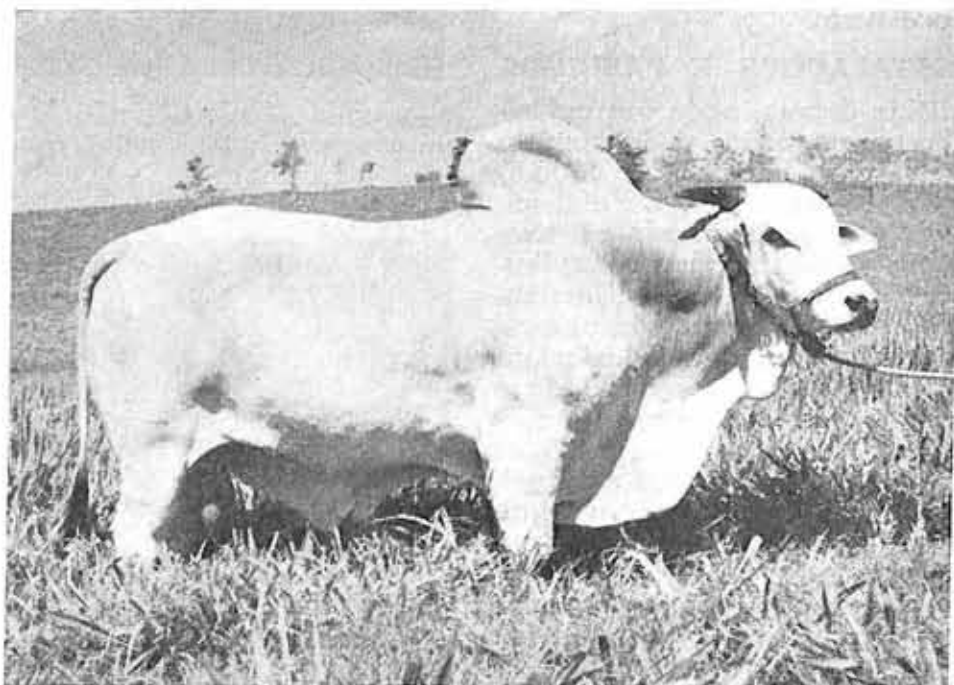
— Qual é a área da fazenda, meu prezado prof. Durval?

— Mede 275 hectares, quase todos divididos em invernadas de 10 hectares, fechadas por aramados. Ponho um touro e 50 a 60 vacas numa invernada. Enquanto umas invernadas têm gado, outras se estão recuperando. O gado passa 15 a 25 dias na invernada. Então é levado para outra invernada.

— Os pascigos são excelentes. Como os planta?

— Como vê, quase toda a fazenda é plana ou levemente ondulada. O solo da várzea é turfoso. Foi drenado. O pH é abaixíssimo — 4,5 ou 5. Após a drenagem, arei-o e gradei-o. Apliquei 600 quilos de calcário dolomítico em pó, por hectare. Após a gradagem, adicionei fosforita de Olinda. Plantei bons capins, principalmente o colônio consorciado com duas ótimas leguminosas — a jitirana e a soja perene. Há angola no trecho mais baixo e mais úmido. No terreno mais alto, não houve drenagem, pois não era preciso. O solo foi arado e gradeado. Recebeu 600 quilos de calcário dolomítico em pó. Gradagem. Posteriormente, uma adubação

de estrume de curral e fosforita de Olinda. Plantei pango-la e colônio consorciados com jitirana e soja perene. As pastagens são cuidadosamente conservadas, para o que dispo-nho de um trator. Também usamos o enxadão. De cinco em cinco anos, o pascigo é renovado. Ara-se, gradeia-se aplica-se o calcário dolomítico em pó e o estrume de curral. In-



O touro Filó da Indiana é filho de Zatu da Indiana. Pesou, aos quatro anos, 920 quilos.

felizmente, agora a fosforita está muito cara.

— É pena, pois é um excelente adubo.

— No Brasil, os fertilizantes são absurdamente caros. O Ministério da Agricultura deveria preocupar-se com tão grave problema.

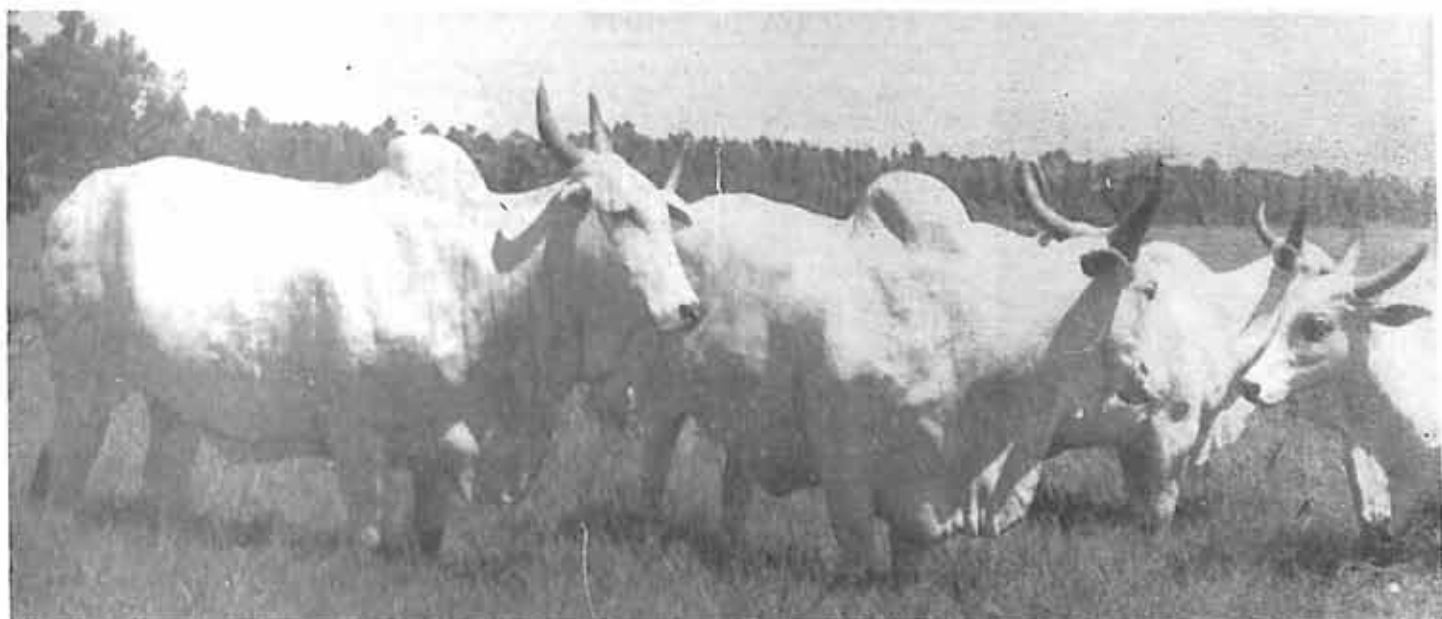
— Mas o gado não tem, a seu dispor, apenas os pascigos, creio.

— Vive quase exclusivamente do pascigo. Tenho um pequeno canavial. Os bezerros são desmamados aos nove meses de idade. Há, então, um período de crise. Recebem, em consequência, uma ração de torta de algodão, cana desintegrada misturada com um pouco de melaço, etc. E há uma mistura mineral posta à disposição de todo o plantel.

— Nada de ureia?

— Nada de ureia.

— Faz muito bem. As experiências que a Secretaria da Agricultura paulista fez com ureia redundaram em calamitosos fracassos. Embora dirigidas por zootecnistas de nomeada, houve até casos de envenenamento. Verifico, prof. Durval, que tem muito cuidado com as pastagens. Faz muito bem. Os zootecnistas do século passado diziam que a



Vacas Nelore da Indiana, criadas a campo, cujas massas musculares dispensam comentários.

raça se faz pela boca. O certo é que saco vasio não se põe em pé.

— Meu prezado Pimentel Gomes, considero o Nelore uma boa fábrica de carne, que usa o pasto como matéria-prima. Se não houver forragem farta, apetitosa, substancial, vitaminada, como poderá o Nelore utilizar tôdas as suas extraordinárias possibilidades? Sem ótimas pastagens, nem carne nem leite. Como tenho excelentes pascigos, como trato pasto como lavoura, como se fosse milho, feijão ou aipim, atualmente há 830 bovinos nos 250 hectares de pastagens da Indiana, portanto, 3,4 bovinos por hectare.

— É algo excepcionalíssimo, prof. Menezes. O inefável Pierre Gourou, em *Les Pays Tropicaux*, teve a coragem de dizer que, nos trópicos, um bovino precisa de 10 hectares de pasto para viver! Você, prof. Menezes, precisa convidá-lo a visitar a Indiana. Quando 25% dos fazendeiros brasileiros tiverem a eficiência, que Você revela, o Brasil terá a maior pecuária do mundo. Aliás, pelo que li, opinião semelhante externou o Embaixador da Índia, que o visitou. Mas continue.

UM MODELAR PLANTEL NELORE

— Atualmente, há, na India-

na, 250 vacas criadeiras; 100 novilhas nascidas em 1965; 206 bezerras nascidas em 1966; 18 touros; 20 garrotes; 236 bezeros de 1966. Há, portanto, 906 fêmeas e 274 machos.

— Isto em 250 hectares! É fabuloso! É algo que entusiasma, que mostra insofismavelmente a grandeza excepcionalíssima das possibilidades brasileiras em tão importante setor.

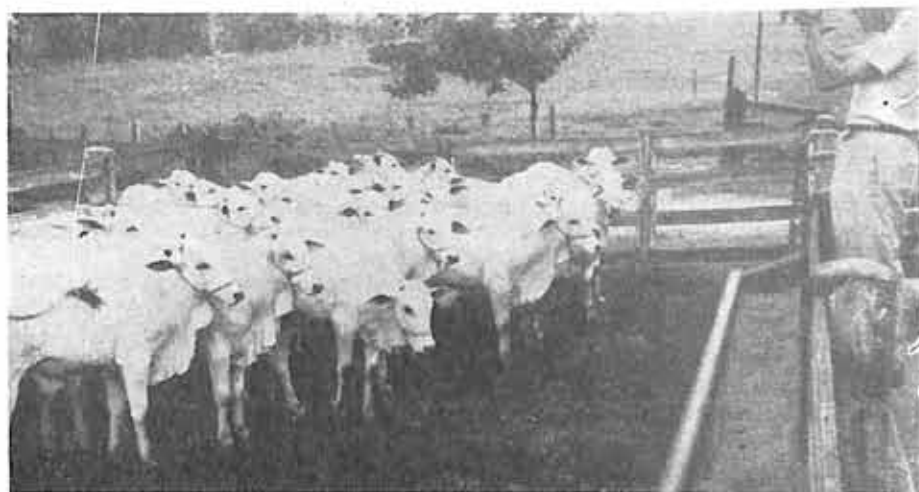
— Seleciono Nelore, na Indiana, há dezenas de anos. Sei que estou vencendo. Tal fato devo ao registro genealógico perfeito que você viu, às boas pastagens, ao gado com que comecei e à balança. Sim, engenheiro-agrônomo, a balança é essencial. A eleição dos

bons reprodutores nada tem de subjetivo. Levo em conta a genealogia e o pêso do animal. No início, consideravamos boas as bezerras que aos nove meses pesassem no mínimo 140 kg. Hoje, exigimos 180 kg. As melhores pesam uns 200 kg. Em breve, este será o pêso mínimo exigido. Entre os machos, há bezeros que pesam mais de 250 quilos.

— E quanto pesam os bezeros ao nascer?

— Em regra, mais de 30 kg. Há casos de 38 kg. Aos 30 meses de idade, os novilhos castrados, os bois, portanto, pesam 450 a 500 kg. Mas vendo pouco boi. Só o refugo, só o que não serve para a reprodução é castrado. Quase 90%

(Conclui na pág. 135)



Bezerros de nove meses. Observem a uniformidade.



Raça Charolêsa: animais musculosos, com tendência para a engorda.

A raça Charolesa, produtora de carne e trabalho

- O Charolês é um animal forte, de tamanho grande
- O intervalo médio entre dois partos, observado de 1957 a 1963, tendo em conta vacas não fecundadas na época, foi de 370 dias
- Animais de sangue Charolês têm vencido provas de velocidade de crescimento ou de ganho de peso realizadas na Flórida, no Texas e em outros estados
- No Brasil, a raça é conhecida há mais de quarenta anos

L. P. JORDAO
Médico veterinário

A raça bovina Charolesa, uma das mais famosas da França, pertence ao tipo jurássico (*Bos taurus jurassicus*, segundo a classificação do zootecnista Sanson).

Antes do século XVIII, o gado da região de Charolles em Saône-et-Loire já era explorado para produção de carne. Em 1773, o criador Claude Mathieu estabeleceu-se em Anlezy, no departamento de Nièvre, com um rebanho bovino de cor branca. O resultado por ele alcançado teve grande repercussão, surgindo numerosos seguidores, que se orientaram para a criação de um tipo de bovino misto, produtor de carne e trabalho.

De Nièvre a raça Charolesa propagou-se para outros departamentos do centro da França. A partir de 1830, esse gado foi muito utilizado nas lides agrícolas. Nessa mesma época, foi introduzido em algumas criações o sangue da raça britânica Durham (Shorthorn) com o intuito de melhorar a precocidade dos animais. Todavia, esse cruzamento produziu indivíduos menos rústicos, exigentes e mais revestidos de gordura, motivo pelo qual os criadores de Charolês voltaram a produzir animais puros. Em 1864, foi fundado o Herd Book da raça Nivernesa-Charolesa em Nevers e, em 1882, o Herd Book da raça Charolesa. Em 1919, esses dois livros de registro genealógico se fundiram.

A utilização da raça como produtora de carne e trabalho orientou a seleção para um tipo de animal bem musculoso, com tendência à engorda. A partir de 1920, ela foi convertida exclusivamente em produtora de carne e o padrão adotado, conservando as qualidades gerais da raça, visam a melhora da conformação e da espessura das massas musculares; tórax mais profundo; membros curtos, mas sem exagero, para conservar a aptidão de animal para pastagens amplas, servidas por aguadas às vezes distantes. Em 1953, foi criado em Nièvre o I Sindicato de Controle de Provas. Presentemente há 14 sindicatos dessa natureza que contribuem marcadamente para o melhoramento da raça.

O PADRÃO DA RAÇA

O Charolês é um animal forte, de tamanho grande. A pelagem é branco-creme, uniforme, com o re-

vestimento das aberturas naturais de cor clara, sem manchas. A cabeça é pequena, curta, com a fronte larga, a maxila forte e carnuda, focinho largo, chifres redondos, brancos e abertos. O corpo apresenta peito profundo, costelas arqueadas, que se confundem com as espáduas; lombo horizontal, muito musculoso; rins bem largos e maciços; ancas pouco salientes, mas bem largas, assim como a garupa; nádegas roliças e bem descidas; membros relativamente curtos, bem apurados e sem finura excessiva.

As medidas indicadoras do formato médio da raça são as seguintes:

	Vaca	Touro
1. Peso vivo, kg	735	1.140
2. Altura no garrote, cm	134	144
3. Comprimento da ponta da espádua à ponta da nádega, cm	166	181
4. Perímetro torácico, cm	205	246
5. Largura do torax, cm	52	64
6. Amplitude do torax	75	85
7. Comprimento da bacia, cm	56	58
8. Largura da bacia, cm	60	64
9. Largura das coxo-femurais, cm	56	59
10. Perímetro da canela, cm	25	26,5

São características eliminatórias todas as malformações físicas, especialmente os aprumos defeituosos, o prognatismo, etc; as anomalias da cor da pelagem e das "mucosas", especialmente as manchas. De maneira geral, tudo quanto se afaste do padrão adotado.

O CHAROLÊS NA FRANÇA

A principal zona de implantação da raça Charolêsa é constituída pelos departamentos de Nièvre, Allier, Oeste de Saône-et-Loire, Creuse e Cher. A zona de implantação secundária é constituída pela Vendéia, Deux-Sèvres e Mayenne.

A raça Charolesa, originária de região de pastagens situadas em clima semi-continental atenuado, estabeleceu-se na França principalmente onde o melhoramento forrageiro e a produção de carne exigiam a utilização de uma raça especializada.

O nascimento dos bezerros verifica-se durante qua-

se todo o ano. Os produtos pastam com as mães desde abril, indo para o estábulo no fim do ano, em novembro-dezembro. Assim, os bezerros podem manifestar todas as suas possibilidades de desenvolvimento, decorrentes da existência de leite e pasto. Permanecem no estábulo durante o inverno, quando são desmamados e, eventualmente, castrados. A alimentação tem por base o feno, algumas raízes e concentrados. Após uma segunda época de pastejo, enfrentam o segundo inverno com maior ração de feno (10 a 12 kg mais ou menos).

As novilhas são cobertas aos dois anos de idade e as parições se verificam aos três anos completos.

Na França, o gado Charolês puro soma cerca de dois milhões de cabeças, contando com 660.000 vacas (segundo censo do Ministério da Agricultura em 1962).

INSEMINAÇÃO ARTIFICIAL

Atualmente, 62% das vacas existentes na França (cerca de 6.250.000) são inseminadas artificialmente. Cerca de 1.083.000 vacas são inseminadas com esperma de 300 touros Charolêses em atividade nos Centros de I.A., o que corresponde a 3.610 vacas por touro, uma das proporções mais elevadas do mundo, onde se utiliza a inseminação artificial em larga escala.

O cruzamento industrial é feito em 59 dos 90 departamentos existentes na França).

O controle da produção é praticado em criações de raça pura. Em 1963 abrangeu 7.200 vacas.

APTIDÃO DA RAÇA

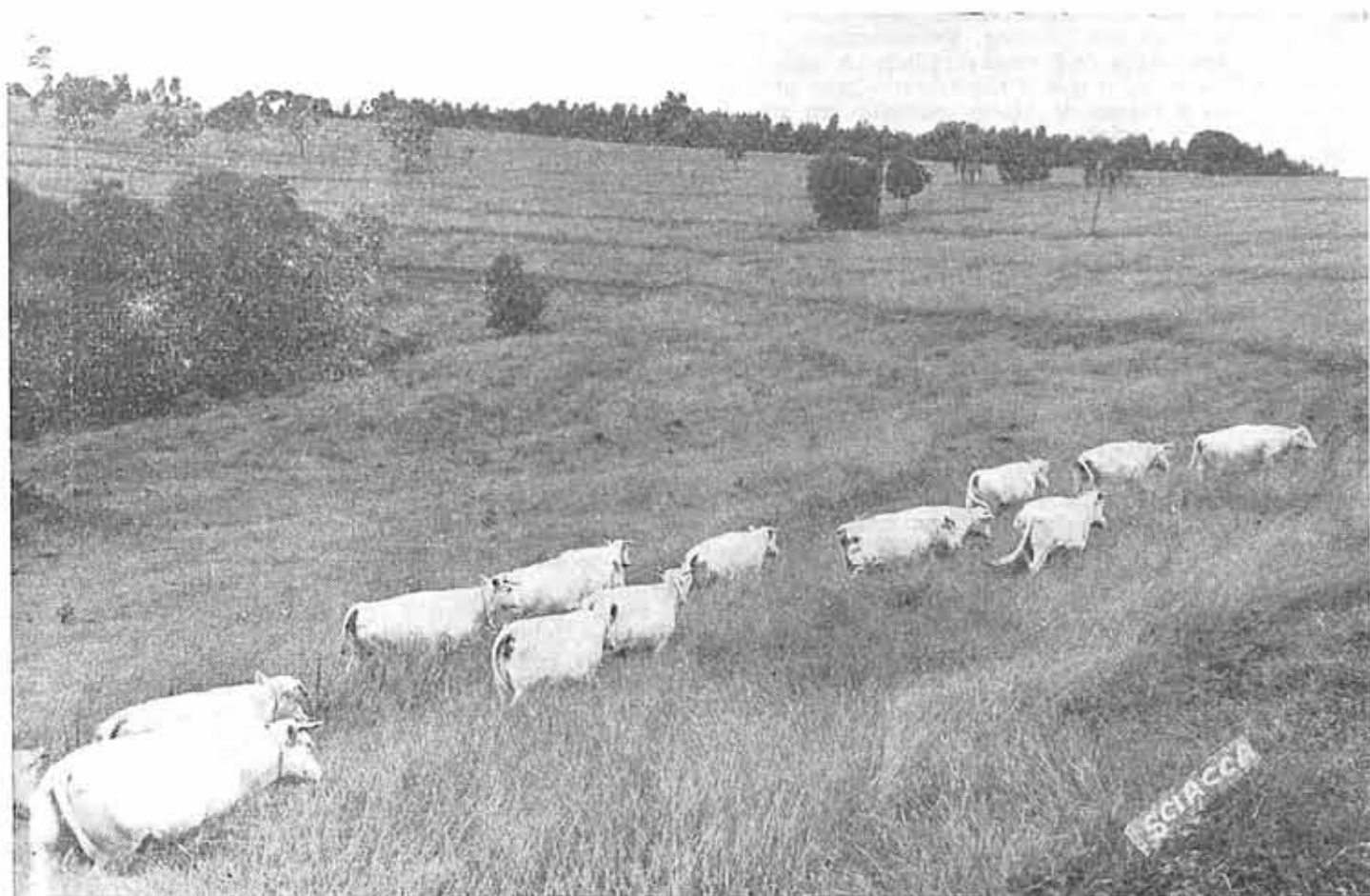
Os bovinos Charolêses são capazes de percorrer grandes distâncias e se adaptam a diferentes formas de pastejo. Não têm propensão à conjuntivite decorrente da intensa insolação nos países tropicais.

A fecundidade é excelente, pois, segundo provas de sindicatos de controle, alcança índice de 90%. A porcentagem de bezerros desmamados em relação a 100 vacas apresentadas ao touro chega a 80%. O intervalo médio entre dois partos, observado de 1957 a 1963, tendo em conta vacas não fecundadas na época, foi de 370 dias. Este interparto varia segundo os anos e os métodos de exploração adotados. Em geral, obtém-se um bezerro por ano e por vaca, em uma fase determinada (de fevereiro a abril), para aproveitar a época de melhor crescimento das plantas forrageiras. Cerca de 85% das parições ocorrem de dezembro a abril. Nos meses de agosto e setembro somente parem 2,5% das vacas.

PARTOS E LONGEVIDADE

A facilidade dos partos é um aspecto muito importante, observado em relação à raça Charolêsa com muita atenção, tanto em França como em outros países. Os resultados mencionados pelo Instituto Técnico de Criação de Bovinos da França, obtidos em igualdade de condições, são os seguintes:

Tipos de parto	Porcentagem
Fáceis	92
Díficeis devidos à má apresentação	4,5
Díficeis com intervenção	3,5



Conhecida no Brasil já há meio século, esta raça vem experimentando grande incremento entre os criadores de São Paulo, Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Santa Catarina, Paraná, etc., em que é cruzada com zebús indianos.



A fecundidade da raça Charolêsa é algo de admirar: o índice chega a 90%. A porcentagem de bezerros desmamados também é elevada.

A média de idade do descarte das vacas é de 7,75 anos (correspondente à produção média de 4,7 bezerros por vaca. Os criadores selecionam as fêmeas à vista dos resultados do primeiro parto, eliminando 20% das fêmeas nesse período. As vacas não são mantidas por tempo mais dilatado para não prejudicar seu valor no açougue, com exceção das reprodutoras muito boas que são conservadas pelo maior lapso possível, às vezes até 15 anos. Presentemente, 28,9% das vacas têm mais de 9 anos de idade. A vaca Charolêsa é boa mãe, o que é confirmado pelo peso do bezerro com 4 meses de idade, corrigido em relação à sequência da parição. Os dados referentes ao crescimento até 8 meses de idade são os seguintes:

Idade do bezerro	Machos, kg	Fêmeas, kg
Ao nascimento	45,2+7,1	42,1+6,3
3 meses	142,9+20,8	129,0+17,3
4 "	180,3+25,5	161,5+20,5
6 "	243,4+37,2	210,6+26,6
8 "	324,4+52,2	287,1+31,6

NOTA: — Os sinais + referem-se aos erros padrões das respectivas médias.

O aumento médio por dia, até 8 meses de idade, é de 1,175g para machos e de 940 para fêmeas. O crescimento das fêmeas após o desmame é o seguinte:

Regime de criação	Meses de idade	Peso, kg	Aumento, g
Início	0	42	—
1.º pastejo	8	267	940
1.º estábulo, inverno	12	310	360
2.º pastejo	20	420	460
2.º estábulo, inverno	24	450	250
3.º pastejo	32	570	500

CONFORMAÇÃO PARA CORTE

O desenvolvimento das massas musculares é rápido e bem distribuído. Os rendimentos no açougue podem ultrapassar 65%. As carcaças são compactas. No Concurso Geral de Paris, de 1961, os resultados referentes a três animais foram os seguintes:

Característica	Novilha c/ 16 m	Novilha c/ 2 anos	Novilha c/ 3 anos
Peso vivo, kg	630	740	764
Peso morto, kg	418	498	525
Rendimento, %	66,3	66,6	68,7

A raça Charolêsa apresenta depósitos de gordura relativamente delgados, motivo pelo qual atende satisfatoriamente à atual procura de carne magra. No entanto, a gordura de infiltração propicia bom sabor à carne. O quadro seguinte revela a proporção de gordura peri-renal e de "cortes" de carne de 1.ª qualidade:

Especificação	% de sebo dos rins	% de cortes de 1.ª
Vitelos de corte	3,82	56-57
"Baby-beef"	2,77	55
Novilhos de 2-3 anos	2,68	51-61
Vacas descartadas	3,36	56

NOTA: "cortes" de 1.ª = partes diversas de traqueiro c/ costelas

Principais tipos de açougue obtidos em França com animais da raça Charolêsa

Especificação	Idade ao abate, meses	Peso vivo, kg	Rendimento, %	Carne, %
Vitelos	2,5-4	130-200	63	—
"Baby-beef"	10-15	300-550	63	79,5
Novilhos	24	650	60	80-84
Novilhas	24	550-600	"	"
Bois	30-36	700-700	"	"
Vacas descartadas	—	750-850	54,5	"

Estes animais foram engordados em pastagens ou em currais, conforme a região. Com o Charolês são obtidos mestiços de 18 a 20 meses com 550- a 600 kg de peso.

LIVRO DE REGISTRO GENEALÓGICO

O Livro A, fechado desde 1920, exige comunicação de nascimento e a inscrição definitiva do produto é feita somente depois de inspeção por Comissão do Herd Book. O Livro B, ou provisório, foi criado em 1959, destinado à inscrição de vacas que apresentem características da raça e que produzam filhas com touro inscrito no Livro A. As fêmeas, com provas de três gerações de ascendentes inscritos no Livro B, podem passar, a título precário, para o Livro A. O Herd Book da Raça Charolêsa tem sede na cidade de Nevers, departamento de Nièvre, rua Gambetta, 9.

Para que seja utilizado em Centro de Inseminação Artificial deve um touro satisfazer a certo número de condições de ordem sanitária e zootécnica. Estas se referem à prova de descendência dos touros jovens. As condições deste teste são idênticas às da utilização ulterior e eventual dos reprodutores (produção de animais magros ou gordos, vitelos de corte, de raça pura ou oriundos de cruzas). Cada Centro submete a prova uma série de tourinhos. Os resultados da série são cotejados com os dos reprodutores que já deram provas servindo no Centro. Depois a série é dividida em três grupos: a) animais a eliminar (mais ou menos a terça parte); b) os que serão utilizados intensivamente; c) os que poderão ser usados moderadamente, em complemento aos anteriores, pela curta duração do período de inseminação dos animais de raça pura, com o propósito

de agrupar as parições. Este método é adotado desde 1956, tendo sido provados 250 touros, cerca de 150 dos quais começaram a servir, em face dos resultados de sua prole (velocidade de crescimento, conformação e aptidão como produtor de carne).

Há 13 concursos ou exposições principais, realizados na maior parte em novembro e dezembro. O Concurso Especial da Raça realiza-se em setembro-outubro; o Concurso Geral de Paris em maio e o Concurso de Animais de Açogue, de Jaligny e Varennes-sur-Allier, também em maio. Estes certames permitem assinalar, a cada ano, um grupo de animais de elite, do qual saem os prêmios honoríficos e o campeonato da raça.

CENTRO TÉCNICO CHAROLÊS

Criado em 1964 pelo Herd Book Charolês, em conexão com os Centros de Inseminação Artificial e os Sindicatos de Controle de Provas, o Centro Técnico Charolês tem o objetivo primordial de coordenar os trabalhos empreendidos pelos seus membros. O trabalho de seleção é obra coletiva, que requer a participação de vários órgãos. Os Centros de Inseminação têm a seu cargo a produção e aplicação de sêmen dos melhores reprodutores. Os Sindicatos de Controle de Provas coletam todos os dados referentes aos reprodutores e fornecem dados já interpretados para o livro de registro genealógico. O Herd

Book Charolês utiliza o conjunto desses resultados e tira suas conclusões. O Centro pode, por exemplo, decidir sobre a conveniência da utilização do sêmen de touros já provados e tidos como os melhores no próprio rebanho de seleção. Estuda também os meios de melhorar a raça, coordena os métodos e reúne os trabalhos executados com esse fim.

INTENSIFICA-SE A EXPORTAÇÃO

A raça Charolêsa tem sido exportada para países de todos os continentes e climas, registrando-se os seguintes números:

Anos	Machos	Fêmeas
1965	23	9
1956	39	17
1957	13	7
1958	40	8
1959	50	54
1960	522	164
1961	309	153
1962	502	159
1963	685	151

É evidente o aumento da exportação a partir de 1960.



CABANHA SANTA MARTA

um ponto alto no mundo
na criação do CHAROLÊS

MUNICÍPIO DE SANTA MARIA - R. G. DO SUL

CHAROLÊS — o gado de prata que vale ouro
RÚSTICO - PRECOCE - PESADO

Semente preciosa para iniciar imediatamente uma experiência que empolgará

CRUZA

ZEBU x CHAROLÊS

ENTREGAMOS REPRODUTORES CHAROLESES P.O. OU P.P.C.
EM QUALQUER PONTO DO BRASIL

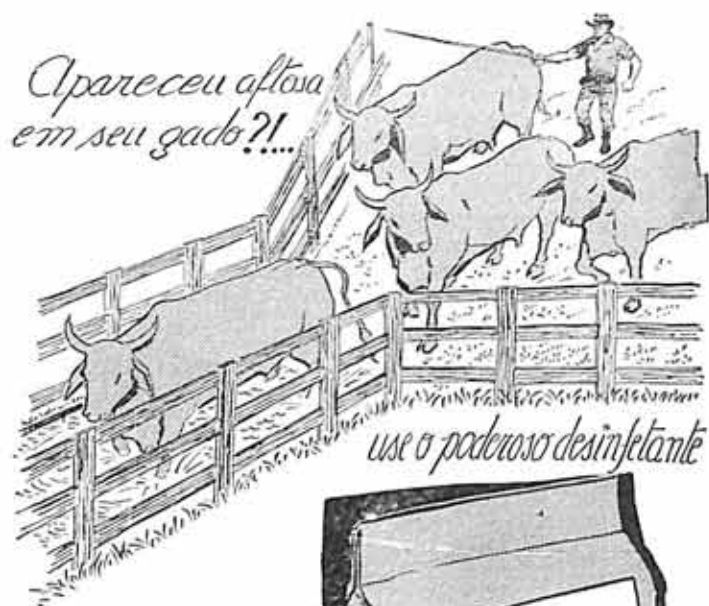
OFERECEMOS FINANCIAMENTO PRÓPRIO ATÉ 15 MESES

CABANHA SANTA MARTA

(de Pacífico de Assis Berni)

AGORA COM ESCRITÓRIO EM SÃO PAULO

PRAÇA ANTONIO PRADO, 33 — 16.º ANDAR — CONJ. 1606 — TELEF. 35-0297 — 36-6482



*Apareceu alta
em seu gado?!*

use o poderoso desinfetante

MIOZOL
EM PÓ
no pedilúvio
ESTE PACOTE
DÁ PARA
200 CABEÇAS



INDÚSTRIAS BIO-QUÍMICAS MIOZOL LTDA.

Rua Estados Unidos, 1586 - End. Telegráfico: **CORUJA**
SÃO PAULO — S.P.

O CHAROLÊS FORA DA FRANÇA

Motivos diversos determinaram total reviravolta nas características do novilho de corte da presente década. Mesmo nos países mais conservadores em matéria de pecuária de corte, como a Inglaterra, a Argentina, a Austrália e, até certo ponto, os EUA, os criadores vêm abandonando paulatinamente o padrão clássico de bovino para o talho, de formas compactas, paralelepípedicas, bem representado pelas famosas e tradicionais raças britânicas Shorthorn, Hereford e Aberdeen Angus.

Para atender à nova tendência ou preferência do mercado consumidor, os criadores dos países de clima temperado vêm adotando vários planos de cruzamento, de que participam, principalmente, as raças Charolêsa, Holandêsa malhada de preto, Chianina e algumas outras. Nos países situados nos trópicos e sub-trópicos, a maioria das combinações de sangues é feita, evidentemente, com as raças zebuínas e a raça Charolêsa.

Nos E.U.A., o gado Charolês vem sendo cruzado com outras raças há mais de 25 anos. Criadores dos estados sulinos visam a formação de novos tipos adaptados para o meio, daí surgindo o "Charbray" (mescla de Charolês com o Brahman, ou Zebu americano) e o "Charford" (Charolês com Hereford). Animais de sangue Charolês têm vencido provas de velocidade de crescimento ou de ganho em peso realizadas na Flórida, no Texas e em outros estados.

Desde 1954, a Câmara de Comércio do Leite da Inglaterra e País de Gales vem estimulando a realização de experiências de cruzamento entre touros Charolêses e Herefords com vacas de raças leiteiras. Os touros Charolêses, importados da França, são mantidos em estações experimentais ou centros de inseminação artificial. As vacas inseminadas pertencem às raças British Friesian (semelhante à Holandêsa malhada de preto), Shorthorn leiteira, Ayrshire, Guernsey e Jersey. Os zootecnistas britânicos, muito cautelosos como sempre, examinam os resultados com o maior rigor técnico-científico, pois, além de outros problemas, está em jogo o futuro de suas tradicionais raças especializadas para o açougue.

Outros países europeus, tais como a Dinamarca, a Itália e a Espanha estão igualmente empenhadas na realização de experiências com touros Charolêses ou seu material seminal.

Na República Argentina, onde sempre houve tenaz relutância contra a introdução de outras raças que não fôssem as três citadas estirpes britânicas, notícias recentes dão conta de desusado interesse do criador e do governo pela raça branco-creme da França. Na última exposição celebrada em Palermo, um touro Charolês foi negociado por 1.800.000 pesos argentinos, ou 13.400 dólares (29,5 milhões de cruzeiros) e uma vaca por 820.000 pesos. Em 1964, um criador argentino adquiriu no Concurso Geral de Paris o campeão "Sans Souci", por 110.000 NF ou 22.200 dólares. Nesse mesmo certame, países como Peru, Grã Bretanha, E.U.A., Japão, URSS, Espanha e República Sudafricana mostraram grande interesse pela raça Charolêsa, realizando compras de vulto. Na Argentina, em fins de 1964, havia 848 bovinos Charolêses inscritos em Herd Book, entre os quais 163 reprodutores machos.

NO BRASIL E EM S. PAULO

No Brasil, a raça Charolêsa é conhecida há mais de 40 anos. Em 1922, figuraram na Exposição do Centenário da Independência vários espécimes enviados pelo Sindicato de Exportação da França. No Estado do Rio Grande do Sul, onde a introdução se deu provavelmente antes dessa data, a raça Charolêsa tem sido criada com êxito, mormente na região serrana. Outros Estados brasileiros, tais como Santa Catarina, Paraná, São Paulo e Minas Gerais, contam com pequenos planteis de gado puro ou utilizam reprodutores em cruzamento, notadamente com zebus da raça Nelore ou Indubrasil. Em São Paulo, além de vários criadores que se vêm destacando nas últimas exposições especializadas de bovinos de corte, cresce o interesse pela raça ou pelo novo agrupamento de bovinos "Canchim", formado pelo Ministério da Agricultura, sob a direção do zootecnista A. Teixeira Vianna. O gado "Canchim" tem aproximadamente 5/8 de sangue Charolês e 3/8 de sangue Indubrasil. Numerosos detalhes a respeito deste novo agrupamento de bovinos para corte têm sido divulgados por Vianna e seus colaboradores.

Para conhecer o número e destino dos bovinos de uma raça entrados recentemente no Estado de São Paulo recorre-se ao movimento de animais no Serviço de Premunicação contra a Babesiose Bovina do Departamento da Produção Animal da Secretaria da Agricultura. Segundo informações dadas gentilmente pelo Dr. Ernesto Ranali, encarregado desse Serviço, de 1961 a 1966 foram submetidos a tratamento preventivo contra a "Tristeza" 120 exemplares da raça Charolêsa, incorporados ao rebanho dos srs. Dâzio, Freire Meirelles, (Campinas), Eugênio Belotti (Campinas) João de Souza Dantas (Indaiatuba), Oscar Martínez S. A. Chateaubriand, e Sra. Barbara Salembier (Jaguariuna).

NOSSO
ESTÍMULO
À

A GRICULTURA E PECUÁRIA

O "BANCO DO COMMERCIO E INDUSTRIA DE S. PAULO S/A" expandindo seu programa de estímulo à lavoura e à pecuária, está presente em suas mais destacadas atividades para financiar a compra de fertilizantes, máquinas agrícolas e, nas "Feiras", a aquisição de reprodutores.

- FINANCIAMENTO A LONGO PRAZO
- AGENTE DO FUNAGRI

Fichas Cadastrais atualizadas, permitirão a nossos bons clientes um atendimento mais rápido em qualquer de nossos Departamentos em que fôr iniciada a operação.



Banco do Commercio e Industria de São Paulo S/A

FUNDADO EM 1889

TÃO ÚTIL NA VIDA PÁRTICULAR COMO NA VIDA EMPRESARIAL



ACONTECIMENTO EXTRAORDINÁRIO PRIMEIRA EXPOSIÇÃO-FEIRA

O Paraná alinha-se entre os grandes Estados

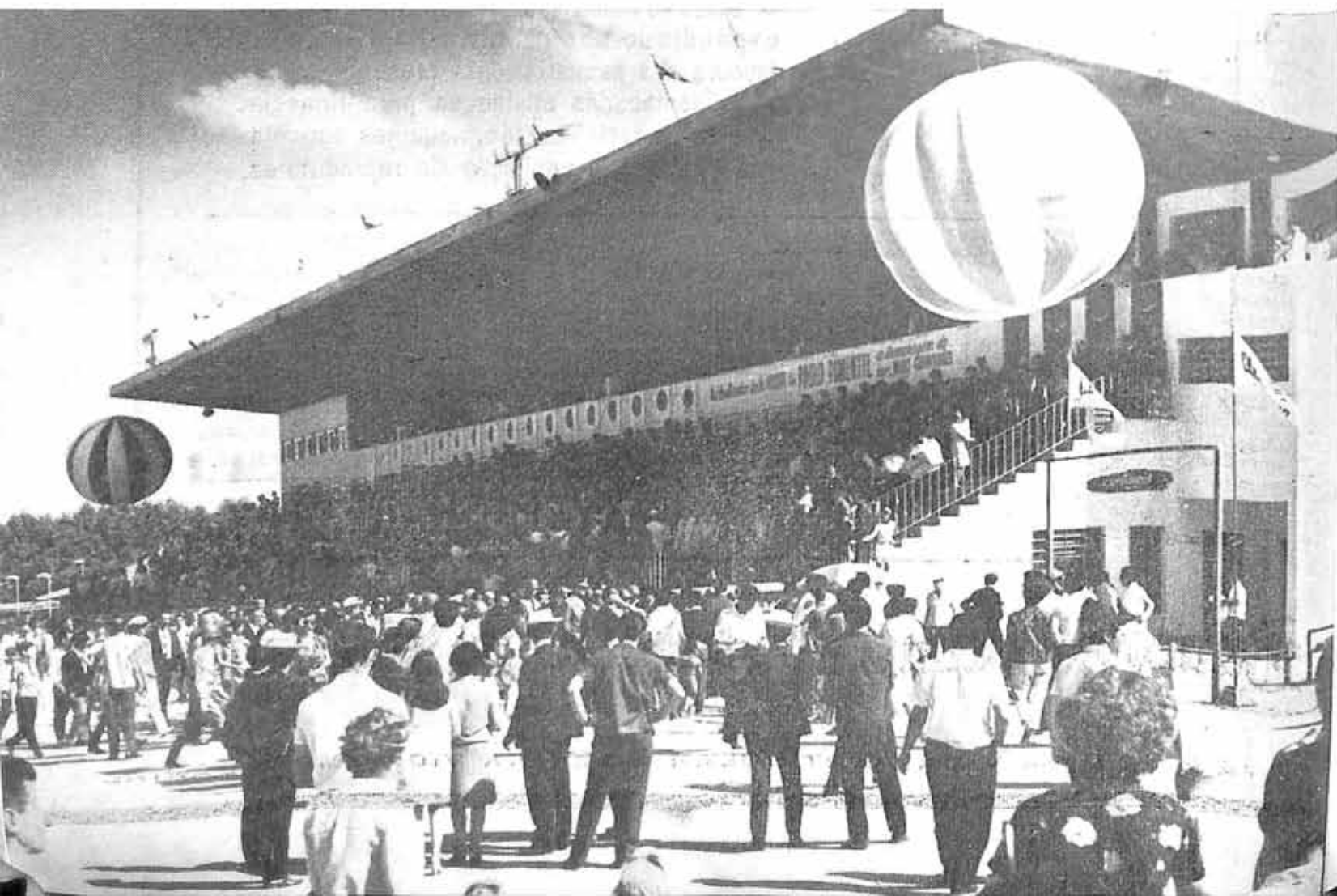
Quem passou pela BR-116 (antiga BR-2, ligando o Extremo-Sul do País ao Rio de Janeiro) no período de 11 a 19 de março, certamente surpreendeu-se com um acontecimento extraordinário no quilômetro 387, entre Curitiba e São Paulo. Alguns viajantes, por falta de tempo, continuaram seu caminho, levando consigo a dúvida sobre o que estava ocorrendo; mas, aqueles que tiveram a curiosidade de se desviar 1.800 metros à margem da rodovia federal ficaram ainda mais surpresos, quando vislumbraram uma espécie de cidade-satélite esbanjando

progressos... Tratava-se do "Parque Presidente Castelo Branco", recinto da Primeira Exposição-Feira "Governador Paulo Pimentel", certame de caráter nacional, da Terceira Exposição Feira de Animais e Produtos Derivados do território paranaense.

Com efeito, durante mais de uma semana, Curitiba foi a capital brasileira da pecuária, polarizando o interesse nacional para os benefícios de intercâmbio técnico e comercial entre os numerosos expositores de animais.

Durante mais de quatro meses, a Secretaria da

A pecuária hoje é uma das maiores riquezas do Paraná. Muito bem anda o Governo do Estado ao procurar atrair a atenção do povo para essa riqueza a fim de que venha estimulá-la e respeitá-la.



ORDINÁRIO A DE CURITIBA

ristas do Brasil

Agricultura do Paraná cuidou com carinho da elaboração do programa da Exposição, objetivando fundamentalmente reunir no Parque "Presidente Castelo Branco" os melhores plantéis nacionais de bovinos, suínos, caprinos, bubalinos, muares, aves e outras espécies animais, para que os técnicos e criadores pudessem analisar os progressos obtidos ultimamente pela pecuária.

Nos anos anteriores, a mostra restringiu-se ao âmbito estadual, mas a evolução dos plantéis de gado leiteiro e de corte dos criadores paranaenses recomendou a extensão do certame ao plano nacional, providência plenamente justificada pelo êxito da Primeira Exposição-Feira, a qual como disse o secretário da Agricultura, sr. José Theodoro Miró Guimarães, "constitui mais do que um simples acontecimento isolado".

"E, para nós — salientou — a orgulhosa constatação de que o Paraná conquistou, pelo trabalho de sua gente, pelo amor de seu povo e pela serena ternidade de seus administradores, o direito de se incluir entre os precursôres de uma nova imagem brasileira de progresso realista e desenvolvimento integrado.

"Durante dois séculos — continuou o titular da Agricultura paranaense — fomos o elo estreito do Brasil: o do Norte e do Sul. Dos campos Gerais de Curitiba, de Palmas ou de Guarapuava, saíram os homens que colonizaram muitos pontos do Rio Grande do Sul. Por aqui muitos vaqueiros passaram, deixando São Paulo. Para cá vieram colonos de todos os pontos do Brasil, unidos por uma única convicção: a riqueza e a enorme importância geográfica e econômica desta terra. Eis porque o Paraná se transformou num pequeno universo étnico e num verdadeiro laboratório de progresso".

Pelos caminhos históricos do desenvolvimento paranaense, a pecuária, na opinião do sr. José Miró Guimarães, veio desmentir velhos e superados tabus que a essa atividade atribuíram o caráter de fator predatório da terra e de despovoamento, com base no refrão de que "onde pisa o boi, sai o homem". Na realidade, "ela mostrou que não é um fator de deformação das estruturas, funcionando, ao contrário, como ponderável elemento estabilizador da economia, "e caracteriza também um ciclo de importância comparável aos da extração da madeira e da erva-mate e da cultura do café. Desde que praticada racional e tecnicamente, a pecuária pode integrar-se no surto desenvolvimentista.

MUITO TRABALHO

Para atingir esse estágio de evolução dos métodos de criação em fazendas paranaenses, muita energia se consumiu. A jornada se fez conjuntamente pela associação de propósitos entre criadores e o govê-



O sr. Paulo Pimentel, Governador do Estado do Paraná, ao inaugurar o certame máximo da pecuária paranaense.

no: os primeiros, querendo obter sua maioria no cotejo com colegas de centros criacionais tradicionalmente mais evoluídos do País; o Governo, por sua vez, sentindo essa predisposição, não pôde fugir à tarefa de estimular os pecuaristas, por via da concessão de facilidades que pudessem retirá-los do empirismo nesse setor de atividade.

Daí haver sido elaborado o programa de incentivo à melhora dos plantéis que, de 1961 para cá, têm apresentado resultados surpreendentes, não apenas



Uma das filhas do sr. José Miró, secretário da Agricultura, conduz um campeão da Estância Miró.



Foi grande o comparecimento de interessados e leigos ao certame pecuário de Curitiba. Melhor do que as palavras fala o clichê acima.



A campeã vaca Aberdeen-Angus é conduzida pela senhorita Miró.



No centro, o secretário da Agricultura, sr. José Miró; e, ao lado, o sr. Vidal Idony Stockler, quando em conversa com o sr. Jaime Donio, representante da "Revista dos Criadores".

para os técnicos e criadores deste Estado, mas principalmente para os observadores de outros pontos do País, que tiveram oportunidade de conhecer os rebanhos da década de 60 para trás e os daquela época até agora. Parece até que houve milagres. Mas, a título de lembrança, basta citar que mais de sete mil reprodutores bovinos (Gir, Nelore, e Guzerá) foram introduzidos nos plantéis paranaenses desde então. Somente no ano passado, a secretaria da Agricultura distribuiu mil e duzentos reprodutores bovinos de alta qualidade aos criadores paranaenses, recebendo em troca reprodutores de baixo padrão zootécnico. Ainda no ano passado, foram distribuídos 1 100 reprodutores suínos qualificados e teve início o programa de estímulo à pecuária leiteira, por meio do financiamento de novilhas Holandesas a numerosos produtores de leite.

Obedecendo a um esquema racional, o programa de melhora da bovinocultura atendeu criadores de diferentes municípios paranaenses, objetivando sempre o equilíbrio do trabalho pecuarista com as demais atividades econômicas das áreas produtivas.

UMA SENHORA EXPOSIÇÃO

Por esse motivo, os visitantes ficaram surpresos ao deparar no recinto do Parque "Castelo Branco", criadores de Curitiba, Palmeira, Umuarama, Ponta Grossa, Castro, Londrina e Foz do Iguaçu (no Extremo-Oeste do Estado), e de outros municípios paranaenses, onde a pecuária alcançou um estágio satisfatório em padrões técnicos.

No ano passado, na segunda mostra de animais, os exemplares expostos representavam numericamente a metade do total inscrito este ano, aproximadamente 1.300. Contudo, o índice de melhora verificado nos plantéis presentes naquela Exposição foi um dos fatores responsáveis e determinantes da extensão do certame ao âmbito nacional. O Paraná havia confrontado suas qualidades, em termos pecuários, apenas entre gente da casa. Era preciso, porém, buscar um lugar ao sol lá fora, entre gente importante. Daí, a razão da Primeira Exposição Feira "Governador Paulo Pimentel".

E para surpresa não apenas dos visitantes, mas também dos seus organizadores, a mostra ganhou imediatamente dimensão nacional, atraindo as aten-



Visitantes ilustres, quando da visita do Presidente do Tribunal de Contas e assessores. Foram recebidos pelo secretário da Agricultura que, pessoalmente, acompanhou-os percorrendo todo o recinto da mostra. Vemo-los apreciando a figura número um do certame — Ricardo — afamado reprodutor Charolês, importado da França e pertencente ao plantel da Secretaria da Agricultura do Paraná.

ções de todo o País. Espontaneamente, estancieiros de "cabañas" gaúchas, catarinenses, paulistas, mineiras, goianas ou cariocas vieram a Curitiba apresentar seus plantéis ou observar os dos outros. Para ilustrar a repercussão nacional do certame, é interessante citar o caso de um fazendeiro do Rio Grande do Sul que, tendo sabido da promoção do Governo paranaense no último dia permitido para as inscrições, incontinentemente deixou a barbearia, onde se encontrava e embarcou no primeiro avião para Curitiba, a fim de garantir a participação de exemplares dos seus rebanhos na mostra. Fato semelhante aconteceu com uma delegação de Goiás, que viajou 25 horas para assistir à Exposição.

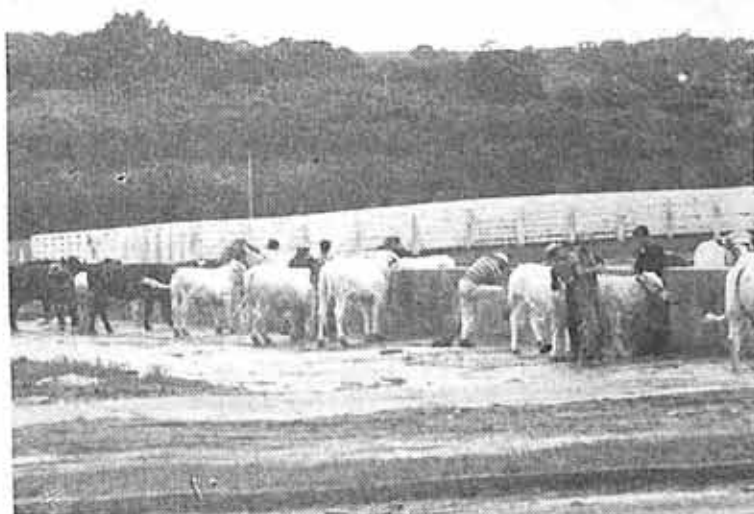
Todos quantos visitam o Parque "Presidente Castelo Branco", desde técnicos, até pessoas leigas em assuntos agropecuários, são unânimes em acentuar o alto gabarito do recinto para promoções dessa amplitude. Mesmo assim em face do caráter da Exposição, extensiva a todo o País, as autoridades paranaenses promoveram uma série de melhoramentos no parque, remodelando várias dependências ou construindo outras, num trabalho incessante, que durou meses. A área construída, que era de 9 mil metros quadrados, passou para 18 mil metros, representando principalmente novos galpões e estábulos para animais, aviários, recintos para alimentação e bebedouros, bem como para tratamento e assistência médico-veterinária dos plantéis.

Localizado a 10 quilômetros de Curitiba, na estrada BR-116, o "Parque Castelo Branco" é palco permanente de exposição dos plantéis da Secretaria de Agricultura e, anualmente, dos certames pecuaristas como esse há pouco encerrado. Sua proximidade da capital paranaense e condições de fácil acesso, por via asfaltada, constituem fatores que o qualificam como uma das melhores sedes nacionais para exposições de animais. Além dos pavilhões para abrigo dos plantéis, o parque dispõe ainda de amplo pátio central para desfiles ou apresentação de "shows" artísticos; arquibancada coberta, servindo também para sede administrativa; parque infantil-juvenil; restaurante e churrascarias típicas, com capacidade para atender milhares de visitantes.

Nessa estrutura geral foram apresentadas cerca de 1.300 exemplares de bovinos (Gir, Nelore, Guzerá, Kangayan, Charolês, Polled, Hereford, Aberdden angus, Santa Gertrudis, Chianina e outras raças), suínos, equinos, bubalinos, etc., representando os melhores plantéis da pecuária nacional.

O alto padrão dos animais expostos foi patenteado nos leilões, pelos lances-base para negócios. Visan-

(Conclui na pág. 62)



São perfeitas as instalações do Parque Castelo Branco. Aparece no clichê um dos lavadouros.



O desfile dos campeões foi o que poderíamos chamar de êxito retumbante. O Grande Campeão da raça Holandesa preta e branca, São Gerônimo, propriedade do criador Miguel Martinez Falero, destacou-se sobremaneira pela alta classe. São Gerônimo apadeceu à testa dos demais reprodutores premiados.

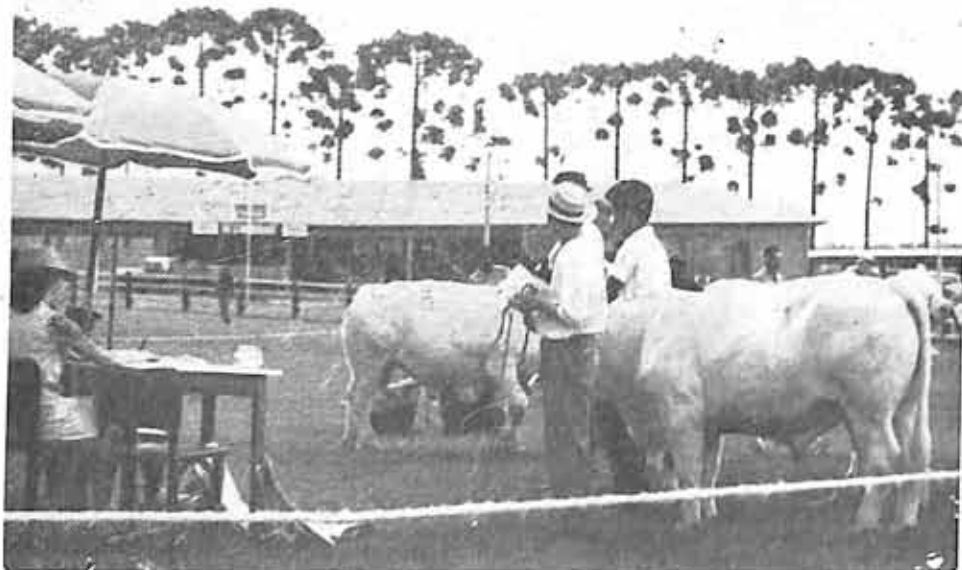
Atentem para a harmonia de suas linhas.



A "Cidade Sorriso" confirmou o "slogan". Foram incansáveis na atenção as recepcionistas, que deram uma nota alegre à Exposição. Lindas jovens, funcionárias da Secretaria da Agricultura, formaram simpático grupo de "anfitriãs", atendendo a todos com a máxima simpatia e um sorriso nos lábios.

Desfilaram pelo centro da cidade de Curitiba faixas de estabelecimentos de ensino agrícola do Paraná, encabeçadas pelas Rainhas dos Clubes Agrícolas. Durante a semana, a vida de Curitiba girou em torno de sua Exposição de Animais que, diga-se, foi uma das mais belas e mais bem organizadas que já vimos no País. Parabéns à direção da Secretaria da Agricultura do Paraná que, em apenas três anos, superou antigos e tradicionais certames nacionais.





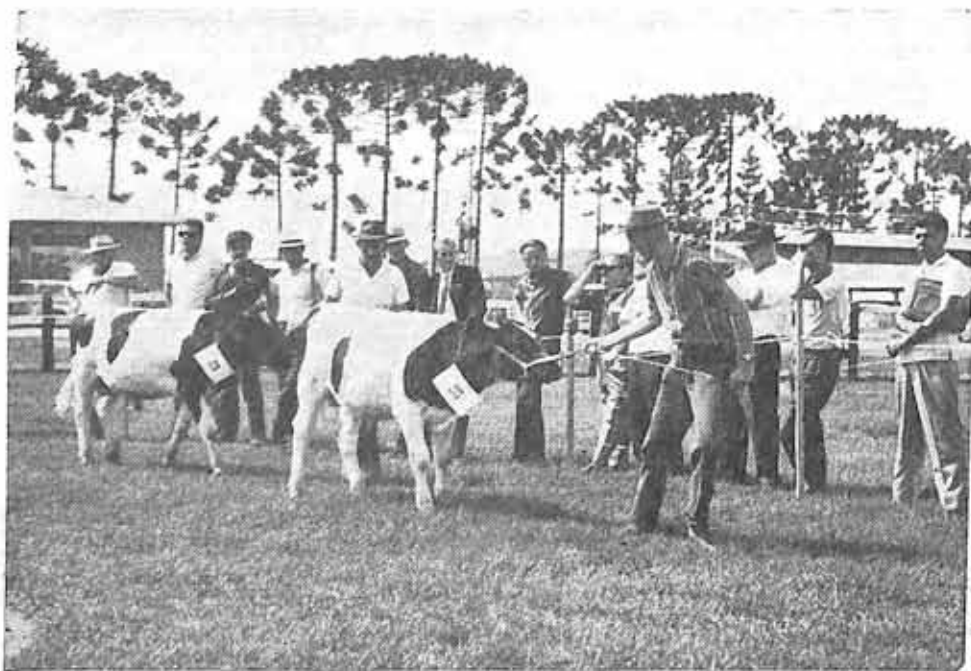
Julgamento do "Gado de Prata que vale Ouro". O Charolês, que na terra de De Gaule é a raça principal, no Brasil vem merecendo a maior atenção dos nossos criadores. No Paraná, a espécie bovina progride a olhos vistos, como bem prova o clichê.



UNANIMIDADE:

UMA EXPOSIÇÃO EMPOLGANTE

UMA PECUÁRIA ADIANTADA



Os peões dos diversos plantéis da raça Holandêsa, variedade preta e branca, apressam-se em conduzir os produtos para a pista de julgamento, assistidos por criadores que aguardam os resultados com viva expectativa.

Técnicos de outros Estados que fazem parte das comissões julgadoras dos animais inscritos na Exposição Feira Governador Paulo Pimentel, realizada no Parque Castelo Branco, em Curitiba, manifestaram-se empolgados com o progresso alcançado pela pecuária paranaense, especialmente no setor bovino de leite, no qual o Estado, em poucos anos, alcançou a posição de terceiro maior produtor do País.

DESENVOLVIMENTO EM QUANTIDADE E EM QUALIDADE

O sr. Onofre Pereira de Carvalho, diretor da Associação Brasileira de Gado Holandês, convidado a integrar a comissão julgadora de bovinos das raças leiteiras, declarou que "o Paraná, em tempo recorde, rea-

lizou prodígios no tocante ao desenvolvimento de seus plantéis de gado de leite, que, em um passado não muito distante, eram pouco expressivos. O fato de em pouco tempo o Estado se firmar na condição de terceiro maior produtor de bovinos leiteiros — frisou — é, por si só, bastante significativo. E é mais importante ainda por saber-se, que esse progresso, que atinge também o setor de gado zebuino, não corresponde apenas ao aumento quantitativo dos rebanhos, mas — e principalmente — à sua melhoria qualitativa”.

EVOLUÇÃO QUE É QUASE UM MILAGRE

O sr. Valter Carvalho Miranda, técnico da Secretaria da Agricultura de São Paulo e integrante da comissão julgadora de bovinos das raças indianas, confessou-se impressionado com a rapidez da evolução do rebanho bovino paranaense, fato que “consideraria um milagre, se acreditasse em milagres”. Disse ter participado das duas últimas exposições de animais promovidas pela Secretaria da Agricultura do Paraná e que, portanto, é “testemunha ocular do que se fez nestes últimos três anos no Estado em termos de melhoramento da pecuária”. Afirmou ser a pecuária um setor que responde de maneira especialmente positiva aos estímulos que recebe. E este grande desenvolvimento ocorre “porque há, por parte da Secretaria da Agricultura do Paraná, visível esforço no sentido de criar a estrutura exigida pelos criadores para produzir mais e melhor”.

— “Em poucos anos — acentuou o sr. Valter Miranda — o Paraná será dono de um rebanho de gado leiteiro e de corte que nada ficará a desejar aos centros onde a pecuária foi implantada muito anteriormente. O trabalho que o governo do Paraná vem desenvolvendo no setor é muito importante e seus primeiros resultados já estão sendo recolhidos no presente”.

“Apenas uma verificação de-

monstra o quanto de positivo já acarretaram os programas que o Paraná desenvolve para estimular e amparar a sua pecuária: há oito anos atrás, 70% da carne que o Estado consumia eram importados; hoje, a importação cifram-se apenas em 10%.

ESTÍMULO EXCEPCIONAL PARA OS CRIADORES

O sr. Antonio Carlos Pinheiro Machado, técnico da Secretaria da Agricultura do Rio Grande do Sul e membro da comissão julgadora de bovinos de raças leiteiras, declarou que a Secretaria da Agricultura do Paraná, ao promover a Exposição-Feira “Governador Paulo Pimentel”, em caráter nacional, “proporciona um estímulo excepcional aos criadores não só do Paraná, mas também de todo o País”. Disse que a mostra facilita o intercâmbio entre pecuaristas e técnicos dos mais diferentes pontos do território nacional, que podem discutir problemas comuns e assimilar conhecimentos que lhes serão de grande utilidade.

UMA DAS MELHORES EXPOSIÇÕES DO CONTINENTE

O sr. Eliseu Lamarche, pre-

sidente da Sociedade Rural do Triângulo Mineiro, disse ao governador Paulo Pimentel, que conhece todas as exposições pecuárias que se realizam no País, mas, como esta, ainda não viu nenhuma. “Sem dúvida — afirmou — o Paraná conseguiu realizar uma mostra pecuária que rivaliza não só com as melhores de todo o País, mas também com as mais famosas de toda a América do Sul e América Central.” Elogiou a alta qualidade dos animais expostos, sobretudo os das raças européias e de leite.

DEMONSTRAÇÃO DA PUJANÇA DO PARANÁ

O deputado federal Antonio Ueno, representante da cafeicultura paranaense na Junta Administrativa do IBC, manifestou seus aplausos ao governador Paulo Pimentel e ao secretário da Agricultura, sr. José Miró Guimarães, pelo êxito da Exposição-Feira do Parque Presidente Castelo Branco, a qual, segundo afirmou, teve excelente repercussão no Congresso Nacional, “como uma demonstração da pujança da agropecuária do Paraná”.



A suinocultura na terra dos pinheirais vai bem, obrigado. O clichê atesta fielmente nossa afirmativa, apresentando alguns espécimes da raça Londrace, que aguardam o momento do julgamento.



TREBOL — acariciado pelo novo dono. Este touro Holandês, que conquistou o 1.º prêmio e o reservado de Grande Campeão, Campeão 2 anos, foi adquirido em leilão pela Secretaria da Agricultura do Paraná por onze mil cruzeiros novos (onze milhões de cruzeiros velhos) da Fazenda Santa Angela S.A., de Miguel Martines Falero. O sr. José Miró Guimarães, secretário da Agricultura, mostra-se satisfeito com a nova aquisição que irá reforçar o plantel da Secretaria.

Ao inaugurar a Exposição-Feira "Governador Paulo Pimentel", o sr. José Miró Guimarães, secretário da Agricultura, disse que a realização do grande certame era "a orgulhosa constatação do que o Paraná conquistou, pelo trabalho de sua gente, pelo amor de seu povo, pela serena tenacidade de seus administradores, o direito de se incluir entre os precursores de uma nova imagem brasileira de progresso realista e desenvolvimento integrado".

Destacou o titular da Agricultura a atuação de homens forjados na dura faina da terra, costumados às dificuldades e possuídos do verdadeiro espírito de patriotismo, infensos à politicagem, aos concluíos e ao ambiente das antessalas palacianas. "Homens como Paulo Pimentel, que já no dinâmico governo Ney Braga, se dedicava com ardor e dedicação ao primeiro Plano Nacional de Alimentação que o Paraná apresentou ao Governo Federal e que nunca deixou de dar a mais rigorosa prioridade às necessidades do povo brasileiro. Homens como Ivo Arzua, a quem caberá, no governo Costa e Silva a difícil tarefa de cumprir a meta de implantação da nova estrutura agropecuária brasileira". Concluindo, afirmou o sr. José Miró Guimarães que "estes não são os homens guiados por interesses menores, nem se preocupam com os lamentos dos eternos derrotados. Eles acreditam em Deus, na liberdade de sua terra, em seu trabalho e nos homens que governam".

VENCENDO UMA FASE HISTÓRICA

Falando de improviso, o governador Paulo Pimentel reportou-se à situação precária da agropecuária paranaense, antes da assunção do sr. Ney Braga ao governo do Estado. "Caminhamos dias difíceis, lutamos muito. Sacrificios foram exigidos para o povo paranaense, que sofreu bastante. Mas agora estamos vencendo uma fase histórica. Neste momento, quando nossa arrecadação não é suficiente, podemos dizer que no Paraná não existe escola sem professora nem criança sem escola. É com esse orgulho que inauguro a Exposição. Graças a Deus o povo está do nosso lado".



O Paraná conquistou seu lugar na pecuária brasileira



O recinto da exposição apresentava-se engalanado por enormes balões de plástico e bem decorados estandes, faziam parte do conjunto de atrações. A colônia holandesa fez-se representar por laticínios da Batavo e Castrolanda.



O Paraná caminha a passos largos

A grande arrancada desenvolvimentista, que se observa em todos os setores de produção do Paraná assinala-se de forma particularmente marcante na área da pecuária. Existe, nesse terreno, uma plena identificação entre o governo e o produtor, cujos frutos estão sendo recolhidos em prazo muito mais curto do que o previsto pelos técnicos.

O plano de aprimoramento dos rebanhos vem sendo executado com todo o rigor. Por esse programa, o governo, através da secretaria da Agricultura, distribui aos pecuaristas reprodutores de raça, sem nada cobrar, exigindo apenas que, para cada exemplar que receba, o criador devolva outro, de baixa qualidade.

É nessa permuta que reside a essência do programa: introduzir animais de elevado pa-

drão zootécnico, subtraindo os de categoria inferior, responsáveis pela degenerescência do rebanho. Trata-se de injetar sangue novo nos plantéis, e, paralelamente, proporcionar estímulo aos produtores para que passem a ter como preocupação básica a seleção dos animais.

Em 1966, as metas do plano de fomento à pecuária não só foram atingidas, mas também superadas. Era prevista a distribuição de 1.000 reprodutores bovinos e 1.100 suínos. Entretanto, quando, no dia 31 de dezembro, o secretário da Agricultura, sr. José Miró Guimarães, encerrou as distribuições, haviam sido entregues 1.200 reprodutores bovinos, principalmente das raças Nelore e Gir, e 1.450 suínos das raças "Duroc-Jersey" e "Wessex".

Essas atividades, juntamente com um novo critério assistencial, a assistência direta (os técnicos da Secretaria da Agricultura vão aos pecuaristas para ouvir seus problemas e fazer-lhes sugestões) formaram no criador paranaense uma mentalidade mais evoluída, tornando-o um homem compenetrado de que produzir muito não é suficiente; é preciso também produzir melhor.

E, quem visitar o Parque "Castelo Branco", conhecerá o Centro Técnico de Avicultura, que deverá ficar concluído até o mês de agosto. A secretaria da Agricultura, com o aviário gigante que ali está sendo instalado, terá condições de produzir 100.000 pintos por mês, todos das melhores raças, para distribuição entre os avicultores do Estado, como medida de incentivo a esse setor de produção.



101.630,00 cruzeiros novos foi a renda do leilão

O primeiro leilão que se realizou no Paraná rendeu mais de cem milhões de cruzeiros antigos, resultado considerado excelente, e é mais um dado que consolida o Paraná como grande centro pecuario.

Reprodutores selecionados, dos plantéis paranaenses e de outros Estados, foram postos à venda, tendo os pecuaristas financiamento do Banco do Brasil e do Banco do Estado do Paraná. O movimento global no transcorrer da semana atingiu NCr\$ 101.630,00.

A maior compra da exposição foi realizada pela própria Secretaria da Agricultura paranaense, que pagou NCr\$.. 11.000,00 por um touro da raça Holandesa, propriedade do criador Miguel Martinez Faleira.

Foram arrematados em leilão 83 animais, dos quais 32 bovinos da raça Holandesa, 22 da Charolesa, 8 Nelore, 6 Gir, 3 Guzerá e 7 suínos. Os arrematados por preços mais altos, depois do touro Holandês, são os seguintes:

1. Terneiro Charolês, de Gasparotto e Campetti, arrematado por NCr\$ 6.000,00, pelo criador Flavio José Lacerda (Guarapuava, Paraná);

2. Terneira Charolesa, de M. U. Cesar & Irmãos, vendida a Dirceu Martins do Nascimento (Palmeira das Missões, Rio Grande do Sul), por NCr\$ 3.000,00;

3. Terneira Charolesa, de Lauro Antonio Martinelli, também por três milhões antigos, para o criador Anibal Virmond Jr. (Guarapuava, Paraná);

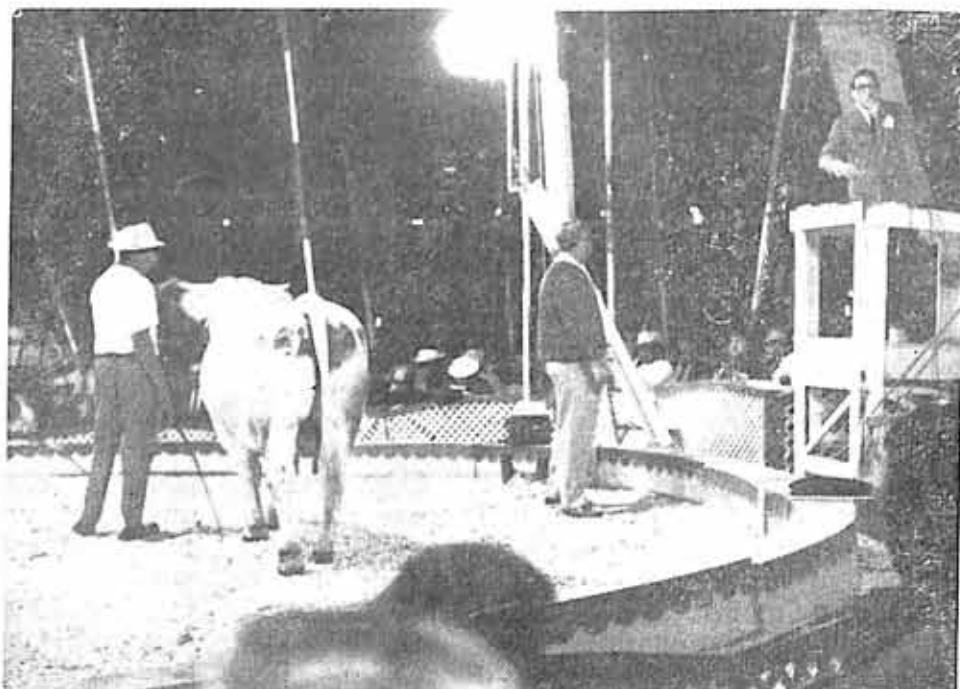
4. Touro Charolês, "Apolo do Canguiri", do Governo do Estado, vendido por três milhões antigos também a Anibal Virmond Jr.

5. Touro Nelore, de Adão Antonio da Silva, arrematado por NCr\$ 2.400,00 por — Nel-

son Faria de Lacerda (Guarapuava);

6. Três fêmeas suínas, propriedade de Irmãos Migliavacca, arrematadas por dois mil cruzeiros novos cada uma (NCr\$ 6.000,00 totais) pelo criador Pedro Calero Hernandes;

7. Touro Aberdeen Angus, de José Arruda Ramos, comprado por Aquiles Dalcol (Curitiba) por NCr\$ 1.700,00.



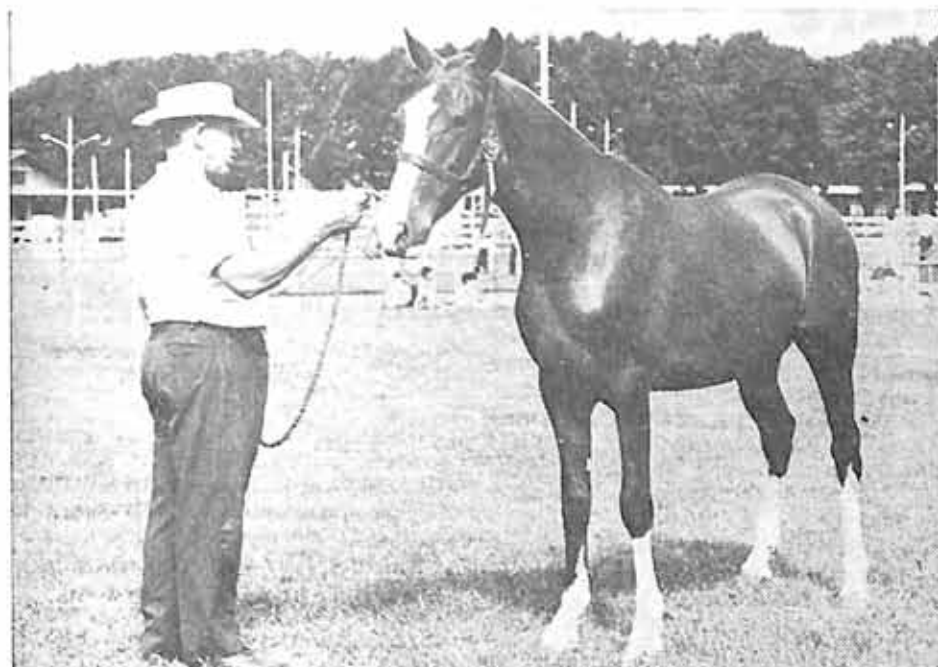
LEILAO NO CIRCO — Em virtude do mau tempo nos dias do leilão, os coordenadores resolveram, para maior comodidade dos interessados, utilizarem-se do Circo instalado no Parque Castelo Branco. Para comandar os leilões, a Secretaria da Agricultura contratou o sr. Trajano Silva. Foram arrematados 83 animais, dos quais 32 bovinos da raça Holandesa, 24 da Charolês, 9 da Nelore, 6 da Gir, 3 da Guzerá e 7 suínos.



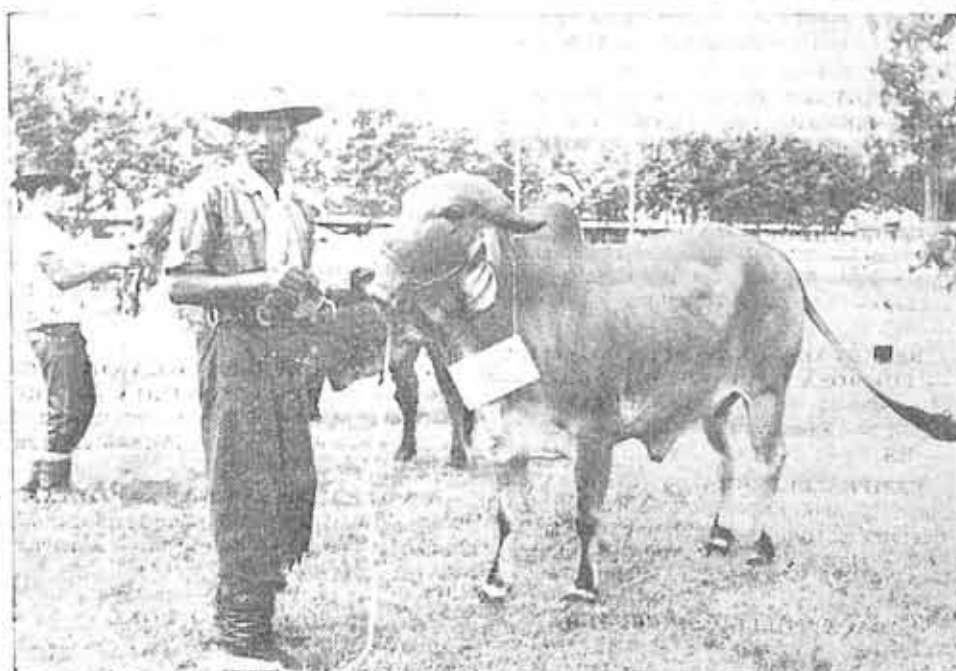
Os expositores

A mostra nacional de animais contou com a presença dos seguintes expositores: Adalberto de Castro Scherer, de Engenheiro

Beltrão; Adrianus Martinus Sleutjes, de Castro; "Agrobrás Brasil Agropecuária S/A", de Sengés; Alaor Gemael, do Instituto de



GRANDE CAMPEAO MANGALARGA — Batel do Enepe, propriedade do sr. Norman Prochet, Fazenda Dois Córregos, de Quêrência do Norte, PR.



GIR do plantel da Estância Miró S.A., Fazenda Santa Guilhermina, de propriedade do Secretário da Agricultura do Paraná, Sr. José Miró Fernandes.

Biologia de Curitiba; Alcy Antonio Xavier da Silveira, Umuarama; Amantino Barreto da Costa — Lagoa Vermelha, Rio Grande do Sul; Anibal Virmond Júnior — Curitiba; Antonio Carlos Piniheiro Machado — Pôrto Alegre; Arnaldo Bothmann — Rio Grande do Sul; Aron Kipel — Lages, Santa Catarina; Bruno Feigenbarn — Fazenda Estrêla, Rio Grande do Sul; Carlos Augusto Foltran — Ponta Grossa; Celso Garcia Cid — Londrina; Claudio Paiva — Indaiatuba, São Paulo; Condomínio Hélio Moreira Cesas & Irmãos — Lages; Cooperativa Agropecuária Arapoti Ltda. — Arapoti; Cooperativa Agropecuária Batavo — de Carambei; Cooperativa Mista Agropecuária Witmarsum Ltda., de Palmeira; Danilo Vautier Franco — Pirituba, São Paulo; Dario Vilela Bittencourt — Ponta Grossa; Dirceu Martins do Nascimento — Curitiba; Dohér Nimar e Laércio Nicolau — de Arapoti; Estância Piniheirinho — Lages; Evaldo Mehel — Estrêla, Rio Grande do Sul; Francisco Luiz Taglianetti — Itápolis, São Paulo; Guilherme Medeiros Echenique — Pelotas, Rio Grande do Sul; Gabriel Donato de Andrade — Calciolândia, Minas Gerais; Garibaldino Lourenço de Lima — Lagoa Vermelha; Giannandrea Matarazzo — São Paulo; Giovanni Lourenço Ridolfi — Maringá, Paraná; Granja Agropastoril Medianeira — Medianeira, Paraná; Granja São Carlos — Pôrto União, Santa Catarina; Guilherme Campos Sales — Americana, São Paulo; Harry Antunes — Estrêla; Harry — Prochet — Londrina e Quêrência do Norte; Homero Rosa Souza Pelotas; S.A. Indústria & Comércio Concórdia — Santa Catarina; — Instituto Adventista Paranaense — Curitiba; Irmãos Le Bourbegat — Foz do Iguaçu; Irmãos Sleutjes — Castro; Irmãos Migliavacca & Cia. Ltda. — Casca, Rio Grande do Sul; Itamar Pucci — Lages; Joham Bonda — Ponta Grossa; João Carlos Timmers — Pôrto Alegre; José Abelardo Alcântara — Londrina; José Cypriano Nunes Vieira — Bagé, Rio Grande do Sul; Leon Israel Agrícola & Exportadora Ltda. — Jacarézinho; Leopoldo Augusto Blattmann — Pôrto União; Leopoldo Lagemann — Arroio do Meio, Rio Grande do Sul; Leopoldo Osório Mendina — Ribeirão Claro, Paraná; Luiz Antonio de Souza Barros — Jacarézinho; Luiz Cláudio Guimarães — Pôrto Amazonas, Paraná; Luiz G. A. Valente — Pôrto Amazonas; Manfredo Grubher — Canoinhas, Santa Catarina; Mancílio Figueiredo — Lages, Santa Catarina; Mauro Conrado Mesquita — Jacarézinho; Miguel Martinez Faro — Pirai do Sul, Paraná; Mir-

(Conclui na pág. 62)



Os Campeões

RACA NELORE

GRANDE CAMPEÃO e CAMPEÃO SENIOR — REDDI 22 — 4 a e 4 m — 865 kg. Exp. Rudolf Reich — Faz. Três Galhos — Conselheiro Mayrink — PR.

RESERVADO DE GRANDE CAMPEÃO — DIALIO — 2 a e 4 m — 670 kg. Exp. Rudolf Reich — Faz. Três Galhos — Conselheiro Mayrink — PR.

CAMPEÃO JÚNIOR — DIVINA — 1 a e 10 m — 395 kg. Exp. Mauro Conrado Mesquita — Faz. Sta. Helena — Guapirama — PR.

RESERVADA DE CAMPEÃO JÚNIOR — ESPERANÇA — 9 m — 285 kg. Exp. Ursula Dubs — Faz. Marimbondo — Cons. Mayrink — PR.

RACA GIL

CAMPEÃO SENIOR — CANDIR DA CACHOEIRA — 4 a. Exp.: Estância Miró S.A. — Arapongas — PR.

RESERVADO DE CAMPEÃO SENIOR — NORTE — 3 a e 10 m. Exp. Harry Prochet — Faz. Dois Córregos — Querência do Norte — PR.

GRANDE CAMPEÃO — CAMPEÃO SENIOR — GRÁFINA — 5 a e 10 m. Exp.: Harry Prochet — Faz. Dois Córregos — Querência do Norte — PR.

RESERVADO DE GRANDE CAMPEÃO e CAMPEÃO JÚNIOR — IIRILI IV DA CACHOEIRA — 1 a e 8 m. Exp. Mauro Conrado Mesquita — Faz. Sta. Helena — Guapirama — PR.

RESERVADA DE CAMPEÃO JÚNIOR — ILLA IV DA CACHOEIRA — 1 a e 5 m. Exp. Mauro Conrado Mesquita — Faz. Sta. Helena — Guapirama — PR.

RACA GUZERA

CAMPEÃO SENIOR — GUAPORE — 3 a e 6 m. — 620 kg. Exp. Faz. Das Quatro Meninas — Botucatu — SP.

RACA CHAROLESA

GRANDE CAMPEÃO — CAMPEÃO DOIS ANOS — P.F.Q. CALIFA 1 — Nasc. 7-4-65. Exp. Alcione Ferreira Gonzales — Cabanha Chapada — Chapada — RS.

RESERVADO DE GRANDE CAMPEÃO — CAMPEÃO JÚNIOR — CAVAL

HER RIC NETO DO PINHEIRINHO — Nasc. 8-1-65. Exp. Estância do Pinheirinho — Lages — SC.

CAMPEÃO SENIOR — APOLO SERIANO DA CHAPADA — Nasc. 9-11-62. Exp. Alcione Ferreira Gonzales — Cabanha Chapada — Chapada — RS.

RESERVADO DE CAMPEÃO SENIOR — FAB VINGADOR — Nasc. 25-11-61. Ep. Pacifico de Assis Berni — Cabanha Santa Marta — Sta. Maria — RS.

RESERVADO DE CAMPEÃO DOIS ANOS — P.F.Q. CACIQUE 2 — Nasc. 27-6-65. Exp. Alcione Ferreira Gonzales — Cabanha Chapada — Chapada — RS.

RESERVADO DE CAMPEÃO JÚNIOR — ATENTO — Nasc. 19-7-65. Exp. Divceu M. do Nascimento — Faz. Sta. Terzilha — Palmeira — PR.

CAMPEÃO BEZERRA — ALICATE — Nasc. 21-2-66. Exp. Victório Gasparotto, Caetano e Humberto Campetti — Cabanha e Haras Pastor — Vacaria — RS.

GRANDE CAMPEA — CAMPEA VA. CA ADULTA — AIGRETTE DO SANTO CRISTO — Nasc. 5-12-64. Exp. Pedro Paulo Lisboa — Cabanha Sto. Cristo — Lages — SC.

RESERVADA DE GRANDE CAMPEA — RESERVADA DE CAMPEA VACA — COMTESSE RIC NETO DO PINHEIRINHO — Nasc. 23-4-65. Exp. Estância Pinheirinho — Lages — SC.

CAMPEA NOVIILHA — CAR ESPERANÇA — 27 — Nasc. 10-11-65. Exp. Condomínio Hélio Moreira César e Irmãos — Cabanha Reunidas — Lages — SC.

RESERVADA DE CAMPEA NOVIILHA — FORMOSA DA AGUIA BRANCA 3 — Nasc. 3-8-65. Exp. Lauro Antônio Martinelli — Faz. Aguiá Branca — Casca — RS.

CAMPEA BEZERRA — ANCIOSA — Nasc. 19-2-68. Exp. Victório Gasparotto, Caetano e Humberto Campetti — Cabanha e Haras Pastor — Vacaria — RS.

RACA POLLED HEREFORD

GRNDE CMPEÃO — CAMPEÃO DOIS ANOS — SANTA LUCIA GARUPA CATALA 06 — Nasc. 20-3-65. Exp. Itamar Pucci — Faz. Chapada — Lages — SC.

RESERVADO DE GRANDE CAMPEÃO — CAMPEÃO JÚNIOR — SANTA DEQUELE 60 — Nasc. 22-9-65. Exp. Itamar Pucci — Faz. Chapada — Lages — SC.

RACA ABERDEEN ANGUS

GRANDE CAMPEÃO — CAMPEÃO SENIOR — JULUS RECLUSE 51 DA LIRA — Nasc. 6-1-65. Exp. Pedro Paulo Lisboa e José A. Ramos — Faz. Lira — Lages — SC.

RESERVADO DE GRANDE CAMPEÃO — RESERVADO DE CAMPEÃO SENIOR — SÃO RIBILANO COUNT BRIO 1191 — Nasc. 15-9-61. Exp. Luiz C. Surugi Guimarães — Faz. do Salto — Pôrto Amazonas — PR.

GRANDE CAMPEA — CAMPEA NO. VILHA — PIONDO MISS PIPERIKITY — Nasc. 12-10-65. Exp. Luiz C. Surugi Guimarães — Faz. do Salto — Pôrto Amazonas — PR.

CAMPEA VACA — PIONDO MOSS GILBEU OF SARANDI 178 — Nasc. 5-1-64. Exp. Luiz C. S. Guimarães — Faz. do Salto — Pôrto Amazonas — PR.

RACA DEVON

GRANDE CAMPEÃO — CAMPEÃO JÚNIOR — CHERRY DE SANTA LUCIA 139 — Nasc. 20-9-65. Exp.: Amantino Barreto da Costa — Faz. Santa Lucia — Lagoa Vermelha — RS.

RESERVADO DE CAMPEÃO JÚNIOR — SÃO VALENTIM STOCKMANN 087 — Nasc. 25-8-65. Exp. Reinaldo Cherubin — Faz. São Valentim — Nova Prata — RS.

RACA CHUANINA

GRANDE CAMPEÃO — CAMPEÃO JÚNIOR — BACO — Nasc. 4-1-64. Exp. Giannandrea Matarazzo — Faz. Santa Fé — Araras — SP.

RESERVADO DE CAMPEÃO JÚNIOR — DESVELO — Nasc. 5-8-65. Exp. Faz. das Quatro Meninas — Botucatu — SP.

GRANDE CAMPEA VACA — CICLOPE — Nasc. 5-11-65. Exp. Giannandrea Matarazzo — Faz. Santa Fé — Araras — SP.

GRANDE CAMPEA e CAMPEA VACA — UNDA — Nasc. 10-3-62. Ep. Giannandrea Matarazzo — Faz. Santa Fé — Araras — SP.

RESERVADA DE GRANDE CAMPEA — CAMPEA NOVIILHA — CRETA — Nasc. 19-9-65. Ep. Giannandrea Matarazzo — Faz. Santa Fé — Araras — SP.

CAMPEA BEZERRA — DIANA — Nasc. 12-4-66. Exp. Giannandrea Matarazzo — Faz. Santa Fé — Araras — SP.

RACA RED POLL

CAMPEÃO JÚNIOR — OMEGA HALL BOY E519 — Nasc. 2-12-65. Exp. Guilherme Echenique Filho — Granja Silvana — Pedro Osório — RS.

NÓS ESTIMULAMOS A AGRICULTURA E A PECUÁRIA

O Banco do Estado do Paraná, desenvolvendo seu esquema de auxílio à lavoura e à pecuária, está presente em suas mais destacadas atividades para financiar a compra de fertilizantes, máquinas agrícolas e, nas Feiras, a aquisição de reprodutores



— FINANCIAMOS A LONGO PRAZO
— SOMOS AGENTES DO FUNAGRI

**BANCO DO ESTADO
DO PARANÁ S.A.**

Direção Geral
Rua Monsenhor Celso,
256 - Curitiba - Paraná

São Paulo — Rua Álvares Penteado, 227
Santos — Rua 15 de Novembro, 190

Guanabara — Rua da Assembleia, 93

RAÇA SANTA GERTRUDIS

GRANDE CAMPEÃO — CAMPEÃO SENIOR — CRUZADOR DA ANGÉLICA — 3 a e 5 m — 840 kg. Exp. Guilherme Campos Salles — Faz. Angélica — Americana — SP.

RESERVADA DE GRANDE CAMPEA — CAMPEÃO JÚNIOR — JACOBINO DA ANGÉLICA — 1 a e 8 m. 515 kg. Exp. Guilherme Campos Salles — Faz. Angélica — Americana — SP.

RESERVADA DE CAMPEÃO JÚNIOR — DANUBIO DA ANGÉLICA — 1 a e 2 m — 405 kg. Exp. Guilherme C. Salles — Faz. Angélica — Americana — SP.

RAÇA HOLANDESA PRETA E BRANCA — P.O.

GRANDE CAMPEÃO E CAMPEÃO SENIOR — SÃO JERÔNIMO 203 GLENVIERE INKARI — Nasc. 27-10-62. Exp. Miguel M. Falero — Faz. Sta. Angela — Castro — PR.

RESERVADO DE GRANDE CAMPEÃO — CAMPEÃO 2 ANOS — TREBOL MINSTER MARTIN — Nasc. 8-11-64. Exp. Miguel M. Falero — Faz. Sta. Angela — Castro — PR.

RESERVADO DE CAMPEÃO 2 ANOS — OPUS ROYMASTER PAISANO — Nasc. 3-4-65. Exp. Miguel M. Falero — Faz. Sta. Angela — Castro — PR.

CAMPEÃO JÚNIOR — VERMEULEN DUKE A LOCHINVAR — Nasc. 8-2-66. Exp. Coop. Batavo — Castro — PR.

RESERVADO CAMPEÃO JÚNIOR — CASTROLANDA CONDE EDUARD 1 — Nasc. 14-1-66. Exp. Castrolanda — Castro — PR.

CAMPEÃO BEZERRO — LOBA'S ROAMER BURKE LAD — Nasc. 6-6-66. Exp. Otávio S. J. Bottini — Granja da Loba — Lages — SC.

RESERVADO DE CAMPEÃO BEZERRO — LOBA'S MADCAP LONGFIELD

VAD — Nasc. 12-6-66. Exp. Otávio S. J. Bottini — Granja da Loba — Lages — SC.

GRANDE CAMPEA E CAMPEA VACA JOVEM — ROLAND 1.125 PALEST PRINS — Nasc. 29-4-64. Exp. Dohér, Nimar e Laércio Nicolau — Faz. Curral Redondo — Arapoti — PR.

RESERVADA DE GRANDE CAMPEA E CAMPEA NOVILHA — RORY'S CATARINA — Nasc. 22-9-64. Exp. Miguel M. Falero — Faz. Sta. Angela — Castro — PR.

CAMPEA VACA ADULTA, MELHOR CBERE DA RAÇA HPB — ROLAND 1.098 LEDA PRINS — Nasc. 28-2-64. Exp. Dohér, Nimar e Laércio Nicolau — Arapoti — Faz. Curral Redondo — PR.

RESERVADA DE CAMPEA VACA ADULTA — ESTRELA MADCAP BURKE — Nasc. 6-6-60. Exp. Coop. Witmarsum — Palmeira — PR.

RESERVADA DE CAMPEA VACA JOVEM — IMELICUS COLANTA SALVIA AJAN 69 — Nasc. 14-5-64. Exp. Miguel M. Falero — Faz. Sta. Angela — Castro — PR.

RESERVADA DE CAMPEA NOVILHA — ROLAND 1141 LEDA IMPERIAL — Nasc. 24-6-64. Exp. Dohér, Nimar e Laércio Nicolau — Faz. Curral Redondo — Arapoti — PR.

CAMPEA BEZERRA — S. A. VIOLETERA SKYROCKET — Nasc. 16-12-64. Exp. Dohér, Nimar e Laércio Nicolau — Faz. Curral Redondo — Arapoti — PR.

RESERVADA DE CAMPEA BEZERRA — CASTROLANDA RAUL H. 16 — Nasc. 7-6-66. Exp. Soc. Coop. Castrolanda — Castro — PR.

CONJUNTO DA RAÇA SENIOR — Exp. Dohér, Nimar e Laércio Nicolau — Faz. Curral Redondo — Arapoti — PR.

CONJUNTO DA RAÇA JÚNIOR — Exp. Miguel M. Falero — Faz. Sta. Angela — Castro — PR.

RAÇA HOLANDESA PRETA E BRANCA — P.C.

GRANDE CAMPEA E CAMPEA VACA ADULTA — HOLANDIA ALTJE TRIJUTJE 3 — Nasc. 2-2-60. Exp. Soc. Coop. Castrolanda — Castro — PR.

RESERVADA GRANDE CAMPEA E RESERVADA CAMPEA VACA ADULTA — HOLANDIA TINUS ZWAANTJE — Nasc. 15-3-60. Exp. Soc. Coop. Castrolanda — Castro — PR.

CAMPEA VACA JOVEM — BONECA WITMARSUM — Nasc. 30-11-64. Exp. Coop. Witmarsum — Palmeira — PR.

RESERVADA CAMPEA VACA JOVEM — BALALA BELA VISTA — Nasc. 1-6-64. Exp. Irmãos Sleutjes — Faz. Bela Vista — Castro — PR.

CAMPEA NOVILHA — BRASILIANA GLENAFTON DO ITAQUI — Nasc. 2-5-65. Exp. Agrobras-Brasil — Agrop. Faz. Itaquí — Piraquara — PR.

RESERVADA CAMPEA NOVILHA — TITA-WITMARSUM — Nasc. 15-3-65. Exp. Coop. Mista Witmarsum — Faz. Witmarsum — Palmeira — PR.

CAMPEA BEZERRA — BONECA 3 CASTRENSE — Nasc. 27-5-66. Exp. Irmãos Sleutjes — Faz. Bela Vista — Castro — PR.

RESERVADA CAMPEA BEZERRA — FRISO SAPIRANGA DE CARAMBEL — Nasc. 25-8-65. Exp. Cooperativa Batavo — Carambel — Castro — PR.

CONJUNTO DA RAÇA SENIOR — Exp. Soc. Coop. Castrolanda — Castro — PR.

CONJUNTO DA RAÇA JÚNIOR — Exp. Agrobras — Faz. Itaquí — Piraquara — PR.

RAÇA HOLANDESA VERMELHA E BRANCA — P.O.

CAMPEÃO BEZERRO E GRANDE CAMPEÃO — CASTRO LINDAS FA-ROESTE 19 — Nasc. 1-5-66. Exp.

(Conclui na pág. 132)

ACONTECIMENTO...

(Conclusão da pág. 33)

do facilitar as transações comerciais entre os expositores ou demais pessoas interessadas na aquisição de gado, a Comissão Organizadora convidou diversos estabelecimentos bancários, que colocaram representantes no recinto da Exposição para conceder financiamentos: bastava que os candidatos apresentassem demonstrativos de cadastro bancário para obter o empréstimo pretendido.

O PARANÁ DE HOJE

A mostra não teve, porém, apenas o objetivo de expor animais. Nela houve praticamente de tudo relacionado com programas de fomento e produção agrícolas, e construção de rodovias, por parte do governo; ensino técnico agrícola; industrialização de produtos derivados da agropecuária; indústria de mobiliário; mecanização agrícola; e outros ramos de atividades das classes produtoras.

O secretário José Miró Guimarães acentuou que essa Exposição significa que, com tenacidade e perseverança, foi possível vencer os preconceitos e dar um decidido passo à frente, demonstrando que o governo do Paraná está alcançando uma a uma as metas que se propôs.

Os últimos levantamentos estatísticos informam que o Paraná conta 3.216.000 bovinos, 7.874.000 suínos; 674.000 equinos, 301.000 ovinos, 765.000 caprinos, 329.000 muas e 20.000 asininos, enquanto a avicultura atinge a 15.000.000 de aves. Esse expressivo desenvolvimento numérico, agora orientado pela preocupação de seletividade dos rebanhos, dará ao Estado brevemente uma posição de destaque no conceito das unidades da Federação que se dedicam à pecuária.

As atividades do governo paranaense no setor agropecuário vão além desses limites. Por determinação do atual titular da Agricultura está sendo fomentada a piscicultura em larga escala. Há estímulos para a formação de tanques artificiais nas fazendas e sítios ou chácaras, para os quais a Secretaria da Agricultura distribui gratuitamente exemplares de tilápias, variedade de peixe recomendada para uma alimentação barata e rica de propriedades nutritivas.

"Para superar a crise de alimentos que ameaça gerar uma nação de jovens doentes e para transformar o Paraná num imenso celeiro é que trabalhamos" — disse o Secretário da Agricultura.

Quanto aos resultados da Exposição-Feira, o sr.

José Miró Guimarães afirmou aos jornalistas que a melhor prova do seu êxito absoluto são as manifestações espontâneas dos próprios expositores e dos milhares de visitantes, paranaenses ou de qualquer outro Estado. Ressaltou que tal sucesso não foi apenas dos organizadores da promoção, mas de todos os criadores e técnicos brasileiros que deram apoio e colaboração para que, durante oito dias, Curitiba fosse o centro do intercâmbio de idéias sobre os avanços da pecuária e observação dos melhores plantéis do País.

UMA FESTA

Além da motivação técnica do certame, ressaltou-se o seu caráter popular, como centro de atrações e entretenimento. De 11 a 19 de março, mais de 500 mil pessoas visitaram o Parque "Castelo Branco". Quem não viu ou não deu muita importância aos detalhes zootécnicos dos plantéis, não perdeu, porém, a oportunidade de vislumbrar um mundo encantado de cores e luzes, de dia ou de noite, quando, também, as dependências do parque recebiam numerosas pessoas. Domas, touradas, rodeios, espetáculos circenses, malabarismos e outros atrativos foram a constante da Exposição-Feira, em todo o seu período. O "Castelo Branco" transformou-se na sede administrativa da Secretaria da Agricultura, de onde o titular da pasta, sr. José Miró Guimarães, comandou toda a organização e funcionamento do certame. Recepcionistas elegantemente trajadas prestaram a colaboração necessária para permitir que o público fosse informado de tudo que pudesse ver. Um sistema de alimentação — restaurante, churrascarias e dezenas de lanchonetes — permitiu perfeito atendimento aos visitantes, que não precisaram sair do parque para fazer refeições.

Outro atrativo foi o "show" artístico de Jair Rodrigues: sua repercussão foi tamanha que a multidão presente, empolgada pelo espetáculo, cantava, ora cânticos, as músicas apresentadas pelo artista, no primeiro sábado da mostra.

Também as crianças tiveram o seu dia na Exposição: uma quarta-feira foi dedicada exclusivamente a elas. Para facilitar o comparecimento do maior número de escolares, as autoridades da Secretaria da Educação suspenderam as aulas nesse dia, possibilitando que as crianças desfrutassem do mini-autódromo, pista de patinação, parque de diversões, circo e outros atrativos.

Por isso, os viajantes da BR-116 que passaram pelo quilômetro 387 e não pararam para ver a Exposição-Feira, certamente estão arrependidos.

Mas, no ano que vem tem mais...

OS EXPOSITORES...

(Conclusão da pág. 50)

ko de Rossi — Curitiba; Ney Romano — Curitiba; Norman Prochet — Londrina; Otávio Rodrigues Ferreira — Cambará, Paraná; Otávio S. J. Bottini — Lajes; Osvino Alberts-Arroio do Meio — SC; Pacífico de Assis Bermi — Santa Maria; Paulo e Delmar Francisco dos Passos — Clevelândia, PR; Pedro P. Lisboa & José

Ramos — Curitiba. Pedro Paulo Lisboa — Lajes; Indústrias Agropecuárias S/A — Botucatu, SP; Raimundo Bertoldi — Estréla, RS; Raul Amaral Gurierrez — Ponta Grossa, PR; Reinaldo Cherubini — Cabaña Valentini, RS; Reinaldo Paolini — Andrianópolis, PR; Rudolf Reich — Conselheiro Mairynk, PR; Rui Helio Ramos Arruda — Lajes, SC; Sady Marcondes Loureiro — Palmas,

PR; Fé Santa Agr. Pastoral Ltda. — Minas Gerais; Sebastião Vitral dos Santos — Londrina; Sergio Manfredini Alcântara, Curitiba; Sociedade Cooperativa Castroland da Ltda. — Castrolanda, PR; Theodoro Pinheiro Machado — Teixeira Soares, PR; Ursula Dubs — Conselheiro Mairynk, Pr; — Walter Theodoro Bach — Porto União; e Wilson Munhoz Amara — Araucária, PR.



III EXPOSIÇÃO FEIRA DE ANIMAIS DE CURITIBA

Brasil Agropecuária S. A. "Agrobrás"

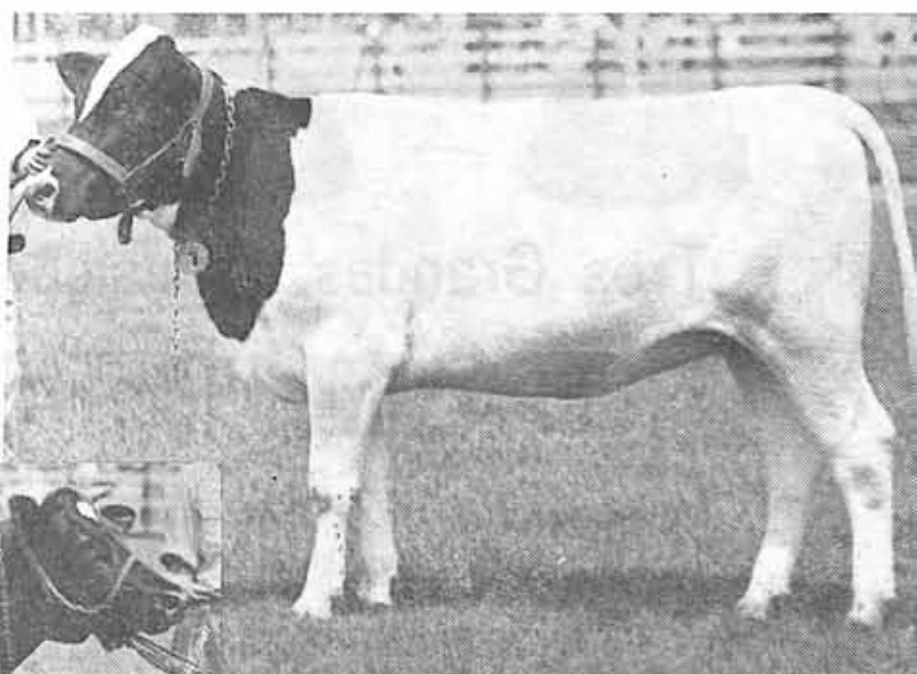
Fazenda Itaqui

Guarituba — Piraquara — Rodovia do Café km 15 — Trecho Curitiba-Paranaguá — Correspondência para Caixa Postal 501 — CURITIBA — Paraná

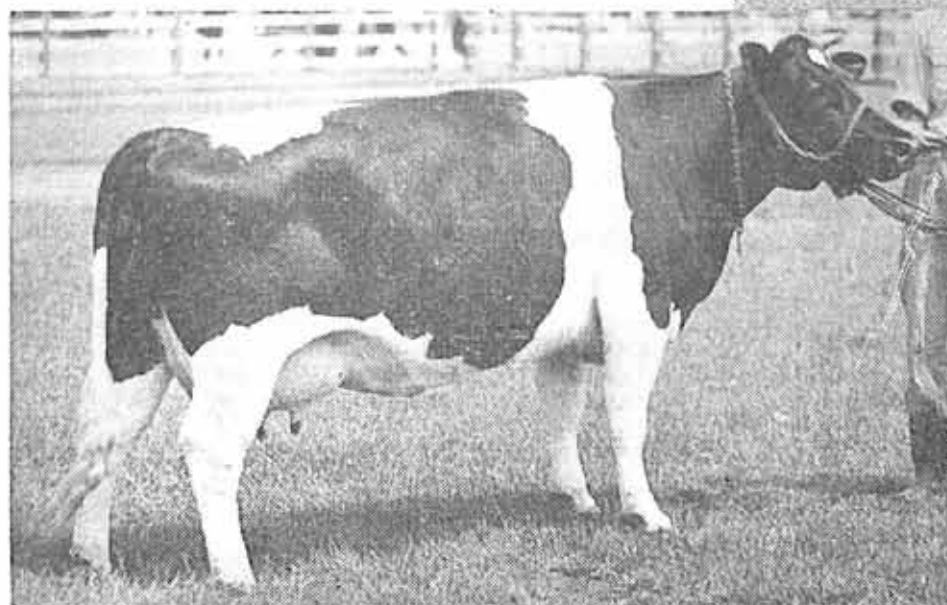
Alta Seleção de Holando
P.O. e P.C.

PRÊMIOS CONQUISTADOS

- 2 Campeonatos
- 3 Primeiros Prêmios
- 6 Segundos Prêmios
- 4 Terceiros Prêmios



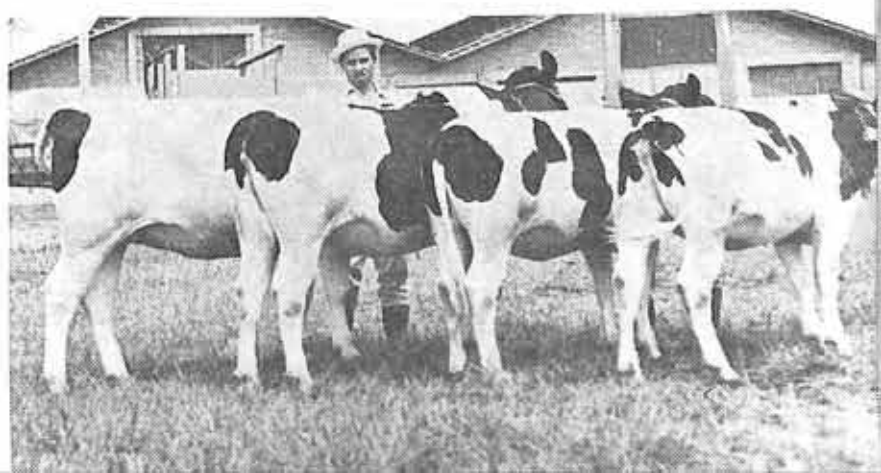
BRASILIANA GLENAFTON DO
↑ ITAQUI — 1.º prêmio na categoria e CAMPEA novilha da raça
Holandesa Preta e Branca



C. L. BOUKJE 30 — 1.º prêmio na categoria de fêmeas com mais de 48 meses P.O. e 3.º prêmio Melhor Úbere.



CONJUNTO JÚNIOR PC — Campeão da raça Holandesa Preta e Branca e 2.º lugar Progênie de Pai, filhas de S. Host Sensation Glenafton: Brasiliana, Belinda, Carina e Carioca.





III EXPOSIÇÃO-FEIRA DE ANIMAIS EM CURITIBA

O criador que conquistou o maior número de pontos



Três Grandes Exposições atestam a **NOTAVEL PERFORMANCE DA**

Em 1964 obteve, na Exposição de Londrina, os melhores prêmios. Em 1965 e 1966, na Exposição III Exposição-Feira de Animais, em Curitiba, a 1.ª de caráter Nacional, concorrendo com 28

HOLANDÊSA VERMELHA E BRANCA - P. O.

CAMPEA JUNIOR e 1.º PRÊMIO

S. Nicolau Anhanguera Roland
**RESERVADO CAMPEAO BEZERRO e
2.º PRÊMIO**

São Nicolau Jaap Roland
**RESERVADA DE GRANDE CAMPEA,
1.º PRÊMIO**

RESERV. DE CAMPEA VACA ADULTA

Holambra Lea XXXI
CAMPEA VACA JOVEM e 1.º PRÊMIO

São Nicolau Candango Duco
CAMPEA BEZERRA e 1.º PRÊMIO

São Nicolau Jacatinga Roland
**RESERVADA DE CAMPEA BEZERRA
e 1.º PRÊMIO**

São Nicolau Dina 25 Roland

HOLANDÊSA PRÊTA E BRANCA - P. O.

**GRANDE CAMPEA, CAMPEA VACA
JOVEM e 1.º PRÊMIO**

Roland 1.115 Pabest Prins

**CAMPEA VACA ADULTA, MELHOR
UBERE DA RAÇA HPB e 1.º PRÊMIO**

Roland 1.098 Leda Prins

**RESERVADA DE CAMPEA NOVILHA e
2.º PRÊMIO**

Roland 1141 Leda Imperial

CAMPEA BEZERRA e 1.º PRÊMIO

S.A. Violetera Skyrocket

A R A P O T I - P A R A N Á

FAZENDA

HOLANDÊS PRÊTO E BRANCO E VERMELHO



FAZENDA CURRAL REDONDO

de Curitiba, ratificou o sensacional êxito obtido na Capital do Norte paranaense. Na presente rodada conquistou 27 prêmios, assim distribuídos nas duas variedades da raça Holandesa:

HOLANDÊSA VERMELHA E BRANCA-P. C.

GRANDE CAMPEA e CAMPEA VACA ADULTA e 1.º PRÊMIO

São Nicolau Bleske

RESERVADA GRANDE CAMPEA, RESERVADA CAMPEA VACA ADULTA e 1.º PRÊMIO

São Nicolau Yantje

CAMPEA VACA JOVEM e 1.º PRÊMIO

Carolina Valente

CAMPEA NOVILHA e 1.º PRÊMIO

São Nicolau Rainha

CAMPEA BEZERRA e 1.º PRÊMIO

Halandia R. Clara 2

MELHOR ÜBERE DA RAÇA HVD e 1.º PRÊMIO

São Nicolau Cabreuva

CONJUNTOS PREMIADOS

PROGENIE DE MAE HVB — P.O.

1.º Prêmio

RAÇA JUNIOR e PROGENIE DE PAI HVB — P.O.

1.º Prêmio

DE RAÇA JUNIOR HVB — P.C.

1.º Prêmio

DE RAÇA SENIOR HPB — P.O.

2.º Prêmio

GOND'AS ROLAND — Touro VB

recentemente importado da Holanda — Filhos conseguiram Progenie de Pai Júnior e Conjunto da Raça Júnior.

DOHER, NIMAR E LAÉRCIO NICOLAU

CURRAL REDONDO

E BRANCO — VENDA DE REPRODUTORES



III EXPOSIÇÃO DE ANIMAIS DE CURITIBA



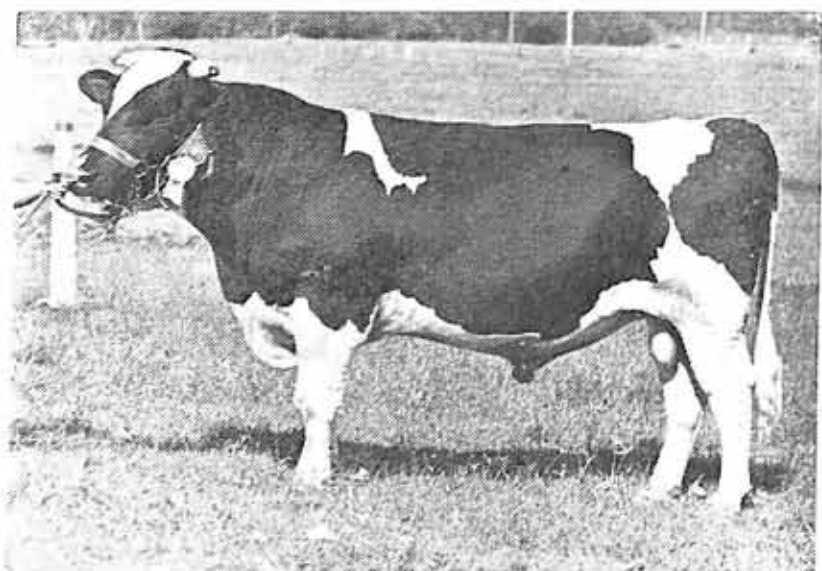
ESPETACULAR ÊXITO ALC

FAZENDA SANTA Â

DE MIGUEL MART

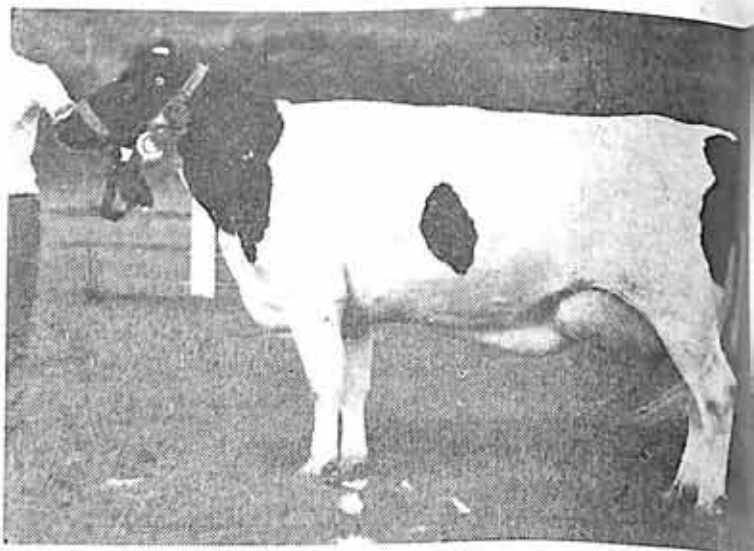
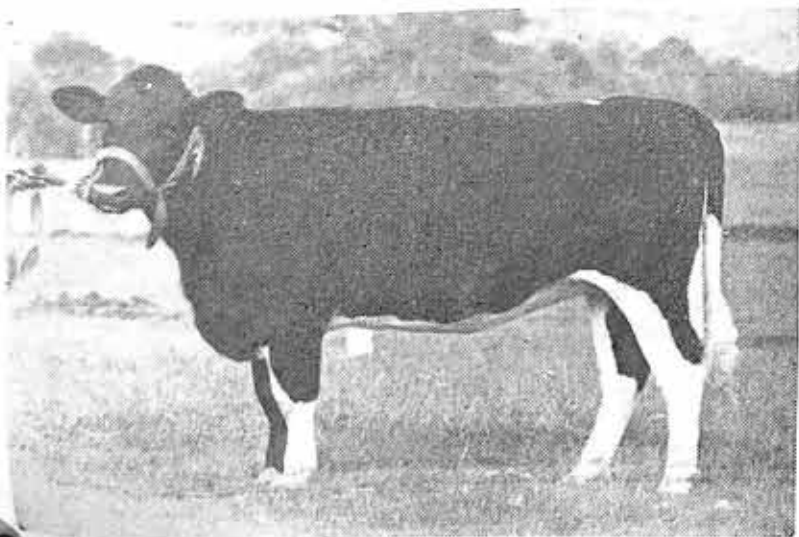
Criação e Seleção de Gado Holand
Preto e Branco P. O.

Produção leiteira oficialmente
controlada pela Associação Paulista
de Criadores de Bovinos



RESERVADO DE GRANDE CAMPEAO, 1.º PRÊMIO e
CAMPEAO 2 ANOS — TREBOL MINISTER MARTIN.

1.º PRÊMIO CATEGORIA 18 A 24 MESES — NINIM
WIEPJE CHUMBOR



RESERVADA DE GRANDE CAMPEA e CAMPEA NOVIL
e 1.º PRÊMIO — RORY'S CATARINA.

FAZENDA S

Criador: MIGUE

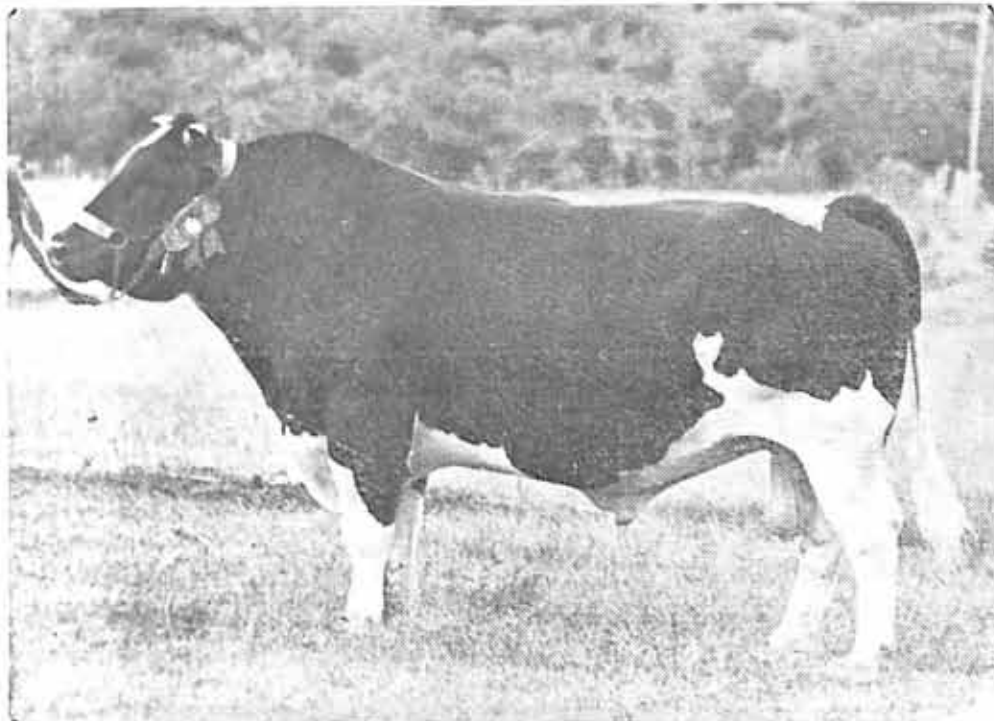
Caixa postal 44 — CASTRO

REPRESENTANTE EXCLUSIVO
ESTÂNCIA E CABANHA

ANÇADO PELA

NGELA

NEZ FALERO



GRANDE CAMPEAO, CAMPEAO SÊNIOR e 1.º PRÊMIO — SÃO
JERÔNIMO 293 GLENVERE INKARI.

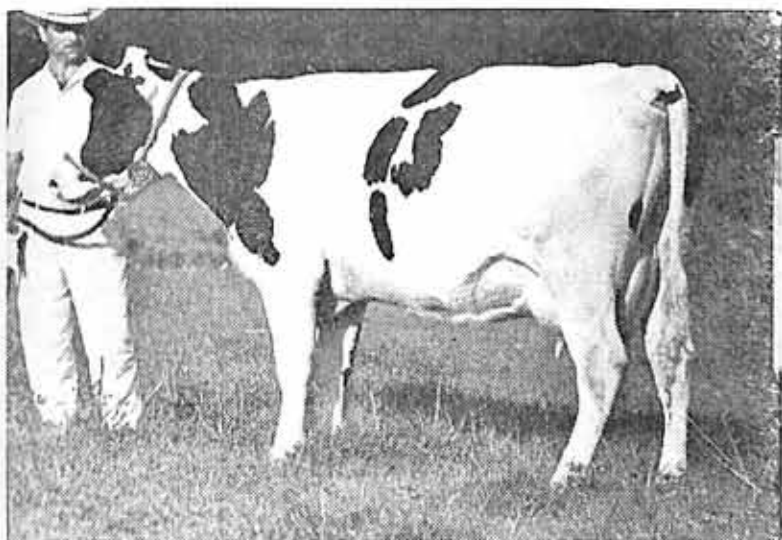
2 4 PRÊMIOS

1 2 ANIMAIS

- 5 CAMPEONATOS
- 4 RESERVADOS
- 8 PRIMEIROS PRÊMIOS
- 4 SEGUNDOS PRÊMIOS
- 2 TERCEIROS PRÊMIOS
- e 1.º PRÊMIO PARA

CONJUNTO RAÇA JÚNIOR

Holandês Preto e Branco P.O.



RESERVADO CAMPEÃO 2 ANOS — OPUS 120
R. PAYSANO.

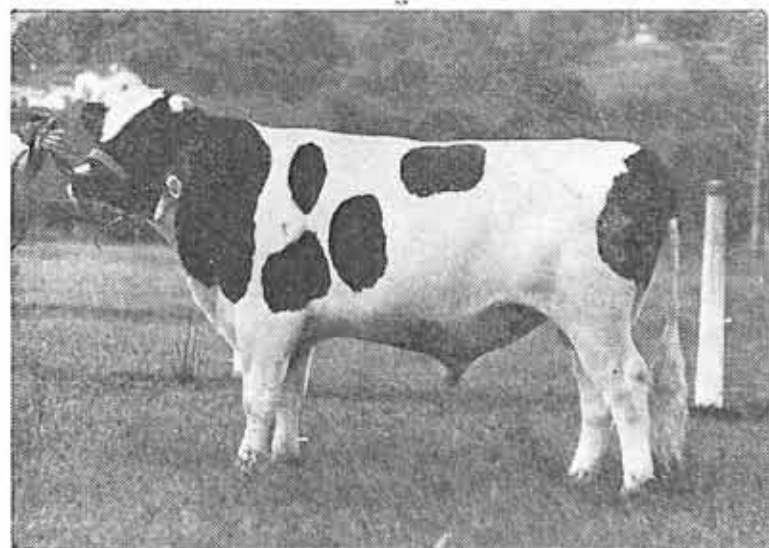
RESERVADA DE CAMPEA VACA JOVEM e 1.º PRÊMIO —
IMELIUS COLANTA SALVIA AJAX 69.

NTA ÂNGELA

MARTINEZ FALERO

PARANÁ — Tel. Pirai do Sul

NO BRASIL DA FAMOSA
ORION — ARGENTINA





III EXPOSIÇÃO FEIRA DE ANIMAIS DE CURITIBA

Cooperativa Agro Pecuária Arapoti Ltda.

ARAPOTI - PARANÁ

CENTRO DE CRIADORES DE GADO LEITEIRO DA RAÇA HOLANDESA PRETA E BRANCA P.O. e P.C. — CONTROLADO PELA A.P.C.B.

Venda Permanente de Reprodutores



ARAPOTI MANS SIETSE — 1.º prêmio P.O. — 9 meses.

CONJUNTO VACAS — P.C. — 2.º PRÊMIO: Arapoti Jouge Sarina 2, Arapoti Pot Charlotte, Arapoti Trix Lia 2 e Arapoti Pot Lina 1.

CONJUNTO NOVILHAS — P.O. — 3.º PRÊMIO: Arapoti Trix Grietje 9, Arapoti Trix Boukje 11, Arapoti Trix Sietske e Arapoti Trix Grietje.





A CIÊNCIA
E A TÉCNICA
A SERVIÇO
DA PRODUÇÃO
ANIMAL

NOTICIÁRIO TORTUGA

Ferro, cobre, cobalto, zinco, manganês e iôdo são indispensáveis aos animais domésticos

DR. F. FABIANI

III

IÓDO

O iôdo, como os microelementos anteriormente discutidos, também é encontrado em todos os tecidos e fluidos animais. Contudo, sua maior concentração é na tireóide, onde encontra-se de 70 a 80% do total existente no organismo. Os ovários também são relativamente ricos neste elemento.

O iôdo inorgânico do organismo ocorre sob a forma de

iodeto e o orgânico apresenta-se como integrante da tiroxina (hormônio produzido pela tireóide).

Ele passa facilmente ao leite, onde, dependendo das disponibilidades do corpo, pode variar de 20 a 300 microgramas por litro.

O equilíbrio do iôdo no organismo depende da atividade

da tireóide, que o utiliza na produção hormonal, e de sua eliminação, que é feita pelos rins.

ABSORÇÃO — É rapidamente absorvido pelos intestinos. Como iodeto, a absorção é mais rápida do que sob a forma orgânica.

FUNÇÕES — Estão estreitamente ligadas àquelas dos hor-

12º ANO

ABRIL DE 1967

N.º 141

mônios tireóideos, que inter-vêm no desenvolvimento, na diferenciação dos tecidos e na atividade de várias glândulas, particularmente da hipófise e das gônadas. O iôdo atua, também, sobre a pele e produções cutâneas, como os cabelos, pêlos, lã e penas.

O sintoma mais evidente da carência de iôdo é a papeira (papo ou bócio). Esta anomalia pode resultar não só da falta de iôdo, mas também da ingestão de substâncias reductoras da atividade tireóidea.

O hipotireóidismo pela carência de iôdo determina o mixodema, a diminuição do volume de plasma, queda do metabolismo basal, obesidade, hipoglicemia e hipercolesterolemia. Induz, também, à diminuição da resistência às infecções e intoxicações.

Sob o ponto de vista zootécnico, as funções do iôdo dizem respeito, principalmente, à sua influência sobre o desenvolvimento e a reprodução. Há muito tempo que foi provado que a carência de iôdo é causa da suspensão ou irregularidade do cio e da baixa fertilidade nas vacas. Nos touros, esta carência age negativamente sobre a atividade sexual, diminuindo o ardor genésico e piorando as características do sêmen.

A deficiência de iôdo nos reprodutores é responsável por manifestações carenciais nos descendentes. Estas, muitas vezes, persistem, apesar da integração da dieta com este microelemento. Vacas em carência dão nascimento a bezerros com bócio e porcas com falta de iôdo geram leitões sem pêlos.

TAXAS NECESSÁRIAS — As taxas de iôdo na alimentação, necessárias à normalidade do desenvolvimento e da reprodução variam com a espécie e com o tipo do regime alimentar. Assim, existem muitas substâncias que possuem ação antitireóidea e tornam maiores as exigências. Está provado, por exemplo, que elevados níveis de arsênico exigem a ingestão de taxas adicionais de iôdo; que o excesso de flúor aumenta a incidência da papeira; que as águas muito ricas em cálcio favorecem a manifestação do bócio. Igual evidência há quanto a vários sais, como os sulfatos, os percloratos e os cloretos (inclusive o sal comum). Estes sais elevam as necessidades de iôdo, ou porque ampliam a eliminação por via urinária (caso do sal comum), ou porque restringem a utilização do iôdo por parte da tireóide. Ação antitireóidea encontra-se, também, entre os vegetais, dentre eles temos as couves, o feijão-soja e o amendoim.

O poder inibidor da tireóide, que essas substâncias possuem, é constatado quando entram em alta porcentagem na alimentação dos animais. Este fato Jacquott e seus colaboradores (1964) demonstraram juntando 5% de sementes de um tipo de couve na ração para pintos e 10% naquela para porcos. Em ambos os casos, houve atraso do crescimento e aumento de peso da tireóide. O mesmo autor constatou, na Inglaterra, casos de mortalidade de cordeiros filhos de ovelhas alimentadas com elevada quantidade de couves.

É baixo e muito variável o teor de iôdo nos alimentos comumente destinados aos ani-

mais, por isso, é quase sempre necessária a integração de suas rações com este elemento.

BOVINOS — Para as vacas leiteiras, o IEB (Iodine Educational Bureau, 1960) aconselha, dependendo da produção, de 2 a 20 mg diários por cabeça. Beeson (1964) prescreve um miligrama diário por cabeça. É conveniente integrar as rações das grandes produtoras com 5 partes por milhão (p.p.m.) sobre a matéria seca.

Para as demais categorias de bovinos, o IBE aconselha de um a cinco miligramas diários por cabeça.

SUÍNOS — O IEB recomenda de 0,5 a 1 mg diário por cabeça, correspondente a 0,2 — 0,4 p.p.m., respectivamente, sobre a matéria seca da ração.

Esta espécie suporta bem doses elevadas; segundo Jacquott e seus colaboradores (1964), a administração, durante cinco meses, de doses 20 vezes maiores que a necessária não provocou perturbações alguma.

AVES — O NRC (Estados Unidos) indica, para pintos e galinhas reprodutoras, uma parte por milhão e, para frangas e poedeiras, 0,5 p.p.m. As aves suportam doses elevadas de iôdo, pois o limite de toxicidade é de 1.000 p.p.m.

SAL INDICADO — O iodeto de potássio com 60% de iôdo é o sal indicado. Contudo, é ele muito instável em presença do ferro, cobre e manganês, que o oxidam. O iôdo, então, se liberta e é perdido. Imprescindível se torna, portanto, que se use, nos complexos minerais e nas rações, iodeto de potássio perfeitamente estabilizado.

Necessidades e níveis de toxicidade dos microelementos, para as várias espécies animais

Microelementos	Necessidades							toxicidade		
	bovinos		suínos		aves			bovinos	suínos	aves
	bezerros	adultos	leitões	adultos	pintos	poedeiras				
Ferro										
mg/dia/cabeça	30	400/1500	20	200	—	3		—	—	—
p.p.m. sobre a matéria seca da ração	30	40/150	100	80	20	30		2.400	4.000	?
Cobre										
mg/dia/cabeça	15	50	2	25	—	0,3		—	—	—
p.p.m. sobre a matéria seca da ração	15	5	10	10	2-3	3		115	500	500
Cobalto										
mg/dia/cabeça	?	0,80-1	—	0,25	—	0,02		—	—	—
p.p.m. sobre a matéria seca da ração	?	0,08-0,1	?	0,10	0,20	0,20		30	120	50
Manganês										
mg/dia/cabeça	1	200	—	100	—	5-6		—	—	—
p.p.m. sobre a matéria seca da ração	1	20	?	40	55	55		1.000	5.000	4.000
Zinco										
mg/dia/cabeça	10	300	—	125	—	7		—	—	—
p.p.m. sobre a matéria seca da ração	10	30	?	50	50	70		900	2.000	3.000
Iôdo										
mg/dia/cabeça	1	2-20	—	1,0	—	0,1		—	—	—
p.p.m. sobre a matéria seca da ração	1	0,2-2	?	0,4	1	0,5-1		?	?	1.000

CONCLUSÕES

Os minerais, que passamos em revista, podem ser considerados os microelementos mais importantes. Não podem faltar nos alimentos para os animais domésticos.

Como vimos, a carência destes elementos provoca, além das perturbações próprias a cada um, ainda várias formas de anemia, alterações cutâneas e do metabolismo. Portanto, considerável é a importância destes microelementos para a saúde animal. Igualmente digno do maior cuidado são a dosagem, a forma química sob

a qual são usados, o conhecimento do comportamento das espécies animais diante deles e, ainda, dos sistemas de alimentação habitualmente usados.

O emprêgo indiscriminado destes integrantes minerais produz resultados negativos, seja sobre a absorção dos alimentos e, por consequência, sobre a produção, seja por se tornarem fator de destruição, provocando oxidação de importantes componentes das rações.

A integração mineral se torna, então, faca de dois gumes, capaz de, quando não maneja-

da por especialistas competentes, transformar as suas grandes vantagens em insucesso técnico e econômico. Frequentemente isso acontece entre nossos criadores. Procurando o mais barato, administram a seus animais suplementos incompletos ou com excesso de um elemento, ou utilizam misturas em que esses elementos se encontram sob forma química inadequada. Nessas circunstâncias, ao invés de resolver os problemas das carências, provocam desassimilação, intoxicações ou desequilíbrios orgânicos responsáveis pela diminuição dos lucros.

COMPLEXO MINERAL IODADO (COBOVI)



Preparado à base de FOSFATO BICÁLCICO PRECIPITADO, contém ainda todos os microelementos necessários aos bovinos, na dosagem certa e sob a forma química mais estável e mais assimilável.

Aumenta a conversão do alimento em carne e reduz de modo notável o tempo de preparo dos animais para o abate.

TORTUGA — Companhia Zootécnica Agrária

Fábrica — R. Progresso, 219 (Sto. Amaro) S.P.

Escritório — Av. Sto. Amaro, 6974

Tels: 61-1712 e 61-1856

Filial — Av. Farrapos, 2953 — P. Alegre (R.G.S.)

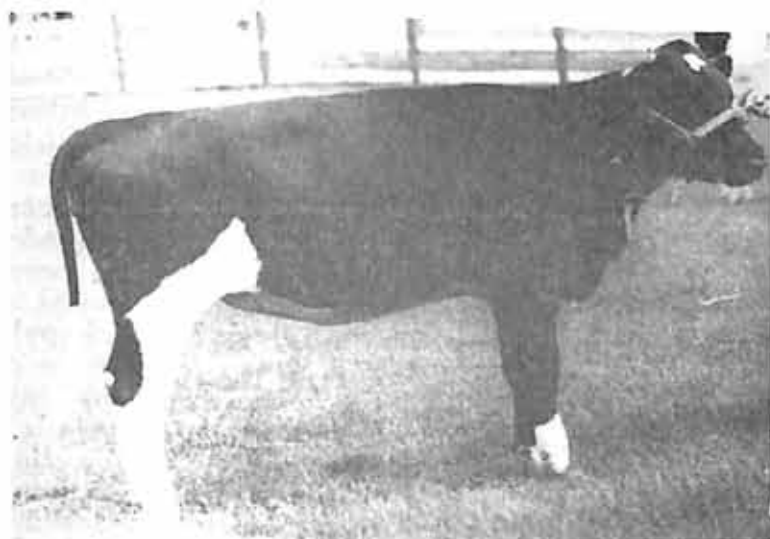


III EXPOSIÇÃO FEIRA DE ANIMAIS DE CURITIBA

Cooperativa Agro Pecuária Batavo Ltda.

COLÔNIA HOLANDESA DE CARAMBEÍ — CASTRO — PR

PRÊMIOS CONQUISTADOS:



FRISO SAPIIRANGA DE C. — Reservada Campeã J. PC. Idade: 18 meses. Filiação: Pai Sapiiranga Capitain e Vaca Frizia.



VERMEULEN D. A. LOCHINUAZ — Campeão Jr. PO e 1.º prêmio na categoria. Pais importados do Uruguai. Idade: 13 meses.



Conjunto Novilhas — 2.º lugar de Conjunto Jr. PC — Filhas de touros americanos com vacas Frisias Holandesas.

VENDA PERMANENTE DE REPRODUTORES DA RAÇA HOLANDESA PRETA E BRANCA P.O. e P.C. DE ALTA QUALIDADE. PRODUÇÃO CONTROLADA PELA A.P.C.B.

Trabalhamos com Sêmen Congelado da Curtiss e ABS — EEUU.

No Brasil um criador norte-americano de Santa Gertrudis

O visitante mostrou-se impressionado com o progresso da pecuária brasileira, tanto pelo volume como pela qualidade — A Associação Brasileira de Santa Gertrudis realizará um filme em cores a respeito da raça.

Esteve em São Paulo, em dias de fevereiro ultimo, o sr. W.W. Callan, criador de gado Santa Gertrudis nos Estados Unidos. A Associação Brasileira de Santa Gertrudis ofereceu-lhe um almoço, oportunidade que ensejou interessante troca de ideias entre criadores paulistas e esse autentico lider da pecuária texana.

O sr. Callan, descendente de tradicional família de criadores, dedica-se à pecuária há vinte e tres anos. Há dezessete, passou a criar Santa Gertrudis, com plena satisfação. O representante da "Revista dos Criadores", presente ao agape, teve oportunidade de palestrar com o notavel criador. Perguntou-lhe porque se dedicara à raça Santa Gertrudis. O sr. Callan respondeu que, como se sabe, os Estados Unidos têm, na região do Texas, no Golfo do México, uma região de clima quente e úmido, muito parecido com o da região do Brasil Central. Além do clima quente e úmido, ali também campeiam o berne, o carrapato, a bicheira. Trata-se de uma região extensa, na qual as raças puras européias não progridem. Daí criadores locais terem iniciado o cruzamento do Zebu com o Hereford e o Shorthorn, visando uma rês que tivesse a resistência do Zebu e a precocidade das raças Hereford ou Shorthorn, no ganho de peso. Desses cruzamentos conseguiram o Santa Gertrudis, que se adapta plenamente às condições climáticas locais e, ainda mais, com o sangue europeu que tem, suporta também os grandes rigores do inverno que ocorrem no país. Assim, é um gado não só para climas cálidos, mas também para bem frios.

A PECUARIA DE CORTE NO BRASIL

Sobre a nossa pecuária de corte, o Sr. Callan, que vinha de viagem por vários países sul-americanos e que aqui estava pela terceira vez, disse-nos que é impressionante o progresso por que passa a pecuária brasileira, em volume e em qualidade. Notou a abertura de novas áreas de criação, como em Mato Grosso, no norte e oeste do Paraná, no norte de Goiás e mesmo nas regiões do sul da Amazônia. Quanto ao gado, nota uma melhora de aspecto e manejo. Quando fala em aspecto, refere-se não só ao brilho do couro, que é um indicio de saúde, mas também à conformação, que se encaminha para um tipo de rês compacta, chela de carne e pouco chifre.

Quanto ao gado Santa Gertrudis que viu, ficou bem impressionado, como também pelo interesse que a raça desperta entre os nossos cria-

dores. Viu bons plantéis puros e outros em formação: acredita que as perspectivas são esplêndidas.

A região sul da Bahia, Itabuna, acredita possuir qualidades excepcionais para criação.

UM FILME SOBRE O SANTA GERTRUDIS

Após o almoço, o Sr. Callan projetou um filme sobre o aspecto da criação do Santa Gertrudis em várias regiões dos Estados Unidos, Canadá, América Central e Argentina. Filme muito bem feito e de ótimo colorido. No início aparecem o Santa Gertrudis em sua fase de formação, as primeiras cruzas e muito gado de cor "araçá". Depois, vários plantéis, em que o gado aparece na fase atual do animal pesado para carne: uniformidade no tipo e na cor. Vê-se o gado nas áridas regiões do Texas, comendo palma e, nas regiões frias, a neve, onde, para o gado, beber água, o homem tem que quebrar com um machado a primeira camada congelada. Vêm-se também reuniões de técnicos da Associação de Criadores de Santa Gertrudis, selecionando reprodutores e orientando os criadores na seleção e escolha de exemplares para a reprodução.

OS QUE ESTIVERAM PRESENTES

Compareceram à reunião os srs. Paulo Quartim Barbosa, presidente da Associação Brasileira de Santa Gertrudis; Haroldo Quartim Barbosa, Rocio de Castro Prado, Augusto Lico Filho, Osvaldo Ferreira Barbosa, Teodoro Quartim Barbosa, Renato Antonio Arens, Francis L. Herbert, Aluizio Araújo, Guilherme Ernesto Constantino, Antônio Sobral, Shackford Pitcher (do consulado dos Estados Unidos), Carlos Quartim Barbosa, Silvio Blauth, Donald R. Jaklowski, José Carlos Reis de Magalhães, José de Souza Queiroz Filho, João Francisco Machado Rabello, Gianandrea Matarazzo, Luis Mendes Prates e jornalistas.

FILME SOBRE O SANTA GERTRUDIS

A Associação Brasileira de Santa Gertrudis, ao que nos informou seu presidente, o sr. Paulo de Lacerda Quartim Barbosa, vai realizar um filme em cores sobre a raça Santa Gertrudis em vários Estados.

Com esse filme pretende mostrar a perfeita adaptação da raça nos mais diferentes climas do País: no Brasil Central e nos Estados su-

SYBEKARSPELDER ADEMA 21 N.º B 181716

Nascido em 9-01-65. Filho, neto e bisneto de Preferentes

touro recentemente importado da Holanda para a
Sociedade Cooperativa Castrolanda



SYBEKARSPELDER ADEMA 21 — Nascido em 9-1-65. Descende de Adema 21 v.d. Woudhoeve, o touro mais afamado que apareceu na Holanda.

Pai				Mãe			
Adema 21 v.d. Woudhoeve n.º 26.781				Molenaar 88 N.º 699.934			
Avô		Avô		6.011	4,40	331	
Dina Hindbergh's Adema n.º 22.410		Pietje 15 n.º 166.455		6.349	4,43	346	
PRODUÇÕES DA MAE				Avô		Avô	
				Bernard n.º 29.100		Molenaar 48 n.º 488.390	
4.11	6686	4,05	318	PRODUÇÕES DA AVÓ			
5.11	7537	4,02	301	4	6384	3,91	279
7	7506	3,90	322	5	6914	3,83	287
9.2	7185	4,16	294	6	7852	3,98	338
10.3	7511	3,90	311	7.1	7779	4,01	294
				8.1	9022	4,29	369

Sua visita será uma satisfação

Sociedade Cooperativa Castrolanda Ltda.

Caixa Postal 131 — CASTRO — ESTADO DO PARANA

Para esclarecimentos sobre nossos animais, procurar o nosso representante, sr. Raul Rabbers.

Leite: as usinas ganham mais

A situação da pecuária leiteira, no Estado, é catastrófica em matéria de preços. Principalmente porque nem mesmo os 187 cruzeiros antigos, conseguidos como "líquido", representam o preço real da produção. Pelo menos 75% do leite produzido em São Paulo recebe preços abaixo desse nível, chegando, não raro, a menos de a metade dessa cotação!

A "Folha da Manhã", de 20 de março último, publica interessante estudo do sr. J. M. N. C. sobre o preço do leite. O trabalho se inicia dizendo que "pelo menos 37 milhões de cruzeiros antigos passaram a ser subtraídos, por mês, aos produtores de leite do Estado, em benefício exclusivo de usinas de pasteurização e distribuição de leite tipo "C" e varejistas, com a decretação do novo aumento do produto, para 0,33 cruzeiros novos, concedido pela SUNAB. Isso porque, vigorando em São Paulo o mesmo regime acertado pela SUNAB para usineiros e produtores do Rio de Janeiro, Guanabara e Minas Gerais, as bases reais de lucro são maiores que as permitidas pela recente Resolução do órgão controlador de preços para o aumento do leite para o consumidor".

A seguir trata das bases em que a Sunab, no princípio deste ano, ampliou a faixa de lucro nas operações de intermediação do leite, isto é as que medeiam entre a entrega do produto, na plataforma das usinas do interior, até a compra — pelo consumidor. A respeito informa que essa resolução da Sunab é burlada, porquanto a entrega do leite aos varejistas está sendo feita a 316 cruzeiros quando deveria ser a 315. E tal fixação de preços refere-se apenas ao "leite in natura". Ademais a Sunab pretende eximir-se da responsabilidade por qualquer aumento que possa ocorrer no preço final do produto, que fica por conta dos entendimentos entre produtores e usineiros.

Ainda sobre o preço do leite divulga esse artigo a porcentagem que cada uma das partes recebe sobre o preço do leite:

Produtores	56,60%
Usineiros	24,50%
Estado (ICM)	15,00%
Varejista	3,90%

O sr. J. M. N. C. diz ainda que, sem alarde, as usinas de pasteurização de leite obtiveram da Sunab a elevação de sua margem de lucro e que para os produtores, o preço do leite está liberado: a questão é acertar os problemas entre pecuaristas e usineiros.

A parte final do estudo fala em leite a 400 cruzeiros e conclui:

"A situação da pecuária leiteira, no Estado, em matéria de preços é catastrófica. Principalmente porque nem mesmo os 187 cruzeiros antigos conseguidos como "líquido" representam o preço real da produção. Pelo menos 75% do leite produzido em São Paulo recebe preços abaixo desse nível, chegando, não raro, a menos da metade dessa cotação. E mais: não é totalmente colocada a produção obtida, face à retração do mercado consumidor de produtos industrializados e à abundância de mercadoria sem possibilidade de escoamento no mercado interno. A exportação é praticamente impossível, pois, além dos países da área que poderia adquirir o produto brasileiro serem auto-suficientes no setor, os custos tornam o produto nacional sem possibilidade de competição no mercado externo.

"Por isso, os produtores só podem "forçar a mão" em matéria de leite para fornecimento "in natura". E a FAESP, órgão que representa oficialmente os agricultores e pecuaristas do Estado, já se manifesta em favor de um tratamento igual ao que a SUNAB dispensou aos usineiros e varejistas, isto é, desejam que seus preços de entrega também tenham um aumento de 32,3% no seu valor. Com isso, o produto iria ficar ao consumidor a 405,70 cruzeiros antigos, pois também subiria o devido a título de imposto de Circulação de Mercadorias.

"A tese da FAESP é que, mantida a atual situação, mas corrigida a participação porcentual antes vigente, o comércio de leite passe a funcionar com a seguinte composição:

LÍQUIDO A RECEBER ICM TOTAL			
Produtor	251,37	44,33	295,70
Usina regional	33,15	5,85	39,00
Usina distribuidora ...	47,60	8,40	56,00
Varejista	12,75	2,25	15,00
FINAL	344,87	60,83	405,70

PROSSEGUE O ARTICULISTA

"Ninguém considera, porém, que se logre chegar a esse fim. Por isso, mesmo produtores sistematicamente descontentes com a atuação das usinas concordam em que uma solução mais prática seria a que não envolvesse mais sacrifício ao consumidor, com seu poder aquisitivo bastante reduzido e já desabitado praticamente ao consumo de queijo, manteiga e outros produtos derivados do leite. Daí apoiam, embora timidamente, as gestões que o Sindicato da Indústria de Laticínios encetou junto aos poderes competentes para obter:

— Compra, pela COBAL, de leite em pó desengordurado e de manteiga, para revenda em seus postos.

— Redução pelo menos de 50% no paga-

mento do ICM do produtor (medida que a Secretaria da Fazenda não quer adotar).

— Redução do Imposto sobre Produtos Industrializados, durante seis meses, para as fábricas de laticínios, diante da situação crítica do mercado do queijo, manteiga, caseína, etc., igualmente em 50%.

— Financiamento para estoques existentes nas fábricas que trabalham com leite.

— Atendimento mais amplo a créditos legítimos, com desconto de duplicatas e promissórias rurais.

"Essas medidas teriam o condão de avaliar um pouco a tensão existente no setor do leite. E evitar que continuem fechando pequenas fábricas no Interior (e até cooperativas), criando, com isso, cada vez mais e maiores problemas à produção leiteira do Estado".

FRIGORÍFICOS...

(Conclusão da pág. 11)

problema se resume em abater essas 150.000 cabeças, em outros estabelecimentos o que não é fácil. Somente um financiamento extraordinário possibilitaria às cooperativas de carnes, que usualmente abatem em plena capacidade (20.000 a 30.000 cabeças anuais cada uma), absorver as 150.000 que os frigoríficos deixassem de matar.

Em manifesto aos criadores, divulgado a 9 de abril, os três citados frigoríficos, justificam seu baixo preço, alegando, entre outros motivos:

a) que os preços no Brasil Central baixaram de NCr\$... 23,00 a arroba para NCr\$ 16,00, esperando-se redução para NCr\$ 15,00;

b) que os NCr\$ 0,34 representam praticamente o mesmo preço pago no ano passado, embora o mercado internacional de carnes esteja pior este ano;

c) que tiveram prejuízos no

ano passado, do que o novo preço é resultado, considerados os aumentos atuais de custo e as medidas oficiais de combate à inflação;

d) que não é possível nem está ninguém pagando mais para a exportação.

Os motivos apresentados não encontram aceitação dos que não compreendem como não possam os frigoríficos pagar NCr\$ 0,45 para a exportação, uma vez que o governo estadual isentou dos 15% de ICM a todo o gado destinado a exportação, desde que comprado a NCr\$ 0,45, o que seria o caso do gado adquirido pelos frigoríficos que trabalham para o mercado exterior.

Também protestam os criadores gauchos, inconformados com o ter que vender seus bois de 490 kilos a NCr\$ 10,20, quando em São Paulo (segundo o boletim de S.I.A. do Ministério de Agricultura) em abril estava a arroba entre NCr\$ 13,50 e NCr\$ 17,00. Por que, perguntam, ha de o

seu boi valer NCr\$ 10,20?

A alta crescente dos defensivos usados no campo, as despesas de vacinação obrigatória contra a aftosa, toda por conta do criador, o salário mínimo majorado (toda a campanha gaucha paga o salário mínimo desde há vários anos), tudo isso protesta contra um preço igual ao do ano passado, numa safra em que os custos estão 40% maiores, e o primeiro trimestre de 1967 já vai com um aumento de 8%.

A situação é realmente séria para a pecuária gaucha, especialmente a do sul e oeste do Estado. Enquanto isso, os mercados vizinhos à Capital continuam pagando NCr\$ 0,50 o quilo vivo (ou NCr\$ 15,00 a arroba) para o consumo local. E no nordeste do Estado onde os municípios pastoris têm seus clientes em Santa Catarina, o preço permanece a NCr\$ 0,60 o quilo vivo, embora com mercado fraco e sentindo influência da baixa que se anuncia na campanha sul e oeste.

ANUÁRIO DOS CRIADORES

Já está à venda a edição de 1966/67 do "ANUÁRIO DOS CRIADORES". V. não deve ficar alheio a essa publicação.

EDITORA DOS CRIADORES

Escreva-nos pedindo seu exemplar, cujo preço é de apenas NCr\$ 10,00

R. CANUTO DO VAL, 216 - SÃO PAULO - S.P.

MANUAL DO CRIADOR DE GADO LEITEIRO

OS SISTEMAS MODERNOS DE ORDENHA: EFICIENTES E ECONÔMICOS

Capítulo XIV

O emprego da máquina de ordenha é o meio mais econômico e prático para que o criador possa aumentar o tamanho de seu rebanho, sem aumento de tempo e de mão de obra.

A higiene é outro fator importante, que se consegue com as máquinas de ordenha. O leite é um produto que facilmente se contamina e estraga, quando obtido com a ordenha manual. A ordenhadeira mecânica protege o leite de contaminação pelo ar do estábulo,

poeiras e outras matérias estranhas. Com suas características sanitárias e a facilidade com que as máquinas modernas podem ser conservadas limpas e esterilizadas, produz-se leite com menor número de micróbios.

A ordenhadeira moderna representa o maior progresso do homem na exploração da vaca leiteira, transformada em maravilhosa "fábrica" de leite.

ORDENHA COMPLETA

Depois da ordenha, devem-se

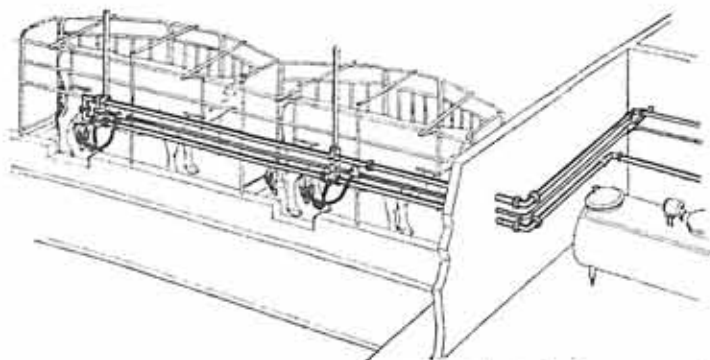


No sistema de ordenha com encanamento, as mangueiras da ordenhadeira estão ligadas aos tubos que levam o leite até o tanque de esfriamento.

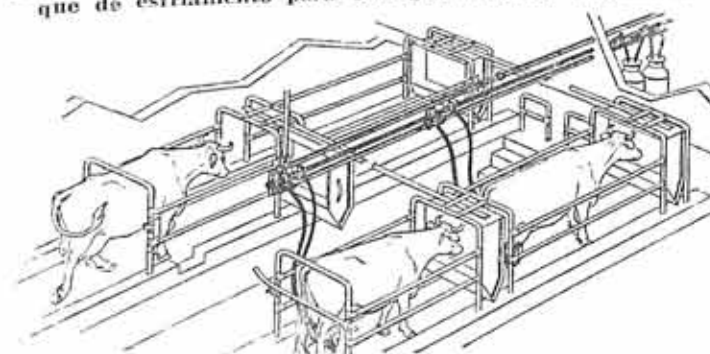
examinar todos os quartos mamários para certeza de que não ficaram resíduos de leite. Com três ou quatro apertões em cada teta, pode-se saber se todo o leite foi expulso, e determinar também o estado do ubere.

Logo depois de ter sido a vaca completamente ordenhada, põem-se as tetas em uma solução antisséptica, para tirar todos os resíduos de leite que ficam nas extremidades e que podem servir de meio de cul-

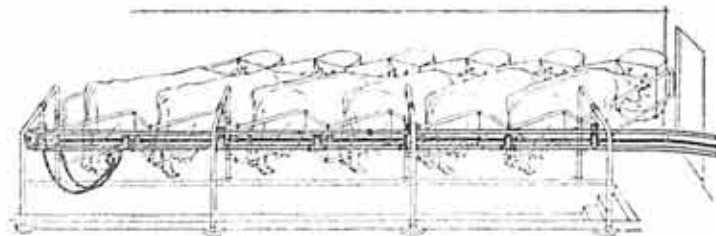
(Conclui no pág. 103)



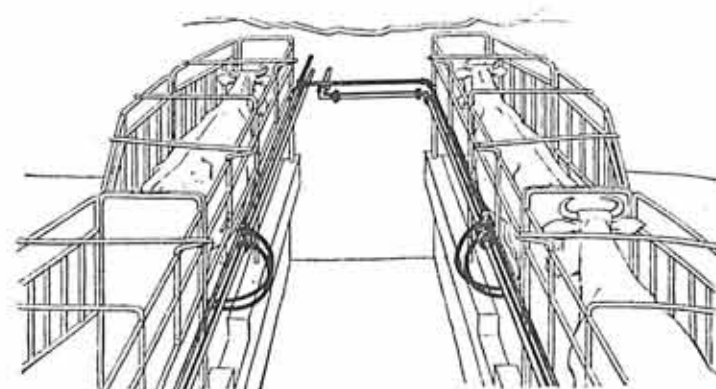
Compartimentos em fileiras simples. A instalação e manejo das tubulações é muito simples; sua manutenção, asseio e limpeza muito fáceis. Neste esquema, observam-se a sala de ordenha e o compartimento de depósito do leite no tanque de esfriamento para carregamento nos caminhões.



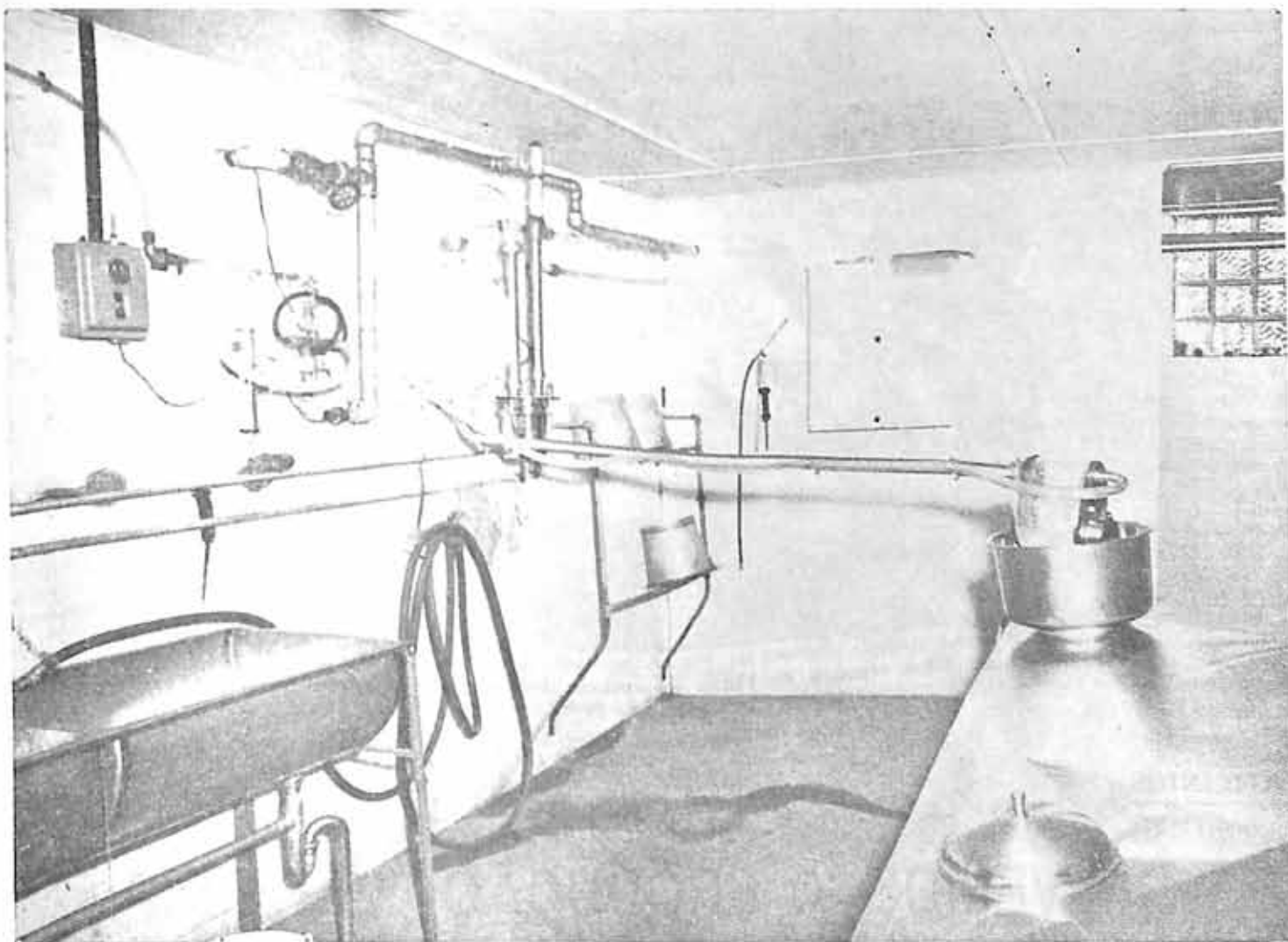
Compartimentos em fileira dupla e corredor para o operador. A tubulação condutora do leite pode ser instalada em torno dos compartimentos ou no teto. Há uma unidade ordenhadeira para cada dois compartimentos. O corredor tem escadas para facilitar a operação o acesso a todos os lugares do recinto, o que resulta em maior eficiência do trabalho.



Compartimentos diagonais (espinha de arenque ou ôsso de peixe). Este sistema, originado na Nova Zelândia, há anos, adquiriu grande popularidade em muitos países. Ganha-se espaço e um operador pode vigiar e alimentar maior número de vacas, que recebem automaticamente, nos cochos, a ração correspondente.



Compartimentos em fileiras simples ou dupla. Este sistema reduz o espaço a que o operador necessita atender. A forragem é fornecida aos cochos através de dispositivos instalados em cima dos compartimentos. A tubulação suspensa e instalada na parte superior não apresenta nenhum obstáculo nem contratempo.



O êxito da empresa leiteira está na habilidade do produtor em conservar o leite nas melhores condições possíveis de temperatura. O tanque para esfriamento a granel é equipamento indispensável e de grande utilidade.

Ao publicar este derradeiro capítulo, o XV da série "Manual do Criador de Gado Leiteiro", a direção da "Revista dos Criadores" quer expressar publicamente seus agradecimentos à revista "Agricultura de las Americas", que autorizou a tradução e a publicação.

Os ganhos do gado leiteiro dependem principalmente da habilidade do criador em vender leite da melhor qualidade pelo melhor preço possível. Se o consumidor receber leite e produtos lácteos de primeira qualidade, o consumo aumentará e os lucros da empresa serão maiores.

O leite se deteriora com rapidez se não for esfriado rápida

O ARMAZENAMENTO DO LEITE A GRANEL

Capítulo XV (conclusão)

13

e corretamente. Para o esfriamento, pode-se empregar, refrigeração mecânica, gelo ou água de poço. Quaisquer que sejam as facilidades e os métodos possíveis, o criador deve utilizá-los em toda a sua extensão.

A energia elétrica e os motores à gasolina podem ser empregados na refrigeração mecânica e no armazenamento do leite.



A bomba do caminhão-tanque suciona o leite, que se acha no tanque de esfriamento e evita o desnecessário trabalho manual de seu transporte. O caminhão transporta o leite a granel até a usina pasteurizadora.



A produção de leite, como a de todas as outras, depende em grande parte da estabilidade dos preços.

LATICÍNIOS

SALVEMOS A PRODUÇÃO LEITEIRA

Cabe ao governo financiar e industrializar o excedente das safras

L. A. SANDOVAL

Biologista-Chefe Substituto da Seção de Tecnologia do Leite, Derivados e Subprodutos, do D.P.A. de S.P.

O estabelecimento do preço do leite ao produtor, no início de 1966, na base de 190 cruzeiros velhos, ou 19 centavos novos, acarretou maior estímulo à produção leiteira, refletindo-se na atual safra, com um excedente apreciável, calculado em 200.000 litros diários, só no Estado de São Paulo.

Em face deste acentuado aumento da produção, as usinas pasteurizadoras, as fábricas de laticínios, cooperativas ou não, estabeleceram as chamadas cotas, tendo como critério a produção média de cada fornecedor na entre-safra: o excedente é fixado pelo comprador, variando de região para região. Nestas condições, o produtor, pelo regime de extra-cotas, vem recebendo um preço inferior a 19 centavos novos. Em alguns casos recebe apenas 10 centavos, pois há que deduzir ainda as taxas, o carreto e o I.C.M. de 15%, pago por ele, produtor.

Esta situação do produtor pode apresentar-se um pouco melhor se se tratar de um cooperado, pois, nesse caso, o excedente é industrializado e comercializado pela Cooperativa, podendo significar no retorno maior margem de lucro, pela venda dos derivados (queijos e manteiga). Mas, quando se trata de um produtor não cooperado, o aviltamento do preço pago pelo excedente de sua produção significa prejuízo, que pode levar ao desestímulo de sua atividade pecuária.

Assim, torna-se inadiável a ação pelas organizações oficiais de crédito do País, a fim de preservar a produção de leite, que, como todas as produções agrícolas, depende de preços estáveis.

Pela natureza do nosso serviço, temos contacto e vivência deste problema quase diariamente, pelas consultas que recebemos de produtores de leite que não conseguem preço justo para seu produto.

A nosso ver, o problema, que parece tornar-se uma constante no período das "águas", oferecem-se duas soluções práticas: a primeira refere-se ao financiamento do excedente da produção, isto é: todo o leite que ultrapassar a cota fixada pelas indústrias de laticínios deveria ter financiamento do Banco do Brasil ou do Banco do Estado de São Paulo, por intermédio de suas carteiras agrícolas. Mantido o preço mínimo de 19 centavos novos por litro, este volume de leite seria transformado ou industrializado para posterior comercialização.

A segunda solução, a qual seria, a nosso ver, a maneira mais indicada de industrializar, é transformar o leite excedente em pó, o que oferece vantagens de estocagem e de colocação no mercado consumidor nacional.

Nestas condições, de posse do excedente de leite financiado ou mesmo comprado, ao produtor, o estabelecimento oficial de crédito, de comum acordo

com as indústrias de leite em pó, cuidaria da secagem do produto, elaborando leite em pó industrial ou para consumo humano direto, segundo as conveniências do mercado.

Quanto à comercialização, poderia ser feita vantajosamente pelo Centro Estadual de Abastecimento (C.E.A.S.A.) do Estado de São Paulo, que conta com instalações modernas e mercado fácil em um grande centro consumidor como é S. Paulo.

Dir-se-ia que todo este serviço poderia ser oferecido pelas indústrias de laticínios existentes, mas sabemos que a iniciativa privada não está em condições (pelo menos no período de excesso de leite) de absorver o volume excedente, porque o mercado consumidor se contrai e se exige empate grande de capital na estocagem dos derivados obtidos.

Este programa atenderia à demanda de grande parte da população de nosso Estado e de outros da Federação, que não pode adquirir leite.

O aconselhável para fácil comercialização do produto seria a elaboração de leite em pó para consumo humano direto, daí partindo para o leite em pó industrial, consumido pelas indústrias de sorveteria e confeitaria. A maior aplicação prática deste programa seria a colocação do excedente da produção leiteira da bacia leiteira de São Paulo, Rio e Minas Gerais, na forma de leite em pó, em regiões do Brasil carentes de proteínas de origem animal, como o Norte e Nordeste.

Sabemos que a comercialização do produto desidratado é muito favorecida pela estocagem relativamente longa, na temperatura ambiente, possibilitando a oferta do produto no período de escassez.

Quanto ao volume de leite excedente das safras que poderia ser industrializado e posteriormente distribuído à população, calcula-se que no Estado de S. Paulo, na atual safra, segundo dados fornecidos por algumas indústrias de laticínios, seria de 200.000 litros diários, ou seja quase 20 toneladas diárias de leite em pó. Devemos considerar também o leite que deixa de ser produzido nesta época do ano, por falta de mercado compensador.

A estocagem do leite em pó, desde que feita pelo C.E.A.S.A., valeria como válvula de equilíbrio da produção de leite na entre-safra e o produto se conservaria bem por períodos relativamente longos.

O programa que apresentamos não constitui novidade. Muitos países já o adotam de há muito, com reais e proveitosos resultados. O excedente da produção leiteira dos Estados Unidos, transformado em pó, têm possibilitado programas de distribuição mundial de leite para populações de países subdesenvolvidos, entre outros o Programa de Alimentos para a Paz, patrocinado por organizações internacionais como U.S.A.I.D., F.A.O. O.N.U. etc.

Queremos ressaltar ainda que, como grande parte da população brasileira não conta com recursos para adquirir leite, cabe ao Governo proporcionar a esta parcela da população melhor padrão alimentar.

CERTAMES

Oitenta e três milhões no leilão de São Carlos

A Fazenda Experimental de Canchim ofereceu, pela terceira vez consecutiva, aos pecuaristas de todo o Brasil, a oportunidade de comprarem animais de ótima qualidade pelo lance maior, motivo pelo qual ali se reuniram criadores renomados de todo o Brasil. Houve grande afluência às vendas efetuadas pelo governo federal.

Quarenta e oito animais puros de origem em sua maioria foram leiloados, a saber: Charolês, 17 animais: NCr\$ 51.745,00; 58 Charolês-zebu, 8 animais: NCr\$ 8.980,00; gado Chanchim, 12 animais por NCr\$ 14.230,00; 7 cavalos árabes puro-sangue por NCr\$ 8.460,00. Movimento total: NCr\$ 83.415,00.

Nesse leilão, os principais compradores foram os srs. Agostinho Monteiro, de Belém do Pará, que efe-

tuou a maior compra em lote (14 animais); Joaquim Júlio Germano Sigaud, de Guaratinguetá (3 touros Charolêses); Luís Sousa Leão Filho, de Cafelândia (3 animais); Talft Alves Ferreira, de Belo Horizonte (1 touro-charolês); Alceu Alves de Oliveira, de São João da Boa Vista (um Charolês e um cavalo árabe); José Elesbão Dantas, da Bahia (2 touros Charolêses).

Os animais que alcançaram maior preço foram: Charolês — 1.º Dominante, vendido por NCr\$ 3.670,00; 2.º, Embau, NCr\$ 3.620,00. Cavalos árabes: 1.º Cheitan, por NCr\$ 1.620,00, 2.º Alcarim, por NCr\$ 1.600,00. 5/8 Charolês-zebu: 1.º, n.º 811, por NCr\$ 1.755,00; 2.º, n.º 768 por Cr\$ 1.350,00. Gado Chanchim: 1.º n.º 618, por Cr\$ 1.550,00; 2.º, n.º 638 por NCr\$ 1.370,00.

NÃO ESQUEÇA

Aplique suas economias em Letras de Câmbio do BNI-Bradesco, que lhe asseguram boa rentabilidade e máxima segurança.

Consulte qualquer de nossas 325 Agências



Banco Brasileiro de Descontos, S.A.

— Uma garantia de bons serviços —



Aos oitenta anos, Laucídio Coelho ainda monta com o garbo do bom cavaleiro que sempre foi.

Panteão dos nossos patriarcas rurais

I - Laucídio Coelho, o povoador dos campos gerais de Mato Grosso

Como a filosofia da história explica pela etnologia o destino dos povos em geral e do homem em particular — Porque o patriarcado rural foi o primeiro regime social do Brasil — Um menino sertanejo que se fez o rei do boi no Brasil como se tornaria o rei do petróleo nos Estados Unidos — A figura lendária de d. Leonor Garcia Pereira, heroína sertaneja da estirpe moral de Maria Quitéria e Anita Garibaldi.

VALDEZ CORRÊA

Sentindo já o imperativo dos anos, reconhecemos que a idade começa a reclamar que o beduíno amarre o cavalo à sombra da tamarreira, mesmo contra a vontade do espírito, que continua inquieto e atraído pelo areal do deserto. Por isso dizemos sempre à nossa grande companheira que *esta é a nossa última viagem*, prometemos que *esta é a nossa última reportagem*. E tiramos do baú a rede cearense para arma-la na man-

gueira do quintal, antegozando a boa leitura ao ar livre ou distraindo o espírito com as diabruras da Soraia, a turbulenta pastora alemã que o Adalberto de Castilho sem prometer nos deu, já que não podemos ouvir os trinos do canário que o Wilson Florim nos prometeu e não deu...

Há sempre, porém, um imprevisto que nos impede de entrar neste recesso profissional tão esperado, como agora que alguém

nos pede para que, *antes de cruzar as armas*, escrevamos alguns perfis dos nossos patriarcas rurais. E acedemos, no desejo de contribuir com a pequena achega do nosso conhecimento para que outro preencha a lacuna, que realmente existe, de um Dicionário Biográfico dos nossos patriarcas rurais.

Para dar início a esta tarefa, não poderíamos começar senão por Laucídio Coelho, o povoador

dos campos gerais de Mato Grosso, homem que, aos oitenta anos ainda operoso, lembra estes gigantes vegetais das nossas florestas, os jequitibás, que nascem, crescem, reproduzem e tornam-se portentosos sem sair do próprio chão onde nasceram. Mas, para falar de Laucídio Coelho, para explicar ao leitor como um menino sertanejo se tornou o rei do boi no Brasil como se tornaria o rei do petróleo se vivesse na América do Norte, é preciso definir a nossa raça em formação, contar como passamos do patriarcado rural do Império para o coronelismo sertanejo da República, distinguindo a grande propriedade produtiva do latifúndio inútil. Só assim o leitor compreenderá a obra patriótica do homem que organizou mais de cinquenta fazendas, que se estendem dos campos da Vacaria, no Sul de Mato Grosso, às águas do Guaporé, no Norte do Estado.

INTERPRETAÇÃO DOS FENÔMENOS SOCIAIS

Na filosofia da história, a etnologia ocupa hoje um papel importantíssimo, porque, sem o auxílio dela, não é possível fazer a interpretação crítica dos fenômenos sociais, sejam políticos, econômicos, religiosos ou científicos. Está perfeitamente estabelecido que são as etnias que determinam o destino dos povos em geral e



D. Maria Coelho de Souza, mãe do nosso patriarca. Dela Laucídio Coelho herdou a estatura pequena, a fisionomia e a longevidade, pois ela morreu aos 82 anos.

dos homens em particular. Já vão longe os tempos do conceitualismo teológico que levava um frei Vicente do Salvador a atribuir os nossos males ao fato de termos trocado o nome de Terra da Santa Cruz pelo de Brasil. Por isso, quando Silvio Romero escreveu a sua majestosa História da Literatura Brasileira, teve necessidade de começar estudando isoladamente cada uma das três raças que contribuíram para a nossa formação — o português, o negro e o índio — porque somente assim seria possível explicar como o produto deste *melting-pot*, embora portador das heranças genéticas dos três ancestrais, não se identificando com nenhum deles e tendo na conformação psíquica uma sensibilidade diferente, só poderia exteriorizar o seu pensamento e as suas emoções de maneira também diferente, o que justifica perfeitamente a existência de duas literaturas distintas, a brasileira e a portuguesa, escritas na mesma língua e na mesma pátria (isto durante os primeiros séculos antes da Independência). A razão é que, no reino os intelectuais, permaneciam amarrados ao classicismo, enquanto aqui os nossos poetas, os nossos prozadores, os nossos oradores sacros, os nossos tribunos sofriam a influência de uma natureza virgem, filtrando na alma do mestiço nacional o encanto das nossas florestas, o colorido das nossas flores, a verdura dos nossos campos, o irizado dos nossos mares, a brancura das nossas praias, o gorgueio dos nossos pássaros, o sabor dos nossos frutos, a exuberância da nossa terra, a luminosidade dos nossos dias, o estrelado do nosso céu e a poesia das nossas noites luarentas. E tudo isto convidava ao lirismo, tudo isto agia na sensibilidade do homem despertando nele o ciúme pela terra-mãe, o amor e o orgulho pelo solo pátrio, a consciência nativista, que começou expulsando o estrangeiro intruso — o francês e o holandês — para depois fermentar em rebeliões contra a própria metrópole, como na Inconfidência Mineira, na revolução pernambucana de 1817, na Confederação do Equador — e que não se aquietaria nem mais com o Grito do Ipiranga, porque só nos sentiríamos integralmente brasileiros quando puséssemos no trono um monarca nacional, nascido aqui mesmo. Foi este o tempo em que o nativismo levou os patriotas até à abjuração do nome português, trocado por outros de sabor todo brasileiro, como os Acaiaça, os Sininbú, os Mororó, os



José Justino de Souza Coelho, pai de Laucídio

Montezuma, os Gê, os Aroeira, os Tibiriçá, os Piratininga e outros.

A influência da etnologia é tão indispensável para a compreensão da história, em qualquer dos seus ramos, que basta citar o exemplo do próprio Portugal, com as suas colônias da África, todas contemporâneas da descoberta do Brasil e que até hoje não passaram de colônias, enquanto nós há século e meio somos um povo livre. Por que isto, se o colonizador, é o mesmo, se mesmo é também o negro? É porque lá faltou o terceiro componente étnico que o Brasil teve — o índio, cujo instinto de liberdade foi a maior herança que nos legou e o impulso espiritual que nos conduziu à Independência.

BAGAGEM ESPIRITUAL HERDADA

Mas — observa ainda Silvio Romero — o brasileiro não é apenas o mestiço fisiológico: é sobretudo o mestiço moral e é esta mestiçagem que será o traço indelevel da nossa personalidade. Porque, enquanto o mulato vai branqueando, diluindo-se nestes matizes que fazem de uma mulata 7/8, já de cabelo fino, uma dinamite em forma de mulher — enquanto isto, a mestiçagem moral permanece e continua a se transmitir por hereditariedade, estando nós fadados a carregar esta bagagem espiritual pelo futuro além. Não há um único brasileiro, por mais ariano que seja, que não participe desta mestiçagem moral, que



Laucídio Coelho e D. Lúcia quando noivos, em 1911.

não tenha o seu psiquismo impregnado na influência inconsciente que o negro, o índio e o português entornaram nos nossos antepassados, no convívio íntimo das casas grandes, das senzalas, dos engenhos, dos currais e das matas. Para que o leitor se convença disto, basta que considere os nossos hábitos domésticos de educação, as nossas predileções alimentares, os nossos sentimentos religiosos, onde catolicismo e macumba se combinam, os nossos tabús, as nossas dansas e cantigas, as nossas tradições sertanejas, o nosso folclore, as nossas lendas. Este amor à liberdade, que nos levou cedo à Independência; esta inclinação para desrespeitar a propriedade alheia, ainda hoje tão comum nos sertões; esta valentia que faz do soldado brasileiro um herói na guerra e que foi a tinta que Taunay utilizou para escrever a "Retirada da Laguna" — este gosto de ficar horas inteiras balançando na rede, na varanda das casas sertanejas — isto nos veio do índio. Do negro conservamos a docilidade, a conformação no infortúnio, o sensualismo que faz de todo brasileiro um frascário, a índole de malandragem dos morros, a ingenuidade infantil, a dedicação nos afetos, a tentação para o roubo e principalmente esta alegria saudável, que explode nos três dias do carnaval. Do português, finalmente, sendo ele a raça mais nobre (embora também seja um mestiço ibérico) herdamos a inteligência, a inclinação devota, o espírito de inicia-

tiva, a tenacidade no trabalho, a ambição pela fortuna, a atração pelas mulatas, o gosto pelas aventuras e também um pouco de burrice...

Tudo este conjunto de virtudes e defeitos faz parte do nosso psiquismo, representa a nossa mestiçagem moral, caracteriza o brasileiro que somos e seremos enquanto a raça existir. Nem mesmo as grandes correntes migratórias que têm despejado alemães no Rio Grande do Sul e Santa Catarina, italianos e japonezes em

S. Paulo e polacos no Paraná — nem todo este volume sanguíneo cruzando conosco poderá mais alterar o conteúdo da individuação racial, influenciar o substrato moral da raça, porque a nossa infraestrutura já está granitada e impermeabilizada no seu revestimento psíquico. O mais que pode acontecer é que estes estrangeiros clareiem um pouco a nossa pele, dando-nos uma falsa aparência ariana. Mas, em troca, eles e seus filhos serão atingidos pela nossa mestiçagem moral, absorvidos que serão pelo meio.

Em Santo Amaro encontramos ainda descendentes de uma colônia alemã instalada ali no tempo do Império, por iniciativa do Senador Vergueiro. Pois, são eles hoje verdadeiros caipiras de olhos azuis, que pitam o seu cigarrinho de palha cuspidor por entre os dentes, se acocoram para conversar como qualquer Jéca Tatú e falam arrastadamente o mesmo linguajar do caboclo: depois é... an-tonce nhôsim mecê... é o castigo de Tupan, é a vingança de Xangô.

EXPLICAÇÕES ETNOLÓGICAS

Assim como a etnologia explica o motivo de duas literaturas numa mesma língua e numa pátria única, explica também o destino político, econômico, religioso dos povos. Explica, por exemplo, porque o nosso primeiro regime social foi o patriarcado ru-



O casal comemora as bodas de ouro, cercado de filhos e netos.

ral. Realmente, sem o negro e o índio, o português nunca teria conseguido criar a indústria açucareira e desenvolver a vida pastoril no vale do S. Francisco, nem S. Paulo e o Estado do Rio teriam formado suas fazendas de café. Sem isto, o País teria demorado a sua colonização, expondo-se à ambição estrangeira, que mesmo assim penetrou na Bahia, em Pernambuco e no Maranhão. Instalando-se na grande propriedade açucareira, na grande fazenda de criação, longe da metrópole e dos governadores gerais, o português tornou-se o senhor absoluto de seus domínios, dando o castigo e a proteção por conta própria, revestindo-se de um patriarcado que foi evoluindo e já chegou ao Império tão consolidado que se tornou o sustentáculo do segundo reinado. Porque foi nos ombros destes atletas rurais que o tropo foi carregado durante 50 anos. Era no seu meio que Dom Pedro ia buscar os titulares do Império, a nobreza da sua corte, os seus ministros e os representantes do povo. Porque, sen-

do eles a classe rica da nação, a única que podia mandar educar os filhos na Europa, era do seu meio que saíam as elites nacionais. Tanto assim que, para escrever a História do Romantismo no Brasil, Haroldo Paranhos precisou recorrer aos Anais do Congresso, porque era no Parlamento do Império que se tinha refugiado a flor da inteligência nacional, naqueles idos. Era a tribuna da Câmara ou do Senado que servia para os grandes torneios de oratória, para as grandes exibições de eloquência e cultura. E assim continuou, até que começou a se abastardar com os bacuráus da República, que não estavam à altura de acompanhar o voo das águias do Império.

Mas, bastou que se quebrassem os elos da corrente que unia as três etnias com a Abolição para que o Brasil caísse em colapso econômico, até que o tempo restabelecesse o equilíbrio das forças vivas da Nação. No entanto a evolução social se interrompeu, com mais de dois milhões de negros de uma hora para outra tira-

dos do campo e lançados na ociosidade das cidades, para infelicidade nossa e deles próprios, que ficaram sem destino e vão-se extinguindo aos poucos, menos pelo cruzamento antigo do que pela cachaça, pela sífilis, pela degeneração física.

Para substituir o patriarcado rural que se extinguiu com a Abolição e a queda do Império, implantou-se na República o regime dos coroneis sertanejos, que se tornaram os chefes políticos da região e serviam de sustentáculo aos governadores, que por sua vez eram o apoio dos presidentes da República. Esses coroneis ficaram sendo os donos das terras e a sua importância era proporcional à extensão territorial de seu domínio, que não exploravam, porque viviam do dinheiro dos governos, da advocacia administrativa que faziam, embora fossem quase todos analfabetos, o que não impedia que muitos subissem para o parlamento federal. Foram estes coroneis e os próprios governadores que criaram o regime dos latifúndios. Em 1931, fomos pela



Lauclício Coelho e d. Lúcia com seus filhos e netos. Quase o casal bate a nossa prima Idezith, que já está com quase 60 netos. Mas, a Idezith é cearense. E no Ceará não tem disso não...



Antônio Pereira Martins, pai de D. Lúcia.

primeira vez a Goiás apurar a denúncia que os jornais faziam, de estarem 2/3 das terras do Estado em poder da família Caiado, a oligarquia que caíra com a revolução de 30. Trabalhávamos naquela época na reportagem da A PLATÉA, o popular vespertino do bondoso Pedro Cunha. Mas, nem chegamos a apurar nada, porque, logo na primeira semana de permanência na velha capital que o Anhangüera fundara à margem do rio Vermelho, apareceu-nos um inchaço no pescoço e, alarmados com o acontecimento naquele ninho da modéstia de Chagas, voltamos apressadamente para S. Paulo, horrorizados com a suspeita de termos adquirido o papo... credo, cruz!

EVOLUÇÃO DE MATO GROSSO

Conta-se que Emilio de Menezes dizia sempre que não acreditava em duas cousas que nunca vira nem tinha mais esperança de ver: em nota de quinhentos mil reis e em Mato Grosso. Na velha República também dizia-se galhofeiramente que Mato Grosso não existia na geografia brasileira e este nome era apenas uma velharia política, para justificar a eleição de Murinho para o Senado. A verdade, porém, é que, há poucos anos atrás, o grande Estado mediterrâneo vivia esquecido, a ponto de ter virado diocese, governado por um bispo. No Império, então, nem se fala e o que admira é que uma provincia tão distante e abandonada tenha permanecido soldada à nação. De-

pois que se encerrou o ciclo da mineração do ouro, Mato Grosso ficou esquecido do Brasil, tendo como único sinal de vida uma ou outra fazendola que se havia instalado nas proximidades das catas para fornecer carne aos mineiros. Esse gado provinha dos grandes criatórios do São Francisco e, como a pecuária geral, não tinha raça definida. Com o fechamento das catas e não havendo mais necessidade de matança, essas pontas de boiadas ficaram por ali em liberdade na imensidão territorial e acabaram tornando-se selvagens, como o gado que os paulistas encontraram nos pampas, quando iniciaram ali o ciclo da preia.

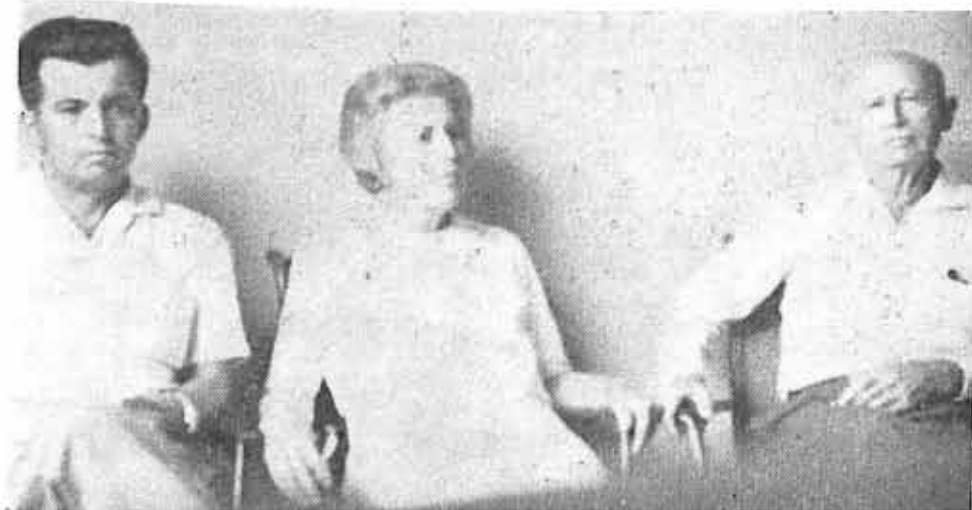
Com o governo instalado no Norte do Estado, já quasi nas florestas da Amazonia e por isso mesmo incapacitado para uma administração eficiente, por falta de comunicações adequadas — aquelas terras, de Cuiabá para o Sul, foram caindo no poder de meia dúzia de famílias, que acabaram legalizando estes latifúndios ou nem mesmo interessando-se por isso, porque por lá, até muito pouco tempo, o verdadeiro código era a lei do trabuco. Ficou, assim, o grande Estado mediterrâneo com o seu progresso entravado por estes posseiros, que não exploravam a terra nem permitiam a entrada de ninguém, situação que perdurou até mais ou menos 1930, quando a Revolução levou ao Estado os seus pouquíssimos benefícios, mas, assim mesmo suficientes para incorporá-lo à economia nacional.

Estado de vastidão desnortheast, o território está dividido em três regiões distintas: a do Sul, que vive mais ligada a S. Paulo, de onde recebe o progresso, e que



Leonor Garcia Pereira, mãe de D. Lúcia, é uma figura lendária, da mesma estirpe moral de Maria Quitéria, a heroína baiana das lutas da Independência e de Anita Garibaldi, a catarinense que se fez companheira do Herói dos Dois Mundos e morreu em Roma, defendendo a Cidade Eterna da invasão franco-austriaca. Enviuvando aos 23 anos, D. Leonor Garcia enfrentou a vida rude do sertão e educou os filhos como aquelas matronas romanas dos tempos da República. Um deles hoje é o grande pecuarista Etalívio Pereira Martins, irmão de D. Lúcia.

aspira à autonomia, já tendo até escolhido o nome de Estado de Maracajú; a do centro, na depressão do antigo mar de Xeraés, que é onde estão os pantanais provocados pelo rio Paraguai e seus



O casal tendo ao lado o genro Antônio Barboza de Souza, nosso introdutor diplomático.



Ao lado de seu pai, o dr. Hélio Coelho, médico conhecido em S. Paulo, que fechou sua clínica para ocupar o lugar que lhe estava reservado na Organização.

afluentes; a do Norte, sede do governo, que entesta com a floresta da Amazônia, região de matas ainda inexploradas mas de grande futuro, maximé quando estiver aberta a estrada de rodagem que vai ligar Santarém, no Pará, a Cuiabá.

Durante muito tempo — talvez séculos — o futuro de Mato Grosso estará ainda na pecuária. Hoje, nos pantanais e no Sul do Estado, não há mais terras devolutas, a não ser talvez alguns hervais já na fronteira do Paraguai, e que talvez nem isto mesmo aconteça. O grande centro criatório é, porém, o pantanal, ou melhor, os pantanais. Tudo ali é favorável a vida pastoril, apesar daquelas terras baixas ficarem praticamente debaixo d'água durante seis meses do ano. Mas a região é tão favorável que, naqueles pântanos,

além de não haver a mosca do berne, que tanto desvaloriza o couro, nem sal é preciso ministrar ao gado, porque o animal vai suprir-se de sais nas inúmeras lagoas salgadas da região. E sendo aquilo um paraíso de mosquitos, torna-se quase inacreditável que a malária não domine a região, porque não existe por lá o *anopheles*.

Hoje há grandes fazendas, ou melhor estâncias, como se diz por lá, onde a pecuária extensiva já é criada zootécnicamente, como, por exemplo, a do nosso amigo Donald Strang, que é um dos criadores mais avançados do Brasil e só de uma vez levou das suas propriedades de Araçatuba 5 mil vacas Nelore para o Rio Negro, quebrando o tabu que então existia de que o Zebu puro não encontrava condições de vida no Pantanal.

Laucidio Coelho, o povoador dos campos de Mato Grosso

O maior criador, não de Mato Grosso, mas, do Brasil — e no dizer do dr. Barisson Villares, do mundo — é o sr. Laucidio Coelho, que possui umas cinquenta fazendas, epalhadas dos campos da Va-

caria, no Sul, às águas do Guaporé, no Norte do Estado. Calcula-se em mais ou menos trezentas mil cabeças de gado o seu rebanho. Todo esse mundo, ele ainda aos oitenta anos dirige cerebral-

mente, coadjuvado pelos filhos e genros, que constituem hoje a Organização Laucidio Coelho. Tudo funcionando planejadamente com absoluta normalidade, desde a direção das fazendas, ligadas pelo rádio e por 45 campos de aviação, à descida desta boiada para as invernadas do Sul, serviço que é dirigido pelo dr. Hélio Coelho, médico que fechou seu consultório de cardiologista em S. Paulo porque a Organização precisava de seu auxílio. Essas boiadas, que há anos passados desciam a pé até os campos de invernada, gastando nisto vários meses, hoje já fazem um trajeto mais suave, em 20 marchas do Guaporé a Quatro Irmãos, três marchas de Quatro Irmãos à Ilha de Bela Vista, entre a Lag3a Uberaba e La Guaira. Ali a boiada embarca em transportes apropriados e desce o Paraguai até Porto Martinho, em 30 horas de viagem, e desembarca para ser novamente embarcada nos trens da Noroeste em Albuquerque, até Três Lagoas, viagem que se faz normalmente em dois dias. De Três Lagoas, embarca novamente no Porto Independência, no rio



Na grande piscina do palacete de Campo Grande, o casal, cercado de filhos, assiste aos netos treinando para pinguins.



Edifício da Cooperativa da Organização.

Paraná e desce até Porto Epitácio, onde, depois de 8 horas de viagem, desembarca para entrar nas internadas de engorda. Na época apropriada, embarca novamente de trem e vem ter ao frigorífico de Itapevi, perto de Cotia, propriedade da Organização. O gado destinado à engorda nos campos da Vacaria faz o mesmo percurso até Campo Grande e depois de internado nas fazendas do Sul, vem para S. Paulo pela Noroeste.

Até há alguns anos atrás, a Organização tinha um grande frigorífico em Campo Grande. Este frigorífico, porém, foi vendido, porque não correspondia aos interesses econômicos do grupo.

A organização, que o sr. Laucídio Coelho idealizou e criou, é alguma coisa de surpreendente como trabalho de um só homem, máxime tratando-se de um meio hostil, de valentias e de tiros, como era Mato Grosso quando ele começou a vida. Embora coadjuvado pela sua equipe de filhos e genros, não é fácil dirigir uma Organização que conta com mais de mil funcionários e que, para manter estes funcionários, abate por ano cerca de mil e quinhentos bois, tendo ainda uma cooperativa que movimenta mais ou menos cinquenta milhões de cruzeiros por mês. Porque as atividades ali não se limitam ao boi: há o Banco Financeiro de Mato Grosso, há o frigorífico de Itapevi, em S. Paulo, há a grande cerâmica mecânica, a há a indústria de subsistência, como a fabricação de farinha e açúcar. E tudo funcionando com a naturalidade de uma máquina que gira sobre rolamentos, com as fazendas ligadas pelo rádio e pelos aviões.

Pois este homem, que começou com uma bezerra e é hoje o rei do boi, é de uma modestia, de uma simplicidade e de uma brandura que admira. Ninguém que não o conheça, ao vê-lo na rua, em casa ou nas fazendas, dirá que está diante da maior potência econômica de Mato Grosso. Conta-se que, quando a Swift trouxe para o Brasil a raça Santa Gertrudis, o sr. Laucídio Coelho fez uma viagem a Laranja Doce, na Sorocabana, para conhecer este gado. O americano vendo aquele homem pequeno, vestido com simplificação, presta atenção lhe deu. E quando na despedida Laucídio convidou o *mister* para visitar Mato Grosso, perguntou-lhe este com desdém: "E o sr. tem campo de aviação na sua fazenda?"

— Tenho trinta campos — respondeu o patriarca.

O americano arregalou os olhos como duvidando:

— E quantas fazendas o sr. tem?

Laucídio, quase constrangido, respondeu modestamente:

— Tenho só 19!

O americano, que na ocasião levava o copo de whisky à boca, engasgou-se, tossiu e limpando a boca com a costa da mão, gaguejou:

— All right...

O QUE O BRASIL ESPERA DOS SEUS FILHOS

É este último abencerragem do patriarcado rural do Brasil, pai de 12 filhos e avô de 42 netos, que apresentamos aos leitores nesta

primeira reportagem da pequena série que iniciamos. Escolhemo-lo porque Laucídio Coelho é um exemplo, uma indicação do caminho que deve ser trilhado para que possamos corresponder ao que o Brasil espera dos seus filhos.

O combate ao latifúndio nunca poderá ser feito por uma reforma agrária de gabinete num país de área geográfica desmesurada como o nosso, onde o próprio governo é o primeiro a possuir latifúndios, como as vastidões inaproveitadas do Estabelecimento Rural do Tapajós, por nós focalizado recentemente. Só resolveremos o problema da terra, transformando o latifúndio em grande propriedade produtiva, com os nossos próprios recursos étnicos. Neste sentido, até que praticamente regridimos, porque na Colônia, quando o governo distribuía as grandes sesmarias, era com o dever do sesmeiro aproveitar integralmente as terras, figurando como uma das cláusulas da doação que as áreas não utilizadas reverteriam ao domínio da Corôa. Para evitar isto, os sesmeiros arrendavam o excedente aos vaqueiros que nesses sobrados de sesmaria instalavam os seus currais ou os seus pequenos engenhos. No entanto, na República o poder público permite que grandes extensões territoriais do país permaneçam na posse de quem delas nenhum proveito tira, esperando apenas a valorização para vendê-las.

O combate ao latifúndio no Brasil terá que ser feito pelo homem, pela iniciativa particular — que tem sido o maior fator de progresso do país. Não será com medidas oficiais, numa terra onde o crédito bancário praticamente não existe, que resolveremos este magno problema. É com os nossos próprios recursos étnicos que faremos o povoamento do solo. Está aí o exemplo de Laucídio Coelho, que sozinho, sem auxílio do poder público, sem contar com assistência bancária, demográfica e economicamente fez mais por Mato Grosso do que muitos governos. E movimenta uma organização que tira da terra recursos tão grandes que se tornou o maior contribuinte de impostos para o Estado e a União. Isto apenas pela exploração inteligente dos latifúndios inúteis que foi adquirindo para transformá-los em grandes propriedades produtivas. Porque, dos seus vastíssimos domínios, não há um só que não esteja perfeitamente integrado na sua Organização como terra povoada pelo homem e pelo boi.

Este homem, para nós, sintetiza eugênicamente o padrão humano da raça que já deu Rio Branco Santos Dumont, Floriano Peixoto, Rui Barbosa, Tobias Barreto, Nina Rodrigues, Capistrano de Abreu, Evaristo da Veiga, Quintino Bocaiuva e tantos outros vultos que não ilustram apenas o Brasil, mas também dignificam a humanidade. Raça que deu um Rondon, representante único do índio; que deu um José do Patrocínio, fruto vigoroso do ancestral negro; que deu um Delmiro de Gouveia, portador dos valores genéticos do português — todos homens que já não eram mais nem o índio, nem o negro, nem o português, mas um tipo étnico de individuação inconfundível: o brasileiro. Homens, enfim, como este Laucídio Coelho, que se tivesse estudado e vivido num meio grande, como militar seria um Osório; como estadista, um Nabuco de Gouveia; como diplomata, um Joaquim Nabuco; como escritor, um Euclides da Cunha; como ator, um João Caetano; como chefe político, um Pinheiro Ma-

chado; como filósofo, um Farias Brito; como jurista, um Clovis Bevilacqua; como poeta, um Castro Alves; como compositor, um Carlos Gomes; como engenheiro, um André Rebouças; como homem de empresa, um barão de Mauá — aliás, a figura histórica de quem mais se aproxima o sr. Laucídio Coelho. Mas, ele ficou no seu meio rude, com os recursos espirituais da sua instrução primária, vivendo no mesmo chão onde nasceu, como um jacarandá das florestas. Lá mesmo, a sua dinâmica teria forçosamente que se manifestar da única maneira possível: fez-se o povoador dos campos gerais de Mato Grosso, realizando uma verdadeira proeza demográfica que não custou um centimo ao governo, que gasta tanto para introduzir no Brasil a borra social da Europa. E neste país das futilidades, de tantos reis e rainhas de bobagem — tornou-se um verdadeiro rei da economia nacional: o rei do boi, com a mesma naturalidade com que na América do Norte teria sido o rei do petróleo...

REVISTA DOS CRIADORES

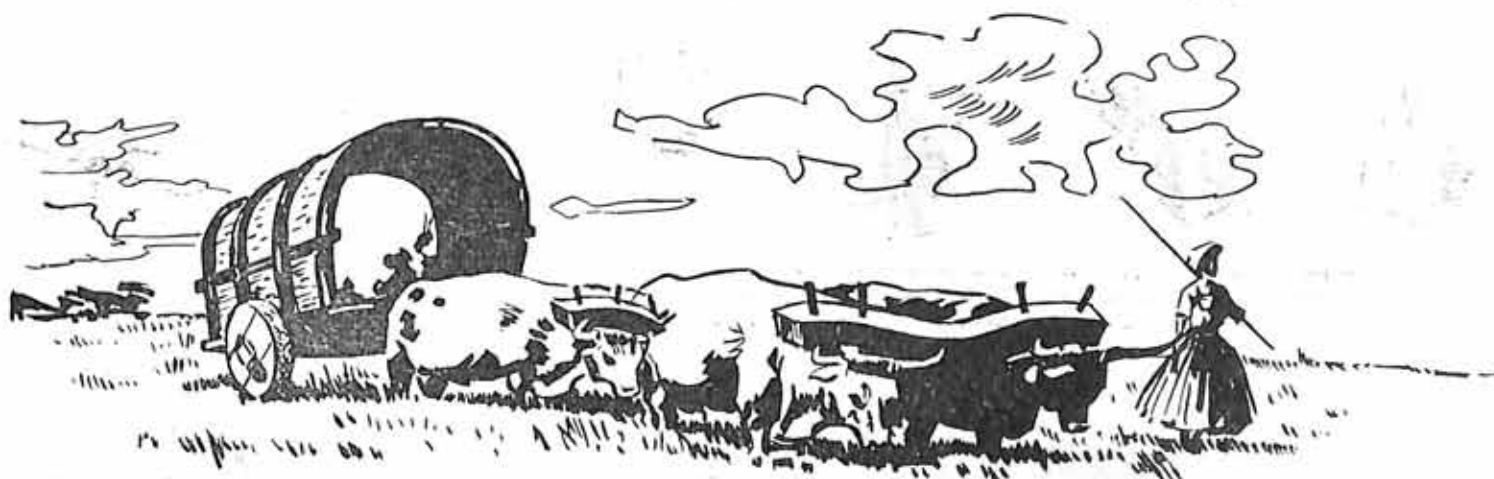
Assinar a "Revista dos Criadores" é beneficiar-se de quase quarenta anos de experiência e tradição. A mais antiga e mais completa publicação especializada em pecuária no Brasil Central

Preço da assinatura
NCr\$ 10,00

Editora dos Criadores

Rua Canuto do Val, 216

SÃO PAULO - S.P.



Neste desenho, simbolizamos D. Leonor Garcia Pereira varando os sertões do Sul de Mato Grosso, na direção do Paraguai, aonde ia comprar sal para o seu gado, enfrentando os maiores perigos.

Compre na A.P.C.B. e lucre 4 vezes:

TEMOS PARA ARTIGOS PARA A PRODUÇÃO AGRO-PECUÁRIA



Arame farpado, liso ou ovalado. Grampo para cerca.



Pás, enxadas, foices, facões, machados e escavadeiras.



Laço, baixeiro, pelego, xerga de feltro, berantes, estribos.



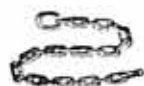
Seringa automática, argola p/ touro, torquês p/ castrar, artigos cirúrgicos.



Soros, vacinas, vermífugos e demais produtos veterinários.



Sal puro ou mineralizado, antibióticos



Correntes para contenção do gado e peia para ordenha.



Cordas, cabrestos, cabo de cabestro.



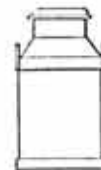
Botões de alumínio e chapas numeradas p/ identificar gado.



Bota e tamanco de borracha; cano curto e longo.



Balde de metal ou de plástico, graduado para ordenha.



Latão de leite. Resfriadores de leite.



Balança de pesar leite. Butirômetro.



Tubos plásticos e folhas plásticas para lavoura.



Lonas, encerados e sacos para colheita.



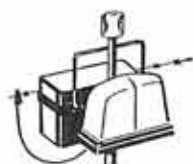
Formicidas, inseticidas, fungicidas e imunizantes.



Picadeira de cana: elétrica, a gasolina ou a óleo cru.



Adubo granulado ou em pó, ensacado ou a granel.



Cerca elétrica e pertences, nacional e importada.



Aparelho para tosquia de bovinos, escovas e raspadeiras.



Desnatadeira, formas para manteiga e queijo.



Batedeira, filtro para leite e coalho para queijo.



Vários tipos de balança para gado.



Carrinho de mão de rodas de borracha ou de ferro.



Semeadeira e adubadeira manual e mecânica.



Carreta inteira e desmontável p/ tração animal e mecânica.



Tratores de pneu ou de esteira. Pulverizadores de vários tipos.



Bombas de motor elétrico, diesel ou óleo cru.



Desintegradores, moendas, debulhadores a motor ou manual.



Motor elétrico e a gasolina e gerador a gasolina ou a óleo cru.

1 no preço;
2 na qualidade;
3 na forma de pagamento;
4 nos benefícios que a
A.P.C.B. poderá proporcionar-lhe com o produto das vendas

PRONTA ENTREGA:

ARTIGOS PARA O CONFÔRTO E BEM-ESTAR



Japones de lã, ponches e capas de plástico, lona e borracha.



Sapatos e botas de couro para homens, mulheres e crianças.



Livros técnicos e para registro e controle de animais.



Tambor plástico p/ transportar gasolina, diversos tamanhos.



Canecas graduadas, jaras, garrafas e leiteiras.



Garrafas térmicas e geladeiras portáteis de isopor ou de metal.



Lanternas plásticas de pilha e pilhas avulsas.



Lampiões a gás ou querosene, camisas, pavios e mangas.



Charrete com ou sem pneu.



Passagens aéreas: linhas domésticas e internacionais.



Canivetes, facas, facões e tesouras de podar.



Cadeira de lona de abrir e fechar, leve e de fácil transporte.



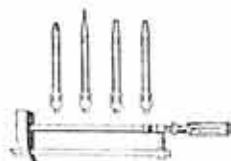
Chapéus finos para campo, de feltro e de palha.



Geladeira portátil de isopor. Ótima para pic-nic e transporte de vacinas.



Caixas de madeira e formas plásticas para transporte de ovos.



Conjunto de emergência, com martelo, serra, chave de fenda, furador e formão.



Churrasqueira e espeto inoxidável para churrasco.



Fogareiro de querosene. Bom para emergência ou caçadas, pic-nic, etc.

a A. P. C. B. é

uma entidade de classe fundada em 1927 e presta os seguintes serviços a seus associados:

- assistência técnica agrônômica, zootécnica e veterinária;
- serviço de registro genealógico;
- serviço de controle leiteiro das raças européias e indianas;
- serviço de controle de peso de gado para corte;
- distribui a "Revista" e o "Anuário dos criadores" aos seus associados;
- realiza a Exposição Especializada de Gado Leiteiro do Estado de São Paulo;
- realiza a Feira Nacional de Animais;
- ...e dentro em breve estará oferecendo mais serviços aos associados.

ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE CRIADORES DE BOVINOS

Rua Jaguaribe, 634 - Tel. 51-6963 - 51-6380 - 52-6686 - 52-4388
SÃO PAULO — BRASIL

O contrato individual de trabalho

(Do Departamento Jurídico
da FAESP)

1. Contrato individual de trabalho — segundo o art. 62 do Estatuto do Trabalhador Rural — é o acordo tácito ou manifesto, correspondente à relação de emprego.
2. Pode ser celebrado verbalmente ou por escrito; de modo expresso ou não; por prazo determinado ou indeterminado (art. 63 do E.T.R.).
3. No contrato por prazo indeterminado, os primeiros 12 meses são considerados como de experiência, e antes que se completem, a sua res-

cisão, pelo empregador, não obriga a qualquer indenização (art. 80, § 1.º do E.T.R.); apenas, ao pagamento de aviso-prévio e do 13.º, proporcional.

4. O contrato de trabalho, com prazo determinado, não poderá ser superior a 4 anos (art. 67 do E.T.R.). Se prorrogado, após o vencimento, por mais de uma vez, torna-se de prazo indeterminado (§ 1.º, do art. 67, citado). Outrossim, o contrato que suceda a outro, dentro de 6 meses, considera-se por

prazo indeterminado (§ 2.º, do art. 67, citado).

5. Na falta de estipulações expressas, entende-se que o trabalhador rural se obrigou a todo e qualquer serviço, compatível com a sua condição pessoal (art. 68 do E.T.R.).
6. O contrato pode prevêr, de maneira legal e válida, o direito de transferência do empregado para localidade diversa da originariamente estipulada (art. 71 do E.T.R.).

(Conclui na pág. 101)

MODELO

CONTRATO DE TRABALHO

Contratante-proprietário:
 Contratante-lavrador: (nome e qualificação)
 Local: (nome do imóvel, Município, Estado)
 Prazo contratual:
 Natureza do serviço: (agrícola, pastoril, etc.)
 a) — em dinheiro
 Salário: b) — em utilidades (habitação, etc.)

CONDIÇÕES: a) direito do contratante-proprietário descontar as utilidades fornecidas e os adiantamentos feitos; b) reajuste da remuneração paga ao contratante-lavrador, ante eventuais alterações da lei, mas na qual proporção, também, se reajustarão as utilidades de direito (hab. etc.); c) proibição do contratante-lavrador manter no imóvel e animais daninhos; d) direito à residência no imóvel, condicionado ao satisfatório, contínuo e ininterrupto exercício, pelo contratante-lavrador, das atividades contratuais avençadas; e) a percepção salarial do contratante-lavrador, será apurada na base dos dias efetivamente trabalhados; f) as eventuais gratificações, que venham a ser lançadas a crédito do contratante-lavrador, ante sua condição de liberalidade, não geram direitos, subsequentes; g)

E por assim estarem acordados, mandaram elaborar este, em vias, que lidas e achadas conforme, assinam com as testemunhas-instrumentárias, no modo e forma legais.

(Local e data)

TESTEMUNHAS:

- a)
- b)
- c)
- d)

Impressão digital
de

ALTA DIREÇÃO DA PURINA RECEBE A IMPRENSA ESPECIALIZADA

O sr. Leon M. McCorkle, gerente da Purina do Brasil Alimentos Ltda., reuniu a imprensa agropecuária em grande almoço realizado em São Paulo, a fim de mostrar quais as metas estabelecidas e o que representa para o País esta nova empresa que aqui se instala.

Inicialmente usou da palavra o sr. Carson Geld, que apresentou o sr. Leon M. McCorkle. Após agradecer as palavras do sr. Carson Geld, disse o sr. Leon M. McCorkle:

"Cheguei movido por profundo desejo de aqui ficar e, juntamente com a colaboração de muitos de seus concidadãos, na esperança de poder contribuir para melhorar o padrão de vida dos brasileiros. Espero, particularmente, ajudar a melhorar a qualidade e baixar o custo da carne, leite e ovos, com suas proteínas tão necessárias ao povo".

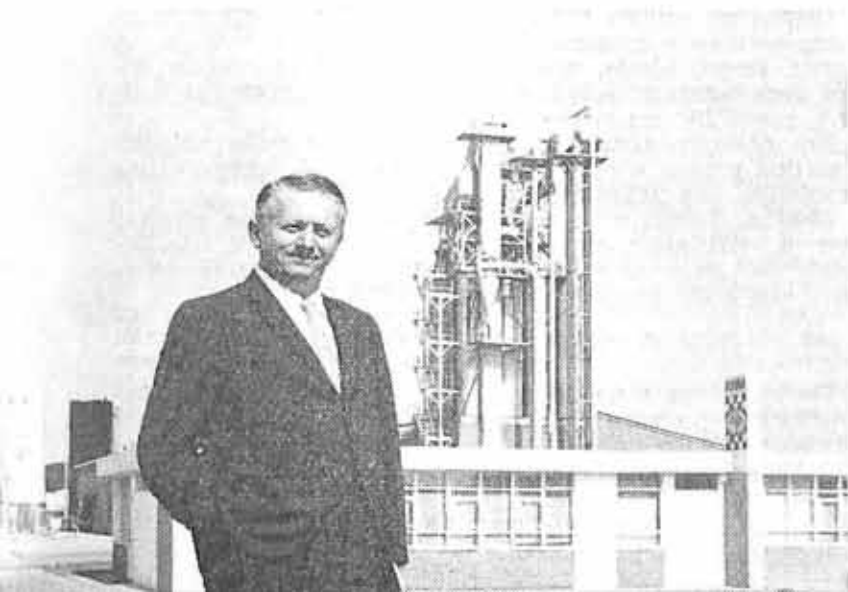
Acrecentou: "Purina do Brasil está distribuindo seus produtos, através de organizações integralmente nacionais, nos mercados em que operamos até esta data. Esta forma de distribuição é tradicional em nossa companhia, em virtude dos benefícios que traz ao produto e à nossa fima. Nossa política tem sido que a distribuição de nossos produtos e a divulgação de nossos programas de criação devem pertencer às firmas locais, nos mercados de cada país. Desejamos que a nossa rede de distribuição pertença e seja dirigida por elementos do lugar, pois conhecem suas regiões e podem com maior facilidade e rapidez alcançar o produtor, contando com a ajuda que colocamos à sua disposição".

Após salientar que a Purina do Brasil já oferece a todos os distribuidores material educativo de natureza prática a ser utilizado em cada região, tais como discos, folhetos, fichas técnicas, etc, disse também que a Purina mantém escolas de treinamento para que o distribuidor e seu pessoal ampliem seus conhecimentos.

Finalizando, disse: "Foi um grande prazer falar-lhes, por alguns minutos, sobre a nossa companhia e suas metas neste País. E, também, dizer-lhes que minha família e eu estamos muito satisfeitos em estar em vosso País, participando de sua arrancada para o progresso".

Os comensais — mais de 40 pessoas, representando a quase totalidade de jornais e revistas agropecuárias do País, assistiram à projeção de um filme sobre as famosas pesquisas realizadas pela Purina em seus laboratórios e fazendas experimentais.

No clichê, o sr. Leon M. McCorkle, diante da fábrica de Purina na estrada Campinas-Viracopos, a primeira a ser construída em nosso País.



 **HOECHST**



Orastina® "Forte"

Hormônio ocitócico sintético - retenção do leite, atonia uterina, retenção da placenta, prolapso uterino.

- | | |
|---|---|
| ● Fenotiazina "Rodeio"® - antiparasítico | ● Pellidol® - epitelizante, anti-eczematoso |
| ● Novalgina® - espasmolítico antipirético, analgésico | ● Pregazol® - estimulante cardíaco |
| ● Osmaron® - pomada para ordenha | ● Rivanol® - antisséptico solúvel |
| | ● Reverin® - antibiótico |
| | ● Tonofosfan® - fortificante |

AP. 310/66

HOECHST DO BRASIL QUÍMICA E FARMACÉUTICA S.A.
representante exclusiva da Farbwerke Hoechst A.G. Alemanha
São Paulo: Rua Basílio da Gama, 77 - 5.º andar - C.P. 1102
Porto Alegre: Rua Garibaldi, 521 - C.P. 1327



Lateral de frangueiro mostra os janelões com abertura regulável e fechados com plástico transparente, nas primeiras quatro semanas de criação.

O excesso de calor, na forma da elevação da temperatura ambiente nos galpões de criação, acima de 26,7°, é um dos embaraços mais sérios, a ser enfrentado pelos criadores de frangos de corte ou de pintos chamados "temporões", para a renovação das poedeiras, nos lotes escalonados durante o ano inteiro.

Quando a temperatura se eleva além de 26,7° os frangos devem eliminar parte do calor fornecido pela digestão e assimilação dos nutrientes, sob pena de elevação da temperatura do corpo (hipertermia), que poderá produzir a morte por insolação.

A defesa natural é baixar o consumo de ração. Quando a temperatura ultrapassa 32,2°, o crescimento dos pintos é retardado decisivamente; os frangos empregam toda a energia dos alimentos ingeridos para eliminar o calor do corpo.

Sabe-se que as aves eliminam grande parte do calor do corpo, evaporando a água pelo aparelho respiratório e pelos excrementos. Portanto, cabe ao avicultor ajudá-las na luta contra o calor, fazendo baixar a temperatura dos abrigos de criação.

ANUÁRIO DOS CRIADORES

Já está à venda a edição de 1966/67 do "ANUÁRIO DOS CRIADORES". V. não deve ficar alheio a essa publicação.

Escreva-nos pedindo seu exemplar, cujo preço é de apenas NCr\$ 10,00

R. CANUTO DO VAL, 216
SÃO PAULO - S.P.



Ventilação cruzada e por gravidade: fatores melhoradores da produção

Para melhor desenvolvimento da ventilação por gravidade, o autor aponta cinco condições de grande importância

HENRIQUE F. RAIMO
Médico veterinário

Um dos recursos práticos ao alcance dos criadores é a ventilação natural, explorada ao máximo, em tudo que possa servir para atenuar o efeito da temperatura elevada dentro dos galpões de criação.

A ventilação natural poderá ser intensificada para refrescar os pinteiros, frangueiros e galpões de postura, aproveitando-se as correntes de ar, cruzando os abrigos (ventilação cruzada) e a ação da própria gravidade, isto é, explorando a propriedade do ar aquecido que, subindo para as zonas superiores dos abrigos, pode ser aspirado e eliminado por exaustores simples ou de gravidade, lanternins e ventiladores contínuos de cumieira.

VENTILAÇÃO CRUZADA DOS ABRIGOS

A ventilação nos pinteiros, no período inicial de criação até 4 semanas, deverá ser controlada, para permitir temperatura ambiente de 21°. Mas, sempre que esta temperatura seja superada, a ventilação deverá ser ativada para refrescar o abrigo e volta da temperatura à gradação adequada.

A partir da quarta semana, quando os pintos já estão praticamente empenados, aumentam suas necessidades de ar fresco; com isto, a temperatura ambiente baixa para 16 a 18°.

Depois da oitava semana, os frangos se encontram completamente empenados, inclusive na cabeça. A partir dessa idade, comportam-se praticamente como aves adultas, reagindo bem às temperaturas baixas, como 10° ou menos, por exemplo.

Em resumo, apresentaremos as principais exigências dos pintos e dos frangos, quanto à temperatura ambiente, nos diversos períodos de criação.

Dentro desses mínimos, cabe ao avicultor enquadrar a ventilação, cujo excesso é preferível à sua deficiência. As aves se defendem melhor de temperaturas baixas do que das elevações exageradas.

QUE É VENTILAÇÃO CRUZADA?

Os pinteiros e os frangueiros são providos de janelões nas paredes da frente e do fundo, tanto para ventilar quanto para iluminar os abrigos. A ventilação cruzada nada mais é do que controlar a abertura



Frangueiro de 2.000 frangos equipado com ventilador contínuo de cumieira (lanternim).

dos janelões e provocar a circulação intensa e cruzada através dos galpões de criação.

Naturalmente, quanto maior for a diferença de temperatura entre o interior do abrigo e o exterior, tanto mais intensa será a ventilação cruzada. O ar quente do interior dos abrigos, ao subir em direção ao telhado, forrado ou não, é levado para fora do abrigo, com intensidade variável.

Através dessa movimentação do ar aquecido, ao ser substituído por correntes de ar mais frias, é que a ventilação cruzada faz baixar a temperatura no interior dos pinteiros e dos frangueiros. Quanto mais intensa a ventilação cruzada, tanto maior o abaixamento da temperatura ambiente.

Outro fator importante para o sucesso da ventilação cruzada, é a posição dos pinteiros e frangueiros. Quando construídos em lugares de ampla ventilação, a abertura dos janelões sempre determina intensa corrente de ar, que baixa sensivelmente a temperatura no interior do abrigo. Mas é frequente a construção de pinteiros e de frangueiros junto à corte de terra ou de barrancos, onde a ventilação cruzada será prejudicada pela tiragem deficiente de ar de um dos lados do abrigo.

Como regra, os janelões devem estar equipados de dispositivos para graduação da abertura, nas divisões do pinteiro com aquecimento e com cortinas, nas demais divisões.

VENTILAÇÃO POR GRAVIDADE

A ventilação por gravidade aproveita-se da propriedade de movimentação das camadas aquecidas de ar, das diferenças de temperatura entre o interior e o exterior dos abrigos e da ação dos ventos.

Portanto, para ser eficiente, exige uma sequência de condições técnicas, nem sempre presentes e fora da ação imediata do avicultor. Todavia, é um recurso ao alcance de qualquer tipo de avicultura, para melhorar a ventilação dos pinteiros, principalmente até quatro semanas, quando o controle da ventilação está conjugado diretamente com a temperatura do ambiente ainda aquecido pelas fontes de calor, necessário à vida dos pintos.

Para melhor desenvolvimento da ventilação por gravidade, podemos indicar algumas condições técnicas de grande importância:

1.º) Cada 50 quilos de peso vivo exige 60 m³ de ar por hora. Esta é praticamente a exigência de um lote de 200 pintos até o fim da quarta semana de criação.

2.º) Cada 150 m³ de abrigo exige uma saída de ar (exaustor) com o diâmetro de 45 cm. Assim, um pinteiro de 10 x 5 m ou de 6 x 8 m, com 2,40 m de pé direito, para 1.000 pintos até quatro semanas, será equipado com um exaustor de 45 cm de diâmetro ou abertura quadrada de 50 x 40 cm.

3.º) As aberturas para a entrada de ar fresco (na parte baixa do abrigo) devem somar, em área, uma medida igual à área de saída ou superá-la em 10%. Assim, o mesmo pinteiro poderá ser equipado com quatro aberturas inferiores (duas de cada lado), com a medida de 10 x 6 cm. Estas aberturas podem ser "cotovelos" de manilha vidrada ou de fibro-cimento, chumbados pelo lado de fora, na altura de 40 cm do piso, com o diâmetro de 10 a 15 cm.

4.º) Os exaustores devem ser do tipo catavento, isto é, o vento atravessa a abertura superior, aspirando o ar aquecido do tubo de exaustão. Este tipo de exaustor funciona bem melhor quando montado sobre rolamento de esferas. Um tipo mais simples é o de chumbar manilhas em "T" ou então exaustores de cimento-amianto, orientando as aberturas na direção dos ventos dominantes.

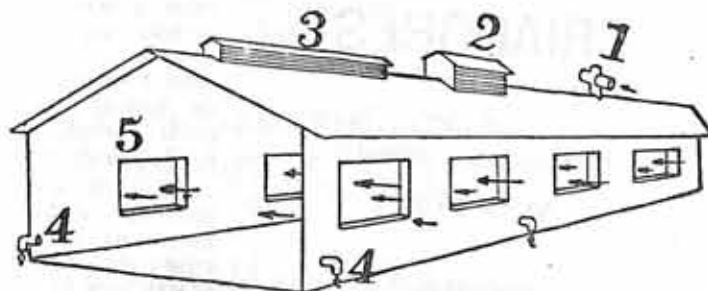
5.º) Lanternins e ventiladores contínuos de cumieira são muito práticos e vêm dominando nos galpões industriais com preferência quase total para o tipo contínuo, em toda a extensão da cumieira.

Não passam de um sobre-telhado, acima da linha de junção das duas águas do telhado. O lanternim, em área limitada, quadrada ou retangular e o ventilador contínuo de cumieira, podem ser equipados com "fechamento movel", para controlar a saída de ar, de grande utilidade na criação até o fim da quarta semana.

Tais são, em resumo, as principais condições técnicas de desenvolvimento da ventilação por gravidade. São de utilidade, principalmente nas granjas, onde não haja energia elétrica bem calibrada e constante, para permitir a instalação de exaustores elétricos de diferentes capacidades.

A criação de frangos de corte já é uma indústria estabilizada em nosso meio. Os frangueiros se multiplicam e os lotes maiores de pintos tomam vulto. Por isso, os galpões de criação devem ser projetados para obter o máximo rendimento econômico durante o ano todo.

Dentro desse critério, a ventilação dos galpões, principalmente nos dias quentes, toma parte decisiva. O ar, como a água, é o alimento mais prático de que pode lançar mão o criador de frangos.



Galpão de duas águas, mostra os recursos práticos para intensificar a ventilação: 1) — exaustor por gravidade; 2) — lanternim retangular; 3) — ventilador contínuo de cumieira; 4) — ventiladores secundários, sob a forma de cotovelos de manilha; e 5) — janelões laterais para iluminação e ventilação cruzada.

ÚLTIMAS DA CIÊNCIA

BEBEDOUROS AUTOMÁTICOS COMPENSAM PELO LUCRO MAIOR NA PRODUÇÃO

A mecanização da produção avícola é das medidas que se impõem em nossos meios avícolas, com duplo fim de baratear o custo de produção e elevar a produtividade das aves.

A mecanização da distribuição da água é facilmente conseguida pelo emprego de caixas abastecedoras e bebedouros providos de bóias reguladoras do fluxo d'água, que é o mais comum nestes casos.

A tarefa de carregar água em latas ou em baldes para abastecer os bebedouros é sempre cansativa e dispendiosa. Além disso, no meio do dia a água fica aquecida e suja, o que ocorre ainda em muitos aviários.

Um estudo feito em 327 granjas no Estado de Iowa (EUA) provou que os bebedouros automáticos aumentam a produtividade das poedeiras, pagando por si todas as despesas. Num ano, as poedeiras que recebiam água de bebedouros automáticos botaram 27 ovos mais do que as galinhas que recebiam água de bebedouros abastecidos a mão.

Como a média de poedeiras por lote estudado era de 300 aves, 27 ovos mais por poedeira representavam 425 dúzias. Ao preço de 30 cents a dúzia, os lotes equipados de bebedouro automático rendiam 127,5 dólares mais por ano.

COMBATE AS DOENÇAS TRANSMITIDAS PELOS OVOS

A fumigação das câmaras de eclosão é feita pelo emprego de formol comercial (líquido) e permanganato de potássio em cristais. As quantidades calculadas por metro cúbico são: 6 gramas de permanganato de potássio e 12 cm³ de formol comercial.

Põe-se o permanganato em vasilha de bordas altas, de preferência de vidro "Pyrex" e derrama-se o formol. Fecha-se rapidamente a porta do nascedouro. A fumigação dura 10 minutos, com 10% dos pintos nascidos. Depois de 10 minutos,

Os nascedouros apenas com ovos logo depois da miragem ovoscópica, podem ser fumigados com dose dupla de formol e permanganato, ou seja 12 gramas de permanganato e 24 cm³ de formol, durante 10 minutos a fumigação.

As câmaras de incubação podem ser fumigadas logo após a carga de ovos semanal, na mesma dosagem dupla dos nascedouros com ovos, durante 10 minutos.

Estas fumigações são de grande importância para o combate à doença crônica respiratória, pulmo-rose e newcastle, nas centrais de incubação. Além disso, diminuem a mortalidade inicial em pintos, pela invasão do umbigo por outros tipos de germes.

RUTURA E PROLAPSO DO OVIDUTO COMO ACIDENTES DE POSTURA

A rutura do oviduto, aliás, de suas paredes) geralmente resulta de uma complicação dos casos de retenção e de obstrução notados no mesmo órgão. Os ovos ou concreções assim liberados caem na cavidade abdominal, onde determinam frequentemente uma peritonite mortal. Trata-se de acidente muito frequente entre as frangas no início da postura.

Os sinais apresentados pelas aves com rutura do oviduto são mais ou menos os mesmos que aparecem nos casos de obstrução. No entanto, existe um sinal bastante típico e que consiste na chamada posição de "pinguim": as aves doentes abaixam-se e arrastam a cauda, tomando o corpo uma posição vertical.

Nos casos de rutura do oviduto, também nada se pode fazer a res-

peito do tratamento. Aconselha-se o sacrifício da ave, porém a pesquisa da causa responsável pelo acidente deverá sempre ser objeto de cuidados especiais, pois tendo a causa fundo infeccioso, as outras aves poderão ficar comprometidas.

O prolapso do oviduto consiste na saída de parte do oviduto para o exterior, podendo muitas vezes ser acompanhado de prolapso da cloaca e do reto.

Diversas são as causas que podem provocar esse acidente, acentuando-se as seguintes: postura de ovos anormais; ovos muito grandes; tumores e rações defeituosas, muitas vezes com excesso de proteína, sem estar devidamente equilibrada em relação à energia da ração.

Convém notar que as aves velhas, bem como as galinhas boas poedeiras ou galinhas muito gordas são predispostas ao prolapso do oviduto. As galinhas, quando atingidas pelo acidente, apresentam-se tristes, sem apetite e pouco se movimentam. Na região da cloaca, nota-se um tumor de tamanho variável e de cor, que vai do róseo escuro ao violáceo.

Quando o prolapso se limita à cloaca, as possibilidades de cura são muitas; mas, se o acidente in-

(Conclui na pág. 103)

COMPUTADOR SELECIONA TOUROS NA AUSTRÁLIA

Em poucas horas, na Austrália, um computador eletrônico de alta velocidade pode selecionar os melhores touros leiteiros para reprodução. Baseado num grande acervo de informações, compara com segurança cada descendente de um touro com outras vacas leiteiras da mesma idade, no mesmo rebanho e no mesmo ano, além de confrontar os resultados obtidos, no caso, com os resultados de outros touros em plano de igualdade.

A seleção pelo computador decorre do esquema de aperfeiçoamento da produção do Departamento de Agricultura da Nova Gales do Sul que, operando há anos, reuniu volumoso repertório informativo da produção de leite e de carne. Só no período de 1964/65 foram registradas, em pormenores, 100 mil lactações.

Com auxílio de computadores esperam os técnicos australianos poder, no mínimo de tempo, prognosticar, com o máximo de certeza, a possibilidade de um touro gerar vacas de alta produção, tarefa que em passado recente exigiria anos de pesquisa para a mais simples conclusão.

REVISTA DOS CRIADORES

Assinatura anual:

NCr\$ 10,00

Pedidos

Rua Canuto do Val, 216

SÃO PAULO — S. P.



RELATÓRIO N.º 265 SERVIÇO DE CONTROLE LEITEIRO

da
Associação Paulista de Criadores de Bovinos
Com a cooperação do Departamento da Produção Animal de S. Paulo

Dezembro de 1966

LACTAÇÕES TERMINADAS

Nome do Animal		Grau do sangue	Idade anos meses	Nº SCL	Dias de lactação	Leite kg	Produção Gordura kg %		Proprietário
RACA HOLANDESA — variedade preta e branca.						Lactações até 365 dias (II DIVISÃO) Duas ordenhas (2x)			
CLASSE AJ — Até 2 1/2 anos.									
M's. D. Front Row 3 — B15609	LM	PO	2-0	16556	365	4.480	167,1	3,72	Fernando de A. Pinto S.A.
Cast. J. Rooske 11 — B15858	LM	PO	2-3	16123	365	4.322	140,7	3,25	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Smidt Bonita 2 Car. — 4387	LM	31/32	2-1	16264	365	3.666	138,6	3,77	Coop. Agro-Pec. Batavo Ltda.
W. Grietje de Car. — 4361		31/32	2-1	16262	336	3.590	132,0	3,67	Coop. Agro-Pec. Batavo Ltda.
Cast. Borg Sietske 10 — B15883		PO	2-3	16149	336	3.550	126,6	3,56	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Arapoti Pot Dora III		PC	2-2	16585	365	3.287	120,6	3,66	Coop. Agro-Pec. Arapoti Ltda.
Cast. Borg Rika 58 — B15933		PO	2-0	16148	350	2.728	93,9	3,44	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Jardim Belga — 961		7/8	2-3	15384	222	2.585	78,4	3,03	Cla. Baptista Scarpa I. Com.
Jangada Dancy — B15617		PO	2-3	16555	316	2.568	100,0	3,89	Fernando de A. Pinto S.A.
A. Schirly de Car. — 4095		31/32	2-0	15481	164	2.082	72,5	3,48	Coop. Agro-Pec. Batavo Ltda.
CLASSE AS — De 2 1/3 a 3 anos.									
Raelwi 1348 B. — B14887	LM	PO	2-7	16325	359	4.107	144,0	3,50	Fernando de A. Pinto S.A.
Jangada Dançarina — B15612	LM	PO	2-8	16324	356	3.932	149,0	3,78	Fernando de A. Pinto S.A.
P. Javalina G. Galante — B15770		PO	2-9	16348	361	3.911	138,2	3,53	S.A. Faz. Paraíso Agro-Pec.
A. Pot Boneca 6		PC	2-6	16362	354	3.685	133,2	3,61	Coop. Agro-Pec. Arapoti Ltda.
Amorosa — 43381		7/8	2-6	16470	365	3.493	112,1	3,20	Nelson Elias
São Rafael Florista — 14097		PC	2-11	16310	365	2.738	96,2	3,51	Arthur Carlos Ayres Dianda
Guarap. Med. Diana — B15529		PO	2-7	15140	216	2.297	87,0	3,78	Com. Agr. Ind. Hellomar S.A.
CLASSE BJ — De 3 a 3 1/2 anos.									
A. de Jonge Blesje — 2927	LM	31/32	3-4	16592	353	6.699	234,0	3,50	Coop. Agro-Pec. Arapoti Ltda.
Amaz. Mr. Doutora — 45013	LM	PC	3-2	16381	365	5.260	203,3	3,86	Agrindus S.A.

FAZENDA SANTANA DO RIO ABAIXO S. A.

1962

criação e seleção de gado Jersey, holandes
preto e branco e vermelho e branco



Medalha de Ouro ao Melhor Expositor da Raça Jersey conquistada nos anos de 1955, 57, 59, 61, 62, 63, 64, 65 e 66

O plantel da raça Jersey que nas Exposições Especializadas de Gado Leiteiro de São Paulo mais vezes conquistou o prêmio máximo da raça, que é a MEDALHA DE OURO GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO (anos de 1955, 57, 59, 62, 63, 64, 65, 66). Em 1962 e 1966, e no mesmo certame conquistou a MEDALHA DE OURO BANCO DO ESTADO DE SÃO PAULO oferecida ao criador que alcançasse o maior número de classificações com animais de sua criação.

PRODUÇÃO LEITEIRA OFICIALMENTE CONTROLADA
PELA A.P.C.B

1962

1966

Fazenda Santana do Rio Abaixo S.A.



Caixa Postal 20 — S. José dos Campos, SP — Em São Paulo
Rua Boa Vista, 208 — 8.º andar — Telefone: 32-3804

Nome do Animal	Gráu do sangue	Idade anos mês	Nº SCL	Dias de lactação	Leite kg	Produção Gordura kg	Proprietário
Cast. Borg Trina 20 — B15140 — LM	PO	3-3	14078	338	4.925	171.4	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
P. Ipecacuanha C. Pabst B13765 LM	PO	3-0	16566	355	4.725	168.3	S.A. Faz. Paraíso Agro-Pec.
Hia. Erica Sonja 8 — 3490 — LM	15/16	3-2	16436	307	4.405	149.6	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Cast. C. Sila 6 — B14145	PO	3-1	13041	215	4.216	143.2	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
A. Jonge Nigreja I — 2925 — LM	15/16	3-5	16788	365	4.105	151.8	Coop. Agro-Pec. Arapoti Ltda.
A. Kok Bearix II — 3058 — LM	PC	3-2	16588	365	4.084	166.1	Coop. Agro-Pec. Arapoti Ltda.
Hia. Erica Clara 2 — 1755	PC	3-2	16145	337	3.844	119.7	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
A. Boelman Irene — 2955	15/16	3-2	16593	324	3.830	148.9	Coop. Agro-Pec. Arapoti Ltda.
Cast. B. Dora 27 — B15172	PO	3-1	14271	328	3.565	131.6	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
M's. R. Aple Alpha 39 — B15602	PO	3-4	16709	294	3.449	126.8	Fernando de A. Pinto S.A.
Cast. Beld Dora 8 — B15137	PO	3-4	13917	314	3.431	118.1	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Nata Top H. K. Jackeline — B16446	PO	3-4	16649	337	3.400	132.2	Dario Freire Medeiros
Ch. P. Holandesa Car. 2886	31/32	3-1	15484	257	3.047	111.3	Coop. Agro-Pec. Batavo Ltda.
Amaz. Mr. Dadivosa — 45015	PC	3-4	17076	306	2.819	108.5	Agudius S.A.
A. Slob Zwartkop III (1)	PC	3-4	17744	166	1.952	67.5	Coop. Agro-Pec. Arapoti Ltda.
Adoração Teresa — 39573	PC	3-4	15410	115	1.525	56.6	Carlos E. Baptista
CLASSE BS — De 3 1/2 a 4 anos.							
Macielra da Prata — 41220 — LM	PC	3-9	13630	365	5.292	188.1	Cl. Agr. Faz. Slt. Maria Posse
A. Boelman Grela — 3184	PC	3-9	14055	318	4.125	151.8	Coop. Agro-Pec. Arapoti Ltda.
M's. L. Alpha 5 — B14753	PO	3-9	14108	309	4.002	135.2	Fernando de A. Pinto S.A.
Cast. J. Bontje 6 — B14048	PO	3-10	15995	365	3.987	136.0	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Portinha U 23 — 42743	PC	3-9	13046	365	3.982	153.0	José P. de Oliveira
Ch. P. Margarida 328 Car. 2872	31/32	3-6	16261	326	3.726	150.4	Coop. Agro-Pec. Batavo Ltda.
A. Slob Boneca — 2961 (1)	PC	3-6	17029	286	3.633	118.7	Coop. Agro-Pec. Arapoti Ltda.
Flut Medalist CAB — 42476	PC	3-6	16467	365	2.975	99.3	Colégio Adv. Brasileiro
A. Koopman Ina II — 2993	31/32	3-8	12295	244	2.901	88.4	Coop. Agro-Pec. Arapoti Ltda.
Angela de Paraíba — 39539	PC	3-7	15462	245	2.828	126.4	Faz. Sant'Ana do R. Abaixo
P. Ina S. Caramuru — B13745	PO	3-10	13840	351	2.786	111.3	S.A. Faz. Paraíso Agro-Pec.
Balxinha Sta. Angela — 45228	PC	3-9	16457	313	2.049	63.5	Francisco F. Pinto Filho
CLASSE CJ — De 4 a 4 1/2 anos.							
Andorinha Castrense — 4662 — LM	31/32	4-5	16135	350	5.239	171.8	Gulherme Steutjes
Paraná Sta. Angela — 45224	PC	4-1	16157	365	5.087	152.5	Coop. Agro-Pec. Batavo Ltda.
A. Jonge Roda — LM	NR	4-0	13105	365	5.070	241.0	Coop. Agro-Pec. Arapoti Ltda.
A. Jonge Gerda — LM	NR	4-2	16787	365	4.529	191.8	Coop. Agro-Pec. Arapoti Ltda.
Lamparina — 40529	PC	4-3	12562	346	4.467	144.0	Antônio Luiz do Rego Netto
A. Boelman Klaske	PC	4-3	16584	324	4.100	132.2	Coop. Agro-Pec. Arapoti Ltda.
Cast. S. Tietje — B13109	PO	4-5	12022	352	3.575	132.0	Coop. Agro-Pec. Arapoti Ltda.
Hia. W. Ruurdje — 3723	15/16	4-5	15434	298	3.406	105.5	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Vencedora de Paraíba — 39533	PC	4-3	13640	307	2.911	103.1	Faz. Sant'Ana do R. Abaixo
A. Kok Harmke 5 — 3054	PC	4-5	12198	199	2.425	72.1	Coop. Agro-Pec. Arapoti Ltda.
Academia Teresa — 39572 (1)	PC	4-3	15179	152	2.404	81.2	Carlos E. Baptista
A. Slob Sjors II (1)	PC	4-3	16970	202	2.207	89.3	Coop. Agro-Pec. Arapoti Ltda.
Cast. S. Martie 5 — B13977	PO	4-2	14080	354	2.163	79.6	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Rocampo Inspiração — 42175	PC	4-2	15455	248	2.027	82.2	Faz. Sant'Ana do R. Abaixo
Hol. Sara X — B12988	PO	4-0	14860	100	1.424	52.8	Coop. Agro-Pec. Holambra
Arlene Teresa — 39568	PC	4-1	13759	104	1.071	40.3	Carlos E. Baptista
CLASSE CS — De 4 1/2 a 5 anos.							
Cast. Vos Antje 34 — B12679 — LM	PO	4-11	13801	356	5.689	201.5	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Cast. L.B. Andringa 242 B13124 LM	PO	4-7	12319	365	5.302	180.0	Brasil Agropecuária S.A.
Cast. B. Wilmkje 24 — B13023 — LM	PO	4-8	12447	332	4.742	169.6	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
S. Heras M. Carnation — B13708	PO	4-7	13439	336	4.348	155.4	S.A. Faz. Paraíso Agro-Pec.
Laguna Medalist CAB — 39660	PC	4-11	12338	325	4.264	137.5	Colégio Adv. Brasileiro
A. Slob Juwelje — 2969 (1)	31/32	4-9	12878	222	3.623	115.8	Coop. Agro-Pec. Arapoti Ltda.
Esplanada de Paraíba — 39521	PC	4-9	16419	323	3.348	133.4	Faz. Sant'Ana do R. Abaixo
Hia. L. Witkopje	NR	4-6	15426	155	3.176	99.0	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Hia. L. Bontje — 3825	15/16	4-11	15427	223	3.007	88.0	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
A. Slob Gerje II — 2965 (1)	15/16	4-11	17506	171	2.595	92.7	Coop. Agro-Pec. Arapoti Ltda.
CLASSE D — Adultas, de mais de 5 anos.							
Hia. Cassis Hertha 20 — 1832 LM	15/16	7-10	11130	341	6.002	211.0	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Cast. C. Cila — B19/7838 — LM	PO	7-10	9285	341	5.990	204.3	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Castanha — 38685 — LM	PC	5-9	16620	324	5.949	200.0	Cl. Adm. Tec. Agr. Aatagri
Lamelra — 36644 — LM	PC	9-0	11298	365	5.934	209.9	Cl. Adm. Tec. Agr. Aatagri
Planeta — 2162-A — LM	31/32	9-0	16334	365	5.771	181.8	Reynaldo Foresti
Dandi Medalist CAB — 33575 — LM	PC	6-8	10043	365	5.741	179.5	Colégio Adv. Brasileiro
Cast. L. Sletske 40 — B16/6658 LM	7/8	7-7	9279	365	5.497	192.0	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Hia. L. Jr. Kronhoorn — 3871 LM	PO	6-3	12530	338	5.453	193.0	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Friso Grietje 317 — B15/5914 LM	PO	8-8	16169	365	5.426	185.5	Coop. Agro-Pec. Batavo Ltda.
Nogales S.S. Primavera — LM	PO	—	16120	352	5.401	198.4	Faz. Sant'Ana do R. Abaixo
Cast. R. Geertje 382 — B15/5827 LM	PO	9-1	7608	365	5.393	195.5	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Cast. T. Geertje 22 — B12543	PO	5-8	11524	320	5.381	170.8	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Cast. T. Optimist 36 — B14424 LM	PO	9-7	12126	355	5.329	193.3	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Orion's Optimist 36 — B14424 LM	PC	8-8	9503	365	5.168	183.6	Luiz H. de Mello/T.Jordan
Dacul — 30389 — LM	PC	7-8	12927	365	5.080	194.0	S.A. Faz. Paraíso Agro-Pec.
Arapoti K. Margarida — 3043 — LM	PO	5-7	11609	385	5.038	166.5	Coop. Agro-Pec. Arapoti Ltda.
S. Gainesville R. Pabst — B13653	PO	8-4	8911	365	5.027	160.6	S.A. Faz. Paraíso Agro-Pec.
Mais Bela Med. CAB — 30797 — LM	PC	8-8	8489	365	4.981	182.1	Colégio Adv. Brasileiro
Niagara de Paraíba — 33744 — LM	PC	6-6	13276	365	4.965	199.7	Faz. Sant'Ana do R. Abaixo
Quarela de Paraíba — 36273 — LM	PO	10-5	6602	309	4.785	160.5	S.A. Faz. Paraíso Agro-Pec.
S. José Dancarina — B12/4637	PO	6-8	15631	332	4.693	155.1	Coop. Agro-Pec. Holambra
Holambra Marie XXX — B18/7217	PC	6-7	16793	313	4.661	170.5	João Figueiredo Frota
Baluca — 8728	PO	7-5	9581	365	4.651	171.5	S.A. Faz. Paraíso Agro-Pec.
Sertão Elijah — B18/7402	PC	6-5	11354	365	4.588	174.3	D. Pires Agro-Pec. S.A.
Copacabana Litviana — 32826	PO	10-3	8359	327	4.555	152.4	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Cast. S. Aatje 2 — B13/5091	PO	5-8	11667	365	4.546	153.9	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Cast. L. Janje 53 — B12/559	PO	6-3	11921	275	4.452	160.5	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Cast. Jager Antje 60 — B19/7883	PO	8-4	8997	334	4.449	150.5	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Cast. C. Alje 114 — B15/6173	PO	12-11	4099	336	4.428	158.6	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Cast. B. Wilhelm. 35 — F5/2347 LM	PO	5-10	11608	365	4.406	155.9	S.A. Faz. Paraíso Agro-Pec.
S. Genova R.A. Carnation — B12071	PO	6-1	16349	365	4.342	170.9	S.A. Faz. Paraíso Agro-Pec.
S. Faqueira R.A. Champion — B12074	PC	5-6	16311	365	4.238	152.5	Artur Carlos Ayres Dianda
Angela — 40651	PO	13-2	6081	303	4.224	148.4	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Hendrika 25 — F5/2300	—	—	16144	345	4.200	149.7	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Cast. Beld Mina 8	—	—	—	—	—	—	—

Nome do Animal		Grau do sangue	Idade anos meses	Nº SCL	Dias de lactação	Leite kg	Produção Gordura kg %	Proprietário	
Feltor Kadtje 5 - B12728		PO	5-9	13289	365	4.170	147,0	3,52	Antônio Coelho Guimarães
Bustamante Solenad - 42911		PO	5-4	16417	321	4.161	159,0	3,82	Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo
Itabaja do Céreo - 45187		PO	5-10	15815	287	4.083	138,1	3,38	Olimpio Garcia Dias
Jucelina - 2813-APCB		PO	5-1	13537	365	4.077	153,4	3,76	Brasil Agropecuária S.A.
Caxangá - 8743		PO	5-1	16792	317	3.934	128,4	3,26	João Figueiredo Frota
A. Slob Fianbiosa II - 2967 (1)		PO	5-1	12424	210	3.875	137,3	3,54	Coop. Agro-Pec. Arapoti Ltda.
Diamantina - 32361		PO	5-0	8583	334	3.855	141,8	3,67	Lélio de T. Piza e Almeida
EEPA Groselha 1294 - B19 8172		PO	5-9	13974	314	3.837	149,6	3,89	Carlos E. Baptistella
Cast. B. Fetske 17		PO	5-1	16143	339	3.828	144,2	3,76	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Festeira de Paraíba - 36241		PO	12-11	6789	312	3.821	140,0	3,66	Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo
Martha 4 - B12753		PO	5-6	15667	301	3.814	123,8	3,24	Cia. Adm. Tec. e Agr. Atagri
Cafezal Havana - B18 7492		PO	5-7	16648	322	3.793	150,7	3,97	Dario Freire Meirelles
S.M. Jaan Markover - 3045 2169		PO	7-4	10846	313	3.784	170,9	4,51	Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo
Cast. Bus Múrie - B15 6184		PO	7-10	8625	300	3.757	137,9	3,67	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Colombia - 38693		PO	5-4	15661	295	3.685	116,0	3,14	Cia. Adm. Tec. e Agr. Atagri
Cast. R. Iolje 5		PO	5-1	15214	247	3.654	137,9	3,77	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Priso Anna 28 - B13 3238		PO	9-10	16168	300	3.615	123,8	3,42	Coop. Agro-Pec. Balavo Ltda.
Cerejeira de Paraíba - 33711		PO	7-0	16420	312	3.609	131,6	3,64	Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo
Flamula - 28661		PO	5-7	6924	322	3.600	139,8	3,88	Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo
S. Aquiles Londrina - 42243		PO	5-2	16418	322	3.560	139,4	3,91	Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo
Cast. Raul Anke 7		PO	5-1	15216	242	3.540	139,8	3,78	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Hla. Loman Rohentje - 1783		PO	8-5	11173	311	3.537	145,8	4,12	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Guará Alhambra - 33915		PO	7-6	10497	365	3.521	137,6	3,90	Antônio Coelho Guimarães
Cast. Loman Elzina - B13 5144		PO	9-10	6681	334	3.510	116,2	3,31	Francisco F. Pinto Filho
Alterosa		NR	5-11	16306	347	3.462	140,0	4,05	Cia. Agro-Pec. Arapoti Ltda.
A. Slob Willy III - 2963 (1)		PO	5-11	12921	188	3.386	126,9	3,74	Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo
Centena de Paraíba - 27350		PO	14-11	8040	313	3.369	127,1	3,77	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Cast. Kirs Dora 34 - B19 7895		PO	6-7	11142	365	3.365	117,7	3,49	Cia. Agro-Pec. Arapoti Ltda.
A. Slob Arina V - 2960 (1)		PO	5-6	17220	216	3.358	128,8	3,83	Coop. Agro-Pec. Arapoti Ltda.
A. Slob Beesje V - 2976 (1)		PO	5-6	13819	207	3.055	102,1	3,34	Cia. Agro-Pec. Arapoti Ltda.
Violeta		NR	5-1	15576	339	2.892	94,9	3,28	Francisco F. Pinto Filho
Primavera Frinela - B12407		PO	5-9	13532	202	2.845	102,4	3,59	Lélio de T. Piza e Almeida
Vitosa - 30551		PO	11-1	9370	325	2.836	85,2	3,00	Antônio Luiz do R. Netto
S. Grella S. Glenafion - B12473		PO	5-11	10997	309	2.824	110,9	3,92	S.A. Faz. Paraíso Agro-Pec.
Granfina		NR	5-11	15577	246	2.800	83,3	2,99	Francisco F. Pinto Filho
Cast. J. Boukje 86 - B19 7986		PO	5-8	11168	278	2.787	109,6	3,93	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Gondola de Paraíba - 33717		PO	6-8	10429	330	2.763	107,6	3,86	Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo
Cast. T. Ioke - B13091		PO	5-1	15204	296	2.732	104,3	3,81	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Jola		NR	5-1	16456	307	2.725	98,8	3,62	Francisco F. Pinto Filho
Brasília da Fortaleza		NR	5-1	15042	266	2.681	93,8	3,50	Francisco F. Pinto Filho
S.Q. Delicosa - 29454		PO	9-4	7686	170	2.614	81,1	3,10	Cia. Agrícola São Quirino
A. Sarina de Car. - 4903 (1)		PO	5-5	14801	143	2.605	81,3	3,12	Gulherme Sientjes
Cast. D. Jitske 120		PO	5-5	13510	183	2.484	81,7	3,28	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Boa Vista		NR	8-5	16447	319	2.301	66,0	2,66	Claudio Paiva
Codorna da Fortaleza		NR	8-0	15401	266	2.237	76,1	3,40	Francisco F. Pinto Filho
Garça - 41027		PO	7-8	15553	286	2.225	81,6	3,66	Claudio Paiva
A. Slob Beesje II - 2963 (1)		PO	31-32	12879	183	2.212	76,9	3,47	Coop. Agro-Pec. Arapoti Ltda.
Cast. B. Folkertje 57		PO	6-6	15218	103	2.109	78,5	3,72	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
São Quirino Fimosa - 32640		PO	7-0	13513	132	1.863	55,3	2,96	Cia. Agrícola São Quirino
Amazons M. Bamba - 39152 (1)		PO	6-0	12178	92	1.844	51,0	2,76	Carlos E. Baptistella
La Margarita 1417 - 42863		PO	9-5	15552	220	1.779	70,0	3,93	Claudio Paiva
Pitanga		NR	5-1	15578	192	1.722	53,7	3,11	Francisco F. Pinto Filho
F.S.M. Fada - 2P - B9 3229		PO	10-7	7131	233	1.694	58,7	3,46	Ministério da Agricultura
Xarada - 41030		PO	5-6	15259	232	1.634	61,5	3,76	Claudio Paiva
Perdiz		NR	5-1	15719	239	1.514	58,3	3,85	Milton Pannain
S. Quirino Harmonia - 35418		PO	5-4	13422	118	1.502	46,2	3,07	Cia. Agrícola São Quirino
Sylvia 2419 Burke - 45333		PO	7-8	15394	181	1.469	54,0	3,67	Carlos E. Baptistella

RACA HOLANDESA - variedade vermelha e branca.
Lactações até 365 dias (II DIVISÃO)
Duas ordenhas (2x)

CLASSE AJ — Até 2 1/2 anos.									
Cristal Malagueta — 43129	PC	2-5	16488	365	3.576	182,5	3,70	Dante Marchione	
E.S. Conchita — LM	PO	2-0	16293	365	3.507	142,3	4,05	Pedro Lunardelli	
Malleia — 43128	PC	2-8	16309	332	3.449	120,8	3,50	José Pires Castanho Filho	
Aleluia de Jurumirim — 45512	PC	2-4	16480	33	2.794	104,8	3,75	Donimar S.A. Adm. de Bens	
CLASSE AS — De 2 1/2 a 3 anos.									
Espanhola Maurits — 44463 — LM	PC	2-11	16546	365	4.377	171,0	3,90	Antônio Josino Meirelles	
Mar. Opala Royal — BB-2/412	PO	2-6	16396	365	3.696	132,9	3,59	Luciano V. de Carvalho	
Mar. Olga T.D. Royal — 43914	PC	2-8	16703	313	3.250	127,9	3,93	Luciano V. de Carvalho	
Mar. Nuvem H. Libertador — 40948	PC	2-10	15600	168	1.814	64,5	3,55	Luciano V. de Carvalho	
CLASSE BJ — De 3 a 3 1/2 anos.									
Mar. Novacap Heinlana — BB2/1366	PO	3-0	16395	365	3.315	126,7	3,82	Luciano V. de Carvalho	
Mar. Navona T. Heinlana — BB2/1365	PO	3-1	16633	365	2.931	93,3	3,18	Luciano V. de Carvalho	
Mar. Nigéria D. Royal — BB2/1364	PO	3-2	16634	318	2.884	108,6	3,76	Luciano V. de Carvalho	
Alhada do Condado — 44726	PC	3-0	16604	365	2.701	110,3	4,08	Cia. Agr. e Imob. Brasil	
Castro Hildgard — 3334	PC	3-3	15195	82	1.812	56,7	3,12	Adrianus Sientjes	
CLASSE BS — De 3 1/2 a 4 anos.									
Mar. Noiva T. Diamant. — BB2/1357	PO	3-10	16702	314	3.792	143,1	3,77	Luciano V. de Carvalho	
Mar. Namorada D. Jangad — BB2/1359	PO	3-7	16394	337	2.867	111,7	3,89	Luciano V. de Carvalho	
Hol. Jikke X — LBB-3	PO	3-10	12773	216	2.343	86,6	3,69	Cia. Adm. Com. e Agr. S. Filomena	
CLASSE CS — De 4 1/2 a 5 anos.									
Leme's Nicia — BB2/1193 — LM	PO	4-8	13068	312	4.705	189,3	4,02	José Bastos Thompson	
Calcara — 40605 — LM	PO	4-8	12819	329	4.569	197,4	4,32	Pedro Lunardelli	
Laura de S. Geraldo — 40269	PC	4-8	16569	331	2.856	107,9	3,77	José Procópio do Amaral	
Mar. Marina D. Joquei — 37726	PC	4-9	12743	316	2.651	107,0	4,03	Luciano V. de Carvalho	
CLASSE D — Adultas, de mais de 5 anos.									
Muquem Belonave III — 40685 — LM	PC	8-9	13932	365	5.405	209,9	3,88	Donimar S.A. Adm. de Bens	
Mar. Garota Telana — 29876 — LM	PC	8-8	8299	356	4.715	181,9	3,85	Luciano V. de Carvalho	

Nome do Animal	Grão do sangue	Idade anos e meses	Nº SCL	Dias de lactação	Leite kg	Produção Gordura kg %	Proprietário
Ituana de S. Geraldo — 33818	PC	7-1	12637	365	4.473	156,0	3,48 José Procópio do Amaral
Mar. Gilda T. Colorado — 29881	PC	8-10	9781	365	3.789	136,5	3,60 Luciano V. de Carvalho
Marambala Luzitana — 37116	PC	5-9	11674	316	3.759	142,2	3,78 Luciano V. de Carvalho
Dina — 27897	PC	10-7	9142	365	3.444	121,6	3,53 José Procópio do Amaral
Mar. Madame T. Diam. — BB2/1198	PO	5-0	12801	320	3.418	142,3	4,16 Luciano V. de Carvalho
Mar. Laila Alex Gerente — 37117	PC	5-10	11628	307	3.152	118,1	3,71 Luciano V. de Carvalho
Hol. Mina XXV — BB1/406	PO	13-3	14862	237	3.805	110,0	3,56 Coop. Agro-Pec. Holambra
R.V. Decência Aukeana — BB2/720	PO	6-0	11344	311	2.630	89,3	3,39 Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo

RACA JERSEY Lactações até 365 dias (II DIVISÃO)
Três ordenhas (3x)

Classe D — Adultas, de mais de 5 anos.							
Jaboticaba B. de Canela — 4057-C LM	PO	5-10	11341	365	4.219	215,9	5,69 João Luraya

CLASSE AJ — De 2 a 2 1/2 anos.							
S.A. Nirma Cortes — A/6885 — LM	PO	2-5	16278	365	2.924	155,6	5,32 Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo
S.A. Nadr Castelo — A/7018 — LM	PO	2-4	16362	331	2.797	130,1	4,63 Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo
S.A. Ivone Jangadeiro — A/6886 LM	PO	2-8	16560	339	2.590	139,7	5,39 Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo
S.A. Isa Zanahua — A/7016 — LM	PO	2-4	16561	332	2.465	127,1	5,15 Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo
S.A. Iris Oasis — 6790-C	PO	2-3	15609	213	1.963	105,2	5,36 Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo

CLASSE AS — De 2 1/2 a 3 anos.							
S.A. Ruth Itororó — A/6668 — LM	PO	2-10	16564	337	2.473	128,8	5,20 Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo

CLASSE BJ — De 3 a 3 1/2 anos.							
S.A. Odila Zanahua — 4435-C	PO	3-5	13758	334	2.843	129,8	4,56 Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo
S.A. Homenageada Oasis — A/6640	PO	3-1	14322	328	1.793	95,5	5,32 Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo

CLASSE BS — De 3 1/2 a 4 anos.							
S.J. Louisa C. Prince — 5937-C	PO	3-6	16689	318	2.458	134,0	5,45 Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo
S.J. Quansa C. Prince — 4321-C	PO	3-9	13471	192	1.726	83,5	4,83 Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo

CLASSE CS — De 4 1/2 a 5 anos.							
S.A. Renuncia K. Count — 4166-C	PO	4-11	12990	271	1.628	90,3	5,54 Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo
S.A. Esgrima K. Count — 4165-C	PO	4-11	12243	224	1.323	72,2	5,45 Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo

CLASSE D — Adultas, de mais de 5 anos.							
Pipeta Comary — 1792-C — LM	PO	10-6	13052	365	3.837	204,0	5,30 José de M. Altenfelder Silva
S.A. Minerva Patric. — 3189-C LM	PO	9-1	7842	323	3.762	181,2	4,81 Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo
I. Ima Sumac Royal — 2944-C — LM	PO	9-2	7709	338	3.370	160,2	4,75 Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo
S.A. Norma Midsh.p. — 3403-C LM	PO	8-4	8406	320	3.271	151,5	4,62 Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo
S.A. Maristela Zanahua — A/4352	PO	5-5	12471	354	3.058	129,5	4,23 Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo
Ademara do Empyreio — 3160-C	PO	10-3	7550	338	1.764	92,8	5,26 João Luraya

RACA SCHWYZ Lactações até 365 dias (II DIVISÃO)
Duas ordenhas (2x)

CLASSE AJ — Até 2 1/2 anos.							
Marta — LM	NR	2-5	16472	333	3.474	134,8	3,88 Sylvio Lima Marinho
CLASSE AS — De 2 1/2 a 3 anos.							
Cica — LM	NR	2-6	16060	365	3.597	169,0	4,69 Sylvio Lima Marinho
CLASSE BJ — De 3 a 3 1/2 anos.							
Adalgia Arandela — 41350	PC	3-0	15558	292	3.022	117,6	3,89 Adalpra S.A. Agr. e Comercial
Mela de Pinheiro — 3228	PO	3-3	15619	305	2.272	82,3	3,62 Ministério da Agricultura
CLASSE BS — De 3 1/2 a 4 anos.							
Granina do Oriente — 3108	PO	3-11	15362	283	2.931	107,1	3,65 Adalpra S.A. Agr. e Comercial
CLASSE CJ — De 4 a 4 1/2 anos.							
Copacabana Dengosa — 3099 — LM	PO	4-3	16308	365	4.933	202,2	4,09 D. Pires Agro-Pec. S.A.
Luzidez de Pinheiro — 3178	PO	4-1	16580	326	1.837	65,9	3,58 Ministério da Agricultura
Lamaria de Pinheiro — 3058	PO	4-4	15620	264	1.205	44,1	3,66 Ministério da Agricultura

CLASSE CS — De 4 1/2 a 5 anos.							
Amada — 35487	PC	4-11	16666	312	2.246	92,8	4,12 Sylvio Lima Marinho
CLASSE D — Adultas, de mais de 5 anos.							
Anora da Cachoeira — 31673	PC	7-6	10969	365	3.840	153,1	3,98 Sylvio Lara Campos
Alvina do Oriente — 2264	PO	8-8	11701	365	3.732	125,4	3,36 Sylvio Lara Campos
Lindaia — 31679	PC	7-6	9760	239	3.307	129,7	3,92 D. Pires Agro-Pec. S.A.
Alfa — 35434	PC	7-0	12388	312	2.727	79,8	2,92 Sylvio Lima Marinho
Fanfarra — 23573	PC	11-4	9644	236	2.486	93,5	3,74 D. Pires Agro-Pec. S.A.
Arjana do Hares — 2227	PO	9-9	8766	191	2.308	88,5	3,63 D. Pires Agro-Pec. S.A.
Intuição de Pinheiro — 2793	PO	5-11	15385	294	2.084	78,4	3,75 Ministério da Agricultura
Albania — 26853	PC	9-7	15283	136	1.837	72,4	3,94 Sylvio Lara Campos
Alhambra Sta. Marina — 2692	PO	6-7	11945	126	1.589	67,1	4,22 Sylvio Lara Campos
Inscrição de Pinheiro — 2777	PO	6-1	13232	233	1.480	54,3	3,67 Ministério da Agricultura
Roma — 30825	PC	8-4	11766	117	1.356	47,7	3,52 Sylvio Lara Campos
Jeny — 2425	PO	8-10	15572	180	1.206	43,3	3,58 Joaquina C. de Camargo

RACA GIR LEITEIRO Lactações até 365 dias (II DIVISÃO)
Duas ordenhas (2x)

CLASSE BJ — De 3 a 3 1/2 anos.							
Alasca	NR	3-0	15593	213	1.289	69,0	5,35 São Francisco Soc. Ltda.
CLASSE CJ — De 4 a 4 1/2 anos.							
Dancarina de Brasília — D-972 LM	RE	4-3	16554	323	3.656	200,6	5,48 Rubens Resende Peres
Sucupira — 124	NR	4-0	15307	286	2.057	111,3	5,41 Santana Agropastoril S.A.
Ans — 44404	PC	4-2	13937	306	1.734	94,8	5,46 João Leite S. Ferraz Jr.
Aventura	NR	4-0	15345	285	1.730	87,2	5,04 São Francisco Soc. Ltda.

Nome do Animal	Cor do sangue	Idade em meses	Nº SCL	Dias de lactação	Leite kg	Produção Gordura kg %	Proprietário
CLASSE CS — De 1 1/2 a 2 anos							
Adaga	RE	4-10	13863	363	2.631	126,0 4,69	São Francisco Soc. Ltda.
CLASSE D — Adultas, de mais de 5 anos							
C.A. Rosinha — 43648	RE	7-8	13366	365	5.588	281,9 5,04	João Batista F. Costa
Pratinha de Beasica — C-1140 1-1-1	RE	6-8	16551	365	4.730	242,8 5,13	Rubens Resende Peres
Formiga — 221	RE	—	16423	365	3.292	162,1 4,92	Santana Agro-Pastoril S.A.
Bastilha — 13755	RE	—	16250	364	3.176	151,9 4,78	Santana Agro-Pastoril S.A.
Italia	NR	8-10	16549	365	3.175	135,8 4,35	João Batista F. Costa
Marruca — D-5287	RE	7-9	16425	348	2.948	130,2 4,41	Santana Agro-Pastoril S.A.
Borboleta — 43525	—	7-8	11322	365	2.717	136,2 5,01	São Francisco Soc. Ltda.
Frangazona — 105	NR	14-0	11027	365	2.643	133,7 5,06	São Francisco Soc. Ltda.
Biruta — 172	NR	6-5	16351	360	2.587	116,2 4,49	São Francisco Soc. Ltda.
Suely — 13660	RE	10-5	15304	263	2.467	102,1 4,13	Gabriel Donato de Andrade
Carlota	NR	—	15595	299	2.432	118,0 4,85	São Francisco Soc. Ltda.
Jarrinha — 43723	3-1	10-6	11042	365	2.350	108,0 4,59	São Francisco Soc. Ltda.
Serenata	NR	11-5	16517	365	2.340	102,5 4,37	João Batista F. Costa
Arpista	NR	—	16291	353	2.125	106,7 5,02	João Leite S. Ferraz Jr.
Caneta	NR	8-1	15305	257	2.114	92,4 4,37	Santana Agro-Pastoril S.A.
Cobica — 10861	RE	—	16678	328	1.993	106,0 5,32	Alzimar N. Villela e Irmãos
Gambeyra	NR	8-0	15354	217	1.992	107,2 5,38	São Francisco Soc. Ltda.
Bater'ia de Bastilha — C-5143	RE	6-0	13413	253	1.981	96,4 4,86	Rubens Resende Peres
Centena	NR	—	16544	365	1.938	94,2 4,86	Alzimar N. Villela e Irmãos
Cubana — R-795	RE	8-5	16532	358	1.919	91,1 4,74	Alzimar N. Villela e Irmãos
Charada — 285	NR	5-5	16632	362	1.907	86,7 4,54	São Francisco Soc. Ltda.
Anistia — 43526	3-4	9-6	11333	307	1.844	88,9 4,52	São Francisco Soc. Ltda.
Brilhantina — 21	NR	9-1	15698	188	1.804	94,9 5,25	Santana Agro-Pastoril S.A.
Soberba — 44405	3-4	7-2	14025	306	1.800	96,8 5,37	João Leite S. Ferraz Jr.
Arela	NR	9-0	15584	177	1.763	91,1 5,16	São Francisco Soc. Ltda.
Audácia — 62	NR	6-0	11329	177	1.673	85,3 5,09	São Francisco Soc. Ltda.
Mina 113	NR	7-1	14185	133	1.019	43,8 4,29	Santana Agro-Pastoril S.A.
Facelra	NR	8-0	15348	136	1.017	61,1 6,00	São Francisco Soc. Ltda.

RAÇA GUZEIRA

Duas ordenhas (2x)

Lactações até 365 dias (II DIVISÃO)

CLASSE D — Adultas, de mais de 5 anos.

Patola — 7044	RE	6-6	15888	293	2.171	110,5 5,08	Roberto Martins Franco
Italva J.A. — 8308	RE	6-8	15336	223	1.109	70,6 6,37	Allyrio Jordão de Abreu

RED-POLLED 3/8 X GUZEIRA 5/8

Duas ordenhas (2x)

Lactações até 365 dias (II DIVISÃO)

CLASSE III — De 3 a 3 1/2 anos

Pirata (4058)	3-3	16307	365	3.368	123,9 3,67	S.A. Frigorífico Anglo
---------------	-----	-------	-----	-------	------------	------------------------

CLASSE IV — De 3 1/2 a 4 anos

Ordinária (B1110)	3-11	15238	305	2.682	103,9 3,87	S.A. Frigorífico Anglo
-------------------	------	-------	-----	-------	------------	------------------------

CLASSE CS — De 4 1/2 a 5 anos.

Laranja (6066)	4-10	13771	365	3.712	130,5 3,51	S.A. Frigorífico Anglo
----------------	------	-------	-----	-------	------------	------------------------

CLASSE D — Adultas, de mais de 5 anos.

California (2516)	—	11501	365	4.558	158,5 3,47	S.A. Frigorífico Anglo
Balsaita (2426)	11-4	10203	292	3.837	147,6 3,94	S.A. Frigorífico Anglo
Jamanta (4469)	9-5	9967	283	3.299	120,2 3,64	S.A. Frigorífico Anglo
Remessa (8028)	—	12538	334	3.297	122,3 3,70	S.A. Frigorífico Anglo
Filmeclândia (4467)	9-5	9870	241	2.804	106,9 3,81	S.A. Frigorífico Anglo

O CONTRATO...

(Conclusão da pág. 92)

7. No contrato que tenha termo estipulado, o empregador que sem justa causa, despedir o empregado, será obrigado a pagar-lhe, a título de indenização e pela metade, a remuneração a que teria direito, até o termo do contrato (art. 81 do E.T.R.); sendo que na rescisão do contrato por prazo indeterminado, a indenização devida, e a ser paga após o 1.º ano de trabalho, se constituirá de um mês de remuneração, por ano de serviço efetivo ou fração superior a 6 meses (art. 80 do E.T.R.). Nestas condições, pôde-se estatuir, economicamente e de acordo com a conveniência de cada caso cláusula ou item que diga:

"Até o prazo de....., se este contrato for rescindido unilateralmente, por qualquer das partes, será considerado, para apuração das consequências legais, como se tivesse prazo indeterminado" (in "Contrato precisa prevêr tudo", O Dirigente Rural, Dezembro de 1963, pág. 60).

8. No caso de algum contratante ser analfabeto, deverá apor, no contrato, a impressão digital do polegar direito, assinando-o alguém, por si, a seu rogo. Completa-se o documento, aí, com 4 testemunhas (art. 1.217 do C.C.).
9. É lícito contratar-se um empregado para trabalhar, apenas, num reduzido número de dias da semana ou do mês; ou então, para trabalhar com horário diário, reduzido.

10. Sem embargo do disposto no art. 29 do E.T.R., doutrinária e jurisprudencialmente, vem sendo admitido o desconto das seguintes utilidades: habitação, alimentação, higiene, vestuário e transporte. Mas, o único *adiantamento* dedutível, é o consistente em dinheiro (art. 29, letra c, do E.T.R.). As deduções retro, condicionam-se, no entanto, a uma autorização contratual, expressa (§ 1.º, do art. 29, citado).
11. A remuneração empregatícia, em dinheiro, não poderá ser inferior a 30% do salário-mínimo, regional (art. 33 do E.T.R.).
12. Em anexo, um modelo de contrato, para ser preenchido e completado com os dados peculiares a cada caso.

I DIVISÃO - Até 305 dias (COM NOVA PARIÇÃO DENTRO DOS 14 MESES)

Nome do Animal	Grupo do sangue	Idade anos meses	Nº de Lactação	kg	Produção Gordura	Novo Parição (dias)	Dias de lactação prenhe	Proprietário
RACA HOLANDESA - variedade preta e branca Duas ordenhas (2x)								
CLASSE AJ - Até 2 1/2 anos.								
Jangada Divina - B15613 - LM	PO	2-3	131.7	30.5	1.271	148.5	3.47	11 17
Cast. R. Paulina 6 - B15860	PO	2-2	15735	279	3.718	139.0	3.59	492 152
Cast. M. Heringa 14 - B15881	PO	1-11	13523	30.0	3.559	125.9	3.63	421 159
Priso Jukema 55 - B15423	PO	2-2	13300	30.0	3.435	126.0	3.67	300 214
Amaz. B.2383 G. Project - 45436	PO	2-3	13831	3.5	3.351	118.1	3.52	400 174
Bettuj Castrense - 45666	31/32	2-1	16136	298	3.271	111.5	3.44	330 238
Priso Johanna 21 de Car. 5120	31/32	2-0	16264	305	2.421	108.6	3.67	350 220
Cast. Lucas Manike 6 - RP-819-8155	PO	2-2	16340	227	1.914	72.0	3.81	310 183
Hia. Keegstra Riemkje 4-3667	31.32	2-2	15765	128	1.625	51.7	3.26	416
CLASSE AS - De 2 1/2 a 3 anos.								
Raewal 1348 S.1149 Buena - B14887	PO	2-7	16325	3.5	3.682	124.0	3.41	365 215
Atibara de São João - 43378	PC	2-6	16469	395	3.312	101.7	3.34	360 240
Avenca F.R. Terceira - 43833	PC	2-8	16361	229	2.340	87.9	3.75	359 145
Fabst A. Lora Finella - B17307	PO	2-11	16411	265	2.161	82.8	3.83	355 185
CLASSE BJ - De 3 a 3 1/2 anos.								
Cast. M. Nette 72 - B14111	PO	3-5	13597	274	4.031	139.0	3.42	330 219
Agindus Balisa - 43719	PC	3-4	16646	285	3.828	145.6	3.75	331 229
F. Julia de Carambei - 2426	31.32	3-2	16259	280	3.955	98.1	3.22	350 205
Cast. S. Anke's Midhuster	PO	3-0	15434	293	2.341	98.3	3.56	416 152
CLASSE BS - De 3 1/2 a 4 anos.								
M's. Fond H.S. Reflet. 12 B14754 LM	PO	3-6	11107	305	4.678	164.2	3.51	373 267
Cast. M. Heringa 40 - B14029	PO	3-10	12704	305	4.100	147.9	3.60	377 223
Garota de Paraíba - 36250 - LM	PC	3-11	12167	323	1.943	165.5	4.09	388 192
Ch. P. Rontje 335 de Car. - 2871	31/32	3-8	16165	3.3	3.714	137.4	3.69	357 221
B.V. Betje 6 de Car. - 4213	15/16	3-11	14515	287	3.210	109.0	3.39	338 217
CLASSE CJ - De 4 a 4 1/2 anos.								
Hia. Conde Alie - 2034	15/16	4-1	15998	282	4.223	142.7	3.37	351 203
Herolna - RP/22844	PC	4-1	13808	305	4.169	151.5	3.63	383 197
Amaz. Mr. Concreta - 42531	PC	4-3	16693	275	3.469	138.1	3.98	326 221
Felina - 44057	PC	4-3	16213	281	2.410	86.3	3.58	397 159
CLASSE CS - De 4 1/2 a 5 anos.								
S.Q. Incola Ciranda - B13969 - LM	PO	4-7	13193	30.5	4.367	173.5	3.58	379 241
S. Glasgow E.96 - Car. - B13684	PO	4-10	137.5	305	3.953	150.4	3.89	411 189
S. Quirino Imparcial - 39417	PC	4-8	13729	273	2.542	96.9	3.81	359 179
Cafezal Perutz - B14817	PO	4-11	13.39	285	2.387	100.1	4.19	363 197
CLASSE D - Adultas, de mais de 5 anos.								
Priso Jukema 54 de Car. - 5117 LM	31/32	6-9	15869	305	5.673	240.6	3.53	397 183
Broca - 38654 - LM	PC	5-3	15660	305	5.086	179.6	3.53	421 159
Copacabana Melod. - RP/21394 LM	PC	5-6	12570	305	4.905	184.4	3.75	382 198
S. Frabella L. Pabst - B12664	PO	5-9	10643	305	4.854	153.2	3.15	424 154
Hia. Cassis Rosa 6 - 2184	15/16	5-5	13797	305	4.841	142.3	2.94	383 197
S. Astrid 2 de Car. - 2697 LM	31/32	9-0	15873	3.5	4.563	179.3	3.92	330 190
Guará Artista - 30588	PC	7-3	10852	305	4.277	136.9	3.29	427 153
Cast. Beld Rosa - B12581	PO	5-4	11176	305	4.275	162.4	3.79	382 198
Argentina - 41011	PC	7-9	16312	305	3.854	112.0	2.90	393 187
V.B. Eiva Senad - 32079	PC	7-9	10421	255	3.806	133.9	3.51	365 165
EEPA Guerrelra 1289 - B19/8185	PO	6-5	13975	240	2.706	100.6	3.71	338 177
M's. Front R. Senat. 29-HBA/451942	PO	5-3	15976	196	2.019	80.9	4.00	377 94
Lindola	NR	6-4	16048	251	1.912	77.9	4.07	398 128
Hia. Keegstra Froukje 3	NR	—	10245	84	1.441	43.1	2.99	346 13
RACA HOLANDESA - variedade vermelha e branca Duas ordenhas (2x)								
CLASSE AJ - Até 2 1/2 anos.								
Alvorada de Jurumirim - 45515	PO	2-3	16481	273	2.761	110.0	3.98	341 207
Margriet's 18 - BB-1427	PO	2-1	16080	305	2.003	93.0	4.64	380 200
CLASSE AS - De 2 1/2 a 3 anos.								
Contendas Gorgeta - 44736	PC	2-8	16409	305	3.332	118.5	3.55	372 208
Mar. Oncinha H. Diamant. - 43916	PC	2-10	16389	305	3.198	123.8	3.87	374 206
Mar. Odvelas Heiniana - 43907	PC	2-7	16397	293	2.883	109.5	3.79	376 192
Mar. Odalisca T. Hein. - BB2/1372	PO	2-10	16400	305	2.525	95.5	3.78	395 185
Mar. Odalisca T. Heiniana - 49056	PC	2-10	15832	305	2.276	89.0	3.91	419 161
CLASSE BJ - De 3 a 3 1/2 anos.								
Sta. Cruz Bandeira - 39917	PC	3-2	16095	305	2.620	100.1	3.81	379 201
CLASSE CJ - De 4 a 4 1/2 anos.								
Riqueza - 40614	PC	4-4	13933	305	4.189	163.5	3.90	412 168
CLASSE D - Adultas, de mais de 5 anos.								
Castro Lena VII - BB2/667 - LM	PO	5-11	10493	305	6.662	217.8	3.26	416 164
Dancarina - 36220 - LM	PC	7-9	15605	305	5.977	232.2	3.88	388 192
Varginha - 31672 - LM	PC	12-7	7960	250	5.184	183.4	3.53	329 196
Muquem Sevilha - 35156	PC	7-3	11942	303	4.391	145.2	3.30	361 217
Geitosa - 31846	PC	7-3	10324	250	2.378	62.3	2.62	334 191
RACA JERSEY Duas ordenhas (2x)								
CLASSE BJ - De 3 a 3 1/2 anos.								
S.A. Nova Hipias - A/5947	PO	3-5	14004	305	2.197	103.1	4.91	375 205
Faz. Santa Ana do Rio Abaixo								

Nome do Animal	Cor do Sangue	Idade em meses	Nº de SCL	Dias de lactação	Leite kg	Produção Quilograma %	Nova Partição (dias)	Dias de lactação prenhe	Proprietário
CLASSE BS — De 3 1/2 a 4 anos									
Dorada do Pothemônio	100	3-6	14367	278	1.235	67,2 5,48 340 207	Alain Boud'hors		
CLASSE D — Adultas, de mais de 5 anos									
S.A. Galeria Oceano	4228-6	1-5	100	5-9	12147	305 3.791 179,1 4,72 388 192	Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo		
S.A. Nova 2.a Zambina	39964-1	1-5	100	8-7	7704	303 3.285 161,6 4,92 398 180	Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo		
S.A. Xmas 2.a Zambina	39964-1	1-5	100	7-5	9014	335 3.080 163,2 5,29 412 168	Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo		
Rendelra Cometa 313547		1-5	100	8-7	8715	305 2.779 120,2 4,32 376 204	Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo		
S.A. Esperança 1.a Recorde	34154-1	1-5	100	6-9	8618	305 2.747 136,8 4,97 400 180	Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo		
Tracema Cometa		1-5	100	10-23	305 2.597 137,1 5,27 370 210	José de M. Altenfelder Silva			
S.J. Coralina 604444		1-5	100	12-42	280 2.529 145,3 5,74 390 175	Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo			
S.A. Corveta Kabok	14000-0	1-5	5-11	14-05	276 2.205 111,0 5,03 405 146	Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo			
RACA CHURRI — Duas ordenhas (2x)									
CLASSE BS — De 3 1/2 a 4 anos									
Vala de Ressaia	31400	100	3-7	18-54	218	1.979 78,5 3,96 397 126	Edgard Jafet		
CLASSE D — Adultas, de mais de 5 anos									
Camara da Cachoeira	43915	100	5-9	12495	277	4.238 172,0 4,05 399 153	D. Pires Agro-Pec. S.A.		
Uganda — 2735		1-5	6-7	15823	230	1.847 62,1 3,85 414 91	Joaquina Cardoso de Camargo		
Lamparina P. Grossa	2450	1-5	8-4	16581	294	1.812 65,1 3,59 375 194	Ministério da Agricultura		
Bagdá — 2736		1-5	6-6	16039	137	798 31,6 3,96 394 18	Joaquina Cardoso de Camargo		
Alabama — 2424		1-5	9-2	16740	64	383 11,5 2,89 382 —	Joaquina Cardoso de Camargo		
RACA GIR LESTEIRO — Duas ordenhas (3x)									
CLASSE BI — De 3 a 3 1/2 anos									
Baviera — D-4472	RE	3-3	15915	294	2.848 135,2 4,74 421 148	Roberto Antônio Jacintho			
CLASSE BS — De 3 1/2 a 4 anos									
Indiana de Brasília	15749	RE	3-9	15933	305	2.235 130,7 5,84 400 180	Rubens Resende Peres		
CLASSE D — Adultas, de mais de 5 anos									
Trola de Beaulieu	42413	RE	9-4	12306	305	3.288 157,1 4,77 416 164	Rubens Resende Peres		
Noronha de Brasília	33026	RE	11-10	12251	305	3.023 166,0 5,49 375 105	Rubens Resende Peres		
Garça		NR	5-1	15914	298	2.528 112,3 4,48 420 153	Roberto Antônio Jacintho		
Babilônia (110)		NR	8-0	14483	296	2.374 125,6 5,28 377 194	João Batista F. Costa		
Cabelta — 215		NR	—	16577	286	1.866 86,7 4,64 310 245	São Francisco Soc. Ltda.		
Arrala		NR	6-0	15851	172	1.680 87,9 5,23 424 23	São Francisco Soc. Ltda.		
Parusita — 90		NR	10-0	12142	230	1.344 64,5 4,79 357 138	São Francisco Soc. Ltda.		
RACA GUZERA — Duas ordenhas (2x)									
CLASSE CS — De 4 1/2 a 5 anos									
Gana — A-1189	RE	4-11	16699	263	1.445 91,8 6,35 300 238	Roberto Martins Franco			
RED-POLLED 3/8 X GUZERA 5/8 — Duas ordenhas (2x)									
CLASSE AS — De 2 1/2 a 3 anos									
Ornada (2144)		2-10	15949	261	2.425 95,7 3,94 414 122	S.A. Frigorífico Anglo			
Pompeia (F-185)		2-6	16511	214	1.955 77,1 3,94 326 163	S.A. Frigorífico Anglo			
CLASSE BI — De 3 a 3 1/2 anos									
Avestruz (K-020)		3-0	15729	278	3.219 181,3 4,07 415 135	S.A. Frigorífico Anglo			
Jaca (G-073)		3-0	15953	315	2.944 117,1 3,97 417 163	S.A. Frigorífico Anglo			
Serrana (K-008)		3-2	15615	293	2.850 121,2 4,25 375 193	S.A. Frigorífico Anglo			
Nivalda (B-170)		3-3	16192	216	1.884 72,6 3,85 349 142	S.A. Frigorífico Anglo			
CLASSE CI — De 4 a 4 1/2 anos									
Austria (B-006)		4-1	13849	270	3.112 115,2 3,70 386 159	14.734 Amara Nena			
Vírola (8072)		4-5	17020	245	1.841 76,2 4,14 312 208	15.681 Galaxia Cacilda Eden			
CLASSE CS — De 4 1/2 a 5 anos									
Bonita (6056)		4-10	13392	278	3.549 126,3 3,55 420 133	S.A. Frigorífico Anglo			
CLASSE D — Adultas, de mais de 5 anos									
Barreira (2421)		11-8	10203	305	3.231 180,6 4,04 408 172	S.A. Frigorífico Anglo			
Serra Nera (4174)		7-0	10203	262	3.011 116,7 3,87 358 184	S.A. Frigorífico Anglo			
Jola (A-348)		10-11	10973	242	2.832 111,5 3,93 376 141	S.A. Frigorífico Anglo			
Tringada (6022)		5-3	12597	228	2.448 95,9 3,91 349 154	S.A. Frigorífico Anglo			
Zelandia (4457)		9-9	9963	226	2.231 87,9 3,94 388 163	S.A. Frigorífico Anglo			
Ordenada (B-010)		5-3	13857	204	2.166 85,7 3,95 357 122	S.A. Frigorífico Anglo			
Ombrela (B-063)		5-1	13994	196	1.851 69,6 3,76 335 126	S.A. Frigorífico Anglo			

LM — LIVRO DE MÉRITO
(1) — VENDIDA

MANUAL...

(Conclusão da pág. 78)

ra aos micróbios e produzir mastite. A imersão das tetas serve também para controlar e curar a varíola bovina. Para a desinfecção, pode-se usar uma colher bem cheia de solução de cloro, em que se colo-

ca cada teta, jogando fora, depois, a solução.

ULTIMAS...

(Conclusão da pág. 96)

terossa o oviduto ou o reto, a cura torna-se problemática, e mesmo impossível, sendo nesse caso aconselhável o sacrifício da ave.

Tratando-se de casos recentes e

pouco acentuados e não havendo ainda ulceração ou gangrena do órgão, pode-se tentar a cura lavando-se o órgão com água e sabão, ou um desinfetante, como o permanganato de potássio; em seguida, com os dedos, introduz-se a porção solta para dentro do corpo da ave. O isolamento das aves atingidas é obrigatório, para prevenir o canibalismo e facilitar a cura.

GRANJA QUERO.

Uma fazenda modelo no Rio Grande

META PROXIMA: INTEGRAÇÃO DA PRODUÇÃO D

Segundo os nutrólogos, o leite é a pedra angular de todo sistema racional de alimentação no Brasil.

É o alimento completo, é o alimento barato, é o alimento que chega pronto para ser consumido. É a proteína Volkswagen, enquanto a carne é a proteína Galaxie.

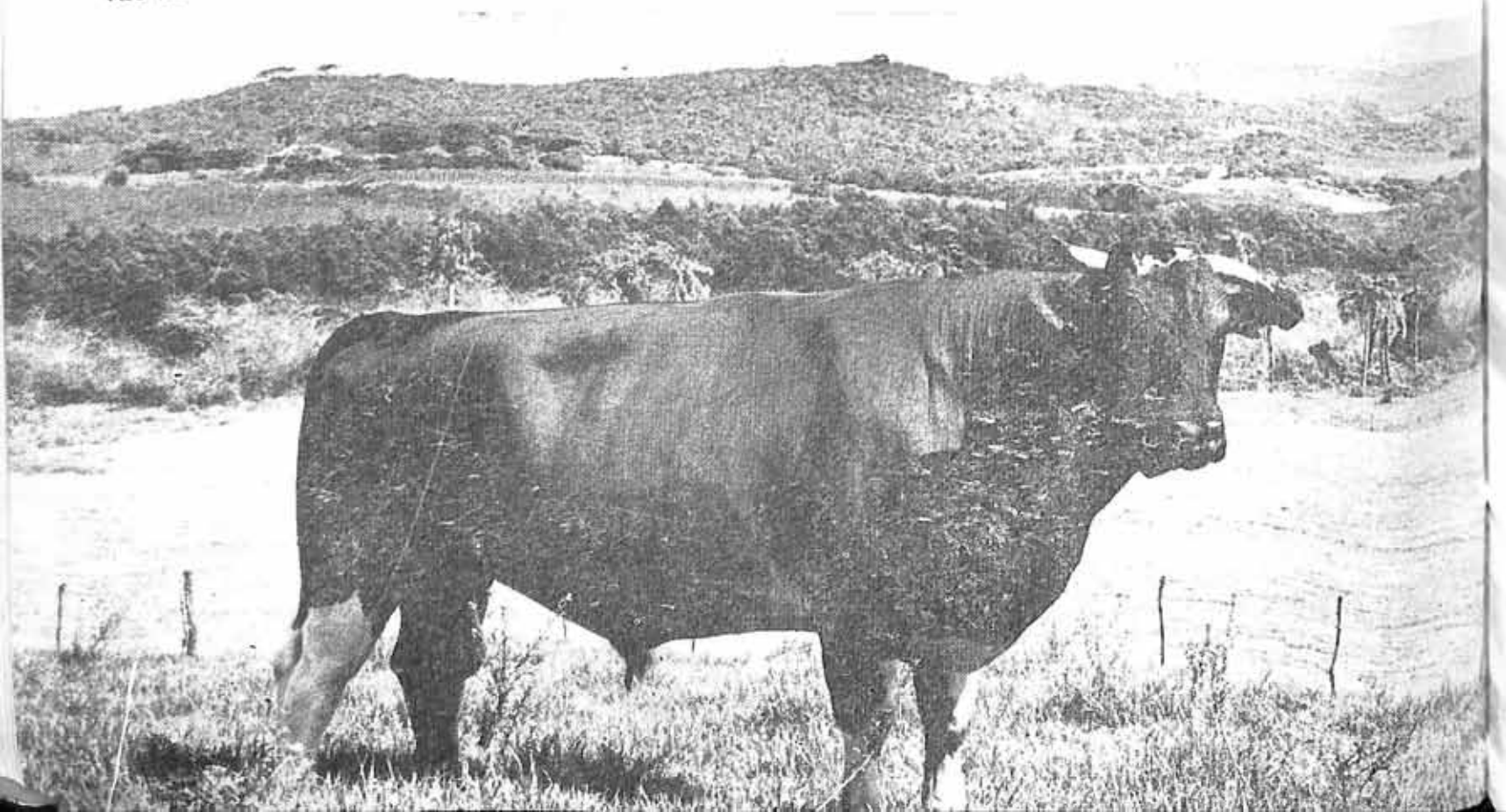
O leite é produzido empiricamente no Brasil, enquanto muitas outras atividades dispensáveis ao consumidor são produzidas racionalmente, o que é um paradoxo.

É, fora de dúvida, um dos nossos erros o produzir esse alimento básico para a sobre-

vivência infantil de forma antihigiénica e sem técnica.

Foi analisando este quadro geral, que a GRANJA QUERO-QUERO, pretendendo não só dar exemplo, mas também contribuir para abastecer de leite a capital do Rio Grande do Sul, que tem um consumo diário de 200.000 litros, resolveu

QQ ULISSES CLASSICAL MAGISSIAN 162 — Filho de Rosafé Magissian. Suas quatro irmãs foram 3 anos consecutivos as quatro melhores filhas de um mesmo touro nos EE.UU. Tem três vezes em seu pedigree Glen-vue Nettie Jemima, Ex. (13 estules). Sua progênie foi vendida por 100.000 dólares. Será congelado seu sêmen.



QUERO

de do Sul

ITE

fornecer inicialmente 10.000 litros de leite diários em 1968 (5% do consumo de Porto Alegre), dentro da mais moderna técnica de produção, pasteurização e embalagem: um leite de superior qualidade num processo integrado de produção.

ORGANIZAÇÃO DE PRODUÇÃO

Antes de iniciar os trabalhos, o proprietário da granja, eng. Roberto Chaves Fleck, viajou pelo Uruguai, Argentina, Holanda, Estados Unidos e Canadá, visitando fazendas, granjas, universidades, fábricas, "farms", relacionando, anotando tudo que a moderna pesquisa indica para a exploração do leite. Examinando cuidadosamente este material, ele-

geu a raça Holandesa preto e branco, especializada em produção de leite e adotou todas as técnicas estrangeiras ao Brasil, com técnicos do Rio Grande do Sul.

Professor da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade do Rio Grande do Sul e engenheiro civil, assessorou-se de economistas para o planejamento e organização da ação a desenvolver, baseando-se, pois, em conhecimentos científicos.

BOM REBANHO LEITEIRO

— Segundo a Georgie Experiment Station, o custo da produção de um litro de leite obedece à curva que reduzimos a este gráfico — diz-nos o engenheiro Roberto Chaves, exibindo-nos o gráfico que reproduzimos em clichê. — Assim — continua — uma vaca que produza 4.500 kg — ano, seu leite custa seis vezes menos que o de uma vaca que produza apenas 900 kg — ano — diz-nos o engenheiro Roberto Chaves. — Para resolver tal problema, além da produção, procuramos também tipo, especialmente bons úberes e profundidade (boa capacidade digestiva).

No Uruguai e Argentina, o chefe do serviço de zootecnia da Secretaria da Agricultura do Rio Grande do Sul escolheu e selecionou rigorosamente, nos estabelecimentos mais categorizados, novilhas



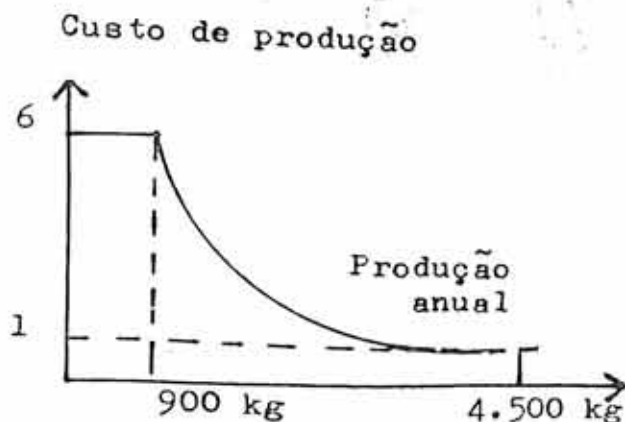
Importação de sêmen. A Granja Quero Quero importou, em 1966, 2.000 ampolas de sêmen dos mais categorizados touros dos EE.UU.

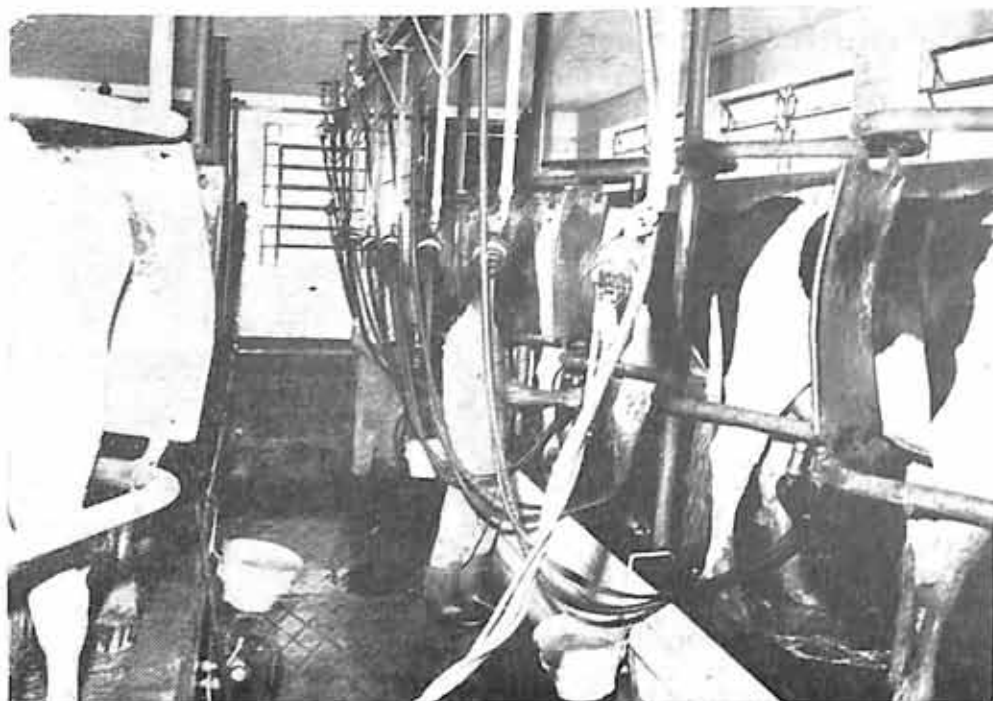
que preenchessem os requisitos zootécnicos por nós impostos. Feito este trabalho, sucederam-se testes de sanidade e fecundidade. Assim com UM SÓ PONTO DE VISTA, garantimos a unidade de orientação.

Após estudos exaustivos de seleção do sêmen a ser importado, feito por uma equipe de técnicos, importamos sêmen de ROSAFÉ MAGICIAN, campeão de progênie tres vezes consecutivas nos Estados Unidos; de Gray View Crisscross, all time all american aged bull, quatro vezes consecutivas "all american", cujo preço de uma ampola (uma única inseminação) é de 200 dolares, e mais uma dezena dos mais categorizados reprodutores dos Estados Unidos e Canadá, sempre dentro de um CRITÉRIO e de uma ESPECIFICAÇÃO para obtermos um gado homogêneo e padronizado.

PASTAGENS E ORDENHA

— Para realizar este alto potencial genético — continua o eng. Chaves — procuramos organizar pastagens dentro da mais rigorosa técnica agrostológica. Assim, na Granja Que-





Sistema Herringbone, compacto, racional e económico. Dois homens ordenham seis vacas por hora, higiênica e economicamente.

ro-Quero temos 76 poteiros com 4 hectares cada um, todos com acidéz corrigida e nível alto de fertilidade, agora semeados com azevem e trevo, num manejo rotativo dos poteiros, em lotes de 65 vacas em cada poteiro, durante quatro dias.

Numa sada de ordenha do sistema "espinha de peixe", dois homens ordenham, lavam

o úbere e testam mamites de 64 vacas por hora.

NOVAS METAS DA GRANJA QUERO-QUERO

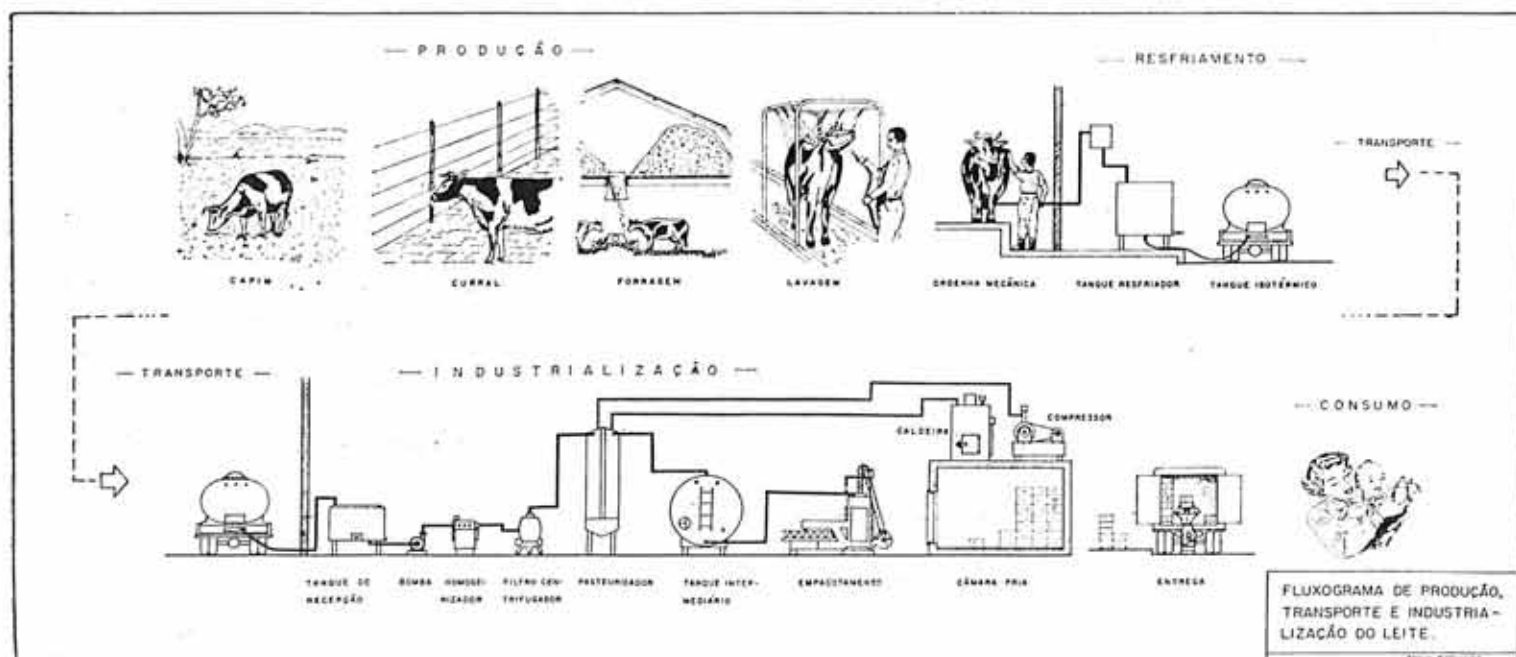
O engenheiro Roberto Chaves fala-nos, afinal, das novas metas da Granja Quero-Quero, a primeira das quais é a pasteurização — e enumera as varias etapas do trabalho: re-

banho selecionado, alta produtividade, ordenha organizada, agora empacotamento do leite líquido, com homogenização, um processo integrado da produção de leite.

Depois disso, a comercialização. E o adiantado criador conta-nos o seu proximo programa:

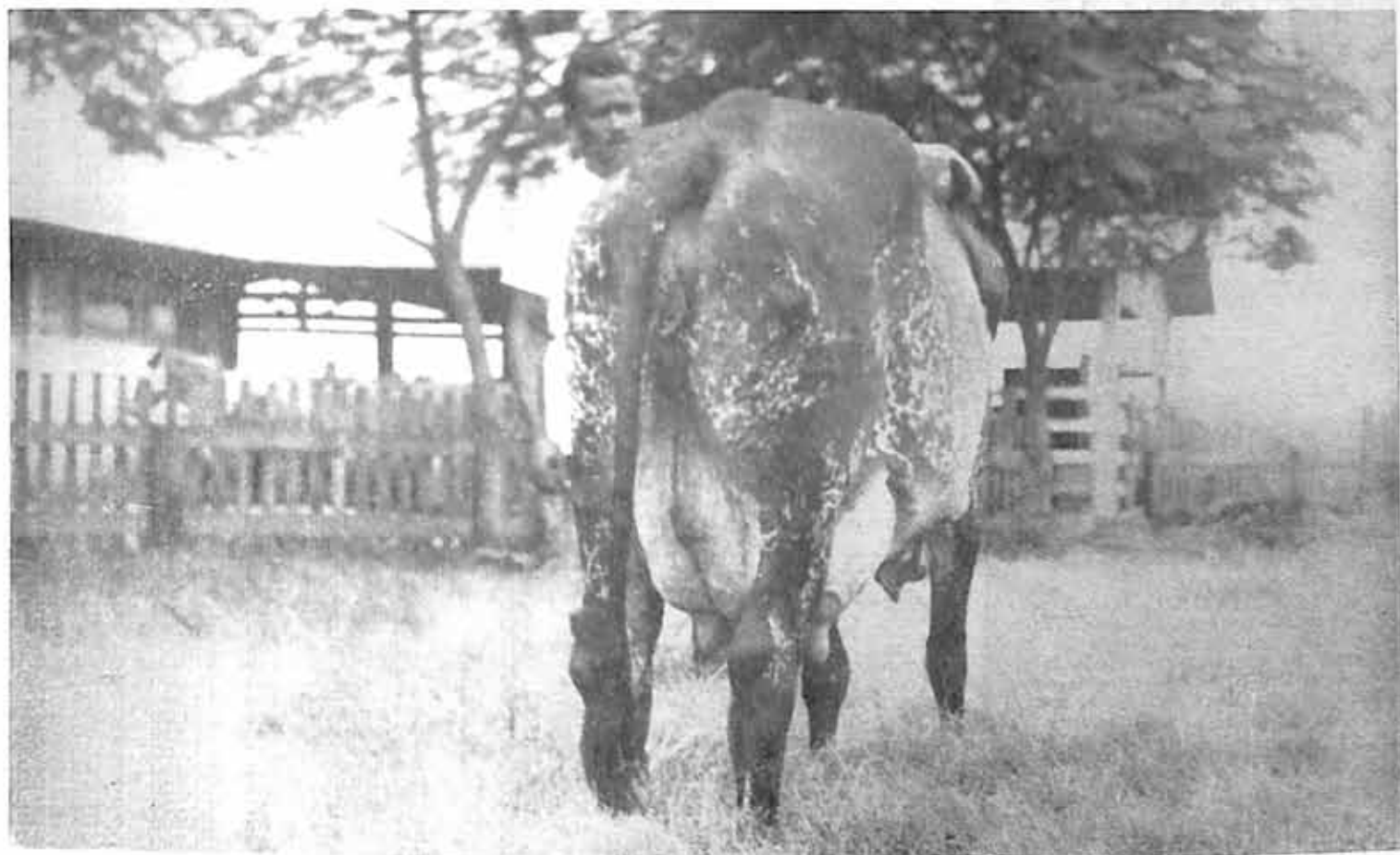
— Atingidas 2.000 reses da raça Holandesa preto e branco, resolveu a Granja Quero-Quero estender aos demais criadores seu processo de trabalho, pondo a venda, em feiras-remates periódicas, novilhas, vacas e touros, selecionados com o mesmo critério adotado para a formação do seu próprio rebanho, pois, na formação e no aprimoramento de um rebanho é importante a HOMOGENEIDADE, a garantia de SANIDADE, bem como facilidade de compra.

E, para terminar, uma boa noticia: a Granja Quero-Quero realizará em junho proximo sua segunda Feira-Remate.



OS TOURINHOS DA FAZENDA TÊM PASSADO ...

Não apenas porque são realmente puros, controlados ou porque mais de 50 vacas da Fazenda Brasília já ultrapassaram 3 000 kg de leite em uma lactação, em controle oficial. Há pouco, 10 vacas produziram 43.500 kg de leite num período médio de 348 dias, com a taxa de matéria gorda de 5,37%.



DANÇARINA, irmã de ARATU, na primeira lactação de 322 dias produziu 3.937 kg de leite, iniciando com 19 kg diários.

OS TOURINHOS DA FAZENDA BRASÍLIA ORGULHAM-SE DE SEUS PAIS:

ARATU — Reg. 5.731, filho de Quadro de Umbuzeiro 486 e de Alegria — Reg. 14.341 (campeã mundial em 365 dias, com 5.470 kg de leite).

CZAR — Controle 251, filho de Nacarado de Umbuzeiro — Reg. 4.960 e Tainha — Reg. 13.500 (campeã mundial em 305 dias, com 4.630 kg e recordista em produção diária com 24,950 kg de leite).

CAXANGA — Reg. 3.937, filha de Bombaim — Reg. 2.320 e de Roxona — Reg. D-5.697 (campeã nacional da raça Gir Leiteiro, com 4.493 kg de leite em 305 dias)

POR ISSO OS REPRODUTORES DA
FAZENDA BRASÍLIA NÃO FALHAM!

RUBENS RESENDE PERES

Praça José Peres, 10

SÃO PEDRO DOS FERROS — Minas Gerais

TELE fone 113
gramas "GIRLEITE"



COLEGIO ADVENTISTA BRASILEIRO 40 ANOS

DE SELEÇÃO DE GADO HOLANDEZ

NOSSAS CRIOLAS



FAROLEZA SENTINEL, campeã pura por cruz da raça na I Exposição-Feira de Gado Leiteiro do Estado de São Paulo. No Serviço de Controle Leiteiro da A.P.C.B., é recordista de classe na categoria de 1 a 5 anos, com a produção de 9.029 kg de leite.

- Longevidade e produção média comprovada.
- Temos várias crioulas inscritas na categoria de Longevidade e Livro de Mérito do Serviço de Controle Leiteiro da A.P.C.B.
- FORTALEZA, crioula e pertencente ao nosso plantel, foi a primeira produtora a atingir a produção de 50 toneladas de leite.
- Vejam nas páginas desta edição, médias das nossas produtoras.



Durante sua estada em São Paulo conheça nosso rebanho. Sua visita será um prazer. Quilômetro 23 da estrada asfaltada de Itapeverica — via Santo Amaro

COLÉGIO ADVENTISTA BRASILEIRO

Caixa Postal 7258 - Fone 61-2606
SAO PAULO

RESULTADOS PARCIAIS DE CONTROLE

RACA HOLANDESA — variedade preta e branca

Fernando de Alencar Pinto S.A. Pindamonhangaba, Est. de São Paulo.

Controle em 15-1-1967. Regime de pasto com ração suplementar, 3 e 2 ordenhas.

Nº SCL		Gráu Idade do anos sangue meses	Controle de Dias lactação	Leite	Gordura	%
3 ordenhas						
12.669	Gramma EEPa 1267	PO	7-9	1- 24	23,600	0,933 3,95
13.663	Jangada Canafistula	PO	4-9	1- 4	23,050	0,651 2,82
15.004	Nogales Supreme Shirley 2	PO	4-2	1- 4	17,200	0,736 4,28
15.165	Martona's Alpha Loch. 18	PO	4-1	1- 28	23,300	0,767 3,29
15.906	Jangada Duquesa	PO	3-9	1- 32	21,300	0,653 3,06
16.325	Raelvi 1348 S.1149 Buenita	PO	3-7	1- 38	21,100	0,751 3,56
19.452	Jangada Eveline	PO	2-4	1- 10	16,300	0,476 2,92
19.454	Jangada Ely Bonny Bruk	PO	2-6	1- 15	16,400	0,562 3,06
19.455	Jangada Diamond Ellada	PO	2-6	1- 20	19,500	0,586 3,00
2 ordenhas						
11.352	Reintje 12	PO			17,300	0,596 3,44
11.563	Falupa EEPa 1191	PO	8-5	4- 111	14,350	0,594 4,15
11.910	Havana EEPa 1341	PO	6-6	4- 119	17,700	0,585 3,30
11.994	Extrema EEPa 1140	PO	9-4	3- 66	16,800	0,638 3,80
12.079	Honra EEPa 1383	PO	5-11	4- 130	16,500	0,633 3,84
12.080	Helicula EEPa 1391	PO	6-11	2- 51	21,250	0,605 2,85
12.184	Garatuzza EEPa 1322	PO	6-8	5- 148	16,750	0,699 4,18
13.025	Jangada Boa Vista	PO	4-8	10- 265	14,750	0,567 3,84
13.026	Jangada Bela Sthael	PO	5-1	5- 149	15,800	0,546 3,45
13.493	Jangada Barbalha	PO	5-5	5- 232	14,550	0,596 4,10
13.574	Jangada Boa Viagem	PO	5-0	8- 222	13,340	0,460 3,44
13.762	Impetuosa EEPa 1433	PO	5-2	3- 88	17,600	0,642 3,65
13.763	Jangada Caucala	PO	4-3	8- 229	13,680	0,563 4,12
13.892	Jangada Boa Esperança	PO	4-10	3- 85	14,700	0,610 4,15
14.107	M's. Fond Hope S. Ref. 12	PO	4-7	2- 39	21,150	0,738 3,49
14.213	M's. Nell Front Row 10	PO	4-6	3- 95	20,200	0,721 3,57
14.359	MM's. Golden P. Milk. 7	PO	4-7	3- 137	15,150	0,506 3,34
14.756	Jangada Catorina	PO	3-10	8- 206	15,100	0,582 3,85
14.757	Jangada Cristais	PO	3-7	9- 257	13,000	0,451 3,46
14.758	M's. S.R. Alpha 30	PO		2- 22	22,100	0,724 3,27
14.759	Nogales Supreme Sovereign	PO	4-0	3- 89	17,700	0,678 3,83
14.760	13 de Abril 96 E.V. Boy	PO	4-2	4- 108	14,850	0,538 3,62
15.002	Raelvi 1331 Supre 1036 Rosa	PO	3-10	4- 119	17,500	0,601 3,43
15.003	Martona's Nell Sensation 15	PO	3-11	8- 237	16,350	0,651 3,98
15.005	13 de Abril Reine 7 V. Boy	PO	4-4	4- 103	14,250	0,491 3,45
15.657	Martona's Alpha Madcap 36	PO	3-10	4- 130	15,050	0,591 3,93
16.709	Martona's Rag A. Alpha 39	PO	4-2	2- 130	14,350	0,522 3,64
18.433	Jangada Espera	PO	2-3	5- 137	15,000	0,518 3,45
18.787	Jangada Dengosa	PO	3-5	4- 125	13,400	0,443 3,30
19.027	Jangada Esperia D. Mark	PO	2-4	3- 69	13,450	0,452 3,36
19.314	Jangada Eureka	PO	2-4	2- 57	13,250	0,483 3,64
19.315	Jangada Diadema	PO	3-9	2- 52	13,700	0,471 3,44
19.316	M's. Fond Hope Elector	PO	4-1	2- 40	14,750	0,591 4,01

Colégio Adventista Brasileiro, Santo Amaro.

Controle em 17-1-1967. Regime de semi-estabulação, 2 ordenhas.

3.636	Lindola Sentinel II	PCOC	14-5	1- 16	13,800	0,413 2,99
9.104	CAB Finança Medalist	PO	8-2	9- 275	13,090	0,447 3,41
9.516	Predileta Madcap CAB	PCOC	8-2	6- 192	14,600	0,511 3,50
11.000	Brota Medalist CAB	PCOC	6-1	7- 225	17,520	0,703 4,01
11.288	Bordada Medalist CAB	PCOC	7-0	5- 159	13,480	0,533 3,95
11.289	Diva Medalist CAB	PCOC	6-0	7- 215	14,050	0,491 3,50
11.497	Bis Medalist CAB	PCOC	7-4	1- 38	24,800	0,695 2,80
12.248	Biblioteca Medalist II CAB	PCOC	5-9	1- 13	18,450	0,731 3,96
12.649	Dama Medalist CAB	PCOC	4-9	10- 306	13,250	0,522 3,94
13.069	Fantastica Medalist CAB	PCOC	5-10	1- 32	23,350	0,712 3,04
13.427	Faina Medalist CAB	PCOC	5-4	1- 7	22,440	0,678 3,02
13.428	Roselandia II Madcap CAB	PCOC	4-9	2- 69	23,940	0,784 3,25
14.898	Begonia Medalist CAB	PCOC	5-2	6- 181	14,150	0,509 3,59
15.047	Sapiencia II Mer. CAB	PCOC	5-2	2- 62	16,780	0,582 3,47
15.048	Lolita Medalist CAB	PCOC	3-11	7- 214	13,250	0,477 3,60
15.404	Resposta Medalist II CAB	PCOC	3-7	4- 109	20,930	0,801 3,82
15.564	Festa Medalist CAB	PCOC	3-10	1- 5	28,170	1,135 4,03
17.870	Regencia Medalist II CAB	PCOC	2-11	7- 238	13,010	0,449 3,45
17.871	CAB Jandaia Med. II	PO	2-10	7- 225	15,500	0,600 3,87
17.873	Fineza Medalist II CAB	PCOC	2-10	7- 211	13,120	0,487 3,71
18.137	Froncosa Medalist CAB	PCOC	2-6	6- 165	13,430	0,476 3,54
18.139	Prima Medalist II CAB	PCOC	2-7	6- 180	13,610	0,584 4,29
18.395	Doutora Medalist CAB	PCOC	5-0	5- 148	14,800	0,441 2,98
18.942	Dominada Med. II CAB	PCOC	2-7	3- 64	20,230	0,616 3,04
18.943	Caricia Medalist CAB	PCOC	2-5	3- 70	13,500	0,453 3,35
19.451	Fluvial Medalist CAB	PCOD	2-5	1- 41	16,600	0,558 3,36

Antônio Coelho Guimarães, Guaratinguetá, Est. de São Paulo.

Controle em 18-1-1967. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

6.459	Guará Magnifica	PCOC	11-2	8- 232	13,350	0,467 3,50
8.070	Guará Manolita	PCOC	10-6	1- 9	27,480	0,615 2,24
9.898	Guará Miranda	PCOC	10-2	5- 148	17,300	0,557 3,22
10.208	Guará Açucena	PCOC	8-0	3- 57	22,280	0,706 3,17
10.713	Cast. Excelsior Nijlander 71	PO	7-6	3- 133	13,650	0,447 3,27

Nº SCL			Grau Idade do anos sangue meses	Controle de Lactação	Dias de Leite Gordura Lactação	%
12.386	Guará Catalunha	PCOC	5-5	9	282	13,060 0,524 4,01
12.685	Guará Cabrocha	PCOC	5-4	5	142	17,050 0,721 4,22
14.259	Guará Coroa	PO	5-4	5	111	14,730 0,573 3,89
14.736	Guará Cobiçada	PCOC	5-6	1	21	20,250 0,560 2,76
18.515	Guará Doria	PCOD	3-3	5	245	14,070 0,488 3,47
18.883	Guará Delícia	PCOD	3-5	3	86	13,970 0,527 3,77
18.961	Guará Distinguida	PCOC	4-3	3	83	14,820 0,518 3,50
18.962	Guará Cacapava	PCOC	5-3	3	64	19,180 0,737 3,84
18.963	Guará Damiana	PCOD	3-4	3	78	14,520 0,447 3,08
18.965	Guará Dança	PCOD	3-7	3	249	13,720 0,435 3,17
18.966	Guará Doninha	PCOC	3-10	3	79	13,430 0,464 3,45
18.969	Guará Dadinha	PCOD	3-4	3	86	14,180 0,441 3,11
19.350	Guará Danada	PCOC	3-8	2	53	21,310 0,655 3,07
19.351	Guará Dulcamara	PCOC	3-10	2	38	14,560 0,468 3,21

Dr. Antônio Luiz do Rego Netto, Pirassununga, Est. de São Paulo.
Controle em 9-1-1967. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

9.372	Ranheira	PCOD	11-7	1	1	25,620 0,733 2,86
13.114	Pirassununga Granfina	PCOD	6-8	11	303	13,940 0,603 4,32
13.264	Pirassununga Balalaca	PCOC	7-3	5	136	17,690 0,610 3,45
13.429	Avelã	7 8	—	2	—	23,430 0,629 2,68
15.837	Andarilha	PO	4-7	1	22	18,050 0,539 2,98
18.435	Pirassununga Tanga	PCOD	3-7	5	147	14,080 0,554 3,93
19.336	Pirassununga Pauliceia	PCOD	—	2	—	15,900 0,555 3,49
19.470	Pirassununga Argentina	PCOD	7-5	1	36	18,980 0,594 3,13
19.471	Pirassununga Tulipa	PCOC	6-1	1	19	19,230 0,761 3,96

Cássio de Toledo Leite, Pinhal, Est. de São Paulo.
Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

18.971	S. Groenlandia C. 112 Car.	PO	6-10	3	78	13,750 0,549 3,99
19.355	S. Geertje Supreme Pabst	PO	6-6	2	52	19,030 0,708 3,72
19.448	S. Guacai M. Carnation	PO	6-9	1	3	14,100 0,660 4,68

Cia. Agrícola Fazenda Sta. Maria da Posse, Itupeva, Est. de São Paulo.
Controle em 26-1-1967. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

13.544	Alegria da Prata	PCOD	5-10	7	231	13,930 0,533 3,83
13.546	Marillisa da Prata	PCOD	4-7	3	109	13,080 0,592 4,52
13.547	Amazonas Mr. Campanha	PCOC	—	2	—	20,700 0,624 3,01
13.548	Amazonas Mr. Chuleta	PCOC	5-1	3	95	16,800 0,627 3,73
13.549	Amazonas G.M. Clara	PCOC	5-3	3	101	21,450 0,748 3,48
13.550	Amazonas G.M. Chinezia	PCOC	—	2	—	21,520 0,738 3,43
13.551	Amazonas G.M. Comica	PCOC	5-2	4	124	18,400 0,669 3,63
13.553	Amazonas Mr. Caseira	PCOC	5-8	1	17	14,740 0,530 3,59
13.554	Amazonas G.M. Clemencia	PCOC	4-10	5	168	20,520 0,798 3,89
13.631	Amazonas Mr. Castelhana	PCOC	5-8	1	21	21,530 0,708 3,29
13.632	Amazonas Mr. Campeona	PCOC	—	2	—	16,850 0,631 3,74
13.693	Maristela da Prata	PCOD	4-6	3	88	20,110 0,688 3,42
13.811	Marcelina da Prata	PCOD	4-7	4	119	15,770 0,525 3,33
14.737	Amazonas Mr. Certa	PCOC	5-4	4	135	18,850 0,555 2,94
1.6077	Macatuba da Prata	PCOD	4-11	1	39	17,160 0,509 2,89
16.295	Amazonas G.M. Camarada	PCOC	—	2	—	15,930 0,612 3,85
19.262	Sta. Maria Artista	PCOC	—	2	—	15,950 0,547 3,43
19.263	Sta. Maria Atalaia	PCOC	—	2	—	18,350 0,565 3,08
19.447	Sta. Maria Aventura	PCOC	2-6	1	7	16,200 0,485 2,99

Brasil Agropecuária S.A. Agrobrás, Curitiba, Est. do Paraná.
Controle em 3-1-1967. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

14.028	Ginga	PCOD	4-3	7	197	15,100 0,544 3,60
14.029	Garrucha	PCOD	4-6	5	158	14,760 0,464 3,14
14.225	Flora	PCOD	5-6	5	150	15,900 0,627 3,94
14.763	Felina	PCOD	4-8	6	164	16,330 0,497 3,04
14.946	Filadelfia	PCOD	4-6	5	165	17,180 0,546 3,18
17.364	Genebra	PCOD	4-3	8	238	15,300 0,409 2,67
17.782	Giba	PCOD	4-5	7	204	15,850 0,443 2,79
18.130	Felizarda	PCOD	4-9	6	195	16,950 0,491 2,90

Comercial Agrícola e Industrial Heliomar S.A. Campinas, Est. de São Paulo.
Controle em 16-1-1967. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

13.294	Amazonas Mr. Bolija	PCOC	5-4	7	196	18,000 0,492 2,73
13.456	Guarap. Dengosa Nico's	PO	4-7	1	9	14,700 0,588 4,00
13.804	Dinamarca Med. Guarap'r.	PCOC	4-9	1	3	30,650 0,780 2,54
14.022	Amazonas Mr. Birbe	PCOC	5-10	1	4	15,400 0,364 2,36
15.139	Elegancia Med. Guarap.	PCOC	3-9	3	78	14,450 0,399 2,76
15.140	Guarap. Medalist Diana	PO	4-1	1	16	13,850 0,441 3,18
18.799	Bacana	PCOD	—	4	—	14,750 0,490 3,32

Cia. Baptista Scarpa Indústria e Comércio, Itanhandu, Est. de Minas Gerais.
Controle em 9-1-67. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

11.299	Jardim Olimpia	PO	8-5	7	158	14,750 0,552 3,74
13.711	Jardim Adega	PCOC	4-6	5	131	16,850 0,581 3,45
15.343	Jardim Alanca	PO	4-2	6	160	20,430 0,659 3,22
18.347	Jardim Bonilka	PCOC	4-11	9	240	14,450 0,482 3,33
18.349	Jardim Betilka	PO	3-0	6	154	13,250 0,507 3,82



coalho em pó

HA-LA

Produzido pelo Labora-
tório de Chr. Hansen, S.A.
Copenhague, Dinamarca.

DISTRIBUIDORES



Cia. Fabio Bastos



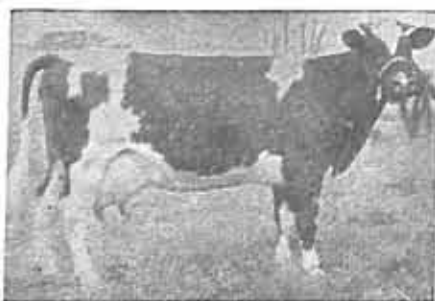
Fazenda Campo Lindo

Recordista Brasileira de produção de leite e gordura com

JARDINEIRA II J.B.

Produções:

365 d 14.305 kg de leite 460,1 kg
- 3,21% 3x



JARDINEIRINHA JB — Nascida em 13-7-51. É a maior produtora entre as filhas de Jardineira II, de que parece ter herdado grande capacidade de produção. Já somou 44.549 kg de leite e 1.555,8 kg de gordura. Tem 6 lactações em LM e 2 em L. Escol. A produção máxima alcançou-a aos 9 anos, em duas ordenhas diárias, em 365 dias: 8.329 kg de leite com 285,2 kg de gordura de 3,42%.



Conquistamos:
o "Balde" e a
"Batedeira" de
Ouro com Jar-
dineira II J.B.

150 anos de seleção

URBANO JUNQUEIRA

Criação de gado Holandês, preto branco e vermelho e branco.

FAZENDA CAMPO LINDO
CRUZILIA — MINAS GERAIS

Nº SCL

Gran Idade do sangue
anos meses
Dias de Lactação
Leite Gordura %

18.350	Jardim Beleza	PCOC	3-5	6	228	13.800	0.467	3,38
18.351	Jardim Poma	PO	6-5	6	182	16.030	0.559	3,49
18.352	Jardim Betanha	PCOC	6-0	6	136	14.150	0.549	3,88
18.353	Jardim Baviera	PCOC	3-5	6	146	16.500	0.650	3,94
18.507	Jardim Apurada	PO	3-10	5	127	14.820	0.524	3,53

Cia. Paulista de Adubos, São Carlos, Est. de São Paulo.

Contrôle em 4-1-967. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

16.089	Amazonas Mr. Duqueza	PCOC	3-11	5	122	14.500	0.552	3,80
16.091	Amazonas Mr. Centuria	PCOD	5-2	3	57	16.100	0.471	2,92
16.092	Amazonas Mr. Cadena	PCOD	5-3	1	9	21.200	0.764	3,60
16.094	Amazonas Mr. Colonia	PCOD	5-0	3	71	18.700	0.693	3,70
16.603	Amazonas Mr. Concreta	PCOC	5-2	2	43	17.450	0.571	3,27
18.973	Amazonas Mr. Astoria	PCOC	1-8	3	50	18.600	0.607	3,26
19.347	Amazonas Mr. Deusa	PCOD	4-2	2	45	16.800	0.539	3,20
19.348	Amazonas Mr. Formatura	PCOC	2-7	2	25	15.800	0.458	2,89
19.443	Amazonas Mr. Falsa	PCOC	2-9	1	17	17.200	0.574	3,33
19.444	Alamo Artista	PCOC	2-4	1	9	18.100	0.679	3,75
19.445	Amazonas Mr. Filipina	PCOD	2-10	1	16	14.100	0.426	3,02

Dr. Milton Pannain, Terezópolis, Est. do Rio de Janeiro.

Contrôle em 23-12-966. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

11.395	Holandia Erica Clara	15/16	—	2	—	34.700	1.162	3,35
13.038	Cast. Raul Wiersma 6	PO	4-7	6	179	16.600	0.577	3,47
13.597	Cast. Tine Maalke	PO	—	2	—	32.000	1.135	3,54
13.800	Cast. Exc. Sammetje 50	PO	3-11	8	247	18.000	0.719	3,99
14.445	Cast. Kiers Tine 19	PO	4-6	6	172	17.000	0.630	3,70
14.982	Cast. Raul Saakje 7	PO	—	4	—	22.100	0.813	3,68
14.989	Cast. Loman Johanna 100	PO	5-2	6	179	14.400	0.566	3,92
15.706	Cast. Leferfs Annetta 9	PO	—	3	—	16.300	0.509	3,12
15.709	Mimosa Paquequer	—	—	2	—	16.000	0.830	5,18
15.712	Cast. Leffers Melkhron 26	PO	—	1	—	17.200	0.531	3,08
15.722	Correntinha Paquequer	—	—	5	—	18.500	0.685	3,70
16.370	São Gabriel Collina	15/16	—	1	—	21.400	0.956	4,46
18.182	Araruta Paquequer	—	—	5	139	16.500	0.765	4,63
18.183	Nobreza Paquequer	—	—	5	139	18.400	0.795	4,32
18.401	Kuyck Doutje 10	PO	—	3	—	17.100	0.674	3,94

Sociedade Cooperativa «Castrolândia» Ltda. Castro, Est. do Paraná.

Contrôle em Dezembro de 1966. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

19.414	Cast. Altjo Joukje13	PO	2-7	1	21	17.370	0.574	3,31
19.416	Cast. Altjo Irene	PO	3-6	1	28	19.290	0.661	3,43
19.417	Cast. Altjo Jetske 49	PO	6-6	1	67	23.800	1.016	4,26
19.418	Hia. Altjo Paulina	PC	5-7	1	15	22.870	0.788	3,44
8.432	Cast. Streiker Wietsche 7	PO	11-7	5	107	20.560	0.856	4,18
9.282	Cast. Streiker Lolkje 188	PO	8-5	10	272	14.220	0.551	3,88
11.279	Cast. Streiker Nico's Lolkje	PO	6-4	1	24	23.910	0.770	3,22
12.311	Cast. Streiker Evelien 12	PO	6-4	3	58	21.550	0.767	3,56
12.312	Cast. Beld Fetske 16	PO	5-7	3	50	20.100	0.657	3,27
13.218	Cast. Streiker Lolkje 190	PO	5-1	5	119	15.120	0.519	3,41
13.925	Cast. Streiker Pasma 17	PO	5-1	5	102	14.170	0.484	3,41
13.926	Cast. Streiker Lolkje 192	PO	4-3	1	60	20.500	0.724	3,53
8.350	Cast. Bus Emma	PO	3-7	6	157	14.460	0.560	3,87
14.337	Cast. Streiker Pasma 18	PO	4-5	4	93	19.080	0.860	4,50
15.430	Cast. S. Anke's Midhuster	PO	—	7	177	14.340	0.473	3,30
17.483	Hia. Bus Tine	7/8	6-6	8	226	17.170	0.656	3,82
12.939	Hia. Mirella's Dora 23	15/16	7-7	7	192	13.030	0.403	3,10
18.841	Cast. Mirella's Ilse 3	—	—	4	98	13.900	0.518	3,73
19.079	Mina 3	—	—	3	—	13.760	0.478	3,48
12.325	Cast. Jager Rika 68	PO	5-3	4	139	13.500	0.505	3,74
14.693	Hia. Fok Plekje 2	15/16	8-4	7	264	13.510	0.418	3,10
14.977	Hia. Ado Hinke 3	—	—	5	122	14.300	0.498	3,48
15.541	Hia. Ado Evita	15/16	5-7	5	211	13.500	0.480	3,55
15.747	Hia. Ado Froukje 10	15/16	4-0	5	122	14.020	0.482	3,43
18.325	Cast. Jager Dina 20	PO	3-3	5	152	16.000	0.520	3,25
10.372	Cast. Vos Marie	PO	—	4	—	16.720	0.607	3,63
11.399	Cast. Vos Sletske 10	PO	7-0	3	56	18.870	0.630	3,33
13.589	Cast. Bentum dora 21	PO	5-0	5	113	14.620	0.487	3,33
14.271	Cast. Bentum Dora27	PO	4-1	1	20	21.910	0.658	3,00
15.418	Cast. Bentum Antje 18	PO	3-8	5	112	17.390	0.584	3,35
16.963	Hia. Bentum Preta 2	PC	5-0	10	270	15.390	0.482	3,13
17.499	Cast. Bentum Jalke 3	PO	5-5	8	235	13.960	0.520	3,73
19.080	Cast. Bentum Beatrix 3	PO	—	3	61	15.510	0.575	3,71
19.681	Cast. Bentum Ietje	PO	—	3	53	18.770	0.584	3,11
19.174	Cast. Bentum Jantje 5	PO	—	2	33	14.820	0.611	4,12
19.175	Hia. Bentum Tereza	31/32	5-4	2	26	26.380	0.977	3,70
19.419	Cast. Bentum Jalke	PO	—	1	22	14.170	0.429	3,03
15.205	Hia. Tina Jantje	NR	—	4	76	23.600	0.766	3,24
19.176	Hia. Groenwold Jantje	31/32	5-5	2	26	23.100	0.913	3,95
10.245	Hia. Keegstra Froukje 3	15/16	7-4	3	73	14.600	0.425	2,91
10.581	Hia. Keegstra Riemke	15/16	9-7	5	118	23.000	0.723	3,14
11.480	Cast. Cassis Johanna 21	PO	5-7	9	258	16.000	0.606	3,78
12.441	Cast. Cass's Agatha 62	PO	6-3	4	92	18.300	0.667	3,64
12.793	Cast. Vos Janke 10	PO	4-10	7	209	16.500	0.591	3,58
14.319	Hia. Keegstra Maalke	31/32	4-6	10	280	15.600	0.589	3,77
14.439	Hia. Keegstra Sipple 2	7/8	6-11	10	270	16.700	0.648	3,88
14.533	Hia. Keegstra Jantje	15/16	5-3	5	134	15.400	0.515	3,34
14.534	Hia. Keegstra Fetje	15/16	3-1	5	119	15.100	0.551	3,64
15.201	Hia. Keegstra Rosa 8	15/16	6-7	7	198	14.500	0.489	3,37
15.202	Cast. Keegstra Johanna 22	PO	3-7	5	140	15.900	0.555	3,49

Nº SCL	Grão Idade do sangue	Idade anos mês	Controle de lactação	Dias de lactação	Leite	Gordura	%
15.765	Hia. Keegstra Renske	31/32	3-1	3	73	17,000	0,502 2,95
17.246	Hia. Keegstra Fela	2-8	3-1	9	250	15,200	0,590 3,88
18.308	Hia. Keegstra Anna	—	—	—	120	14,300	0,531 3,71
18.309	Hia. Keegstra Hinke	—	—	—	118	16,750	0,562 3,35
19.082	Hia. Keegstra Matje	15/16	3-1	3	78	19,800	0,593 2,99
19.053	Hia. Keegstra M. Cornelis	31/32	1-3	3	78	22,600	0,722 3,19
19.420	Cast. K. Elisabeth S.H. Ym	15/16	—	—	12	24,100	0,712 2,95
9.605	Cast. Beld Mine 2	PO	8-5	5	115	17,000	0,602 3,54
9.608	Cast. Beld Dora 3	PO	8-7	5	122	13,500	0,442 3,27
11.175	Cast. Beld Mine 3	PO	7-2	4	103	18,660	0,585 3,13
11.176	Cast. Beld Rosa	PO	6-5	3	75	19,110	0,677 3,54
12.780	Cast. Beld Mina 6	PO	5-2	8	211	13,650	0,540 3,96
15.771	Cast. Beld Dora 9	PO	3-2	4	85	14,040	0,535 3,81
10.822	Cast. Borg Sietske 6	PO	7-5	4	114	15,400	0,545 3,53
11.482	Cast. Borg Lutske 3	PO	6-1	1	2	18,500	0,735 3,97
11.916	Cast. Borg Antje 3	PO	5-11	5	145	15,400	0,599 3,63
13.081	Cast. Borg Irene 2	PO	4-1	1	8	22,950	0,896 3,90
13.501	Cast. Borg Ietje 8	PO	4-4	2	40	22,600	0,820 3,63
13.793	Cast. Borg Nijlander 84	PO	4-3	4	70	18,800	0,623 3,31
14.683	Cast. Borg Nijlander 84	PO	4-9	3	70	13,500	0,535 3,96
15.767	Cast. Borg Lutske 7	PO	3-2	4	104	19,300	0,718 3,72
16.148	Cast. Borg Rika 58	PO	3-2	1	4	22,700	0,895 3,94
16.149	Cast. Borg Sietske 10	PO	3-3	2	33	21,800	0,712 3,26
17.489	Hia. Borg Evita	15/16	4-9	8	198	13,100	0,477 3,64
18.252	Hia. Borg Renske 6	PO	3-4	6	158	14,600	0,514 3,52
9.850	Cast. Loman Romkje 8	PO	6-0	10	291	16,500	0,617 3,74
10.013	Cast. Loman Marietje 3	15/16	7-4	4	110	24,730	1,112 4,50
10.363	Hia. Loman Marietje 2	15/16	7-4	4	110	13,070	0,526 4,03
10.364	Hia. Loman Verwachting 3	15/16	7-3	5	129	16,340	0,567 3,47
12.089	Cast. Loman Engeltje 10	PO	5-10	4	86	19,030	0,749 3,93
12.090	Cast. Loman Engeltje 2	PO	—	4	110	13,870	0,426 3,07
13.216	Cast. Loman Engeltje 11	PO	4-4	7	196	14,590	0,462 3,17
13.383	Hia. Loman Bertie	15/16	10-1	1	12	25,500	0,842 3,30
13.587	Cast. Loman Engeltje 21	PO	4-8	4	109	14,320	0,524 3,66
13.786	Hia. Loman Folkje 5	PO	4-0	8	205	14,190	0,611 4,30
14.685	Cast. Loman Doutzen 76	PO	3-10	8	206	13,400	0,440 3,26
15.459	Hia. Loman Folkje 5-A	15/16	3-0	5	129	15,590	0,665 4,26
15.537	Cast. Loman Pijtsje 20	PO	3-1	4	110	15,240	0,487 3,20
15.538	Cast. Loman Lemstra 12	PO	3-6	2	51	23,170	0,799 3,45
15.539	Hia. Loman Elsie 10	PO	5-5	6	156	17,030	0,698 4,10
17.230	Hia. Loman Faisa 10	PO	2-3	8	229	13,100	0,535 4,08
18.847	Cast. Loman Engeltje 25	—	—	4	92	17,960	0,690 3,84
18.869	Hia. Loman Marietje 6	—	2-11	4	110	17,000	0,644 3,78
19.084	Hia. Loman Folkje 2	31/32	10-9	3	64	18,720	0,555 2,96
19.085	Hia. Loman Elsie 20	31/32	1-10	3	62	13,760	0,460 3,34
19.421	Cast. Loman Doutzen 77	PO	—	1	10	14,640	0,531 3,62
12.778	Hia. Loman Jr. Elsa	7/8	6-1	2	37	20,500	0,708 3,45
13.252	Cast. Loman Aaltje 8	PO	4-8	5	138	13,500	0,475 3,51
15.424	Cast. Loman Jr. Jantje 55	PO	3-8	4	114	16,200	0,479 2,96
15.536	Hia. Loman Jr. Bontje	15/16	6-4	1	1	24,000	0,694 2,89
18.248	Hia. Loman Jr. Antje	—	—	6	170	13,500	0,444 3,28
18.321	Hia. Loman Verwachting 2	15/16	4-8	4	88	14,500	0,481 3,31
18.322	Hia. Loman Jr. Geesje	15/16	3-2	4	89	17,000	0,538 3,16
19.086	Hia. Loman Gerdien 2	NR	—	3	—	19,500	0,664 3,40
19.375	Hia. Loman Jr. Boneca 10	—	2-4	1	3	17,500	0,657 3,75
12.778	Hia. Loman Jr. Elsa	7/8	6-1	3	60	18,100	0,639 3,53
15.424	Cast. Loman Jr. Jantje 55	PO	3-8	5	137	17,000	0,593 3,48
15.536	Hia. Loman Jr. Bontje	15/16	6-4	2	24	22,500	1,082 4,81
18.248	Hia. Loman Jr. Antje	—	—	7	193	13,920	0,564 4,06
18.321	Hia. Loman Verwachting 2	15/16	4-8	5	111	14,500	0,449 3,09
18.322	Hia. Loman Jr. Geesje	15/16	3-2	5	112	16,210	0,435 2,68
19.086	Hia. Loman Gerdien 2	NR	—	4	—	21,300	0,770 3,61
19.375	Hia. Loman Jr. Boneca 10	—	2-4	2	26	18,000	0,521 2,89
12.013	Hia. Juliana Annaliene	15/16	5-2	9	219	18,000	0,548 3,04
15.755	Hia. Loman Bertie 2	15/16	3-4	5	89	14,000	0,465 3,32
17.770	Hia. Stella A. Maartebloem	15/16	3-5	8	175	15,000	0,557 3,71
17.771	Hia. Mulder Aafke	15/16	6-2	8	186	13,800	0,483 3,50
18.253	Hia. Dijk Eke 5	—	—	7	151	22,420	0,749 3,34
18.255	Hia. Mulder Roza 1	—	—	7	153	14,920	0,514 3,44
18.845	Hia. Sbraatsma Dirkje	—	—	5	98	15,410	0,508 3,23
12.699	Cast. Bur Tjerkje 95	PO	4-7	7	187	13,700	0,510 3,72
15.535	Hia. Pals Carla	15/16	6-8	2	50	23,200	0,886 3,82
15.760	Hia. Pals Margaretha	15/16	6-9	1	26	17,700	0,658 3,72
16.743	Hia. Pals Elisabeth	15/16	6-0	12	366	13,600	0,565 4,15
17.769	Hia. Pals Pretinha	—	4-6	7	185	13,500	0,621 4,60
18.301	Hia. Pals Pietje II	—	—	5	132	15,200	0,565 3,71
18.256	Cast. Mulder Juweeltje	PO	5-2	6	171	19,340	0,682 3,53
15.753	Cast. Arragon Ada	PO	3-4	2	39	15,090	0,575 3,81
19.088	Cast. Arragon Anna 2	PO	—	2	56	14,730	0,654 4,44
18.311	H'a. Stella A. Zwartkop 1	—	—	5	122	18,500	0,595 3,21
18.848	Cast. Mirella's Margriet 3	—	—	4	91	13,450	0,390 2,90
19.087	Cast. Mirella's Wilbrig 8	PO	3-3	3	54	15,250	0,387 2,53
19.177	Cast. Mirella's Jitske 20	PO	—	2	40	17,100	0,518 3,03
19.422	Hia. Stella Alba Teresa	—	—	1	3	25,500	0,874 3,42
7.980	Cast. B. Adema's Marijke 6	PO	9-2	7	197	17,060	0,683 4,00
9.723	Cast. Bur Aaltje 95	PO	6-10	8	219	16,930	0,681 4,02
11.172	Cast. Bur Wilmeke 23	PO	6-3	6	153	23,170	1,065 4,59
12.534	Cast. Bur Ulkije 70	PO	4-11	10	284	14,870	0,667 4,48
13.672	Cast. Bur Ulkije 71	PO	5-0	1	2	21,450	0,982 4,58
15.212	Hia. Bur Sietske 1	15/16	6-2	1	7	31,500	1,278 4,05
15.758	Hia. Bur Aaltje 96	31/32	5-8	11	83	24,180	0,783 3,24
15.993	Hia. Bur Tijske 1	15/16	6-2	2	23	25,310	0,977 3,86
17.768	Hia. Bur Geertje 1	15/16	5-9	7	153	19,060	0,619 3,24
18.317	Cast. Bur Sijske 8	PO	—	5	133	18,100	0,642 3,54
18.318	Hia. Bur Geertje 2	—	—	5	136	13,000	0,484 3,72
19.089	Cast. Bur Aaltje 103	PO	2-3	3	71	17,100	0,672 3,93
19.090	Hia. Bur Tijske 2	31/32	2-2	3	77	13,160	0,491 3,73



Holandês
Preto e Branco
P. P. C.

Agrindus S/A.
EMPRESA AGRICOLA PASTORIL



- Otima procedência
- Alta produção
- Rusticidade
- Inseminação artificial com sêmen congelado da A.B.S. (importado dos E.U.A.)

Contrôle leiteiro
oficial pela APCB

Resultados iniciais
do rebanho P.P.C.:

*Encerradas 14 lactações
(1.a cria), com este número
apresentamos 13 inscrições
no LIVRO DE MÉRITO
da A.P.C.B.*

Venda permanente de
reprodutores

**FAZENDA
SANTA RITA**

Tel. 369 - Caixa Postal 16

DESCALVADO

Estado de São Paulo



Holandês
Vermelho e Branco

Fazenda São Sebastião

Detentora da Medalha de
Ouro Governo do Estado
ao Melhor Expositor da
Raça em 1965.



E. S. DALILA — 1.º prêmio
P.O., na categoria de fêmeas
de 9 a 12 meses, IX Exposi-
ção-Feira de Gado Leiteiro, de
São Paulo.

Produção leiteira oficial-
mente controlada pela
APCB

Reprodutores PO e PC

Fazenda São Sebastião

Prop.

Pedro Lunardelli

BRAGANÇA PAULISTA

Caixa postal 40 - tel 258

Estado de S. Paulo

Nº SCL		Gráu Idade do anos sangue meses	Idade Controle de lactação	Dias	Leite	Gordura	%
19.423	Hla. Bur Jr. Wilmkje 24	31/32	2-10	1	4	29,380	0,614 4,51
19.424	Hla. Bur Marlene 3	31/32	2-4	1	14	19,510	0,785 4,02
11.652	Cast. Bur Wilhelmina 40	PO	5-9	5	118	15,700	0,547 3,48
13.046	Cast. Bur Wilmkje 23	PO	4-7	3	101	25,000	0,789 3,15
15.992	Hla. Bur Jr. Dora 2	PO	—	2	38	21,400	0,684 3,19
15.991	Cast. Bur Uilkje 70	15/16	3-9	1	5	22,200	0,688 3,09
16.141	Hla. Bur Nilza 2	—	5-9	2	48	22,200	0,741 3,33
16.142	Cast. Bur Wilhelmina 41	PO	3-10	2	40	25,900	0,906 3,50
17.254	Hla. Bur Jr. Rosa	—	6-1	9	335	19,700	0,658 3,34
18.304	Hla. Bur Carla	—	—	5	146	18,200	0,545 2,99
18.306	Hla. Bur Jr. Sonja 3	15/16	2-5	5	150	16,700	0,525 3,14
18.850	Hla. Bur Brigitte	—	—	4	85	18,700	0,597 3,19
19.094	Cast. Bur Wilmkje 25	PO	2-7	3	59	20,800	0,727 3,49
19.178	Cast. Bur Jr. Marijke 2	31/32	2-1	2	37	19,000	0,608 3,20
19.179	Hla. Bur Jr. Carla 2	31/32	2-4	2	39	19,000	0,681 3,58
19.181	Hla. Bur Jr. Wilmkje 24	31/32	2-8	2	43	18,600	0,585 3,14
12.705	Hla. Cassis Lilly 10	15/16	5-0	9	262	17,350	0,564 3,25
12.706	Hla. Cassis Hertha 24	15/16	5-6	1	13	27,500	1,100 0,629
12.945	Cast. Cassis Tine 22	PO	5-1	9	246	14,500	0,498 3,43
12.947	Hla. Cassis Belesa	15/16	3-3	3	31	27,500	0,820 2,98
15.528	Hla. Harrij Linda 2	15/16	3-3	3	47	23,800	0,807 3,39
15.746	Hla. Harrij Linda 1	15/16	6-7	3	45	25,650	0,855 3,33
19.182	Hla. Harrij Geke 2	15/16	3-11	2	51	18,000	0,604 3,35
9.230	Cast. Salomons Akke 20	PO	8-10	8	215	15,100	0,534 3,54
9.716	Cast. Salomons Bontje 9	PO	6-7	11	308	14,600	0,539 3,69
10.252	Cast. Salomons Folkertje 50	PO	—	3	—	17,800	0,696 3,91
15.775	Cast. Salomons G. Foekje 2	PO	6-6	4	86	17,600	0,625 3,55
17.237	Hla. Salmons Helma	15/16	4-5	8	213	20,000	0,678 3,39
18.258	Cast. Salomons Folkertje 55	PO	3-9	6	174	18,350	0,778 4,23
18.259	Hla. Salomons Luiza	15/16	4-7	6	174	25,500	0,867 3,40
18.307	Cast. Salomons Aaltje 10	—	—	5	142	19,700	0,779 3,95
19.091	Cast. Salomons Bontje 11	PO	4-2	3	77	17,600	0,554 3,14
11.188	Cast. Marujo Dora 4	PO	6-0	4	103	15,480	0,482 3,11
14.332	Cast. Marujo Harmana 8	PO	3-6	7	210	15,250	0,551 3,61
14.544	Cast. Marujo Siske 4	PO	5-1	7	193	15,800	0,587 3,72
14.687	Cast. Marujo Roelofje 2	PO	4-4	6	153	13,680	0,498 3,64
15.529	Cast. Marujo Siske 5	PO	4-2	4	116	15,000	0,517 3,45
15.705	Cast. Marujo Dora 8	PO	—	3	—	16,520	0,617 3,73
19.425	Cast. Marujo Siske 6	PO	2-8	1	22	16,640	0,566 3,40
10.006	Cast. Harm Riemkje 21	PO	6-9	9	252	13,400	0,498 3,71
10.489	Hla. Harm Hilda 1	PC	7-6	7	190	28,100	0,560 3,09
11.663	Hla. Harm Bonita	7/8	7-8	9	248	15,350	0,569 3,71
12.027	Cast. Raul Anna 6	PO	5-8	1	28	23,200	0,869 3,74
13.502	Cast. Raul Maaike 6	PO	4-7	2	31	21,350	0,753 3,52
13.794	Cast. Raul Suze 7	PO	4-5	2	31	23,300	0,788 3,38
14.095	De Geus Nelly Juweeltje	PO	4-5	5	141	20,200	0,596 2,95
15.542	la. Harm Elisabeth 21	15/16	4-5	5	153	17,200	0,526 3,05
16.151	Cast. Tinus Gerberg	PO	5-0	2	45	24,000	1,000 4,16
18.291	Hla. Harm Riemkje 62	—	—	6	169	13,800	0,523 3,79
18.293	De Geus Montje 10	—	—	6	194	16,000	0,512 3,20
19.092	Hla. Harm Rika 5	NR	—	4	105	17,900	0,694 3,87
19.426	Aaltje 35	—	—	1	—	26,400	1,064 4,03
19.106	Hla. Moorlag Teresa	31/32	—	3	75	20,050	0,727 3,62
19.186	Hla. Volters Bontje 22	31/32	2-4	2	44	16,200	0,574 3,54
6.309	Cast. Kiers Mina 37	PO	11-1	7	196	17,000	0,598 3,52
10.382	Cast. Kiers Tetje 16	PO	6-9	8	239	15,100	0,548 3,62
10.695	Cast. Kiers Lize 39	PO	7-5	4	100	15,700	0,650 4,14
11.473	Hla. Kiers Geke 5	15/16	6-4	3	77	25,700	0,962 3,74
11.659	Hla. Kiers Sippie 1	31/32	6-5	10	292	16,300	0,652 4,00
11.918	Cast. Kiers Sjollemma 66	PO	5-5	5	145	20,700	0,674 3,25
14.265	Cast. Kiers Sjollemma 68	PO	3-7	5	120	17,150	0,703 4,10
14.448	Cast. Kiers Lize 43	PO	3-4	6	187	13,500	0,442 3,27
14.547	Cast. Kiers Tetje 20	PO	3-6	8	224	13,100	0,454 3,47
15.199	Cast. Kiers Tetje 21	PO	3-5	6	175	13,800	0,445 3,22
15.428	Hla. Kiers Sara 5	15/16	2-11	3	77	20,000	0,671 3,35
15.987	Hla. Kiers Aaltje 4	15/16	3-8	6	182	16,600	0,588 3,54
16.003	Cast. Kiers Dora 36	PO	4-1	2	58	17,150	0,603 3,51
17.248	Cast. Kiers Mina48	PO	2-11	9	279	17,000	0,640 3,76
17.763	Hla. Kiers Prinses 2	31/32	4-0	7	196	15,000	0,517 3,44
18.302	Cast. Kiers Mina 49	PO	3-0	5	120	17,700	0,696 3,93
18.303	Hla. Kiers Gerry 11	31/32	2-1	5	147	16,400	0,581 3,54
18.854	Hla. Kiers Tine 22	—	—	4	110	13,200	0,509 3,85
19.100	Hla. Kiers Dora 38	31/32	2-4	3	67	19,200	0,596 3,10
19.189	Cast. Kiers Juweeltje 1	—	—	2	26	18,150	0,713 3,93
10.769	Cast. Moorlag Nette 65	PO	6-9	9	242	13,870	0,462 3,33
11.177	Cast. Moorlag Heringa 33	PO	5-9	6	145	19,080	0,678 3,55
13.507	Cast. Moorlag Nette 72	PO	4-5	3	92	18,500	0,650 3,51
13.508	Cast. Moorlag Heringa 3	PO	—	4	—	15,830	0,497 3,14
15.523	Cast. Moorlag Heringa 44	PO	3-1	3	71	20,000	0,624 3,12
15.770	Cast. Fini Klazina 5	PO	3-11	1	13	21,240	0,753 3,54
18.260	Hla. Fini Karolina	—	—	6	166	17,900	0,518 2,89
18.261	Hla. Fini Sneuwitje 1	—	6-5	6	155	17,000	0,538 3,16
18.262	Hla. Fini Beatrix 1	—	5-1	6	160	14,600	0,466 3,19
18.280	Hla. Fini Beatrix 2	PC	2-2	5	144	17,920	0,580 3,23
18.281	Hla. Fini Victoria 2	31/32	3-4	5	131	18,900	0,624 3,30
18.285	Argentuna Fini Clara 1	—	—	5	132	21,500	0,676 3,14
18.286	Hla. Fini Sneeuwuitje 2	—	2-1	5	135	14,600	0,431 2,95
18.287	Cast. Moorlag Heringa 0	PO	2-10	5	122	13,100	0,439 3,35
19.095	Hla. Fini Teatske 3	—	2-1	3	58	18,980	0,668 3,52
19.095	Hla. Fini Mina 11	31/32	6-6	3	54	22,570	0,704 3,12
19.183	Cast. Fini Heringa 41	PO	2-1	2	25	17,500	0,616 3,52
19.184	Hla. Fini Mina 12	—	4-1	2	36	18,000	0,486 2,70
19.185	Hla. Fini Ria 10	31/32	3-1	2	57	20,500	0,712 3,47
19.428	Hla. Fini Lucy	NR	—	1	12	27,350	0,862 3,15
8.674	Cast. Conde Mina	PO	8-7	1	86	20,040	0,749 3,73
8.889	Cast. Conde Sipkje	PO	8-8	4	55	22,150	0,886 4,00
11.376	Cast. Conde Piebetje	PO	6-2	5	78	15,730	0,543 3,45
12.019	Cast. Conde Mina 2	PO	5-5	5	91	20,710	0,648 3,13

Nº SCL		Grau Idade do sangue meses	Idade anos	Dias Contrôle de Lactação	Leite	Gordura	%
12.225	Hia. Conde Gelle 5	3/4	—	2.0	—	26,400	1,151 4,36
13.607	Cast. Conde Sita 3	PO	5-5	4.0	60	26,300	1,021 3,88
13.609	Cast. Conde Janet 2	PO	5-8	2.0	34	19,980	0,680 3,40
14.521	Cast. Conde Alida 4	PO	3-5	6.0	128	14,570	0,580 3,98
15.490	Cast. Conde Dina 16	PO	3-2	6.0	113	18,310	0,679 3,71
15.761	Cast. Conde Maartebloem	PO	3-1	5.0	120	15,750	0,530 3,36
15.998	Hia. Conde Alij 15	15	5-1	4.0	56	23,600	0,731 3,10
17.840	Cast. Conde Tine 12	PO	2-6	8.0	218	16,770	0,741 4,45
18.264	Cast. Conde Sina 2	PO	5-9	6.0	175	15,300	0,603 3,94
18.328	Hia. Conde Pukkie 13	31	3-2	1-8	6.0	109	16,340 0,490 3,00
18.853	Hia. Conde Benny 5	31	3-2	—	5.0	99	13,130 0,477 3,63
19.097	Hia. Conde Gelle 10	31	3-2	3-7	3.0	61	22,780 0,807 3,54
19.098	Hia. Conde Gelle 4	31	3-2	3-7	3.0	48	25,830 0,794 3,77
19.187	Hia. Conde Piebette 30	PO	3-9	2.0	27	22,700	0,790 3,48
19.487	Cast. Erica Liesje	PO	6-4	6.0	131	14,870	0,580 3,90
11.469	Hia. Erica Vera	15	5-10	9.0	250	14,510	0,521 3,59
12.327	Cast. Erica Saakje 27	PO	6-4	3.0	55	19,130	0,667 3,48
13.599	Cast. E. Bontje Sikkema	PO	4-4	7.0	184	13,390	0,521 3,89
13.600	Cast. Raul Hendrika 8	PO	4-5	2.0	36	20,900	0,834 3,99
13.676	Cast. Raul Tjitske 6	PO	4-2	5.0	99	14,600	0,540 3,70
15.521	Cast. Erica Saakje 30	PO	3-4	2.0	36	20,280	0,749 3,69
15.522	Hia. Erica Trintje 36	PC	2-11	5.0	131	17,600	0,654 3,76
19.099	Hia. Erica Camara 220	15	5-9	3.0	49	22,840	0,741 3,24
19.190	Hia. Erica Binha 26	15	5-16	3-0	2.0	38	21,740 0,771 3,54
19.429	Cast. Erica Hiltje 81	PO	2-2	1.0	4	14,250	0,542 3,80
19.430	Hia. Ruimzicht Rietje 2	31	3-2	2-4	1.0	9	18,880 0,781 4,13
19.431	Hia. Ruimzicht Rietje	15	5-16	5-5	1.0	11	32,860 1,068 3,25
8.318	Cast. Vos Louise	PO	8-10	5.0	131	21,300	0,734 3,44
12.329	Cast. Vos Tjitske 3	PO	6-7	5.0	118	15,850	0,676 4,26
12.931	Cast. Vos Hennig 2	PO	6-5	8.0	224	15,400	0,547 3,42
15.231	Cast. Vos Luitke 5	PO	4-4	2.0	43	24,650	0,791 3,21
17.764	Cast. Vos Janke 9	PO	4-1	7.0	179	16,450	0,626 3,80
18.276	Cast. Vos Nanke 4	PO	3-1	6.0	163	17,000	0,661 3,88
18.312	Cast. Vos Maaike 7	PO	2-3	5.0	112	15,550	0,490 3,15
12.674	Cast. Auke Atje 14	PO	5-4	1.0	16	24,200	0,892 3,68
13.797	Hia. Cassis Roza 6	15	5-16	6-6	3.0	96	21,240 0,869 4,09
14.993	Hia. Cassis Fartura 5	NR	—	5.0	142	21,900	0,767 3,50
14.994	Cast. Cassis Kroontje 14	PO	5-0	7.0	180	14,430	0,559 3,87
15.533	Cast. C. Zijlster Aukje 85	PO	5-4	1.0	10	21,790	0,765 3,51
16.005	Hia. Cassis Aukje 6	31	3-10	1.0	11	20,190	0,565 2,80
16.751	Hia. Cassis Hertha 28	15	5-16	4-1	1.0	153	25,050 1,058 4,23
17.762	Hia. Cassis Hertha 29	31	3-10	3-0	7.0	180	18,830 0,640 3,40
18.267	Cast. Cassis Anna 11	—	—	6.0	196	18,440	0,727 3,94
18.316	Hia. Cassis Roosje 2	NR	—	5.0	128	14,070	0,527 3,75
19.102	Hia. Cassis Janna 103	31	3-10	4-4	3.0	77	15,500 0,667 4,30
19.103	Cast. Cassis Johanna 24	PO	4-4	3.0	66	13,200	0,475 3,60
19.191	Cast. Cassis Anetta 14	PO	2-6	2.0	36	24,130	0,821 3,40
19.432	Cast. Cassis Tine 26	PO	—	1.0	14	15,260	0,596 3,90
19.433	Cast. Cassis Tine 28	PO	2-10	1.0	14	13,690	0,502 3,67
14.326	Hia. Bur Marlene	7	7-8	7-0	4.0	82	20,600 0,667 3,23
14.443	Cast. Bur Minke 35	PO	3-7	7.0	187	16,500	0,582 3,52
15.600	Cast. Bur Minke 34	PO	3-11	4.0	98	14,070	0,516 3,66
15.001	Cast. Bur Wilme 26	PO	3-10	6.0	144	13,340	0,429 3,22
15.211	Hia. Bur Sietsche 4	7	7-8	3-8	4.0	97	14,000 0,427 3,05
15.229	Cast. Bur Wilhelmina 41	PO	3-11	4.0	81	18,560	0,674 3,63
15.769	Hia. Bur Naschtegaal 2	15	5-16	5-5	1.0	1	15,550 0,503 3,23
19.434	Cast. Bur Pel Jantje 29	PO	—	1.0	2	20,000	0,627 3,13
11.148	Hia. Cater Marie	15	5-16	6-11	11.0	295	14,910 0,547 3,67
11.150	Hia. Cater Sita 1	NR	—	6-6	2.0	30	19,940 0,675 3,38
11.152	Hia. Cater Anna	78	6-10	10.0	269	15,880	0,603 3,80
11.153	Hia. Cater Jantje	15	5-16	6-11	8.0	224	23,290 0,660 2,83
11.154	Hia. Cater Aaltje	NR	—	7-2	6.0	146	14,900 0,357 2,39
12.330	Cast. Cater Maaike 2	PO	4-4	6.0	146	18,780	0,644 3,43
16.125	Cast. Cater Maaike 4	PO	3-5	2.0	22	16,320	0,471 2,88
16.126	Cast. Cater Emkje 4	PO	—	2.0	—	18,400	0,560 2,96
16.150	Hia. Cater Johanna 1	15	5-16	3-4	4.0	51	20,310 0,744 3,66
18.330	Hia. Cater Doortje	NR	—	6.0	165	21,780	0,760 3,49
11.922	Hia. Lucas Schaap	NR	—	7.0	277	16,010	0,448 2,80
16.138	Hia. Lucas Jantje 2	7	7-8	4-2	1.0	13	26,500 0,918 3,46
16.140	Hia. Lucas Lammie	15	5-16	3-13	1.0	21	23,300 0,812 3,48
16.627	Hia. Lucas Willy 2	15	5-16	4-5	2.0	39	24,000 0,674 2,80
17.258	Hia. Lucas Bea 3	—	—	5-5	9.0	277	16,420 0,638 3,70
18.272	Hia. Lucas Miengrietje 2	—	—	7.0	218	13,000	0,519 3,99
19.192	Cast. Lucas Emkje 10	PO	2-3	2.0	44	20,330	0,644 3,16
19.193	Hia. Lucas Willy 20	31	3-10	2-3	2.0	40	17,330 0,483 2,78
19.435	Hia. Lucas Margriet 2	31	3-10	2-3	1.0	19	18,570 0,532 2,86
9.600	Hia. Juliana Mina 1	31	3-10	11-7	1.0	30	25,520 0,802 3,14
10.491	Hia. Juliana Annaliese 2	31	3-10	7-0	7.0	185	14,760 0,485 3,29
14.970	Cast. Juliana Rooske 9	PO	3-8	7.0	219	13,980	0,537 3,84
15.748	Cast. Juliana Froukje 4	PO	3-6	1.0	3	20,820	0,849 4,07
17.758	Hia. Juliana Atje 1	—	—	5-1	7.0	179	13,930 0,436 3,13
19.104	Cast. Juliana Tine 26	PO	—	4.0	99	13,700	0,485 3,54
15.017	S. Magda 7 de Carambei	31	3-10	7-4	3.0	83	19,300 0,678 3,51
15.479	S. Magda 5 de Carambei	15	5-16	7-0	1.0	—	17,820 0,525 2,94
16.160	S. Astrid de Carambei	31	3-10	4-4	2.0	53	16,170 0,545 3,37
16.762	S. Astrid 7 de Carambei	31	3-10	—	1.0	—	15,700 0,560 3,57
18.229	S. Lua 2 de Carambei	31	3-10	10-0	6.0	187	13,600 0,478 3,51
19.111	S. Astrid 8 de Carambei	63	63	2-4	3.0	96	13,030 0,472 3,63
10.356	Cast. Exc. Nijlander 80	PO	6-11	3.0	82	18,000	0,627 3,48
12.935	Cast. Exc. Nijlander 181	PO	4-7	8.0	275	14,500	0,575 3,96
13.221	Cast. Exc. Anna 5	PO	4-10	7.0	130	18,300	0,608 3,32
13.591	Hia. Excelsior Bontje 1	PC	6-8	6.0	157	18,300	0,667 3,64
15.227	Hia. Excelsior Blaarkop 1	7	7-8	4-6	5.0	140	15,000 0,426 2,84
17.482	Hia. Excelsior Maaike	15	5-16	5-9	8.0	227	15,150 0,531 3,50
18.269	Hia. Excelsior Fokje 1	PC	6-1	6.0	169	20,050	0,795 3,96
18.298	Cast. Exc. Piebette 200	PO	2-5	5.0	130	14,750	0,596 4,04

Fazenda Santa Carolina

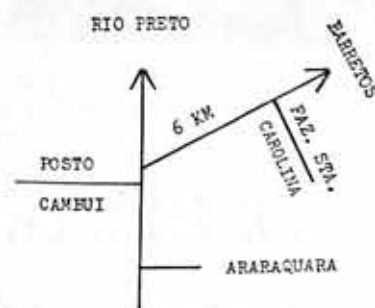
Criação de Gado
Santa Gertrudis

PROPRIETARIO:

**Baltazar G.
Paraventi**



Produtos 7/8 crioulos da nossa Fazenda, originários de sêmen importado dos Estados Unidos. Filhos de Crisp. O conjunto acima concorreu à IX Exposição de Gado Zebu, realizada no Parque da Água Branca, em setembro último e conquistou quatro primeiros lugares e um segundo.



ENDEREÇOS:

MATÃO:

Fone 17 (Recados)

SÃO PAULO:

Rua Canadá, 541 —

Fone 8-36-31

Senhor Criador:

Se o seu rebanho está depauperado e necessita de reforma urgente, adquira um reprodutor Nelore MOCHO da

FAZENDA SÃO VICENTE

E os seus problemas estarão resolvidos!

MAIS CARNE!

MAIOR ECONOMIA!

A RAÇA MODERNA PARA O FUTURO!

O Nelore MOCHO da SÃO VICENTE, expressão máxima da raça, representa tudo aquilo que V.S. deseja de bom para o seu plantel

VÁ VÊ-LO! SUA VISITA

SERÁ UM PRAZER

CRIAÇÃO PRÓPRIA — SELEÇÃO DE 12 ANOS — A MAIS PREMIADA NAS GRANDES EXPOSIÇÕES DO PAÍS



Melhor conjunto de raça e Progenie de Pai nas Exposições de S. Paulo e S. José do Rio Preto

FAZENDA SÃO VICENTE

DE

Viuva João Zancaner e Cintra

TERMAS DO IBIRÁ — SÃO PAULO LINHA ARARAQUARENSE

OUTROS ENDERÊÇOS:

Em Catanduva: Rua Cuiabá, 209
Fone: 2217

Em S. Paulo: R. Jacarezinho, 166
telefone: 8-3777

Nº SCL		Grav. Idade do sangue	Idade em meses	Controle de lactação	Dias de Leite	Gordura	%
18.299	Hia. Excelsior Maatke 2	31/32	2-5	5-8	125	13.000	0,462 3,56
18.160	Hia. Excelsior Zwartje 10	—	—	4-8	114	15.300	0,430 2,83
10.772	Hia. Barca Franske 4	15/16	7-4	6-8	122	23.300	0,907 3,89
11.193	Cast. Barca Corrie 30	PO	6-5	5-8	103	20.010	0,824 4,11
11.413	Hia. Barca Franske 3	31/32	6-2	10-8	259	13.120	0,417 3,18
13.791	Hia. Barca Maatke 4	31/32	5-4	4-8	56	23.610	0,683 2,89
14.267	Hia. Barca Inge 1	15/16	5-9	12-8	346	14.060	0,463 3,29
15.445	Hia. Barca Anje 5	3/4	4-3	7-8	150	16.290	0,614 3,76
15.447	Cast. Barca M. Zwartkop 7	PO	—	7-8	119	19.050	0,715 3,75
17.490	Cast. Barca M. Zwartkop 9	PO	2-10	8-8	207	14.400	0,480 3,33
17.779	Hia. R. Alga	7/8	5-9	8-8	201	19.900	0,833 4,18
18.240	Hia. Barca Vlekje 4	—	3-4	6-8	147	13.850	0,455 3,29
18.241	Hia. R. Meta	15/16	6-7	7-8	155	13.770	0,456 3,31
18.319	Hia. Barca Jannie	NR	—	6-8	144	18.700	0,617 3,86
18.320	Hia. Barca Rosa 8	NR	—	6-8	144	15.980	0,617 3,86
18.859	Hia. Barca Anje 6	—	—	5-8	101	21.620	0,653 3,02
19.105	Hia. Barca Betina	31/32	2-6	4-8	56	17.500	0,636 3,63
19.437	Hia. Barca Franske 10	—	—	1-8	5	20.480	0,891 4,35
19.438	Hia. Barca Bertha 2	—	—	1-8	12	24.680	0,866 3,51
19.439	Hia. Barca M. Zwartkop 10	—	—	1-8	9	17.970	0,718 3,99
6.829	Cast. Raul Hendrika 2	PO	10-0	7-8	194	13.710	0,466 3,40
10.694	Cast. Raul Schaap 16	PO	8-5	6-8	114	15.620	0,534 3,42
11.477	Cast. Cassi sAgatha 63	PO	5-11	6-8	112	16.300	0,512 3,14
12.025	Cast. Raul Dina 132	PO	5-4	6-8	118	18.950	0,667 3,52
12.109	Cast. Raul Paulina 5	PO	5-5	5-8	88	18.810	0,608 3,23
12.948	Cast. Raul Gelske 8	PO	4-7	8-8	185	16.800	0,611 3,63
13.260	Cast. Raul Hiltje 5	PO	5-10	2-8	36	20.000	0,738 3,69
13.382	Cast. Raul Willemske 5	PO	4-6	5-8	101	16.120	0,492 3,05
13.509	Cast. Raul Riemkje 61	PO	4-11	5-8	78	23.950	0,704 2,94
14.984	Cast. Raul Gretha 7	PO	3-7	4-8	61	20.500	0,678 3,30
15.215	Cast. Raul Saakje 8	PO	3-5	6-8	116	17.170	0,514 2,99
15.217	Cast. Raul Dina 133	PO	—	6-8	152	14.810	0,441 2,98
15.419	Cast. Raul Tjitske 7	PO	3-0	6-8	179	16.550	0,623 3,76
15.421	Cast. Raul Teatske 86	PO	4-11	8-8	185	13.330	0,499 3,74
15.759	Cast. Raul Paulina 6	PO	3-3	4-8	58	22.500	0,688 3,06
18.278	Cast. Raul Agatha 65	PO	—	6-8	146	13.780	0,491 3,56
18.279	Cast. Raul Riemkje 60	PO	—	7-8	158	21.000	0,709 3,37
19.194	Cast. Raul Wipkje 586	PO	2-6	2-8	48	15.000	0,514 3,42
19.195	Hia. R. Paulina da Ronda	PC	4-8	2-8	48	19.100	0,717 3,75
19.440	Cast. Raul Gretha 9	PO	2-0	1-8	17	14.750	0,539 3,63
9.715	Cast. Jager Dina 12	PO	8-2	7-8	180	13.190	0,456 3,46
12.942	Hia. Jager Pietje	15/16	6-5	8-8	221	16.280	0,621 3,81
14.979	Cast. Jager Rika 74	PO	3-8	5-8	115	14.860	0,529 3,56
14.980	Cast. Jager Hinke 50	PO	4-11	3-8	61	17.930	0,573 3,20
18.861	Hia. Cassis Roza 16	—	—	4-8	86	14.410	0,451 3,13
12.007	Cast. Tinus Bontje 12	PO	—	6-8	—	18.200	0,854 4,69
12.333	Hia. Drentina Lammie 2	NR	7-4	6-8	140	14.600	0,541 3,70
12.949	Cast. Drentina Trijntje	PO	4-6	10-8	289	13.530	0,534 3,94
15.252	Hia. Tinus Willy	15/16	6-1	6-8	142	16.200	0,623 3,84
17.226	Hia. Drentina Trui 4	15/16	4-7	9-8	242	16.560	0,702 4,24
18.294	Cast. Drentina Jitske 123	PO	—	6-8	140	15.790	0,637 4,03
18.295	Hia. Tinus Roosje	—	—	6-8	142	14.760	0,547 3,71
19.196	Lena	—	—	2-8	37	17.660	0,716 4,65

Cooperativa Agro-Pecuária Batavo Ltda. Carambei, Est. do Paraná.

Contrôle em Dezembro de 1966. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

14.825	De Jong Jacoba 4 de Car.	31/32	4-5	7-8	175	15.660	0,573 3,65
18.225	De Jong Meibloem 5 de Car.	31/32	2-7	6-8	147	14.220	0,512 3,60
18.340	De Jong Jacoba 6 de Car.	31/32	—	5-8	142	17.710	0,664 3,75
19.384	De Jong Sjouke 4 de Car.	31/32	3-2	1-8	2	19.850	0,867 4,37
16.162	Kuipers Tonie de Carambei	31/32	10-1	4-8	113	15.000	0,621 4,14
16.164	Kuipers Alie de Carambei	31/32	8-1	4-8	95	23.600	0,856 3,62
15.504	Longe Vista Linda de Car.	31/32	4-9	1-8	11	18.750	0,672 3,58
14.513	Friso Offringa 46	PO	3-4	7-8	183	14.260	—
15.021	Friso Grietje 320 de Car.	PO	5-0	5-8	163	16.340	—
15.869	Friso Jukema 54 de Car.	31/32	7-10	3-8	67	30.580	—
15.870	Friso Jukema 55	PO	3-2	3-8	93	21.580	—
16.167	Friso Dina	PO	4-3	2-8	54	26.430	—
16.168	Friso Anna 28	PO	10-10	3-8	67	22.800	—
16.493	Friso Anna 33	PO	4-2	2-8	54	17.650	—
17.522	FrisoCorrie 3 de Carambei	63/64	2-1	8-8	203	15.890	—
18.012	Friso Coba 4 de Carambei	31/32	4-5	6-8	168	19.830	—
15.485	Ch. P. Tina 348 de Car.	31/32	3-4	3-8	65	18.100	0,621 3,43
15.499	Ch. P. Holandesa 327 Car.	31/32	4-1	6-8	181	17.030	0,607 3,56
15.502	Ch. P. Violeta 351 de Car.	31/32	3-0	5-8	176	13.250	0,460 3,47
15.503	Ch. P. Tina 349 de Car.	16/16	3-1	5-8	152	14.270	0,492 3,45
15.871	Ch. P. Truida 352 de Car.	31/32	3-5	1-8	14	23.040	0,713 3,09
16.165	Ch. P. Bontje 335 de Car.	31/32	4-8	3-8	86	17.610	0,561 3,18
16.757	Ch. P. Conta 332 de Car.	31/32	4-5	1-8	22	24.310	0,761 3,13
16.815	Ch. P. Margarida 356 Car.	31/32	3-2	1-8	11	20.960	0,662 3,15
16.816	Ch. P. Bontje 342 de Car.	31/32	3-9	1-8	6	21.020	0,706 3,35
18.618	Ch. P. Baukje 362 de Car.	31/32	2-2	4-8	112	13.010	0,444 3,41
18.226	Linguenta Jukema 4 de Car.	31/32	5-0	6-8	179	16.330	0,554 3,39
18.227	Linguenta Belinda 4 de Car.	31/32	3-5	6-8	157	16.640	0,571 3,43
18.228	Linguenta Marijke 8 de Car.	31/32	3-11	6-8	152	14.940	0,554 3,71
19.108	Linguenta Belinda 3 de Car.	31/32	4-8	3-8	62	19.480	0,691 3,55
19.386	Linguenta Marijke 11 Car.	63/64	2-0	1-8	16	16.590	0,494 2,98
19.387	Linguenta Marijke 5 Car.	31/32	7-5	1-8	22	23.700	0,756 3,18
14.502	Vermeulen Dora de Car.	31/32	7-4	1-8	10	16.920	0,490 2,89
14.504	Vermeulen Beppe de Car.	31/32	8-3	1-8	24	17.470	0,581 3,32
14.506	Vermeulen Cabrita de Car.	31/32	7-4	1-8	20	19.950	0,537 2,69
16.154	M's.y Front Row R. Apple 45	PO	6-8	2-8	49	18.260	0,544 2,98

Nº SCL		Grau Idade do sangue mês	Idade anos mês	Controle de Lactação	Dias de Lactação	Leite	Gordura	%
16.500	Vermeulen Frida de Car.	31/32	5-5	2-0	40	15.300	0.501	3.28
19.388	Vermeulen Margje de Car.	31/32	7-0	1-0	15	13.560	0.446	3.29
19.389	Marta Rocha de Sta. Angela	31/32	5-8	1-0	8	17.720	0.543	3.06
19.109	Franke Irene de Carambel	31/32	—	3-0	135	15.260	0.574	3.76
19.110	Cast. Frida Fokje 16	1-0	2-7	3-0	64	17.330	0.592	3.42
19.390	Franke Margje de Car.	7-8	5-8	1-0	19	21.270	0.883	4.15
19.391	Franke Kaoma de Carambel	31/32	4-0	1-0	9	21.490	1.041	4.84
14.820	Singerland Astrid 3 de Car.	31/32	6-5	4-0	97	14.340	0.522	3.64
15.508	S. Pleus 4 de Carambel	31/32	5-2	4-0	1-0	17.010	0.527	3.07
15.873	S. Astrid 2 de Carambel	31/32	6-4	3-0	76	26.160	0.971	3.71
16.159	S. Macaca 1 de Carambel	31/32	4-7	2-0	49	18.340	0.430	2.35
18.410	S. Magda 11 de Carambel	—	—	2-0	54	16.470	0.477	2.90
19.165	S. Sjouk 56 de Carambel	63/64	2-5	2-0	44	15.330	0.423	2.76
19.166	S. Macaca 8 de Carambel	31/32	2-8	2-0	20	15.650	0.393	2.45
17.342	Titia de Boqueirona	31/32	8-7	9-0	139	22.210	0.800	3.60
18.230	Suzana 13 de Boqueirona	PC	7-2	6-0	154	22.570	0.792	3.51
18.342	Pirinha Burke 23	31/32	—	5-0	139	22.210	0.800	3.60
18.343	Banana Burke 19	31/32	—	5-0	135	18.400	0.715	3.88
18.613	Zica de Boqueirona	31/32	—	4-0	95	19.670	0.920	4.68
18.614	Suzana 81 de Boqueirona	31/32	—	4-0	105	15.470	0.477	2.89
18.615	Grauna 21 de Boqueirona	31/32	—	4-0	107	12.200	0.400	3.28
18.616	Suzana 51 de Boqueirona	31/32	—	4-0	100	22.120	0.767	3.46
19.392	Jara de Boqueirona	PC	—	1-0	4	27.900	0.892	3.20
19.393	Louca de Burke 9	1-0	—	1-0	12	17.070	1.024	6.00
14.812	Aurora Magda de Carambel	7-8	8-2	4-0	98	16.000	0.441	2.76
15.512	Aurora Zebutje de Car.	15/16	7-1	4-0	101	15.400	0.546	3.54
17.530	Aleida Tonia 2 de Carambel	31/32	—	8-0	218	17.900	0.652	3.64
14.509	Kooy Bonita 3 de Carambel	31/32	5-1	7-0	193	17.050	0.576	3.38
17.035	Kooy Willie 2 de Carambel	31/32	3-8	10-0	322	13.680	0.497	3.63
17.999	Kooy Lenie de Car.	31/32	2-0	7-0	177	14.760	0.478	3.24
19.394	Kooy Joannita de Carambel	NR	4-8	1-0	8	20.210	0.739	3.65
18.611	Full de Rooy	31/32	7-11	4-0	107	14.800	0.504	3.40
19.395	Ancora de Rooy	1-0	—	1-0	—	17.800	0.596	3.35
15.477	Westering Negra de Car	3-4	4-10	1-0	21	18.360	0.690	3.76
15.513	W. Leffertje de Carambel	31/32	11-1	4-0	95	16.310	0.647	3.96
15.478	W. Jukema de Car.	31/32	4-0	5-0	145	14.120	0.572	4.05
17.534	W. Emma de Carambel	31/32	5-4	8-0	223	13.370	0.565	4.19
18.231	W. Geertje de Carambel	31/32	8-1	5-0	170	13.810	0.470	3.40
19.168	W. Blanca de Carambel	31/32	2-4	2-0	48	13.980	0.423	3.02
10.811	Hia. Erica Sonha 2	31/32	7-11	3-0	103	15.800	0.726	4.59
15.016	Smidt Violeta de Carambel	31/32	7-1	3-0	62	15.190	0.668	4.40
15.475	Smidt Bontje de Carambel	31/32	3-1	2-0	59	18.250	0.528	2.89
17.039	Fortuna Dirkje de Car.	31/32	6-6	10-0	309	15.030	0.594	3.95
17.538	Fortuna Steri de Carambel	31/32	5-0	8-0	224	13.760	0.503	3.65
11.522	Hia. Erica Sissi	31/32	6-3	7-0	198	13.540	0.507	3.75
11.523	Erica Francisca 3 Holanda	7-8	6-2	9-0	239	14.960	0.536	3.58
18.235	Mulder Kinie Holanda	31/32	6-1	6-0	169	17.190	0.592	3.44
14.515	Los Betje 6 de Carambel	31/32	5-0	2-0	33	19.170	0.590	2.71
15.507	Los Erika 3 de Carambel	31/32	4-8	4-0	112	14.370	0.479	3.13
16.496	Los Erica de Carambel	31/32	9-2	2-0	47	17.920	0.514	2.87
19.116	Los Negrinha 2 de Car.	31/32	4-8	2-0	70	15.980	0.556	3.47
19.169	Los Berni 2 de Carambel	31/32	4-10	2-0	51	16.950	0.575	3.39
14.518	Meu Cant. Marlene 2 Car.	31/32	6-3	8-0	219	13.110	0.467	3.56
16.824	Zwartje Geralda	—	—	2-0	30	23.200	0.607	2.61
19.170	Boneca Geralda	31/32	3-0	2-0	30	17.400	0.644	3.70
18.337	De Geus Girafinha	PC	—	4-0	—	14.600	0.481	3.30
15.877	Salto Fokje 2 de Carambel	31/32	7-3	4-0	104	21.750	0.630	2.89
16.771	Salto Antje 1 de Carambel	3-4	—	1-0	—	26.000	0.945	3.63
18.607	Salto Luz 1 de Carambel	PC	—	1-0	—	25.600	0.795	3.09
18.620	Salto Pine 1 de Carambel	NR	9-6	4-0	98	23.440	1.015	4.34
19.171	Cast. Beld Rosa 3	PO	3-2	2-0	36	15.910	0.501	3.15
19.396	Salto Dolfje de Carambel	PC	—	1-0	21	22.680	0.943	4.16
19.397	Salto Montje de Carambel	NR	—	1-0	5	15.000	0.406	2.76

Guilherme Sicutjes, Castro, Est. do Paraná.

Contrôle em 27-12-966. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

13.803	Esperanca Castrense	31/32	5-11	5-0	108	15.420	0.316	2.05
14.434	Cabana Castrense	31/32	6-5	3-0	39	27.920	0.988	3.54
14.978	Gaucha Castrense	31/32	6-5	5-0	101	21.020	0.533	2.54
15.534	Bleque Castrense	15/16	5-4	6-0	126	23.090	0.894	3.87
15.781	Mina Castrense	15/16	4-7	3-0	57	28.170	0.816	2.89
16.134	Borboleta Castrense	63/64	2-3	1-0	17	25.740	0.908	3.53
16.136	Betty Castrense	31/32	3-0	4-0	67	16.780	0.433	2.58
18.010	Noturna Castrense	7/8	5-11	8-0	212	13.900	0.468	3.36
18.224	Bragança Castrense	31/32	2-11	7-0	242	17.350	0.567	3.27
19.117	Hia. Keegstra Klaske	31/32	5-7	5-0	91	26.080	0.766	2.93
18.617	Morena Castrense	31/32	5-8	4-0	88	22.900	0.676	2.73
19.120	Cabaninha Castrense	31/32	2-11	3-0	54	17.950	0.574	3.20

Johannes Hendricus Sicutjes, Castro, Est. do Paraná.

Contrôle em 27-12-966. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

17.438	Serra Negra de B. Vista	31/32	5-10	9-0	270	16.480	0.576	3.50
17.439	Malhada de Bela Vista	31/32	5-4	9-0	263	15.400	0.455	2.95
17.441	Brama Chops de Bela Vista	31/32	5-4	9-0	247	18.790	0.553	2.84
18.008	Bles de Bela Vista	PC	—	7-0	213	15.300	0.527	3.44
18.232	Pombinha de Bela Vista	PC	—	7-0	159	22.210	0.759	3.42
18.009	Menina de Bela Vista	31/32	3-3	6-0	159	17.250	0.444	2.57
18.233	Branca de Neve de B. Vista	PC	6-11	6-0	161	18.200	0.545	2.99
18.234	Rabico de Bela Vista	31/32	5-8	6-0	159	25.860	0.703	2.71

melhore seu plantel
e obtenha

**MAIS LEITE
MAIS CARNE
MAIS LUCROS!**

Fornecemos reprodutores registrados puros de origem e puros por cruzar, com controle oficial de leite e peso. Regime de criação de campo. Ótima rusticidade. Também produtos de inseminação artificial de reprodutores americanos ou natural de reprodutores nacionais.

HOLANDÊS



Branco e preto. Machos e fêmeas. Alta produção de leite. Excelente para cruzar com gado mestiço leiteiro.

CHAROLÊS



Machos e fêmeas. Precocidade no peso. Especial para cruzamento com gado comum ou indiano.

Consulte nossas condições de venda. Disparamos eventualmente de ótimos animais sem registro. Estudamos transporte e financiamento, dependendo da quantidade. Façam uma visita sem compromisso.

Fazenda Primavera do Atibaia

Criador: Lélío de Toledo Piza e Almeida Filho

Estado de São Paulo — Município de Jarinu
Km 97 da estrada S. Paulo/Jundiaí/Itatiba/Bragança. Em São Paulo: Rua João Bricola, 39 —
2.º andar — Telefone: 32-1783
Correspondência: Caixa Postal 7599

NELORE DE SÃO BENTO:

VELOCIDADE DE GANHO
DE PÊSO, CONFORMAÇÃO
E PUREZA RACIAL



EGÍPCIO — por Tirano e Sedução. Com 1066 quilos de peso, chefia um plantel de 200 fêmeas registradas. Transmite aos filhos sua precocidade, conformação e pureza. Crioulo do sr. Rubens de Andrade Carvalho.



A FAZENDA SÃO BENTO
ADQUIRIU TODO O PLAN-
TEL DO SR. GUILHERME
CAMPOS SALLES



FAZENDA SÃO BENTO
Dr. José Carlos Vilela
de Andrade e Irmãos

DRACENA — Tel. 1477 —
Estado de São Paulo
SAO PAULO — Tel. 8-7265

Nº SCL	Grão Idade do anos sangue meses	Dias Controle de lactação	Leite	Gordura	%
18.344	Africana de Bela Vista	PC	5.0	159	13,090 0.362 2.76
18.608	Princesa de Bela Vista	31/32	5-1	4.0	92 20,160 0.650 3.22
18.609	Alfena de Bela Vista	31/32	3-2	4.0	90 23,420 0.835 3.56
18.610	Bleque de Bela Vista	PC	4.0	92	19,540 0.523 2.67
19.112	Coração de Bela Vista	31/32	6-4	3.0	84 27,700 0.796 2.87
19.113	Pintasilva de Bela Vista	31/32	5-10	3.0	86 28,970 0.888 3.16
19.114	Balaia de Bela Vista	31/32	2-4	3.0	85 23,870 0.699 2.93
19.115	Barquinha de Bela Vista	31/32	3-8	3.0	85 26,280 0.837 3.18

Cooperativa Lacteínios Monte Alegre Ltda. Harmonia, Est. do Paraná.
Controle em Dezembro de 1966. Regime de pasto com ração suplementar.
2 ordenhas.

19.154	M.A. Fokko Geertje 2	31/32	4-6	2.0	39	16,850	0.540	3.20
19.155	M.A. Fokko Dantje	31/32	2-5	2.0	31	15,200	0.493	3.24
18.368	M.A. Ven Annemarie	31/32	6-7	5.0	133	18,500	0.529	2.86
19.398	M.A. Ven Corrie 3	31/32	4-0	1.0	10	19,150	0.589	3.07
17.456	M.A. Fem Hilda I	31/32	5-1	8.0	205	15,100	0.530	3.51
18.363	M.A. Fem Margriet	31/32	9-3	5.0	138	15,450	0.551	3.56
18.833	M.A. Fem Hilda II	31/32	5-6	3.0	70	15,800	0.466	2.95
17.454	M.A. Jans Elza	31/32	6-6	1.0	12	20,600	0.618	3.00
18.038	M.A. Jans Astrit	31/32	7-6	6.0	181	19,000	0.542	2.85
18.690	M.A. Jans Astrit 3	31/32	5-0	4.0	92	20,850	0.764	3.66
19.399	M.A. Jans Elza 2	31/32	5-3	1.0	29	22,200	0.758	3.41
19.400	M.A. Jans Marie	31/32	9-2	1.0	21	21,200	0.559	2.63
18.367	M.A. Pijk Mary	31/32	7-0	5.0	1235	17,500	0.536	3.06
18.835	M.A. Pijk Det I	31/32	7-2	3.0	82	17,050	0.502	2.94
18.034	M.A. Glas Inka	31/32	8-6	6.0	175	15,550	0.539	3.46
18.035	M.A. Glas Juliana 6	31/32	4-11	6.0	158	17,700	0.584	3.30
18.037	M.A. Glas Gerda 4	31/32	4-6	6.0	155	18,050	0.720	3.99
18.373	M.A. Glas Juliana 7	31/32	3-7	5.0	134	16,400	0.582	3.55
18.836	M.A. Glas Geertje5	31/32	3-11	3.0	68	16,150	0.653	4.04
19.401	M.A. Glas Lua 10	31/32	8-3	1.0	11	19,800	0.594	3.00
19.403	M.A. Glas Gerda 7	31/32	2-3	1.0	19	15,800	0.466	2.95
17.719	M.A. Cnos Willemientje	31/32	5-0	7.0	198	15,600	0.690	4.42
18.023	M.A. Cnos Noortje	31/32	4-3	6.0	180	15,550	0.588	3.78
18.025	M.A. Cnos Wetske	31/32	8-0	6.0	186	15,500	0.632	4.07
18.365	M.A. Cnos Louk	31/32	4-0	5.0	144	16,650	0.549	3.30
18.601	M.A. Cnos Niesje	31/32	8-1	4.0	118	20,250	0.670	3.30
18.837	M.A. Cnos Nita	31/32	5-1	3.0	70	20,550	0.833	4.06
19.146	M.A. Cnos Gerry	31/32	7-5	2.0	37	25,100	0.931	3.71
19.147	M.A. Cnos Robbie	31/32	5-3	2.0	36	23,100	0.808	3.50
19.404	M.A. Cnos Neeltje	31/32	4-1	1.0	4	22,350	0.852	3.81
17.099	M.A. Henrij Rika	—	5-9	9.0	258	15,050	0.616	4.10
17.720	M.A. Timer Wimmie 2	31/32	5-1	7.0	194	17,600	0.555	3.26
18.031	M.A. Timer Marianna	31/32	8-1	6.0	156	16,750	0.487	2.90
18.603	M.A. Timer Wilhelmina	31/32	4-10	4.0	107	15,700	0.506	3.22
18.838	M.A. Timer Willie	31/32	10-4	3.0	75	19,150	0.498	2.60
19.152	M.A. Timer Jannie	31/32	6-3	2.0	50	20,050	0.631	3.14
19.153	M.A. Timer Wimke 5	31/32	2-5	2.0	60	16,600	0.524	3.16
17.463	M.A. Groon Sia	31/32	—	8.0	—	17,400	0.499	2.87
17.464	M.A. Engelina Paula 2	31/32	3-0	7.0	236	14,650	0.518	3.54
18.371	M.A. Engelina Nelia I	31/32	3-0	5.0	134	17,100	0.522	3.05
18.840	M.A. Nanno Anita	31/32	3-10	3.0	61	17,600	0.517	2.94
18.605	M.A. Ral Apple 2	31/32	6-3	4.0	108	20,350	0.751	3.69
19.148	M.A. Ral Apple 4	31/32	4-4	2.0	53	19,400	0.582	3.00

José Peres de Oliveira, Campinas, Est. de São Paulo.
Controle em 23-1-1967. Regime de pasto com ração suplementar, 3 e 2 ordenhas.

19.255	Pir. Imagem Sob. Starlight	PO	2-5	2.0	43	21,160	0.647	2.06
10.464	Sertão Fanal S. Champion	PO	6-7	7.0	259	17,400	0.772	4.44
16.319	Milagrosa	PCOD	8-5	1.0	14	20,900	—	—
17.406	Soberana	PCOD	6-1	9.0	279	14,070	0.580	4.12
17.419	Gardenia	PCOD	4-5	9.0	263	13,700	—	—
17.543	Negrinha	PCOD	12-0	8.0	241	14,600	—	—
17.547	Mansinha	PCOD	11-5	8.0	243	14,300	0.555	3.88
17.959	Rainha	PCOD	7-3	7.0	207	14,700	0.552	3.75
17.961	Favorita	PCOD	6-11	7.0	201	17,450	0.519	2.97
17.962	Argila Nuggetkerco Tereca	PCOD	3-0	7.0	199	13,450	0.473	3.55
18.083	Sta. Martha Darling Curtiss	PCOD	3-1	6.0	172	13,470	0.419	3.11
18.086	Lambida de Monte D'Este	PCOC	3-1	6.0	183	13,620	0.476	3.49
18.511	Maroca	PCOD	4-8	5.0	149	16,920	0.597	3.53
18.705	Cererepe	PCOD	7-4	4.0	107	22,330	0.736	3.30
18.928	Silvana	PCOC	4-3	3.0	100	16,320	0.528	3.24
18.932	Cachoeira	PCOC	5-5	3.0	80	19,950	0.655	3.28
18.949	Onca Figura	NR	—	3.0	104	16,000	0.506	3.16
19.463	Faxina Maruka	PO	7-9	1.0	8	17,950	0.496	2.76
19.465	Esfera da Grama	PCOD	2-7	1.0	30	14,800	0.500	3.38
19.466	Mocinha	PCOD	7-8	1.0	22	23,620	0.933	3.95
19.467	Sta. Martha Emily D. Burke	PCOC	2-6	1.0	21	13,930	0.465	3.33

João Arthur Ribas Vianna, Cotia, Est. de São Paulo.
Controle em 25-1-1967. Regime de pasto com ração suplementar, 3 ordenhas.

14.489	N.S.C. Cristalina	PO	5-3	5.0	146	24,290	0.748	3.08
14.764	Cafezal Catia	PO	5-9	2.0	39	20,660	0.540	2.61
14.955	Pir. Gilda de S. Supreme	PO	3-7	7.0	208	14,530	0.453	3.11
19.034	Nogales Rocket Adantha	PO	4-2	3.0	78	20,330	0.614	3.02
19.324	Tereca Batuíra iDiamond	PO	2-6	2.0	45	14,760	0.594	4.02
19.325	G. Viana Baroneza Burke	PO	2-11	2.0	42	14,410	0.509	3.53

Nº SCI.		Gran. Idade do animal sangue meses	Idade de Controle meses	Dias de Lactação	Leite	Gordura	%
Hélio Moreira Salles, Casa Branca, Est. de São Paulo. Controle em 21-10-66. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.							
18.491	Rio Verdinho Boneca	PCOD	3-2	5.0	138	13.180	0.504 3.82
18.785	Rio Verdinho Arlete	PCOD	3-5	1.0	103	13.740	0.475 3.46
19.000	Nolva	PCOD	7-1	3.0	73	14.860	0.521 3.50
19.002	Vencedora	PCOD	11-6	3.0	91	14.300	0.535 3.74
19.245	Esquisita	PCOD	4-8	2.0	32	17.450	0.634 3.63
19.458	Rio Verdinho Batistina	PCOD	5-0	1.0	21	18.550	0.602 3.24
19.459	Novata	PCOD	5-0	1.0	4	20.050	0.643 3.20
19.460	Aviadora	PCOD	7-1	1.0	71	13.330	0.527 3.95

Dr. Manoel Alves de Castro, Passa, Agribio, Est. de Minas Gerais. Controle em 14-1-67. Regime de pasto com ração suplementar, 3 ordenhas.							
6.327	Arlete Clara Sylvia X	PCD	12-0	4.0	96	23.130	0.775 3.35
13.707	Arlete Dencosa	PCD	6-1	10.0	298	13.970	0.488 3.49
15.280	Arlete Gabriela	PCD	5-0	2.0	41	28.630	1.042 3.63
17.329	Arlete Meg Blok Max	PCD	6-0	10.0	261	15.310	0.533 3.48
17.675	Arlete Galia II	PCD	5-0	9.0	239	17.480	0.630 3.60
18.054	Arlete Poesia	PCD	3-8	6.0	173	18.230	0.718 3.93
18.055	Arlete Belgica	PCD	3-10	6.0	171	20.410	0.727 3.56
18.056	Arlete Carla	PCD	5-0	6.0	155	18.230	0.746 4.09
18.897	Arlete Lourdinha	PCD	4-8	3.0	73	21.070	0.694 3.29
19.258	Arlete Marta	PCD	6-0	2.0	56	24.210	0.655 2.70
19.468	Arlete Carinhosa	PCD	5-1	1.0	13	19.860	0.669 3.36

Dr. Flávio Castelo Branco, Interiores, Morada Nova, Est. de Minas Gerais. Controle em 18-1-67. Regime de pasto com ração suplementar, 3 e 2 ordenhas.							
3 ordenhas							
12.397	Jardim Robusta	PCOD	6-4	10.0	352	16.170	0.602 3.72
17.682	Argella	PCD	7-0	—	—	14.440	0.492 3.41
2 ordenhas							
15.802	Ipanema II de Sta. Ines	PCD	3-12	5.0	—	16.070	0.516 3.21
17.384	Alba	PCD	5-1	3.0	118	16.750	0.578 3.45

Dr. Francisco Ferreira Pinto Filho, Taubaté, Est. de São Paulo. Controle em 21-1-67. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.							
14.895	Estrelinha da Fortaleza	NR	8-5	2.0	48	13.450	0.391 2.81
15.577	Granfina	NR	—	2.0	59	13.050	0.383 2.94
19.456	Tatua de Sta. Anabela	PCOD	4-10	1.0	24	13.600	0.429 3.15
19.457	Geringonça da Fortaleza	PCOD	6-6	1.0	2	13.000	0.329 2.53

Nelson Elias, Mogi das Cruzes, Est. de São Paulo. Controle em 2-1-67. Regime de pasto com ração suplementar, 3 e 2 ordenhas.							
3 ordenhas							
13.298	Baroneza	PCOD	5-11	8.0	258	16.320	0.598 3.66
15.055	Candida da Cachoeira	PCOC	4-8	2.0	24	28.850	0.745 2.57
2 ordenhas							
15.056	Marta 15	PCOD	10-1	1.0	—	22.500	0.790 3.51
15.248	Pleter	PCOD	10-6	5.0	146	19.200	0.655 3.41
15.546	Aracatuba da Cachoeira	PCOC	4-8	4.0	142	15.280	0.494 3.23
15.547	N.S.C. Condessa	PCD	—	5.0	—	14.790	0.505 3.41
16.469	Atibaia de São João	PCOC	3-6	2.0	74	16.300	0.448 2.75
18.841	Brigitte de São João	PCOC	2-6	5.0	136	14.610	0.539 3.68
18.810	Criola	3/4	4-7	4.0	66	18.080	0.613 3.39
19.301	Bacana de São João	PCOC	2-5	2.0	27	20.020	0.627 3.13
19.302	Baleia de São João	PCOC	2-5	2.0	68	14.480	0.368 2.54

Nelson Elias, Mogi das Cruzes, Est. de São Paulo. Controle em 4-1-67. Regime de pasto com ração suplementar, 3 e 2 ordenhas.							
3 ordenhas							
13.298	Baroneza	PCOD	5-11	9.0	260	13.450	0.517 3.84
15.055	Candida da Cachoeira	PCOC	4-8	3.0	26	26.600	0.759 2.85
2 ordenhas							
15.056	Marta 15	PCOD	10-1	2.0	—	22.500	0.790 3.51
15.248	Pleter	PCOD	10-6	6.0	148	16.200	0.620 3.82
15.546	Aracatuba da Cachoeira	PCOC	4-8	5.0	144	14.250	0.516 3.62
15.547	N.S.C. Condessa	PCD	—	6.0	—	14.000	0.507 3.62
16.469	Atibaia de São João	PCOC	3-6	3.0	76	13.350	0.519 3.89
18.810	Criola	3/4	4-7	5.0	68	18.250	0.580 3.18
19.301	Bacana de São João	PCOC	2-5	3.0	89	17.000	0.435 2.56

Nazli Rubenz, Cruzeiro, Est. de São Paulo. Controle em 5-1-67. Regime de pasto com ração suplementar, 3 e 2 ordenhas.							
3 ordenhas							
10.666	S.Q. Gisela D. Bastilha	PCD	7-8	1.0	25	28.030	0.722 2.57

B

FAZENDA CAMPO ALEGRE

ESPOLIO

DR. JOÃO BATISTA DE FIGUEIREDO COSTA



A mais antiga seleção de Gir leiteiro no Brasil



CONTROLE LEITEIRO PELA ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE CRIADORES DE BOVINOS



CAMPO ALEGRE TOSCANA — Reg. A-6494. Mãe de Curvelo, Sertão, Bimbo e Buriti, atuais reprodutores do plantel Campo Alegre. Pureza racial e pêso aliados a produção leiteira. Aos 14 anos de idade fechou lactação com 5.163 quilos em 365 dias.

FAZENDA CAMPO ALEGRE

Casa Branca — Estado de São Paulo

São Francisco Sociedade Ltda.

M O C O C A
ESTADO DE SÃO PAULO

Seleção de
Gir Leiteiro

CONTRÔLE LEITEIRO
REALIZADO PELA
A.P.C.B.



PIRACICABA — Produção:
3.694.400 kg de leite e 128.640 kg
de gordura em 320 dias de lac-
tação.

São Francisco Sociedade Ltda.

MOCOCA
ESTADO DE SÃO PAULO

Nº SCL		Gran Idade do anos sangue meses	Dias Contrôle de Lactação	Leite	Gordura	%
2 ordenhas						
10.618	Arlene Vitoria 59	PO	6-1	3-1	17.150	0.497 2.90
18.202	Copauba Reserva	PCOD	6-1	6-1	13.340	0.569 4.27
19.031	Alada	NR	3-1	3-1	19.530	0.636 3.25
19.032	Copauba Lindesa	PCOD	7-5	4-1	13.520	0.500 3.70
19.033	Copauba Esfera	PCOD	5-5	1-1	13.600	0.544 4.00
19.394	Copauba Bela Cruz II	PCOD	3-0	2-1	24.100	0.786 3.26

Dr. Lello de Toledo Piza e Almeida, Jaraguá, Est. de São Paulo.
Contrôle em 15-1-1967. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

8.565	Espiga's Monogram	PO	6-3	12-1	333	14.170	0.574 4.05
8.582	Santabri L. Rag Apple Ajax	PO	10-10	2-1	32	17.770	0.834 4.69
8.831	Dalinhia	PCOC	9-6	3-1	86	14.500	0.528 3.71
9.439	Dora	PCOC	9-3	1-1	102	18.520	0.815 4.41
10.145	Primavera Espoleta	PO	8-1	5-1	148	17.750	0.763 4.30
10.715	Dramatica	PCOC	9-0	1-1	27	15.330	0.657 4.28
10.719	Primavera Frida	PO	7-2	3-1	151	15.900	0.642 4.03
12.998	Granada	PCOC	6-7	3-1	89	14.100	0.480 3.33
12.999	Primavera Holanda	PO	5-3	6-1	166	15.820	0.653 4.13
13.077	Hellade	PCOC	5-7	1-1	102	21.810	0.839 3.84
13.435	Primavera Harpa	PO	5-2	6-1	162	15.200	0.642 4.22
13.808	Heroína	PCOC	5-1	2-1	32	24.340	0.871 3.58
16.291	Jaboti	PCOC	3-9	1-1	16	21.200	0.669 3.15
18.912	Primavera Lucrecia	PO	2-9	3-1	93	13.640	0.521 3.82
18.913	Jacutinga	PCOC	3-0	3-1	91	13.790	0.605 4.39
19.521	Lua	PCOC	2-11	1-1	8	18.520	0.556 3.00
19.522	Lontra	PO	2-9	1-1	8	15.100	0.472 3.13

Dr. Gabriel Donato de Andrade, Calafatândia, Est. de Minas Gerais.
Contrôle em 16-1-1967. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

14.963	Columbia	NR	8-0	6-1	181	17.010	0.665 3.91
17.933	Champanha	NR	9-10	5-1	224	15.910	0.545 3.42
18.404	Animada	NR	3-7	5-1	167	16.870	0.752 4.46
19.037	Sete	NR		3-1	85	16.660	— —
19.038	Alvinegra	NR		3-1	71	16.930	0.664 3.92

Empresa Bandeirantes de Administração S.A., São Bernardo do Campo, Est. S. Paulo.
Contrôle em 10-1-1967. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

10.870	Chimblea	PCOD	12-0	3 ^o	75	15.670	0.555	3.54
Chinesa		PCOC	5-11	3 ^o	68	15.550	0.611	3.93
Calçada		NR	3-11	8 ^o	215	14.400	0.546	3.79

S.A. Fazenda Paraíso Agro-Pecuária, São João da Boa Vista, Est. de S. Paulo.
Contrôle em 2-1-1967. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

8.081	Willy's Sally Tensen Lucy	PO	10-8	4-1	95	24.150	0.882 3.65
8.898	Sertão Duna	PO	9-5	3-1	81	22.600	0.770 3.41
8.915	Dakar	PCOD	9-6	3-1	78	19.850	0.640 3.22
9.218	Santabri Rag Apple Ajax	PO	9-5	8-1	214	16.650	0.499 2.99
9.384	Sertão Esthonia	PO	6-2	8-1	215	16.450	0.619 3.76
9.580	Else	PO	7-9	6-1	151	15.250	0.576 3.77
9.794	Sertão Eritrea	PO	8-0	6-1	175	16.250	0.564 3.47
9.796	Eleitora	PCOC	7-8	7-1	193	13.800	0.516 3.73
10.154	Sertão Fama P. Burke	PO	7-5	6-1	163	14.150	0.489 3.46
10.377	Sertão Forest Carnation	PCOC	6-10	8-1	236	14.320	0.570 3.98
10.625	S. Flower Lalaur Carnat.	PO	7-2	4-1	19	22.050	0.809 3.67
10.626	S. Fitness Milkmaster Car.	PO	7-4	1-1	26	21.100	0.791 3.74
10.643	S. Frabella L. Pabst	PO	6-11	2-1	44	17.350	0.715 4.12
11.203	S. Guariba Pabst Gletnafton	PO	6-7	3-1	81	30.300	1.144 3.78
11.307	S. Feonia Pabst Senor	PCOC	6-10	6-1	168	15.600	0.569 3.65
11.309	S. Grega Heilo Carnation	PO	6-4	7-1	198	19.350	0.589 3.04
11.310	S. Galla Japke II Marksm.	PO	6-2	8-1	236	13.200	0.517 3.92
11.311	S. Golondrina Marks. Car.	PO	6-2	7-1	183	16.000	0.584 3.65
11.438	S. Granfina Pabst	PCOC	6-6	6-1	172	16.550	0.570 3.44
11.610	S. Guapita P. 295 Pabst	PO	6-4	2-1	46	20.550	0.677 3.05
11.699	S. Guanabara B. 177 Marks.	PO	6-1	6-1	189	13.750	0.532 3.87
11.700	S. Gabela Pabst Glefanton	PO	6-2	4-1	123	20.450	0.761 3.72
11.772	S. Gadema Z. I. Martindale	PO	5-11	3-1	67	15.450	0.499 3.23
11.773	S. Gary Bessie Marksman	PO	6-4	2-1	44	19.700	0.690 3.50
11.989	S. Guariba Lochinvar Pabst	PO	6-5	6-1	189	13.000	0.462 3.55
12.024	S. Holanda M. Hoarne	PO	5-9	3-1	75	19.600	0.860 4.38
13.010	S. Hungria Tjeerd XI Car.	PO	5-5	7-1	190	15.700	0.568 3.62
13.012	S. Head Pontica Hoarne	PO	5-5	2-1	57	14.100	0.541 3.89
13.173	S. Grietje C. 87 Carnation	PO	6-3	6-1	156	13.200	0.556 4.21
13.705	S. Glasgow E. 96 Carnation	PO	5-11	2-1	41	17.350	0.596 3.43
14.237	S. Himalaia B. 84 Adonis	PO	4-11	7-1	206	15.650	0.519 3.22
14.610	Paraíso Irlinga Estonia	PCOD	4-3	7-1	179	18.850	0.754 4.00
14.902	Paraíso Ioioca Exotico	PO	4-4	4-1	124	14.500	0.492 3.20
14.903	P. Jocunda Estiva Fidalgo	PCOC	3-7	6-1	157	16.950	0.594 3.50
15.031	Paraíso Itagua Pabst	PO	4-7	1-1	10	20.650	0.693 3.35
15.033	Paraíso Iracy G. Fidalgo	PO	4-4	1-1	21	18.200	0.609 3.24
15.368	P. Iriz Dina Martindale	PO	4-1	5-1	134	14.800	0.590 3.98
15.369	P. Itamotinga D. Marksm.	PO	4-2	4-1	110	13.500	0.475 3.59
15.370	P. Jola Marana Hoarne	PCOD	3-6	4-1	124	15.500	0.598 3.27
15.932	P. Hidra Supreme Carnat.	PO	5-2	3-1	86	15.350	0.595 3.87
16.109	P. Isopetala Marg. Pabst	PO	4-2	1-1	13	22.700	0.749 3.30
16.341	P. Jaboti Detje Baroel	PO	3-8	1-1	20	14.300	0.514 3.59
16.347	P. Jangada G. Eufórica	PO	3-11	1-1	17	16.100	0.656 4.07
17.575	Sertão Ipeca Batufa	PCOD	3-7	8-1	227	13.750	0.553 4.02

Nº SCL		Idade do sangue	Idade meses	Dias de lactação	Leite	Gordura	%	
17.874	Paraiso Londrina Fátima	PO	2-3	7.0	173	22,650	0,806	3,55
18.165	Paraiso Lavanda Pabst	PO	2-4	6.0	168	16,850	0,643	3,82
18.646	Paraiso Italiana E. Barcol	PO	3-11	4.0	95	16,200	0,604	3,73
18.915	Paraiso Liturgia Adonis	PCOC	2-7	3.0	69	13,900	0,476	3,42
19.204	Paraiso Ladeira C. Barcol	PCOC	2-10	2.0	63	13,750	0,477	3,47
19.205	Paraiso Jordania G. Fidalgo	PO	3-3	2.0	31	20,800	0,770	3,70
19.206	Paraiso Lamy Adonis	PO	2-3	2.0	32	19,000	0,658	3,47
19.208	Paraiso Juvenia R. Ginger	PO	3-2	2.0	41	16,700	0,590	3,53
19.209	Paraiso Lancetada Adonis	PO	2-5	2.0	47	24,250	0,821	3,38
19.210	Paraiso Josefa Gohas	PCOD	3-5	2.0	51	16,500	0,641	3,89
19.211	Paraiso Jeruva Pabst	PCOC	2-11	2.0	55	14,150	0,547	3,86
19.213	Paraiso Jamba Eufonia	PCOC	3-3	2.0	63	13,550	0,503	3,71
19.495	Paraiso Judith Kenj	PO	3-4	1.0	8	17,500	0,639	3,65
19.496	Paraiso Jocosca F. Fidalgo	PO	3-9	1.0	12	19,550	0,665	3,40
19.497	Paraiso Jaquel. G. Eufonia	PO	3-11	1.0	18	14,200	0,530	3,73
19.498	Paraiso Lembrança Pabst	PO	2-7	1.0	21	13,500	0,499	3,70
19.499	Paraiso Lidia Ginger	PO	2-10	1.0	22	19,500	0,721	3,69
19.500	Paraiso Jataí Mona Galante	PO	3-9	1.0	30	18,900	0,591	3,12
19.501	Paraiso Linda Fidalgo	PCOC	2-10	1.0	32	19,400	0,655	3,37

Cia. Agrícola São Quirino, Campinas, Est. de S. Paulo.

Contrôle em 30-1-1967. Regime de pasto com ração suplementar, 3 e 2 ordenhas.

3 ordenhas								
4.673	São Quirino Arapuá	PCOC	13-5	9.0	290	19,300	0,585	3,03
9.882	S.J. Form. Cananga Neura	PO	8-0	2.0	58	19,840	0,966	3,23
2 ordenhas								
2.919	Willy's Rossana M. Alegria	PO	14-11	4.0	120	18,550	0,560	3,02
7.681	Cierva 9 Baradero 1516	PO	1-0	5.0	147	14,880	0,498	2,77
8.691	S. Quirino Extra Juliana	PO	9-5	1.0	37	21,200	0,604	2,83
8.866	S. Quirino Exc. Rossana	PO	8-11	7.0	208	10,240	0,308	3,08
9.929	S.Q. Eliana Cometa Africana	PO	9-1	1.0	5	20,330	0,531	2,94
8.975	São Quirino Escora	PCOC	9-3	1.0	33	20,440	0,527	2,92
9.023	São Quirino Efigie	PCOC	8-11	3.0	116	17,000	0,410	2,41
9.562	São Quirino Falcão	PCOC	8-1	4.0	153	16,330	0,490	2,89
10.526	São Quirino Guelma	3/4	7-0	1.0	37	20,420	0,606	3,41
10.595	São Quirino Eloá Confusa	PO	8-7	7.0	225	17,870	0,506	3,11
10.597	S.Q. Gertrudes P. 13 Master	PO	7-10	1.0	35	31,830	1,035	3,26
10.720	São Quirino Gameleira	PCOC	7-4	2.0	44	22,420	0,708	3,15
10.855	São Quirino Gabola	7/8	7-1	6.0	159	20,430	0,603	3,20
10.858	São Quirino Garrida Flood	PO	7-1	7.0	207	15,080	0,513	3,40
10.863	São Quirino Geleia	PCOC	7-11	1.0	28	18,800	0,531	2,82
10.926	São Quirino Graduada	PCOC	6-8	6.0	197	15,370	0,524	3,41
10.929	São Quirino Genita	PCOC	7-5	2.0	59	19,250	0,600	3,37
11.443	São Quirino Hespêndida	PCOC	6-4	5.0	150	17,200	0,590	3,43
11.623	S.Q. Heloisa D. Bastilha	PO	6-7	1.0	6	27,970	0,815	2,91
11.808	São Quirino Ibiuna	7/8	6-3	5.0	168	17,130	0,605	3,53
12.059	S.Q. Helice Suete 7	PO	6-8	1.0	38	26,550	0,814	3,06
12.272	São Quirino Honrosa	PCOD	6-1	7.0	206	15,000	0,492	3,28
12.475	São Quirino Hortelã	PCOC	6-5	3.0	134	18,040	0,506	2,81
13.009	São Quirino Heva	PCOC	5-11	8.0	235	15,260	0,584	3,83
13.097	São Quirino Indigna	PCOC	5-8	1.0	16	23,470	0,651	2,77
13.193	São Quirino Incolá Ciranda	PO	5-8	2.0	46	19,850	0,651	3,28
13.194	S.Q. Indiana Cierva 9	PO	5-9	2.0	52	22,330	0,663	2,96
13.313	São Quirino Inventada	7/8	5-7	3.0	101	20,270	0,778	3,84
13.315	São Quirino Iliria	PCOC	5-8	3.0	99	19,080	0,572	3,00
13.424	São Quirino Imbauba	PCOC	5-8	3.0	102	16,500	0,579	3,50
13.426	S. Quirino Indalá B. Quinta	PO	5-11	2.0	58	16,090	0,475	2,95
13.646	São Quirino Impavida	PCOD	5-1	1.0	41	19,530	0,570	2,96
13.648	S.Q. Inedita D. Bastilha	PO	5-3	1.0	20	25,370	0,608	2,89
13.729	São Quirino Imparcial	PCOC	5-8	2.0	41	19,320	0,606	3,14
14.555	S.Q. Imponente F.C. Neura	PO	5-5	1.0	30	17,280	0,560	3,24
14.770	M's. Nell Rag Apple 27	PO	4-1	5.0	129	16,120	0,528	3,27
14.771	S.Q. Jurema F. Carlucha	PO	4-2	2.0	42	19,310	0,547	2,83
14.940	S.Q. Jucy Heloisa Damietta	PO	4-0	2.0	55	17,670	0,534	3,02
15.414	Pabst Champion Queen	PO	4-2	1.0	8	26,420	0,893	3,38
16.256	S. Quirino K 54 Cometa	PO	3-7	1.0	25	17,750	0,645	3,63
16.450	Amazonas Mr. Correta	PCOC	5-1	2.0	57	15,240	0,497	3,26
17.798	São Quirino K 68	PCOC	2-9	7.0	229	15,030	0,459	3,05
18.926	São Quirino K 127	PCOC	2-11	3.0	91	16,840	0,555	3,30
19.214	São Quirino K 45	PCOD	3-6	2.0	71	15,250	0,513	3,36
19.503	São Quirino Java	PCOC	4-6	1.0	12	22,080	0,630	2,85
19.504	São Quirino Itaparica	7/8	5-5	1.0	36	18,260	0,616	3,37

Agrindus S.A. Empresa Agrícola e Pastoril, Descalvado, Est. de São Paulo.

Contrôle em 23-1-1967. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

15.677	Agrindus Bigorna	PCOD	4-3	6.0	266	14,300	0,546	3,81
15.680	Amazonas Mr. Direita	PCOD	3-11	6.0	160	17,200	0,721	4,19
15.922	Amazonas Mr. Delta	PCOD	3-9	1.0	6	22,000	0,616	2,80
15.923	Amazonas Mr. Donata	PCOD	3-11	1.0	17	20,400	0,577	2,83
15.924	Amazonas Mr. Dinorá	PCOD	3-7	1.0	21	21,000	0,734	3,49
16.104	Amazonas Mr. Diadema	PCOC	3-11	5.0	149	15,900	0,620	3,90
16.646	Agrindus Balisa	PCOD	4-3	2.0	31	18,800	0,580	3,08
17.077	Amazonas Mr. Data	PCOC	4-3	1.0	17	18,200	0,684	3,76
17.078	Amazonas Mr. Dea	PCOC	4-3	1.0	14	32,100	0,963	3,00
17.175	Amazonas Mr. Deca	PCOC	3-4	10.0	302	13,400	0,553	4,12
17.178	Agrindus Cely	PCOD	3-9	1.0	3	19,300	0,907	4,70
17.365	Amazonas Mr. Egea	PCOD	3-0	9.0	308	14,150	0,581	4,10
17.366	Amazonas Mr. Encofida	PCOD	2-6	9.0	305	15,050	0,635	4,22
17.368	Amazonas Mr. Ecletica	PCOD	2-8	9.0	289	18,100	0,591	3,26
17.370	Amazonas Mr. Estampada	PCOC	2-7	9.0	286	17,600	0,729	4,14

SINDI

LEITE EM ZEBU

Registro genealógico

pela SRTM



Contrôle leiteiro pela

Associação Paulista de

Criadores de Bovinos



SITARI — filha de Símbolo e Braúna. Iniciou lactação aos 2 anos e 8 meses, sendo fiel seguidora de sua mãe Braúna.

FAZENDA FORTALEZA

JOÃO CARLOS

PEDREIRA DE FREITAS

ARCEBURGO — M.G

A ASSOCIAÇÃO DOS CRIADORES DE NELORE DO BRASIL

A Associação dos criadores de Nelore do Brasil transcreve abaixo a decisão do Departamento da Produção Animal, com relação à mudança da data da Exposição que se realizaria em abril próximo.

Seu teor é o seguinte: "São Paulo, 20 de fevereiro de 1967. Prezado Senhor. A Secção de Exposição do Departamento da Produção Animal, da Secretaria da Agricultura, leva ao conhecimento de V.S. que, em virtude de caso de "Febre Aftosa" surgida no Parque Fernando Costa, Água Branca, nesta Capital, e devido a este Próprio do Estado, estar interdito até segunda ordem, a X Exposição-Feira de Gado de Corte, Cavalos de Trabalho, Esporte, Fins Militares, Suínos e Coelhoos, marcada anteriormente para o período de 5 a 15 de abril do corrente ano, foi em Reunião realizada conjuntamente com as Associações de criadores, transferida para o período de 9 a 19 de novembro de 1967. Sem mais para o momento, oportunamente voltaremos a presença de V.S., na certeza de sempre contar-mos com a vossa habitual colaboração. Pedro Luiz Grasso — Zootecnista da Secção de Exposição."

Esta Entidade comunica que foi vencida no seu voto para a mudança desta Exposição. Saudações Neloristas. Rubens Franco de Mello, presidente.

N.R. — O que é de lamentar em tudo isso é que parece que o atual diretor do D.P.A. ignore que atualmente existem a vacina contra aftosa e também meios para desinfetar recintos contra tais febres, pestes ou outras coisas muito piores.

Essa decisão nos dá o direito de prevenir os criadores de gado leiteiro, pois a exposição deles também poderá ser adiada por ... um surto de febre aftosa no Parque Fernando Costa...

Que se precavenham, pois a alegação oficial não convence.

Nº SUL		Gravidade do Contorno do Sangue	Idade em meses	Controle de Lactação	Leite Gordura	%
17.371	Amazonas Mr. Elvira	10.00	3.0	240	16.700	0.619 3.70
17.372	Amazonas Mr. Estorina	10.00	3.0	250	15.500	0.492 3.64
17.626	Amazonas Mr. Espinosa	10.00	2.0	230	15.000	0.450 3.46
17.628	Amazonas Mr. Eloy	10.00	2.0	230	16.500	0.514 3.11
17.629	Amazonas Mr. Esquivel	10.00	2.0	210	15.000	0.718 3.64
17.639	Amazonas Mr. Esmorva	10.00	2.0	220	14.700	0.510 3.10
18.161	Agrindus Taboada	10.00	2.0	260	19.300	0.819 4.24
18.162	Amazonas Mr. Espinosa	10.00	2.0	180	17.200	0.602 3.50
18.163	Amazonas Mr. Eloy	10.00	2.0	182	15.700	0.622 3.96
18.164	Amazonas Mr. Esquivel	10.00	2.0	172	16.400	0.495 3.01
18.162	Amazonas Mr. Eloy	10.00	2.0	110	17.700	0.500 3.16
18.443	Amazonas Mr. Enechinda	10.00	3.0	134	13.650	0.512 3.75
18.444	Amazonas Mr. Enechinda	10.00	3.0	130	15.300	0.591 3.66
18.445	Amazonas Mr. Elegante	10.00	2.11	116	13.400	0.508 3.79
18.446	Amazonas Mr. Enechinda	10.00	2.0	136	18.700	0.781 4.17
18.447	Agrindus Sentimental	10.00	2.0	117	14.300	0.629 4.10
18.448	Amazonas Mr. Estorina	10.00	2.11	148	20.800	0.762 3.66
18.449	Amazonas Mr. Esquivel	10.00	2.11	118	20.300	0.683 3.34
18.450	Amazonas Mr. Esquivel	10.00	2.11	167	13.100	0.507 3.87
18.451	Amazonas Mr. Esquivel	10.00	2.0	151	15.000	0.645 4.36
18.452	Amazonas Mr. Esquivel	10.00	2.11	138	18.700	0.824 3.33
18.453	Amazonas Mr. Esquivel	10.00	2.11	135	15.300	0.575 3.79
18.454	Amazonas Mr. Eloy	10.00	2.0	130	23.100	0.641 2.77
18.455	Amaz. Mr. Extracurricular	10.00	2.11	129	13.900	0.552 3.97
18.456	Amazonas Mr. Esquivel	10.00	2.11	127	20.000	0.847 4.23
18.707	Amazonas Mr. Estorina	10.00	2.10	120	16.400	0.641 3.90
18.710	Agrindus Urupá	10.00	3.0	121	14.000	0.563 4.02
18.713	Amazonas Mr. Esperto	10.00	3.4	106	17.500	0.577 3.29
18.714	Amazonas Mr. Espinosa	10.00	2.11	96	16.100	0.552 3.43
18.715	Amazonas Mr. Esquivel	10.00	2.10	96	21.600	0.708 3.69
18.716	Amaz. B. 2477 C.J. Empre.	10.00	2.4	91	15.700	0.437 2.78
18.717	Amazonas Mr. Dalia	10.00	3.11	115	18.900	0.728 3.85
18.933	Agrindus Urupá	7/8	3.0	79	14.500	0.568 3.85
18.934	Amazonas Mr. Estudante	10.00	3.1	78	17.700	0.665 3.87
18.935	Amazonas Mr. Estorina	10.00	3.1	80	21.050	0.746 3.54
18.937	Amaz. B. 2479 C.J. Empre.	10.00	2.4	88	16.400	0.645 3.93
18.938	Amaz. B.A. Jupiter Expr.	10.00	2.5	91	15.700	0.545 3.47
18.939	Amazonas Mr. Estorina	10.00	3.2	75	19.300	0.733 3.80
18.940	Amazonas Mr. Esquivel	10.00	3.1	64	18.900	0.709 3.75
18.941	Amaz. B. 2465 C.J. Empre.	10.00	2.4	67	19.100	0.679 3.55
19.230	Agrindus Violinista	7/8	2.10	51	19.600	0.725 3.70
19.231	Agrindus Estrada	7/8	2.0	51	19.200	0.685 3.56
19.232	C.A.B. Secre. Medalist	10.00	3.0	37	21.800	0.675 3.10
19.491	Amazonas Mr. Europa	10.00	3.3	19	20.700	0.682 3.29
19.492	Amazonas Mr. Espinosa	10.00	3.4	19	21.400	0.672 3.14
19.493	Amazonas Mr. Esquivel	10.00	3.2	17	18.500	0.541 2.92

João Figueiredo Paula, Varginha, Est. de Minas Gerais.
Controle em 11-1-67. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

15.789	Abelha	PCOD	10-1	6.9	178	15.040	0.529 3.52
15.790	Calatira	PCOD	7-0	3.0	71	22.970	0.663 2.88
15.793	Doli	PCOD	5-5	5.9	133	15.010	0.551 3.67
15.794	Intimidade	PCOD	10-0	6.9	169	15.220	0.569 3.74
15.796	Carolina	PCOD	6-0	4.9	108	17.730	0.578 3.29
15.798	Cleopatra	PCOD	6-0	4.9	107	15.600	0.504 3.23
16.064	Acacia	NR	8-0	3.9	62	19.430	0.503 2.59
16.065	Acrilana	PCOD	7-0	3.9	72	18.150	0.630 3.47
16.068	Pernambucana	NR	7-0	3.9	66	23.780	0.795 3.34
16.070	Paulistana	NR	—	3.9	61	21.150	0.664 3.34
16.071	California	PCOD	7-0	3.9	59	23.260	0.664 2.85
16.380	Rocha	PCOD	6-0	1.9	21	19.610	0.721 3.67
17.341	Farra	PCOD	3-3	10.9	206	17.770	0.520 2.92
17.354	Fuzarca	NR	—	3.9	71	15.530	0.559 3.60
17.673	Espora	PCOC	4-3	8.9	233	14.410	0.502 3.48
17.875	România	PCOD	5-0	7.9	193	14.220	0.495 3.48
18.480	Fronteira	PCOD	2-10	5.9	143	14.900	0.608 4.08
18.487	Balalaica	PCOD	7-0	5.9	154	15.050	0.621 4.13
18.489	Fidalga SS	PCOD	2-10	5.9	107	15.700	0.512 3.26
18.762	Finlândia	PCOC	3-2	4.9	108	13.200	0.449 3.40
18.763	Chinesa	PCOC	2-0	4.9	125	15.410	0.564 3.65
18.764	Estimada	PCOC	4-1	4.9	104	16.040	0.503 3.19
18.986	Claga	PCOC	2-6	3.9	82	14.140	0.483 3.41
18.987	Nhandú Berta	PCOC	2-6	3.9	82	14.140	0.559 3.60
18.988	Capeta	NR	4-0	3.9	93	14.410	0.543 3.77
18.989	Falua	PCOC	3-1	9.9	150	13.650	0.497 3.61
19.259	Egrima	PCOC	3-6	3.9	71	18.670	0.671 3.59
19.360	Creolinha	NR	3-4	2.9	35	18.500	0.695 3.76
19.489	Fabulosa	PCOC	5-0	2.9	86	16.030	0.591 3.68
19.490	Alegria	PCOC	3-3	1.9	21	19.600	0.800 4.08
		PCOC	5-0	1.9	22	19.740	0.642 3.25

D. Pires Agro-Pecuária S.A. São Carlos, Est. de São Paulo.
Controle em 14-1-67. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

8.984	Sta. Carolina Clea Hoarne	PO	9-4	7.9	208	13.800	0.568 4.11
10.393	Copacabana Linda Flor	PCOC	7-4	4.9	155	16.100	0.501 3.11
12.497	Copacabana Não Me Toques	PCOC	5-8	3.9	76	17.300	0.637 3.68
12.570	Copacabana Melodiosa	PCOC	6-8	2.9	52	21.400	0.628 2.93
12.568	Copacabana Magia Hoarne	PCOC	5-8	2.9	48	16.500	0.575 3.48
12.724	Copacabana Janita	PCOC	8-0	9.9	259	13.000	0.476 3.66
13.903	Copacabana Jacurimica	PCOD	8-0	3.9	72	21.700	0.671 3.19
14.677	Copacabana Montaria	PCOC	5-10	7.9	201	15.600	0.635 4.07
15.146	Copacabana Nossa Amizade	PCOC	5-6	2.9	51	21.600	0.683 3.16
15.674	Copacabana Paralela	PCOC	3-4	5.9	150	13.900	0.414 2.98

Nº SCL		Gran Idade do anos sangue meses	Controle de Lactação	Dias de Lactação	Leite Gordura	%
Fazenda Sant'Ana do Ibo Atanase, São João do Campos, Est. de São Paulo. Controle em 17-1-67. Regime de pastagem com ração suplementar, 2 ordenhas.						
8.815	Nababa São Martinho	10:00	8-10	10	16	15,380 0,583 3,79
8.941	Doca	11:00	11-0	10	20	16,660 0,569 3,42
10.048	Uberlândia de Paraíba	10:00	8-0	10	16	15,380 0,559 3,57
13.064	Divisa de Paraíba	10:00	7-0	10	12	13,730 0,490 3,63
14.690	Nogales Model Tanga Val	10:00	5-1	30	77	14,300 0,464 3,24
14.642	Algebra de Paraíba	10:00	4-0	10	124	13,010 0,519 3,59
15.448	Esperança de Paraíba	10:00	4-7	10	16	14,790 0,563 3,81
15.458	Imprensa	10:00	5-7	10	26	17,010 0,583 3,43
15.613	Nogales S.A. Alcobessa	10:00	5-8	10	4	15,330 0,564 3,69
15.614	Bustamante Martinga	10:00	3-0	10	3	14,980 0,567 3,79
17.856	Angelina de Paraíba	10:00	3-0	70	190	13,250 0,491 3,70
16.118	Balanca	10:00	8-5	10	16	15,240 0,554 3,64
18.639	Angelica de Paraíba	10:00	6-4	10	112	13,060 0,517 3,53
19.199	Canela	10:00	7-1	20	48	14,200 0,459 3,17
19.480	Cantina de Paraíba	10:00	6-3	10	30	17,190 0,625 3,63
19.481	Biga S.A.	10:00	4-5	10	31	14,630 0,548 3,74
19.482	Neve de Paraíba	10:00	4-5	10	13	13,610 0,475 3,49
19.484	Cocada	10:00	10-5	10	13	15,000 0,531 3,54
19.486	Galvota de Paraíba	10:00	3-1	10	2	13,120 0,538 4,10

Ministério da Agricultura, Fazenda Experimental de Criação de Juparanã, Marquês de Valença, Est. do Rio de Janeiro.
Controle em 11-1-67. Regime de semi-estabulação, 2 ordenhas.

7.803	F.S.M. Fascinação	10:00	10-1	50	164	15,000 0,522 3,48
8.326	F.S.M. Fabulosa	10:00	11-2	30	64	17,200 0,591 3,43
8.844	F.S.M. Famosa	10:00	11-10	20	49	15,300 0,524 3,42
15.024	F.S.M. Montica	10:00	2-0	53	53	15,700 0,497 3,17

Cooperativa Agro-Pecuária, Hecantina Mogi Mirim, Est. de São Paulo.
Controle em 26-1-67. Regime de pastagem com ração suplementar, 2 ordenhas.

8.573	Holambra Bloem VLN	10:00	3-2	80	218	13,040 0,475 3,65
18.757	Holambra Tietje NV111	10:00	2-3	40	114	14,400 0,510 3,54

Informamos nossos leitores, que há questão de uns dois meses recebemos um carta e depois a visita do médico veterinário argentino Alejandro Gregores. Esteve radicado muitos anos em São Paulo, dirigindo a Estância Argentina, em Anhumas, SP, onde imunizava gado importado da Argentina. Depois, voltou à pátria, onde continua exercendo sua profissão.

Por intermédio desse ilustre veterinário, recebemos um bem feito catálogo dos reprodutores a vender-se em 4 de abril, na Cabana Martindade, nas proximidades de Buenos Aires. Deverão ir para remate 50 touros de pedigree. O plantel tem 50 vacas inscritas na Categoria de Longevidade com produções de 70.939 a 33.203 quilos de leite. Mensalmente, controla a média de 350 vacas.



HELVETIA FRED PABST HBB/B — Produziu 3x 365d 7.031 kg. Primeira filha controlada de nosso reprodutor P.M.C. Fred Pabst.

CRISTALINA HBB/B — Iniciou controle com 34 kg. Primeira filha controlada de nosso reprodutor S.M. Burke Varsup Marksdekol I.

ESTAMOS APLICANDO SEMEN ATUALMENTE EM USO NO CANADÁ

GRANJA VIANNA

HOLANDÊS REGISTRADO

VENDA DE MACHOS E FÊMEAS P.O.



VIA RAPOSO TAVARES KM 24 SP
ESCR.: R. FLOR. DE ABREU, 270
FONES 32-7101 - 32-7102 - 32-7103
- 35-9082 - C. POSTAL, 3520 - S.P.

Fundação de Cooperativas no Estado

A Secretaria da Agricultura, por intermédio do Departamento de Assistência ao Cooperativismo, continua desenvolvendo ampla atividade no sentido de divulgar a doutrina cooperativista e incentivar sua aplicação nos meios rurais.

Graças a esse trabalho, três novas unidades foram formadas no Interior de São Paulo: Cooperativa Agroavícola de Laranjeiras, Cooperativa Agropecuária de Rancharia e Cooperativa do Plantadores de Cana da Região de Ourinhos.

CERTAME AGRÍCOLA EM OURINHOS

De 15 a 21 de maio será realizada a Primeira Feira Agropecuária de Ourinhos, centro da rica região da Média Sorocabana, que mantém intenso intercâmbio com municípios do Norte do Paraná.

Nº SCL		Grau Idade do sangue meses	Idade anos	Dias Contrôle de Lactação	Leite	Gordura	%
18.758	Holambra Betsy XXXV	PO	2-3	4.º	150	15.700	0,533 3,39
18.760	Holambra Wiepke	PO	2-1	4.º	144	13.330	0,459 3,14
19.051	Holambra Reintje LX	PO	2-1	4.º	149	20.510	0,677 3,39
15.227	Holambra Caba II	PO	2-2	2.º	61	14.914	0,410 2,99
19.509	Holambra Holander CX	PO	3-7	1.º	30	20.755	0,642 3,63

Cia. Administradora Técnica e Agrícola "Atagris", Pindamonhangaba, Est. S. Paulo.
Contrôle em 17-1-1967. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

11.741	Estupenda de Sta. Helena	PCOD	9-7	5.º	130	13.030	0,485 3,72
15.030	Pena	PCOD	6-2	7.º	189	13.450	0,568 4,22
15.182	Janga	PCOD	6-2	7.º	196	13.800	0,565 4,19
15.186	Indiana	PCOD	6-2	7.º	186	14.100	0,446 3,10
15.187	Carlota	PCOD	6-4	5.º	138	13.100	0,471 3,02
15.190	Balada	PCOD	6-4	7.º	186	13.100	0,482 3,07
15.191	Cimba	PCOD	5-6	7.º	200	13.700	0,495 3,61
15.325	Seleta de Sta. Helena	PCOD	6-2	8.º	143	14.250	0,513 3,50
15.327	Formosa	PCOD	9-8	4.º	133	13.700	0,467 3,49
15.330	Londrina	PCOD	6-6	7.º	190	13.850	0,564 4,07
15.658	Beta de Sta. Helena	PCOD	5-6	5.º	200	15.900	0,588 3,79
15.659	Barata	PCOD	6-4	5.º	133	16.150	0,441 2,73
15.660	Broca	PCOD	6-5	2.º	61	20.730	0,608 2,93
15.661	Colombina	PCOD	6-6	2.º	57	17.600	0,627 3,56
15.666	India	PCOD	—	2.º	—	21.000	0,659 3,11
17.840	Borba	PCOD	6-2	8.º	214	14.350	0,507 3,53

Artur Carlos Ayres D'anda, Amparo, Est. de São Paulo.
Contrôle em 29-1-1967. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

15.090	Fio de O. Ormsby Canaã	PCOC	5-7	6.º	158	13.300	0,389 3,00
15.274	Nobreza	PCOD	10-2	5.º	130	14.740	0,482 3,27
15.551	Ordalha do Rancho Iza	PCOD	5-5	3.º	86	17.030	0,677 3,38
18.488	Garbosa	PCOD	4-9	5.º	146	15.640	0,581 3,71
18.645	Colombina	PCOD	2-7	4.º	127	13.290	0,459 3,30
18.951	Cabra	PCOC	5-2	3.º	64	14.210	0,557 3,92
18.952	Finalista	PCOD	8-10	3.º	60	19.700	0,751 3,81
19.288	S.R. Finalista II	PCOD	4-4	2.º	54	15.070	0,507 3,36

Amácio Mazzaropi, Trubate, Est. de São Paulo.
Contrôle em 24-1-1967. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

11.903	Alcachofra EEPA 930	PO	12-9	5.º	157	14.450	0,484 3,35
16.910	Cast. Lucas Maaike 6	PO	3-1	2.º	55	13.400	0,462 3,44
16.911	Auca Fragata	PCOD	4-10	1.º	11	16.650	0,511 3,25
16.912	Galocha	PCOD	—	1.º	—	15.850	0,651 4,10
19.291	Boa Sorte Pabst Teresa	PCOC	2-6	2.º	45	13.200	0,431 3,26
19.517	Videssa 521 Rocket Otobabee	PO	3-5	1.º	29	21.650	0,769 3,55
19.518	Auca Fauna	PCOD	4-10	1.º	20	16.450	0,539 3,28

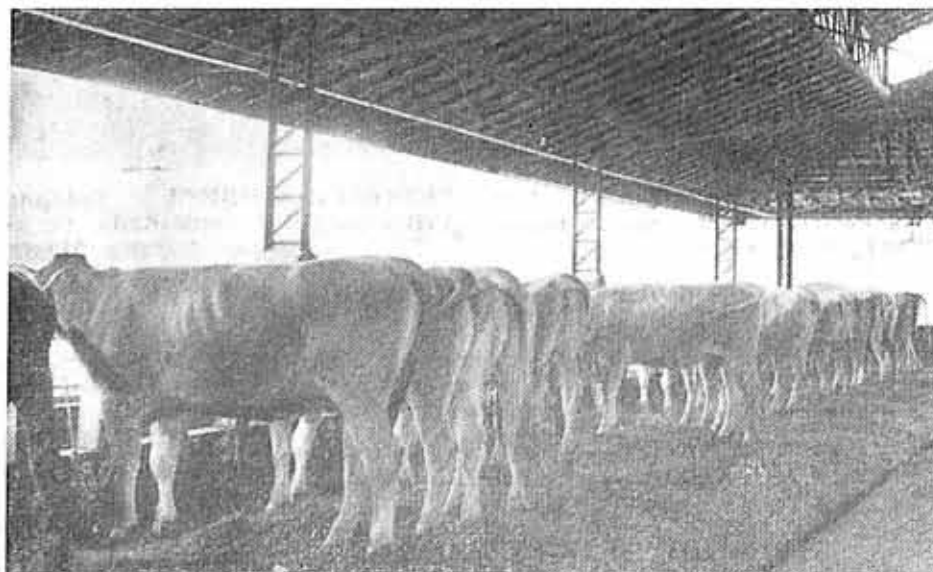
FAZENDA SANTA MADALENA

Jacarêzinho-Paraná

Luiz Antonio de Souza Barros

Seleção de Schwyz

Schwyz
da Santa
Madalena



Grupo de novilhas submetidas a premunicação no "Parque Fernando Costa", em São Paulo. Atentem-se para o desenvolvimento físico e saúde.

rusticidade,
vigor e alta
produção
leiteira

IPÊ: ESPERANÇA CONTRA O CÂNCER

WALTER RADAMES ACCORSI

Há cerca de quatro anos, aproximadamente, divulgou-se a notícia de que a casca do pau-d'arco da Bahia ou de Pernambuco, tomada na forma de chá, estava produzindo excelentes resultados no tratamento do câncer. Os enfermos que passaram a beber o chá experimentavam sensíveis melhoras e, com isso, o seu uso se espalhou celeremente e a magnífica planta ornamental transformou-se em grande esperança para os portadores do maior flagelo do século.

Foi nessa ocasião que me consultaram sobre a famosa planta e me perguntaram se ela existia no parque da Escola Superior "Luiz de Queiroz", afirmando o interlocutor que um seu familiar, já desenganado pela medicina, estava obtendo surpreendentes resultados com o chá (decocto) preparado com a casca de pau-d'arco vindo da Bahia.

Certificando-me de que falava do ipê, pois pau-d'arco é o nome que a planta recebe na Bahia e em outros Estados (piuva ou ipê-va em Mato Grosso), procurei averiguar, com a cautela que tal assunto exigia, se os nossos ipês roxo e amarelo, tão comuns nas praças públicas, possuíam as propriedades medicinais dos congêneres do Nordeste do País. Teríamos, assim, por aqui a prodigiosa casca.

Segundo o botânico F.C. Hoehne, de saudosa memória, o nome pau-d'arco, atribuído de um modo geral aos ipês, teria vindo do fato de que "muitos deles eram empregados pelos aborígenes na manufatura dos seus arcos".

Os ipês ou paus-d'arco pertencem à família Bignoniácea, a qual reúne numerosas espécies ornamentais, medicinais e algumas tóxicas. Sobre as propriedades medicinais das plantas de tão importante família, afirma ainda o famoso botânico: "Os aborígenes já as tinham em alta conta e ensinaram as suas virtudes aos advinhos; mas nem sempre estes souberam dar o valor devido a tão grande gentileza".

E, mais adiante, em sua valiosa obra "Plantas e substâncias vegetais tóxicas e medicinais", escreve: "O extrato da entrecasca dos ipês em geral é poderoso depurativo e excelente estomáquico, porque encerra substâncias ativas

Nº 514

Gravidade do Anos Controle de Sangue meses

Dias de Lactação

Leite Gordura

%

Carlos Eduardo Baptista, Mococa, Est. de São Paulo.
Controle em 1-1-1967. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

10.421	V.B. Elva Senador	PCOD	5.0	2.0	61	13.800	0.434	3.11
13.248	Amazonas Mr. Bato	PCOD	5.11	3.0	128	15.400	0.554	3.30
13.661	Alegria Tereza	PCOD	5.0	1.0	12	18.250	0.453	2.48
13.974	EEPA Grosseta 12.00	PO	7.10	1.0	5	13.020	0.395	3.03
13.975	EEPA Grosseta 1289	PO	7.5	3.0	73	13.950	0.438	3.14
15.397	Sylvia 3473 Curitiba	PCOD	4.60	1.0	12	15.700	0.380	2.77
15.550	Sylvia 2236	PCOD	9.0	1.0	37	13.050	0.419	3.21
15.977	Sylvia 2329 Alameda	PCOD	9.1	5.0	138	13.250	0.565	4.26

Oleto Marques do Paulo, Vargem Grande do Sul, Est. de São Paulo.
Controle em 21-1-67. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

10.677	Regen Medalist CAB	PCOD	7.3	4.0	164	13.570	0.483	3.55
13.168	Fauna Medalist CAB	PCOD	4.1	5.0	177	13.150	0.509	3.87
19.239	P. Laureada Keljo	PCOD	2.8	2.0	35	15.060	0.487	3.23
19.240	P. Lebre Gelsko Galante	PO	2.11	2	35	13.990	0.625	3.29

Olimpio Garcia Dias, Mococa, Est. de São Paulo.
Controle em 15-1-1967. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

15.815	Rabaja do Cérvio	PCOD	7.2	2.0	43	25.500	1.221	4.79
15.816	Amaz. Marmat Davedora	PCOD	2.6	1.0	5	19.650	0.545	2.77
15.817	Suzana do Cérvio	PCOD	7.1	3.0	72	21.450	0.568	2.65
15.818	Amaz. Marmat Daudan	PCOD	4.1	3.0	54	28.850	0.887	3.07
15.819	Amizade do Cérvio	PCOD	4.7	1.0	14	34.400	1.118	9.25
16.032	Barraca do Cérvio	PCOD	4.8	1.0	14	26.500	0.974	3.67
16.550	Calçara do Cérvio	PCOD	7.1	4.0	87	21.100	0.876	3.20
17.293	Cabreuva do Cérvio	PCOD	1.11	9.0	246	16.950	0.692	4.08
17.965	Alice do Cérvio	PCOD	4.2	7.0	152	23.100	0.678	2.98
18.459	Flora do Cérvio	PCOD	4.2	7.0	149	17.800	0.621	3.49
19.525	Flôr do Cérvio	PCOD	2.6	1.0	23	21.100	0.799	3.79
19.526	Serralha do Cérvio	PCOD	2.3	1.0	22	20.150	0.725	3.60

Milton Soares Minho, Votuporanga, Est. de São Paulo.
Controle em 4-1-1967. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

10.042	P.A. R. Apple Mar. Cesaria	PCOD	6.8	3.0	137	16.350	0.486	3.03
15.045	Abacatina	PCOD	8.1	3.0	94	16.520	0.589	3.56
19.049	Suzana	7.8	6.5	3.0	63	15.080	0.260	1.92

Nicolau Archibla Galan, Sorocaba, Est. de São Paulo.
Controle em 25-1-1967. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

18.458	Auca Pola	PO	4.0	5.0	147	14.200	0.373	4.74
19.029	Orlon's Pietje ISI	PO	4.0	3.0	105	14.630	0.586	4.00

Laura Miguel Saket, Sorocaba, Est. de São Paulo.
Controle em 30-1-1967. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

14.949	Fabulosa	PCOD	4.6	4.0	162	14.450	0.520	3.60
16.303	Fúfina	PCOD	2.0	2.0	—	14.100	0.576	3.58

Dr. Ruy Vieira Barreto, Mococa, Est. de São Paulo.
Controle em 9-1-67. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

6.996	Holambra Grel N	PO	10.6	3.0	64	17.650	0.583	3.30
11.019	Alvorada	PCOD	6.2	6.0	162	19.900	0.846	4.65
11.830	Mococa Bright	PO	5.6	6.0	170	20.450	0.750	3.67
12.263	Amazonas Mr. Bailarina	PCOD	5.8	5.0	139	15.050	0.500	3.32
12.353	Amazonas Mr. Atriz	PCOD	5.8	6.0	162	21.700	0.875	4.03
12.468	Amazonas Mr. Artemis	PCOD	5.6	7.0	200	19.050	0.654	3.58
12.847	Amazonas Mr. Amorosa	PCOD	5.11	3.0	69	21.850	0.715	3.27
14.615	Mococa Cardinali	PCOD	4.0	5.0	128	15.150	0.532	3.51
15.831	Amaz. Bajauca 2383 G. Proj	PCOD	3.7	2.0	55	15.850	0.523	3.30
17.148	Amaz. Bajauca 2395 Chilena	PCOD	2.9	10.0	281	14.750	0.556	3.76
19.554	Europa do Monte D'Este	PCOD	2.8	1.0	19	14.950	0.591	3.95
19.555	Mococa Dufila	PCOD	3.3	1.0	9	14.750	0.489	3.31

Reynold Foresti, Varginha, Est. de Minas Gerais.
Controle em 4-1-1967. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

16.038	Cuica	7.8	7.2	1.0	2	13.300	0.505	3.79
17.821	Luna	NR	3.0	6.0	207	13.170	0.424	3.22
17.824	Pia de Ouro	NR	6.0	7.0	183	13.830	0.435	3.14
18.482	Cachoeira	31/32	7.0	5.0	127	13.450	0.462	3.41
18.895	Reforma	31/32	6.0	3.0	68	17.240	0.580	3.36
18.896	São Gabriel Corina	125/126	7.5	3.0	71	13.200	0.422	3.20
19.338	Singapura	31/32	10.0	2.0	52	14.810	0.474	3.20
19.339	São Gabriel Carabina	125/128	—	2.0	27	17.270	0.624	3.61
19.550	Galvota	NR	5.0	1.0	8	21.810	0.583	2.67
19.551	Gurita	31/32	6.0	1.0	2	15.330	0.497	3.24

ractericidas. Injetado nos olhos atacados de blenorria, tem sido de eficiência maravilhosa. Os aborígenes valiam-se daquelas do "ipê-preto", como do "ipê-amarelo", e sabiam quais as melhores épocas do ano para colhê-las".

A monumental "Flora" de Martius (1840-1906), o Dicionário de Plantas Medicináveis Brasileiras (1862), de Nicolau Joaquim Moreira, o Dicionário de Botânica Brasileira (1873), de Joaquim de Almeida Pinto, além de outros, afirmam que o pau-d'arco é indicado para combater a lues — (sífilis), febres, úlceras da garganta, reumatismo, moléstias venéreas, eczemas, sarnas, herpes, etc.

As espécies e variedades de pau-d'arco (ipês-roxos) são muitas, porém, dentre as mais cultivadas devido ao seu alto valor ornamental, destacam-se, conforme trabalho do agrônomo Hermes Moreira de Souza, do Instituto Agronômico de Campinas, as seguintes: *Tabebuia avellanadae*, *Tabebuia avellanadae* var. *paulensis*, *Tabebuia impetiginosa*, *Tabebuia heptaphylla*, *Tabebuia pentaphylla* (a árvore nacional de Salvador, na América Central, aqui introduzida por famoso viveirista). A respeito das espécies de ipês-amarelos, com propriedades medicinais semelhantes, falaremos oportunamente. O rôxo, contudo, tem-se revelado o mais eficiente.

Dizer qual dos ipês-roxos é o melhor não é fácil, porque, além da espécie, a região tem influência na produção dos princípios ativos de uma planta. É sabido que as características e as propriedades dos vegetais dependem da herança e do ambiente (solo e clima). Este fato explica a razão por que as cascas extraídas da mesma espécie botânica, porém de procedência diversa, possuem ligeiras diferenças de ação terapêutica. Pudemos comprovar que todos os ipês, rôxos e amarelos, possuem qualitativamente os mesmos efeitos medicinais.

A parte da planta usada para fins medicinais é a casca, ou melhor, a entrecasca do tronco e dos ramos mais grossos. Estes podem ser cortados e descascados. A casca do tronco deve ser tirada em sentido vertical e nunca em sentido circular ou anelar, para não interromper a circulação da seiva orgânica, com a morte da planta. Os práticos sabem como tirar a casca sem prejudicar a planta.

Com a casca pode-se preparar o chá (decoto), a tintura, o extrato e a pomada. Tanto faz usar a casca fresca, isto é, recém-colhida, como seca ou reduzida a pó. O efeito terapêutico é o mesmo. Entretanto, para maior aproveitamento dos princípios ativos,

Nº SUL	Grão Idade do anos	Controle de sangue meses	Dias de lactação	Leite Gordura	%
Fazenda São Carlos, Centro de Minas, Est. de São Paulo. Controle em 8-1-1967. Regime de pasto com ração suplementar, 3 ordenhas.					
15.525	Nhandu Dalida	PO	3-8	1	18.990 0,714 3,76
15.803	Simpão de São João	PO	3-1	2	71 17.210 0,629 3,58
15.804	Nhandu Biela	PO	1-11	3	91 16.410 0,525 3,20
16.405	Odessa de São João	PO	3-12	2	55 20.630 0,792 3,84
19.517	RETA Jacuba	PO	1-1	23	20.890 0,639 3,06

Dr. Genu Malzer, Jundiaí, Est. de São Paulo. Controle em 16-1-1967. Regime de pasto com ração suplementar, 3 e 2 ordenhas.					
3 ordenhas					
7.737	Estrela	PO	1-10	1	38 32.560 0,969 2,97
13.638	Copacabana	PO	1-7	1	28 28.650 0,699 2,44
2 ordenhas					
9.680	G.M. Bacana	PO	1-2	12	288 15.900 0,607 3,81
12.561	Bacana	PO	1-10	13	334 13.350 0,496 3,71
15.624	Amazônia II R. dos Índios	PO	5-5	3	75 18.570 0,457 2,46
18.737	Costa Azul	NR	1-1	121	13.920 0,410 2,95

Dr. Luiz Horácio de Mello e T. Jordon, Sorocaba, Est. de São Paulo. Controle em 26-1-1967. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.					
12.128	Orion's 2732 S. Estada	PO	1-10	6	185 13.350 0,420 3,15
12.252	Auca Lady Carnation 2	PO	7-9	5	154 14.100 0,563 3,59
12.556	Orion's 2730 S. Estada	PO	5-10	5	224 13.100 0,436 3,55
12.837	Orion's 2672 S. Estada	PO	1-5	1	118 13.600 0,494 3,63
13.454	Orion's 2706 S. Estada	PO	1-10	1	21 20.950 0,607 2,90
13.461	Auca Spring	PO	8-10	1	122 15.570 0,415 2,68
13.371	Auca Violenta	PO	1-5	6	206 13.400 0,413 3,11
16.466	Pir. Helena Lady Sovereign	PO	3-10	1	9 17.400 0,603 3,46
17.639	Nogales Tidy Abbecker	PO	1-10	8	245 13.050 0,469 3,61
19.234	Nogales Sara Dela Re-Melo	PO	7-8	2	46 16.500 0,502 3,04
19.299	Nogales Lena	PO	7-2	2	54 17.550 0,551 3,14
19.300	M.S. Rag Apple Senator 47	PO	6-8	2	40 17.900 0,499 2,79

Lair Antônio de Souza, Araras, Est. de São Paulo. Controle em 11-1-1967. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.					
16.214	Querida	PO	7-3	3	83 17.100 0,743 4,34
18.991	Colmbra	PO	1-10	3	77 14.430 0,768 5,32
18.992	Noiva	PO	1-10	3	69 16.520 0,596 3,60
19.265	Mimosa Holambra	NR	1-1	2	51 14.440 0,502 3,37
19.266	Linda II	PO	3-1	2	57 18.490 0,560 3,63
19.267	Pintada	PO	3-10	2	42 13.420 0,501 3,73

Dohr Barbosa Nicolau, Arapoti, Est. do Paraná. Controle em 16-1-1967. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.					
16.369	Cast. Leffers Klaske 22	PO	3-6	2	40 22.250 0,752 3,38
17.711	São Nicolau Maravilha	PO	3-7	8	222 13.000 0,541 4,17
17.712	São Nicolau Martona	PO	3-6	8	222 14.860 0,583 3,92
18.919	São Nicolau Erena II	PO	2-6	7	222 14.020 0,615 4,39
18.587	São Nicolau Bonera 541	PO	3-7	5	157 18.750 0,706 3,76
18.829	Roland 1098 Leda Prins	PO	2-8	4	101 26.720 1,082 4,05
19.363	São Nicolau Mourinha	PO	2-11	2	39 17.970 0,775 4,31
19.594	Bonera Castilhana	PO	1-1	1	13.220 0,837 5,16

Rolf Weinberg, Pirassununga, Est. de São Paulo. Controle em 13-1-1967. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.					
18.461	Macleira	PO	4-9	5	130 16.760 0,609 3,63
18.727	Marambaia	NR	1-1	4	115 14.710 0,541 3,68
18.728	Medalha	PO	4-7	4	105 14.250 0,485 3,47
18.890	Mantiqueira	PO	3-1	3	13.280 0,512 3,85
18.891	Morena	PO	3-1	3	18.020 0,624 3,46
19.340	Manga	PO	1-1	2	16.180 0,554 3,42
19.537	Monarca	PO	4-9	1	4 17.500 0,727 4,15
19.538	Mangueira	PO	5-7	1	21 17.480 0,583 3,79
19.559	Maravilha	PO	3-11	1	7 15.290 0,447 2,92

RACA HOLANDESA — variedade vermelha e branca

Fazenda Santa Ana do Rio Abaixo, São José dos Campos, Est. de S. Paulo. Controle em 17-1-1967. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.					
10.953	Rio Verdinho Dea Aukeanu	PO	7-1	1	5 13.960 0,549 3,93
13.207	Amelha de Paraíba	PO	4-9	4	103 13.020 0,482 3,70

Dr. Luciano Vasconcellos de Curvalho, Vinhedo, Est. de São Paulo. Controle em 23-1-1967. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.					
8.425	Marambaia Glória Teana	PO	8-4	5	122 18.300 0,570 3,11
9.843	Marambaia Indalá Diamant.	PO	7-10	1	6 14.100 0,504 3,58
9.655	Mar. Iara Teo Diamantina	PO	8-9	2	29 16.700 0,751 4,50

[illegible]

Adrianus Sientges, Catedral, Est. do Paraná
 Controle em 20-12-66. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

5.943	Castro Aafje I	190		22	21,950	0,667	3,04
10.493	Castro Lena VII	190	74	4	24,000	0,694	2,85
12.032	Helambina Theodora XV	190	37	23	15,050	0,611	4,08
15.778	Castro Roosje	190	84	6	17,300	0,884	3,37
15.779	Castro Aafje 23	190		23	16,530	0,591	3,58
18.245	Castro Gaviota	190	24	7	15,450	0,511	3,40
18.843	Castro Linda III			52	15,200	0,497	3,26
19.078	Castro Cachuetra	190	34	42	19,450	0,895	4,55
19.173	Castro Rosa	21.362	349	23	18,600	0,600	3,33
19.411	Camarão Roosje	190		17	17,900	0,612	3,41
19.412	Castro Aafje 24	190		17	18,950	0,649	3,42

Dante Marchionne, CREA, Esp. de São Paulo.
Controlado em 24-1-907. Regime de pasto com ração suplementar, 3 ordenhas.

15.281	Cravelina	19300	3-11	4	88	15,260	0,590	3.56
16.488	Cristal Malaguetta	19300	3-6	1	4	19,420	0,570	2.94
18.721	Simplicia Fubos	19300	2-9	1	89	14,550	0,458	3.14
18.722	Beteza	19300	3-2	4	105	15,750	0,528	3.36
18.772	Pompeia	19300	4-3	2	29	21,820	0,639	3.02

99a. Administradora Comercial e Agrícola S/A, Edmunda, Pinhal, Est. de S. Paulo.
 Controle em 25-1967. Regime de fusão com ação suplementar. 2 ordenhas.

9.548	Alvorada	PCOD	7-6	2-	68	22,850	0,635	2,78
13.411	Mucuna Latia	PCOC	7-11	4-	120	17,280	0,532	3,08
13.656	Dina Truman das Americas	PCOC	3-7	2-	68	16,500	0,666	4,04
15.290	Sta. F. Emilia Sjouke	PCOC	3-4	1-	26	18,850	0,622	3,29
15.937	Sta. F. Eva Adema	PCOD	.	2-	.	16,910	0,501	2,96
16.379	Sta. F. Ema Sjouke	PCOC	.	1-	.	15,400	0,460	2,99

Carlos Whately, Bernardino de Campos, Est. de São Paulo.
Contrôle em 21-1-1967. Régime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

9,897	Sta. Cecilia Indiana	PCOC	7-10	3	67	13,369	0,823	2,422
10,323	Gloria	PCOC	8-11	3	62	14,490	0,418	2,882
10,805	Gaita	PCOC	9-5	4	162	14,550	0,861	3,855

Dr. Fernando José Santos, Sta. Cruz do Rio Pardo, Est. de S. Paulo,
Contrôle em 8-1-1967. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

11.838	Kacula	PCOD	10-6	5.2	132	15,470	0.761	4.92
12.300	Sta. Cruz Catita	PCOD	7-3	5.2	132	14,981	0.643	4.29
12.665	Sta. Cruz Amora	PCOD	...	5.2	--	13,560	0.473	3.48
15.649	F.S. Dinora	PO	4-3	3.2	70	19,150	0.555	2.90
16.095	Sta. Cruz Banderola	PCOD	4-2	2.2	70	14,790	0.534	3.41
18.079	Trinitie 24	PO	1-6	6.2	156	17,780	1.049	5.90

Dr. Flávio Castelo Branco Gutierrez, Morada Nova, Est. de Minas Gerais.
 Controle em 8-1-667. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

15.742	Muquem Dance	15.16	8-7	2.0	--	18,200	0.473	2.60
19.341	Chic Greths	7-8	5-7	2.0	71	17,400	0.757	4.35

Pedro Lunardelli, Bragança, Est. de São Paulo.
Controle em 17-1-967. Regime do pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

12.480	Batalha	POOC	5-11	3. ^a	65	15.250	0.514	3,37
12.731	Leandro Matilde	PO	6-2	1. ^a	7	22.360	0.990	4,42
12.819	Calçara	POOC	5-7	1. ^a	26	23.850	1.064	4,47

REVISTA DOS CRIADORES — Abril de 1967

é preferível transformá-la em pó. Para tanto basta secá-la ao sol, à sombra, em estufa ou forno, cortando-a, a seguir, em pedaços pequenos que são triturados em moimho de martelo, provido de peneira. O pó que se acumula no tubo condutor, durante a moagem, é, no final da operação, recolhido à parte. Com ele prepara-se a pomada ou então, misturado ao talco, em partes iguais, serve para assaduras de crianças ou escaras de enfermos, além de outras aplicações. É aconselhável esterilizar o pó quando se destinar ao último caso, para evitar possível contaminação.

O uso popular consagrou o seguinte modo de preparar o chá (decocto): colocar numa panela de ferro ou de pìrex 4 xícaras de água (das de chá) e 3 colheres (das de café) do pó. Ferve-se até reduzir o volume a 3 xícaras. Coase. Tomam-se as 3 xícaras, durante o dia, à vontade do paciente. Com o pó usado pode-se fazer, em seguida, novo chá que servirá para outra pessoa tomar. À falta de pó emprega-se um pedaço da casca (8 a 10 gramas) reduzida a fitas.

Obtém-se a tintura colocando num recipiente um litro de álcool a 70.º ou 80.º (o farmacêutico prepara o álcool nessa graduação), 200 gramas de fitas de entrecasca, conservando tudo na obscuridade e bem fechado, durante 10 dias. Agita-se o recipiente de quando em vez. Doses: tomar em um pouco de água e três vezes ao dia, de acôrdo com a idade. De 1 a 10 anos, 1 gota por ano de idade. De 11 a 15 anos, 2 gotas e de 16 anos em diante, 30 gotas. A dose pode ser aumentada ou diminuída de acôrdo com o estado do paciente.

EXERCÍCIOS PARA CAVALLS ESTABULADOS

Cêrca de 25 minutos diários de exercício necessita um cavalo preso em cocheira para manter-se em bom estado físico. Sem um vigoroso exercício diário o cavalo tende a engordar, enfraquecendo pernas e patas. Dizem ainda os especialistas que os animais sem exercício poderão sofrer dores, frustraçoões e neuroses.

AS VANTAGENS DOS SILOS METÁLICOS

CUNHA BAYMA

O êxito do armazenamento e da conservação dos cereais exige, como condição técnica fundamental que o silo seja absolutamente impermeável. Sem isso, o produto não se mantém isento da influência negativa dos fatores e agentes externos, que o estragam. Os silos metálicos são os que mais atendem a essa exigência técnica desde que de aço e prefabricados sob normas de precisão e de uniformidade.

Os silos de aço, mediante precauções usuais de conservação, são também duráveis, embora não comparáveis aos de concreto, mesmo que sejam bem pintados, a intervalos regulares de dois ou três anos. Essa conservação hoje é cara. A durabilidade depende sempre da espessura da chapa.

VANTAGENS DA ESTRUTURA METÁLICA

Os silos metálicos, de aço, são flexíveis, não estão sujeitos a fendilhamento e exercem carga muito mais leve sobre o solo. É esta uma de suas incontestáveis vantagens, quando o terreno oferece pouca firmeza nas fundações das grandes instalações. Uma vez feitas as bases que de concreto, são montados em prazo curto, com auxílio de ferramenta manual. E como são formados de chapas que se aparafusam, facilmente se desmontam e se transportam para outro lugar.

É esta outra vantagem, no caso de lesoramento da produção para zonas diferentes, ou quando alterações dos meios de transportes exijam essa medida. Apenas se perdem, então, as despesas de base e da montagem, que são de pouca monta.

Os silos metálicos, todavia, são mais afetados que os de concreto, pelas violentas variações de temperatura de nosso clima tropical ou subtropical, e, segundo outras opiniões, pelo elevado teor de umidade relativa do ar, que chega a 70% nas regiões triticeas, como se vê dos dados fornecidos pelo Serviço de Meteorologia.

"O aço é econômico e conveniente para um número reduzido de depósitos grandes, porém não o é para um grande número de depósitos pequenos".

Entre nós, há falta de maiores e mais fundamentadas observações a respeito, por que são pou-

Nº SCL		Gran. Idade do sangue	Idade anos meses	Dias Controle de Lactação	Leito Gordura	%		
13.001	Bela de Virginia	PCOC	6-1	8	201	13,830	0,475	3,43
13.089	Divina de Virginia	PCOC	4-8	5	138	13,930	0,479	3,43
13.090	Leme's Nebolina	PCOC	1-11	10	271	13,100	0,449	3,43
14.767	E.S. Catarina II	PO	3-3	8	219	13,500	0,469	3,48
15.266	E.S. Caricea	PO	3-6	6	159	15,040	0,599	3,51
15.266	E.S. Diana	PO	3-6	1	17	13,460	0,463	3,44
16.079	E.S. Brigitte	PCOD	4-1	3	72	17,380	0,674	3,88
19.251	E.S. Doninha	PO	2-1	2	56	13,300	0,522	3,92
19.528	Lol	PO	3-3	1	8	15,900	0,592	3,72
19.529	E.S. Dana	PCOC	2-4	1	1	14,930	0,481	3,23
19.530	E.S. Dançarina	PCOC	2-6	1	21	13,650	0,520	3,81

Donimor S.A. Administração de Bens. Itá. Est. de São Paulo.
Contrôle em 12-1-1967. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

11.429	Muquem Manga Verde II	PCOC	6-1	6	175	16,640	0,543	3,27
13.072	Muquem Elite	PCOC	7-1	3	85	19,920	0,723	3,63
13.074	Sta. Lucia Carina	PCOD	6-1	1	25	16,900	0,473	2,80
13.075	Sta. Lucia Jussara	PCOD	7-7	1	36	16,120	0,604	4,43
13.228	Muquem Rendeira	PCOC	9-1	4	118	17,040	0,593	3,48
13.297	Muquem Sensata	PCOC	7-1	6	159	18,520	0,718	3,88
13.446	Leme's Lavra	PCOC	7-1	5	139	17,820	0,633	3,55
13.933	Riqueza	PCOD	5-6	2	56	19,400	0,639	3,29
14.038	Sta. Lucia Dalila	PCOD	6-7	3	75	19,650	0,705	3,58
16.282	Argentina de Jurumirim	PCOC	3-3	3	90	13,150	0,505	3,84
16.481	Alvorada de Jurumirim	PCOC	3-3	2	41	17,650	0,675	3,82

Cia. Administradora Técnica e Agrícola "Atagrela". Pindamonhangaba. Est. S. Paulo.
Contrôle em 17-1-1967. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

15.324	Coba 34	PO	7-5	6	151	14,950	0,475	3,17
--------	---------	----	-----	---	-----	--------	-------	------

Cooperativa Agro-Pecuária Holambra. Mogi Mirim. Est. de São Paulo.
Contrôle em 26-1-1967. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

19.228	Holambra Elza XI.	PO		2	58	15,550	0,558	3,59
19.508	Holambra Rika	PO	2-1	1	18	13,900	0,452	3,25
19.510	Diabaze de Campo Verde	PCOC	4-3	1	6	21,090	0,643	3,05

Dr. José Pires Castanho Filho. Ituna. Est. de São Paulo.
Contrôle em 4-1-1967. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

11.689	Muquem Fronteira	PCOC	11-5	5	135	20,000	0,744	3,72
12.369	Muquem Alba	PCOC		3	—	19,280	0,500	2,59
11.417	Muquem Cravina	PCOC	8-7	7	185	17,570	0,680	3,75

Dr. José Procópio do Amaral. São João da Boa Vista. Est. de S. Paulo.
Contrôle em 27-1-1966. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

10.148	Favela de São Geraldo	PCOC	10-1	13	375	18,950	0,564	4,04
12.756	Amaral Jaquellina	PO	6-10	3	117	13,400	0,554	4,16
17.970	Libra de São Geraldo	PCOD	5-6	7	175	15,150	0,530	3,80
19.389	Amaral Nora	PO	4-9	2	45	14,200	0,532	3,74
19.360	Amaral Nação	PO	4-8	2	45	17,550	0,614	3,50

Dr. Pedro Conde. Itú. Est. de São Paulo.
Contrôle em 11-1-1967. Regime de pasto com ração suplementar, 3 e 2 ordenhas.

15.605	Dançarina	PCOD	9-0	2	51	26,500	0,796	3,00
16.076	Melgice	PCOD	5-2	1	12	19,290	0,613	3,18
19.229	Alvorada	PCOC	2-7	2	48	16,800	0,596	3,19
19.527	Aquarela	PCOC	2-6	1	16	19,090	0,595	3,12
10.796	Cascata	PCOD	6-6	7	221	15,770	0,664	4,21
11.573	Baka	PCOD	5-7	9	241	15,640	0,574	3,67
12.604	Bala das Américas	PCOC	6-4	3	126	18,910	0,672	3,53
14.952	Maravilha	PCOD	9-7	5	189	18,170	0,627	3,45
15.284	Dadiva	PCOD	7-0	4	117	23,050	1,012	4,39
17.631	Dalila II	PCOD	4-1	7	221	15,470	0,618	4,00
18.460	Alabama	PCOC	2-5	4	141	13,400	0,544	4,06
18.994	Aspas	PCOC	2-7	3	70	16,690	0,594	3,56

José Silvio Magalhães. Santa Cruz. Est. da Guanabara.
Contrôle em 5-1-1967. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

9.061	Leme's Filigrana	PO	2-1	2	25	20,000	0,808	4,01
10.744	Leme's Lela	PO	7-3	4	61	14,600	0,458	3,13
17.894	Pentação Guanabara	31/32	7-1	9	282	16,000	0,650	4,06
17.905	Leme's Petunia	31-32	3-4	8	211	14,700	0,597	4,06
17.909	Barrilha Mag's	31/32	4-0	7	198	13,700	0,572	4,17
17.910	Olaria Mag's	31/32	5-5	7	196	13,000	0,376	2,80
17.914	Reservada Mag's	31/32	5-5	7	171	13,500	0,530	3,93
18.202	Londrina Mag's	31/32	4-3	6	159	19,700	0,939	4,76
18.203	Lagolha Mag's	31/32	4-2	6	139	21,500	0,704	3,27
18.204	Valvula Guanabara	31/32	6-4	6	142	13,500	0,505	3,74
18.506	Leme's Novela	PO	4-10	5	124	15,200	0,522	3,49
19.310	Bolivia Mag's	31/32	2-1	2	34	15,700	0,488	3,08
19.546	Cecilia Mag's	31/32	2-11	1	9	13,900	0,404	2,91

Nº SCL		Grau Idade de anos sangue meses	Controle de Lactação	Dias de Lactação	Leite Gordura	%
Renato Faria Sodré, Campinas, Est. de São Paulo. Controle em 14-1-1967. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						
19.369	Catete Flamula	NE	2°	27	13.030	0.363 2.78
José Manoel Leme da Fonseca, Pinhal Est. de São Paulo. Controle em 17-1-1967. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						
14.911	Leme's Onda	PCOC	3°	11	13.310	0.533 4.00
19.544	Zuca's Batucada Sporda	PCOC	2-10	1°	22	14.500 0.576 3.97
Jayme da Silveira Leme, Pinhal Est. de São Paulo. Controle em 31-1-1967. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						
14.098	Leme's Odete	PO	3-11	2°	35	15.200 0.517 3.40
19.535	Leme's Praia	PO	3-1	1°	12	14.200 0.481 3.38
19.536	Leme's Pereira	PCOC	3-1	1°	8	13.150 0.489 3.72
Dr. José Bastos Thompson, Mirapina, Est. de São Paulo. Controle em 22-1-1967. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						
6.646	Mar. Cachopa Alexina	PCOC	13-1	1°	20	17.800 0.598 3.36
7.960	Varginha	PCOC	13-6	2°	55	25.500 0.717 3.40
13.068	Leme's Nina	PO	5-8	1°	13	14.900 0.469 3.15
15.682	Contendas Falsa	PCOC	4-6	1°	110	14.600 0.512 3.51
15.409	Contendas Gorgeta	PCOC	3-8	2°	41	17.750 0.532 3.00
16.645	Contendas Garça	PCOC	3-7	1°	13	15.650 0.596 3.81
19.533	Contendas Gilete	PCOC	3-1	1°	10	14.750 0.537 3.64
Dr. Joaquim Procópio de Araújo, São Carlos, Est. de São Paulo. Controle em 11-1-1967. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						
9.789	Mar. Ingrid A. Diamantina	PCOC	8-2	6°	156	13.100 0.578 4.41
14.734	Amaral Nena	PO	4-2	8°	218	13.000 0.463 3.56
15.681	Galavá Caelida Eden	PCOC	3-5	4°	55	13.600 0.483 3.55
Ministério da Agricultura, Fazenda de Criação de Pinheiral, Pinheiral, Est. do Rio de Janeiro. Controle em 18-1-1967. Regime de semi-estabulação, 2 ordenhas.						
10.368	Indole de Pinheiro	PO	7-0	9°	249	13.000 0.500 3.84
Dohr Barbosa Nicolau, Arapoti, Est. do Paraná. Controle em 16-1-1967. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						
10.210	Holambra Corrie XII	PO	7-3	3°	62	17.530 0.669 3.82
12.033	Holambra Elza XXX	PO	4-11	12°	329	14.040 0.684 4.87
13.403	Castro Aafje X	PO	8-4	7°	215	17.200 0.644 3.74
13.404	A. Curral Castro Mientje	PCOC	5-2	4°	106	16.100 0.731 4.45
15.489	Castro Aafje XX II	PO	3-9	5°	115	14.580 0.623 4.27
17.501	São Nicolau Corruira	PCOC	3-4	9°	249	14.100 0.571 4.05
18.020	S. Nicolau Corema Duca	PO	2-7	7°	222	14.250 0.481 3.38
18.586	São Nicolau Cabrenva	PCOC	4-8	5°	121	19.270 0.608 3.15
19.077	S. Nicolau Candonga Duca	PO	2-7	3°	62	22.180 0.813 3.66
19.967	Carolina Valente	15/16	2-1	2°	37	15.130 0.600 3.96
RACA DINAMARQUESA						
Héllo Moreira Salles, Casa Branca, Est. de São Paulo. Controle em 24-1-1967. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						
19.003	Pola	PO	2-5	3°	71	13.330 0.527 3.95
RACA JERSEY						
Fazenda Sant'Ana do Rio Abaixo, São José dos Campos, Est. de São Paulo. Controle em 25-1-1967. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						
5.896	S.A. Cecília Bolhayes	PO	11-10	1°	11	10.250 0.439 4.28
7.704	S.A. Nora 2.a Zanalua	PO	9-8	2°	38	12.500 0.644 5.15
8.715	Rendeira Comary	PO	9-7	2°	33	10.900 0.518 4.75
9.014	S.A. Xmas 2.a Zanalua	PO	8-6	2°	28	13.810 0.693 5.02
9.360	S.A. Nora 3.a K. Count	PO	7-10	1°	19	12.020 0.655 5.45
9.361	S.A. Grinalda 4.a Records	PO	7-11	3°	72	11.470 0.487 4.25
10.221	S.A. Indonésia K. Count	PO	7-0	5°	126	12.180 0.664 5.45
11.012	S.J. Alvorada Records	PO	6-7	4°	96	11.090 0.498 4.49
11.814	S.A. Herdade Zanalua	PO	6-6	4°	105	10.000 0.541 5.41
11.892	S.A. Atlântica K. Count	PO	6-6	5°	121	11.080 0.486 4.38
12.008	S.A. Novena Cortes	PO	5-10	3°	90	10.120 0.478 4.72
12.147	S.A. Galera Oceano	PO	6-1	2°	55	11.680 0.552 4.72
12.342	S.J. Coralina Oaklands	PO	---	2°	35	11.450 0.537 4.69
13.757	S.A. Balseira Zanalua	PO	4-1	1°	2	13.800 0.557 4.04
13.843	S.A. Nelde Centenário	PO	4-4	1°	18	11.970 0.507 4.24
13.845	S.A. Edda Sybil	PO	4-7	3°	85	12.820 0.588 4.58
15.242	S.A. Divana Barão	PO	3-11	4°	91	11.140 0.511 4.58
15.244	S.A. Ninon Oasis	PO	4-5	1°	15	13.810 0.582 4.21

cos e ainda muito novos os silos de aço montados ou funcionamento nas zonas crealíferas nacionais.

No Rio de Janeiro, o Moinho Inglês oferece o exemplo de seu silo metálico em funcionamento há muitos anos, à vista de toda gente que passa pela Avenida Rodrigues Alves. Este, porém, não é um bom termo de comparação, pelo fato de ter sido construído com chapas de espessura extremamente reforçada, impossível de ser adotada em nossos dias. Impossível pelo preço astronômico em que ficariam as células.

Mesmo com as chapas finas empregadas nas unidades que vêm sendo adquiridas recentemente, o preço do aço de hoje talvez tenha dado ao silo metálico forma antieconômica de armazenar cereais.

RAZÕES DOS SILOS METÁLICOS

A experiência brasileira em matéria de silos metálicos ainda não tem raízes quanto à técnica e quanto à face econômica do emprego do material dessa natureza e para esse fim, em nosso meio. Daí a transcrição de opiniões e conceitos de técnicos estrangeiros, de mérito universalmente reconhecido, como H. Ghele, de Brunswick.

Para Ghele, o princípio de conservar produtos alimentares por longo tempo em recipientes fechados, como as latas chamadas de conserva, isentos de qualquer contato com o ar, não era admitido como prática aplicável ao trigo. Em época não muito distante é que foi demonstrado, à luz de ensaios aprofundados e de testes, que era apenas aparente a vantagem dos silos funcionando com arejamento. Não havia controle de grãos, ou estes não recebiam tratamento adequado, inclusive secagem conveniente.

Com o rebaixamento da porcentagem de umidade, no grão, aos limites de 14 ou 14,5%, foi comprovado experimentalmente, e entrou na prática corrente, que o trigo convenientemente limpo e expurgado tem sua integridade e suas qualidades industriais asseguradas, quando guardado em recipientes ou depósitos onde o ar não penetre, como ocorre com as latas de conserva.

Ora, o silo de aço é aquele que mais se aproxima dessas latas, uma vez que o aço não permite a penetração não somente do ar, mas também da umidade atmosférica ou de influência exterior.

Como o grão, onde há vida em estado latente, tem necessidade de oxigênio para sua respiração e,

conseqüentemente, produz ácido carbônico, torna-se obrigatório que a parte superior de cada célula dos silos metálicos não seja herméticamente fechada, a fim de permitir as trocas gasosas realizadas em seu interior.

O indispensável é reduzir essas trocas ao mínimo. Tal objetivo é alcançado mediante a secagem do trigo até aquele estado de 14, ou 14,5%, no mínimo, de umidade. É problema resolvido prática e economicamente pelos secadores mecânicos que funcionam em conjugação com as demais peças de uma instalação moderna de silos.

O engenheiro-agrônomo e professor André Tozello, técnico e especialista, pessoalmente nos manifestou a opinião de que, em nosso meio, essa umidade deve reduzir-se a 11%.

CAPIM ELEFANTE

**JOSE VICENTE SILVEIRA
PEDREIRA**
Engenheiro-Agrônomo

O capim Elefante é uma graminácea perene de origem africana cuja utilização data de 1908, tendo sido introduzida no Brasil por volta de 1920.

Segundo alguns autores, pelo menos no início, além dos Estados Unidos, foi Cuba a maior distribuidora dessa espécie forrageira para a América Latina.

O capim elefante é um excelente recurso forrageiro. É bastante cultivado pelos criadores, mercê de sua alta produtividade, grande capacidade de rebrota e fácil aceitação pelos animais (elevado índice de apetibilidade).

É conhecido botanicamente como *Pennisetum purpureum* Schum e possui duas variedades principais entre nós: Napier e Mercker. A variedade Napier deve ser a preferida, uma vez que, além de ser mais produtiva, têm colmos mais tenros, apresentando ainda folhas mais compridas e mais compridas e mais largas que a Mercker.

O Napier tem crescimento entouceirado, à semelhança dos capins Jaraguá e Colônia. Quando deixado crescer livremente, atinge até 4 metros de altura, perdendo porém intensamente valor nutritivo e aceitação pelos animais.

SV SOL.		Gran. Idade do animal em sangre meses		Dias de Controle de Lactação		Leite Gordura	%	
15.828	S.A. Nivona Lillo	PO	1.5	1	7	11.830	0.663	5.60
15.842	S.J. Princesa Dália (Pala)	PO	1.5	1	20	11.520	0.538	4.67
16.563	S.A. Corseja Zanaboni	PO	1.5	1	20	10.630	0.495	4.66
16.280	S.A. Nela (Borja)	PO	1.5	1	17	12.720	0.508	4.70

Alfon Bonifácio, Janslan, Est. de São Paulo.
Controle em 14-1-1967. Regime de pasto com ração suplementar, 3 e 2 ordenhas.

15.555	Pinheirinho Euzébio Silva	PO	1.5	1	17	15.610	0.719	4.59
9.331	Garça (Heceta)	PO	1.5	1	7	11.000	0.668	5.61
10.871	Vitoria do Banharão	PO	1.5	1	7	10.500	0.511	4.87
11.357	Danada do Pinheirinho	PO	1.5	1	20	10.610	0.464	4.38
16.320	Pinheirinho Euzébio Silva	PO	2.5	1	130	12.920	0.724	5.60

Dr. José de Moraes Allenfelder Silva, São João do Campos, Est. de São Paulo.
Controle em 13-1-1967. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

11.615	Sulina Comary	PO	8.5	2	30	13.850	0.737	5.82
12.281	Parência Comary	PO	11.5	2	30	16.500	0.858	5.20
13.575	Jaca Fúrcia Estmond	PO	3.11	1	108	12.920	0.686	5.31
13.890	Jaca Guanabara Colombo	PO	1.7	1	16	12.720	0.657	5.16

Dr. João Lariya, Janslan, Est. de São Paulo.
Controle em 31-1-1967. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

5.131	S.J. Bartira Moura Redfern	PO	12.6	3	104	12.370	0.686	5.55
5.802	Dora 218	PO	12.6	3	85	10.710	0.465	4.35
6.496	Elie de Sta. Hilda	PCOD	10.7	11	337	18.130	0.891	4.83
6.661	Fada Magnet de Sta. Hilda	PO	10.4	8	212	16.610	0.479	4.51
6.932	Fagulha B. de Sta. Hilda	PO	10.2	6	171	12.260	0.554	4.52
7.858	Falsa B. de Sta. Hilda	PO	10.1	1	121	11.070	0.479	4.33
8.137	Eufória do Banharão	PO	9.9	1	101	11.140	0.653	4.62
9.119	Harmonia Bolhayes S. Hilda	PO	7.6	2	61	11.900	0.509	4.24
10.567	India J. de Brasília	PO	7.0	1	110	12.570	0.612	4.87
10.226	Iguara de Canela	PO	7.1	1	125	16.210	0.666	4.11
10.118	Imigração B. de Sta. Hilda	PO	6.11	6	186	10.300	0.517	5.02
10.510	Jangada S. de Sta. Hilda	PO	6.2	1	126	10.550	0.577	5.47
10.921	Jara B. de Sta. Hilda	PO	6.2	1	126	10.340	0.511	4.94
11.341	Jaboticaba B. de Canela	PO	6.11	1	12	13.610	0.619	4.54
12.161	Labareda P. de Sta. Hilda	PO	5.11	1	13	13.890	0.657	4.73
14.296	Morena Pinford Sta. Hilda	PO	1.8	1	5	14.130	0.612	4.24

RACA SCHWYZ

D. Pires Agro-Pecuária S.A. São Carlos, Est. de São Paulo.
Controle em 14-1-1967. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

5.243	Active Acres Lillian	PO	12.8	2	43	16.300	0.761	4.67
9.409	Romantica	PO	9.0	2	40	15.500	0.557	3.59
9.947	Rola	PO	8.11	1	6	14.100	0.579	4.02
12.366	Bom Café Figurinha	PO	6.11	3	1	15.900	0.484	3.04
12.495	Camara da Cachoeira	PCOC	6.11	2	11	18.700	0.714	3.83
13.314	Bom Café Farina	PO	7.3	1	94	18.300	0.732	4.00
13.657	Colaba da Cachoeira	PO	6.8	3	60	13.200	0.464	3.52
13.588	Lila D'Lanny de R. Claro	PO	5.11	6	170	13.050	0.570	4.37
15.145	Riqueza	PCOC	7.4	2	40	15.700	0.627	3.99
16.103	Copacabana Eliza	PCOC	4.0	1	10	14.500	0.560	3.86
16.638	Copacabana Ensinada	PO	4.4	1	4	19.800	0.761	3.84
18.700	Copacabana Espadilha	PCOC	1.1	1	101	13.800	0.601	4.35

Adalpra S.A. Agrícola e Comercial, Campinas, Est. de São Paulo.
Controle em 7-1-1967. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

12.673	Adalpra Acacia	PCOD	—	8	—	13.060	0.476	3.65
13.084	Galera do Oriente	PO	4.8	7	208	13.100	0.482	3.68
13.635	Galvota do Oriente	PO	4.11	1	88	18.730	0.619	3.80
15.362	Granilha do Oriente	PO	5.2	2	51	18.080	0.607	3.85
15.558	Adalpra Arandela	PCOD	4.3	2	25	17.900	0.563	3.31

Ministério da Agricultura, Faz. de Criação de Pinheiral, Pinheiral, Est. do Rio de Janeiro.

Controle em 18-1-1967. Regime de semi-estabulação, 2 ordenhas.

9.446	Gema de Pinheiral	PO	9.2	5	126	15.000	0.590	3.93
15.173	Moenda de Pinheiral	PO	1.7	1	4	13.200	0.421	3.19
15.174	Lisonga de Pinheiral	PO	5.9	2	34	13.000	0.453	3.45
15.387	Liberdade de Pinheiral	PO	1.1	4	81	16.800	0.604	3.59
15.619	Mola de Pinheiral	PO	1.6	2	39	20.600	0.670	3.25
18.110	Nobreza de Pinheiral	PO	3.2	5	143	15.000	0.566	3.77
18.643	Nota de Pinheiral	PO	3.1	4	92	18.700	0.641	3.42

Savio Lora, Campos, Sorocaba, Est. de São Paulo.
Controle em 31-1-1967. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

12.617	Aurea D'Lanny de R. Claro	PO	6.1	2	51	18.200	0.861	4.73
15.282	Favorita	PCOC	—	3	—	17.850	0.639	3.56

Nº SCL	Gran. Idade do anos	Idade do sangue meses	Controle de Lactação	Dieta	Leite Gordura	%
18.467	Jardineira da Boa Esperança	19.007	2.1	1	151	14.700 0.608 4.14
18.468	Fazenda de São Mateus	19.008	2.8	3	159	13.150 0.618 4.70
19.040	Fazenda	19.007	2.1	1	151	13.550 0.503 3.71
19.041	Garça	19.007	2.1	1	151	14.350 0.447 3.12
19.306	Harpa da Boa Esperança	19.007	2.8	2	59	14.400 0.528 3.66
19.552	Iris da Boa Esperança	19.007	1.2	1	33	14.750 0.571 3.87
19.553	Ganna de São Mateus	19.007	2.11	1	48	14.150 0.524 3.70

Dr. Sylvio Lima Monteiro, Agrônomo, Est. de São Paulo.
Controle em 15-1-1967. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

19.577	Tasca	19.007	3.6	1	10	13.250 0.601 3.94
19.579	Flor	19.007	3.3	1	7	13.100 0.508 3.87
19.580	Bolderosa	19.007	1.2	1	1	19.000 0.768 4.01

Luiz Antônio de Souza, Engenheiro, Est. de Piracicaba.
Controle em 15-1-1967. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

8.526	Montanha	19.007	12.7	1.0	3	15.000 0.575 3.60
9.501	Sultana	19.007	10.2	2.0	45	13.570 0.397 2.89
10.272	Balangandap	19.007	11.3	1.0	12	14.000 0.427 3.07
18.361	Copacabana Contê	19.007	5.10	4.0	167	14.280 0.483 3.38
18.582	Fuzil Jandala	19.007	1.4	3.0	121	13.510 0.445 3.29
19.335	Bejo Adivinha	19.007	1.3	2.0	59	16.400 0.563 3.43
19.582	Bom Café Poliana	19.007	6.11	1.0	28	14.000 0.826 2.39
19.583	Bejo Granada	19.007	1.2	1.0	11	13.850 0.480 3.46
19.584	Vila Rica de São Mateus	19.007	6.10	1.0	12	15.700 0.573 3.65
19.585	Tyson's Pudentes Pavia	19.007	2.1	1.0	26	13.250 0.417 3.14
19.586	Swiss Vista's Pavia	19.007	2.9	1.0	25	15.000 0.439 2.93
19.592	Donna's Pancy	19.007	2.9	1.0	16	13.900 0.489 3.52

RAÇA GIRE

Dr. João Batista Figueiredo Costa, Casa Branca, Est. de São Paulo.
Controle em 21-1-1967. Regime de pasto com ração suplementar, 3 e 2 ordenhas.

13.353	C.A. Paquinha	NR	9.3	1.0	11	15.350 0.620 4.04
13.439	C.A. Cachoeira	NR	7.7	4.0	101	17.850 0.814 4.56
13.700	C.A. Barquinha	NR	13.9	1.0	33	13.650 0.573 4.20
16.283	C.A. Russa	NR	12.2	1.0	31	13.00 0.567 4.96
16.287	C.A. Laguna	NR	10.5	1.0	32	15.000 0.630 4.20

13.355	C.A. Gema	NR	11.0	1.0	96	11.260 0.492 4.39
13.361	C.A. Fogueira	NR	7.8	3.0	144	11.350 0.561 4.94
13.364	C.A. Andorinha	NR	7.1	3.0	96	12.150 0.476 3.91
13.365	C.A. Surpresa	NR	9.8	3.0	81	15.800 0.675 4.27
13.541	C.A. Zingara	NR	9.5	6.0	162	11.700 0.568 4.85
13.543	Avenida	NR	10.0	10.0	—	11.050 0.607 5.49
13.832	C.A. Gelatina II	NR	5.5	6.0	162	11.050 0.513 5.13
13.835	C.A. Barquinha	NR	9.2	9.0	308	14.500 0.816 5.63
14.050	Minerva	NR	6.11	6.0	162	11.500 0.616 5.27
14.887	Dama	NR	6.8	4.0	101	10.100 0.431 4.27
15.312	Tabajara	NR	7.8	4.0	96	11.350 0.440 3.95
15.317	C.A. Aracatuba	NR	6.5	3.0	68	13.850 0.584 4.22
17.288	Chita	NR	6.9	8.0	278	10.400 0.516 4.96
17.642	Antiga	NR	3.10	8.0	234	10.500 0.466 4.44
17.643	Andaluza	NR	1.2	7.0	251	12.250 0.536 4.38
17.835	Argelia	NR	1.1	7.0	198	10.250 0.525 5.12
18.906	Alfazema	NR	3.7	3.0	70	10.850 0.483 4.45
18.907	Alcione	NR	3.7	3.0	65	11.250 0.540 4.80
18.908	Tartaruga	NR	5.6	3.0	63	10.850 0.446 4.31
18.911	Alemânia	NR	3.1	3.0	95	10.850 0.441 4.06

Dr. Leão de Toledo Piza e Almeida, Jaraguá, Est. de São Paulo.
Controle em 15-1-1967. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

14.863	Begonia	NR	1.0	9	10.570 0.504 4.77
19.519	Bragança	NR	1.0	6	12.840 0.581 4.52
19.520	Tatuagem N. 33	NR	1.0	5	10.350 0.501 4.84

Francisco Figueiredo Herculano, Mooca, Est. de São Paulo.
Controle em 8-1-1967. Regime de pasto com ração suplementar, 3 e 2 ordenhas.

11.036	Champanha	NR	10.7	2.0	34	12.300 0.530 4.91
11.044	Apurada	NR	6.9	9.0	260	12.150 0.477 3.92
11.061	Atalhada	NR	7.10	8.0	216	11.250 0.582 4.69
11.617	Piracabana	NR	10.11	8.0	205	10.500 0.442 4.21
12.071	Antilha	NR	13.0	2.0	34	10.850 0.416 3.84
12.142	Parasita	NR	11.0	2.0	44	11.300 0.432 3.82
12.466	Mulatinha	NR	9.7	1.0	1	16.500 0.635 3.84
13.712	Alba	NR	5.0	9.0	249	12.950 0.564 4.96
14.418	Comarca	NR	10.4	1.0	1	14.500 0.647 4.46
14.628	Tupã	NR	11.6	1.0	13	17.600 0.732 4.16
15.043	Garça	NR	10.1	5.0	146	10.050 0.403 4.01
15.582	Bandeja	NR	4.7	2.0	36	13.500 0.575 4.26
15.586	Areia	NR	11.0	1.0	15	14.250 0.604 4.24
15.592	Tampinha	NR	9.0	1.0	22	15.800 0.642 4.06
16.351	Biruta	NR	7.6	1.0	14	14.250 0.541 3.79

A propagação dessa notável forrageira se faz na prática exclusivamente por via vegetativa (estacas) como se procede no cultivo da cana. As sementes, de produção escassa, são sujeitas a ataques de fungos e raramente são viáveis.

O capim Elefante vegeta bem desde o nível do mar até 1.800 metros aproximadamente. Suporta secas mais ou menos prolongadas, diminuindo porém a produção de acordo com a intensidade do calor. Adapta-se satisfatoriamente em quase todos os tipos de solo, dando, porém, melhores produções nos mais férteis ou sob um sistema de adubação.

Os terrenos mal drenados não se prestam para o seu cultivo. Como os principais capins utilizados no Brasil Central, requeima-se pela geada. Não há, porém, perigo quanto a sua sobrevivência, podendo ainda nesse sentido ser considerado como de razoável resistência aos frios intensos.

Sendo o capim Elefante, como já foi mencionado, uma forrageira de crescimento entouceirado e portanto não formando estolhos como o capim Pangola, a densidade da cultura (número de plantas ou touceiras por unidade de área) será aquela que for estabelecida no plantio, ocorrendo apenas um alargamento da touceira à medida que se vai explorando a capineira ou a pastagem. Pela razão exposta é que se insiste seja feito um plantio bem denso.

Para o sucesso no plantio é necessário fazer a aração do terreno (15 a 20 cm de profundidade), durante os meses de inverno, de acordo com as facilidades locais, e a gradagem após as primeiras chuvas, destruindo-se assim a sementeira. A calagem, quando necessária, deve ser feita por ocasião da aração.

Havendo declive ou tratando-se de solo facilmente erodível, é interessante plantar em nível e defender o terreno, consultando-se para isso o engenheiro agrônomo da Região.

As mudas serão obtidas de touceiras adultas com 2 metros de altura aproximadamente. O coimo é dividido em estacas, de modo que cada uma tenha 3 a 5 gemas (olhos). Para o plantio abrem-se sulcos de 10 a 15 cm de profundidade, distanciados 50 cm um do outro. As mudas são deitadas uma em seguida às outras, dentro do sulco e cobertas com uma camada leve de terra. Havendo furtura de mudas, pode-se também plantar o Napier colocando duas estacas, juntas remontando as pontas com as seguintes.

A melhor época para o plantio é a estação chuvosa. Quando fei-

to fora do período mais intenso de chuvas ou sob um veranico, recomenda-se um plantio mais fundo, a fim de que a muda encontre condições de umidade propícias. Sendo de rápido crescimento, o capim Elefante normalmente dispensa capinas.

As recomendações feitas se aplicam a cultura que se destina à formação de pastagens ou de capineiras e independente da fertilidade do solo. O plantio nas medidas apontadas favorece o perfilhamento e o crescimento de forragem mais succulenta.

A adubação da capineira ou da pastagem de capim Elefante será sempre melhor recomendada levando-se em consideração os resultados de análise do solo.

De maneira geral podemos considerar para adubação nitrogenada, no caso de pastagens, 100 a 400 quilogramas de Nitrocálcio, 100 a 400 quilogramas de Sulfato de Amônio, ou ainda 130 a 550 quilogramas de Salitre do Chile, por Ha/ano, aplicados a lanço, esparramando-se sobre o terreno todo e de maneira uniforme. Maio é a melhor época de aplicação.

No caso de capineiras, aplicar 300 a 700 quilogramas de Nitrocálcio, ou 300 a 700 quilogramas de Sulfato de Amônio, ou ainda 400 a 950 quilogramas de Salitre do Chile por Ha/ano, parceladamente, nos meses de Janeiro 20%, Março, 30%, Maio, 30% e Setembro 20%. A aplicação deve ser feita sempre que possível após um corte.

A adubação fosfatada para o caso de pastoreio deverá ser feita a cada 3 ou 4 anos aproximadamente.

A { 250 quilogramas de Superfosfato Simples
750 quilogramas de Fosfato de Rocha.

As doses recomendadas vão desde 100 quilos/Ha de Superfosfato Simples até 400 quilos/Ha de mistura A. O Superfosfato Simples poderá ser substituído pelo Superfosfato Triplo na proporção de 2:1 aproximadamente. A aplicação de Superfosfato Simples é mais vantajosa em solos deficientes de enxofre.

No caso de formação de pastagem, o adubo fosfatado poderá ser aplicado no sulco, ligeiramente misturado com a terra, por ocasião do plantio. Em pastagens ou capineiras já formadas, o adubo poderá ser aplicado a lanço, esparramado igualmente por sobre o terreno. Neste último caso, a vegetação deverá ser rebaixada antes, podendo-se usar meios mecânicos, picadeira, segadeira, etc., ou preferivelmente colocando-se um excesso de animais por curto espaço de tempo. Devido à presen-

Nº SOL		Gravidade do sangue	Idade em meses	Controle de lactação	Leite	Gordura	%
16.355	Pindorama	NR	14-0	1	26	14.400	0.631 4.38
16.356	Maribá	NR	12-0	1	2	12.550	0.497 3.95
16.691	Platina	NR	12-5	1	24	15.700	0.580 3.69
18.381	Cachoeira	NR	12-1	5	133	10.250	0.424 4.16
18.385	Premiada	NR	10-2	5	131	10.400	0.426 4.09
2 ordenhas							
11.037	Pindalva	NR	8-0	7	101	10.350	0.466 4.50
11.040	Grandiosa	NR	10-1	1	107	12.950	0.578 4.47
11.053	Campanas I	NR	8-2	5	121	12.000	0.528 4.40
12.852	Boneca	NR	7-1	2	178	12.100	0.457 3.78
14.933	Mangaba	NR	7-0	5	131	11.650	0.503 4.32
15.039	Canhota	NR	10-0	2	62	11.000	0.679 4.85
15.352	Molinha	NR	8-0	3	91	11.400	0.484 4.29
15.851	Araújo	NR	7-0	2	58	11.550	0.468 4.05
17.788	Rajada	NR	7-0	7	172	11.350	0.502 4.42
18.386	Cubana	RE	1-0	5	128	10.650	0.493 4.62
18.916	Seringa	NR	1-3	3	77	11.100	0.450 4.05
18.917	Esportiva	NR	12-3	3	82	13.400	0.620 4.63
19.221	Corralia	NR		2	49	11.150	0.454 4.07
19.224	Calunga	NR		2	40	11.300	0.488 4.32
19.472	Cascata	RE	3-0	1	2	10.550	0.459 4.35

Dr. Gabriel Donato de Andrade, Calciolândia, Est. de Minas Gerais.
Controle em 16-1-1967. Regime de pasto com ração suplementar, 3 e 2 ordenhas.

3 ordenhas							
19.505	Beldade	RE		1	30	11.320	0.496 4.38
19.506	Jornalista	NR	6-5	1	1	12.350	0.570 4.62
2 ordenhas							
17.934	Ficção	RE		7	223	10.240	0.272 2.66
18.189	Favorita	NR		6	168	10.870	0.511 4.70
18.718	Facelra	NR		2	100	10.520	0.501 4.76
18.718	Facelra	NR		1	123	10.100	0.388 3.56
19.035	Sosinha	RE		2	88	11.080	0.485 4.05
19.036	Kerima	RE	5-7	3	110	10.150	0.494 4.87

Dr. Bruno Lima Palma, Franca, Est. de São Paulo.
Controle em 16-1-1967. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

15.382	Lola	NR		1	91	10.000	0.510 5.40
16.613	Brasília	NR	11-0	1	11	14.550	0.864 5.93

José Fernando de Carvalho, Jaceat, Est. de São Paulo.
Controle em 11-1-1967. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

17.327	Alfa	RE	4-8	2	224	10.750	0.558 5.10
17.328	Batuta	NR	3-10	2	254	11.000	0.745 6.78
17.918	Araújo	NR	4-0	7	220	10.950	0.508 5.46
18.078	Ditosa	NR	3-5	5	133	10.420	0.585 5.43
18.504	Enora	NR		1	—	10.000	0.576 5.76
18.505	Cartomante	NR		1	—	10.300	0.708 6.89
18.795	Amorosa	NR		2	—	11.000	0.623 5.63
18.796	Aramina	NR		3	—	11.920	0.582 4.98

Roberto Antônio Jacintho, Franca, Est. de São Paulo.
Controle em 24-1-1967. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

15.913	Baderna	RE	4-6	2	48	11.400	0.474 4.16
--------	---------	----	-----	---	----	--------	------------

João Batista de Oliveira Castro, Acaçara, Est. de Minas Gerais.
Controle em 17-1-1967. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

12.003	Platina	NR	9-5	5	168	10.240	0.806 7.87
12.308	Natureza	NR	8-6	2	54	10.080	0.604 6.04
12.537	Recelta	RE	9-8	1	33	10.790	0.750 6.96
12.538	Cartomante	RE	10-8	1	34	13.020	0.494 3.79

Alzimar Nogueira Villela e Irmãos, Tamboá, Est. de São Paulo.
Controle em 11-1-1967. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

3 ordenhas							
19.541	Cuba Livre	NR	4-6	1	1	10.050	0.384 3.82
2 ordenhas							
18.176	Haviana	RE	14-0	6	192	10.050	0.500 4.98
19.016	Vodka	RE	6-8	3	8	10.300	0.486 4.71

Dr. Felismino Figueiredo Barreto, Mococa, Est. de São Paulo.
Controle em 11-1-67. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

11.240	Jandala	NR	12-0	1	23	11.70	0.474 4.05
--------	---------	----	------	---	----	-------	------------

Nº SCL		Gran Idade do sangue	Idade anos mês	Controle de lactação	Leite	Gordura	%
Nelson Figueiredo Barreto, Arceburgo, Est. de Minas Gerais. Contrôle em 13-1-1967. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.							
11.329	Audacia	NR	7-0	2-0	35	10.600	0.487 4.59
14.422	Meia Lua	NR	11-0	1-0	1	12.550	0.478 3.81

Santana Agro-Pastoril S.A. Fazenda Rio-West, Cardealândia, Est. de Minas Gerais.
Contrôle em 11-1-1967. Regime de pasto com ração suplementar, 3 e 2 ordenhas.

19.283	03	NR		2		13.140	0.744 5.66
19.562	Gina	RE		1	30	17.840	0.713 4.16
2 ordenhas							
14.174	Roxona	RE	11-5	5-0	157	12.200	0.675 5.54
15.307	Sucupira	RE	5-4	1-0	15	10.030	0.451 4.49
18.697	Guariba	RE		4-0	100	10.130	0.493 4.87
18.698	Amarelinha	NR	6-5	3-0	97	10.180	0.475 4.67
19.065	Dioza	NR		3-0	62	10.940	0.598 5.47
19.066	G-1722	NR		3-0	55	10.760	0.487 4.53
19.268	Princesa	NR		2-0	66	10.350	0.542 5.24
19.270	Americana	NR		2-0	49	11.650	0.522 4.48
19.566	Açucena	RE		1-0	27	12.030	0.616 5.12

Santana Agro-Pastoril S.A. Granja Cardealândia, Est. de Minas Gerais.
Contrôle em 16-1-1967. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

14.155	Abalada	NR		2-0		11.390	0.491 4.31
18.887	Rio Grande	NR		4-0	96	11.070	0.537 4.85

Rubens Resende Peres, São Pedro dos Ferros, Est. de Minas Gerais.
Contrôle em 14-1-1967. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

12.251	Noronha de Brasília	RE	12-11	2-0	40	17.700	0.796 4.49
12.306	Trola de Brasília	RE	10-3	2-0	53	13.350	0.651 4.88
12.508	Sibonei de Brasília	RE	13-8	5-0	130	10.600	0.544 5.13
12.613	Javaneza de Brasília	RE	12-8	6-0	133	11.800	0.691 5.85
12.659	Prata Titã de Brasília	RE		8-0	204	14.650	0.720 4.91
13.019	Lagoinha de Brasília	RE	9-6	7-0	178	12.550	0.621 4.95
13.415	Frisia de Brasília	RE	9-10	4-0	69	16.700	0.795 4.76
13.556	Bandeira T. de Brasília	RE	11-9	4-0	79	13.500	0.709 5.25
13.684	Joia Titã de Brasília	RE		2-0	45	15.250	0.753 4.93
13.686	India de Brasília	RE	10-8	6-0	113	13.650	0.863 6.32
13.688	Venesa de Brasília	RE	9-10	4-0	70	12.850	0.597 4.65
13.732	Conchita T. de Brasília	RE		8-0		11.750	0.559 4.76
15.010	Rumba de Brasília			6-0	138	13.200	0.604 4.58
15.363	Baltoneta de Brasília			7-0	166	10.250	0.493 4.81
15.365	Calibrosa de Brasília	RE	9-0	6-0	134	12.200	0.639 5.24
15.627	Angola de Brasília	RE	11-0	5-0	106	14.200	0.726 5.11
15.628	Escovada de Brasília	RE	9-0	5-0	106	13.750	0.864 6.29
15.933	Indiana II de Brasília	RE	4-10	2-0	51	12.100	0.752 6.21
15.935	Varsovia de Brasília	RE	5-9	4-0	70	15.450	0.930 6.02
16.203	Cocalina de Brasília	RE	9-0	1-0	3	15.850	0.756 4.77
17.817	Dalla de Brasília			8-0	205	12.950	0.760 5.87
18.053	Natureza de Brasília			8-0	171	12.300	0.615 5.00
18.533	Gadanha de Brasília	RE		6-0	147	14.350	0.617 4.30
18.335	Indiana de Brasília	RE	9-3	6-0	135	13.700	0.855 6.24
18.756	Aloha de Brasília	RE	4-3	4-0	90	14.050	0.698 4.97
18.889	Bretanha de Brasília			4-0	76	12.100	0.639 5.28
19.311	Almofada de Brasília	RE	4-5	2-0	38	15.600	0.727 4.66
19.312	Argentina de Brasília	RE	4-1	2-0	50	14.400	0.701 4.87

RAÇA GUZERÁ

Dr. José Resende Peres, São Pedro dos Ferros, Est. de Minas Gerais.
Contrôle em 16-1-1967. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

18.955	Rafia	RE	8-5	7-0	177	10.300	0.636 6.17
18.959	Bola J.P.	RE	8-0	4-0	84	13.750	0.782 5.69
19.307	Pacata da Indiana	RE	9-9	2-0	51	12.750	0.641 5.02
19.308	Divisa J.A.	RE	6-9	2-0	45	10.050	0.500 4.97
19.575	Alerta	RE		1-0	22	14.800	0.779 5.26

Dr. Roberto Martins Franco, Sales de Oliveira, Est. de São Paulo.
Contrôle em 31-1-1967. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

15.886	Guserá	NR	11-1	1-0	17	12.200	0.578 4.74
16.241	Calçara	RE	5-11	2-0	65	11.000	0.383 3.48

SINDI

João Carlos Pedreira de Freitas, Arceburgo, Est. de Minas Gerais.
Contrôle em 14-1-1967. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

11.349	Cartola	RE	7-2	5-0	138	11.800	0.699 5.92
12.133	Fortaleza	RE	5-8	5-0	148	13.800	0.561 4.07
12.581	Formosa	RE	6-1	7-0	239	10.300	0.556 5.40

R
F



MOÇONA — Reg. A 1190.
Produção: 2.700 kg de leite
em 305 dias de lactação.



Conjunto de bezerros filhos
de vacas registradas pela
S.R.T.M. e controladas pela
A.P.C.B. e do reprodutor Ta-
pajós J.A. Pêso médio ao
nascer: 28 kg.

**ROBERTO MARTINS
FRANCO**

Fazenda São Joaquim

fone 44 - Caixa postal 12

**SALES DE OLIVEIRA —
ESP**

Duplo proposito — Duplo
rendimento: carne e leite

Uma prática que vem sendo adotada com bons resultados em pastagens é cultivar o capim Pangola nas entrelinhas do capim Elefante. Assim procedendo, garante-se a vegetação sobre todo o so-

Dr. Hugo Prata
Gerente-Técnico

clamente. Pode dar-se um ligeiro murchamento e em seguida, adicionando-se 20% de cana de açúcar, fazer a silagem. Dependendo dos cuidados comuns ao preparo de silagens, obter-se-á produto de boa aceitação pelos animais.

**RESERVADA DE CAMPEA BEZER-
RA — SÃO NICOLAU DINA 25 RG.
LAND — Nasc. 18-4-66. Exp. Doher, Ni-
mar e Laércio Nicolau — Faz. Cur-**

SERVIÇO DE CONTROLE DE DESENVOLVIMENTO PONDERAL

RACA: Charolês
PRÓPRIETÁRIO: A. D. P. S.
Primavera S.A.
MUNICÍPIO: Jaraguá
ESTADO: São Paulo
DATA DE PESAGEM: 12-1-67

NOME DO ANIMAL	SEXO	Nº	NASCIMENTO	IDADE EM MESES	PESO
Colonel	Macho	22	26-10-64	27	639
Chagal		26	22-10-64	27	573
P. Catú Pipoca Bebedouro		14	29-11-65	14	356
P. Cameron Maristona Bebedouro		12	16-11-65	14	454
P. Conqueror Artelra Caracol		45	20-12-65	13	364
P. Darwin Porroca Bebedouro		16	13-01-66	12	338
P. Danúbio Kurlidec Fidalgo		47	28-02-66	11	354
P. Colosso Melga Caracol		48	02-03-66	10	252
P. D. S. Sarcocel		51	29-04-66	9	210
P. Damião Fidalgo		50	22-04-66	9	193
P. D. D. Bebedouro		49	19-04-66	9	285
P. Deputado J.		53	25-05-66	8	220
P. Duvidosa Jovya		52	12-05-66	8	195
Primavera Titân			12-05-66	8	427
Damilo		54	29-06-66	7	195
D. rheiro		55	25-06-66	7	221
Diabólico		51	01-06-66	7	138
P. Dezolito Artiz Caracol		58	21-07-66	6	173
Desembargador		57	17-08-66	6	193
Damasto		65	27-08-66	5	115
P. Delegado Dália Fidalgo		65	22-08-66	5	150
Décio		64	20-08-66	5	160
P. Denise Circe Fidalgo		63	17-08-66	5	167
Deny		62	16-08-66	5	111
P. Diamante Zeba Bebedouro		60	15-08-66	5	170
Diário		61	15-08-66	5	156
P. Diamantino Gozada Bel		59	10-08-66	5	194
Dilepper		89	24-08-66	4	107
Duarte		78	23-09-66	4	108
Daniel		76	16-09-66	4	89
Direcu		75	15-09-66	4	101
Dlogo		74	12-09-66	4	116
Dino		73	12-09-66	4	115
Detrott		72	11-09-66	4	122
P. Descalvado Magnolia C		71	09-09-66	4	154
Democrático		70	08-09-66	4	107
Demétrio		68	08-09-66	4	135
P. Damásio Ladina Caracol		67	07-09-66	4	109
P. Damásio Ladina Caracol		66	06-09-66	4	95
Damião		85	24-10-66	3	92
P. Dianópolis Diana Bebedouro		84	24-10-66	3	105
P. Denver Jurema Bebedouro		83	11-10-66	3	102
Denado		82	11-10-66	3	125
P. Dante Ventania Fidalgo		81	10-10-66	3	85
Deonísio					
Catalini Majorca S.C. Fidalgo	Fêmea	119	01-04-66	21	363
Catania Astória Bebedouro		120	08-05-66	20	332
Celia Corvette Bebedouro		122	23-06-65	19	338
Carina Cecília Bebedouro		121	08-06-65	19	313
P. Chamonix Magnolia B.		126	14-09-65	16	312
P. Chagrin Zaga Caracol		125	06-09-65	16	300
Chabalz Atrix Caracol		124	01-09-65	16	312
P. Chaperone F. Caracol		128	26-10-65	15	257
P. Chablais Zaba Caracol		127	02-10-65	15	317
P. Clmarosa Minerva Bebedouro		131	23-11-65	14	295
P. Caribe Canaria Caracol		130	02-11-65	14	285
P. Colette Altiva Fidalgo 9		134	27-12-65	13	228
P. Clio Tippy Bebedouro		133	22-12-65	13	257
P. Circe Diana S.C. Fidalgo		132	13-12-65	13	254
P. Denise Covinha Bebedouro		135	03-01-66	12	252
P. Dengosa Theba Caracol		137	23-02-66	11	248
P. Diretor Olímpica Caracol		136	01-02-66	11	242
P. Colmeia Esperta Fidalgo		140	09-03-66	10	243
P. D. A. Fidalgo		195	30-04-66	9	197
P. D. V. Caracol		194	29-04-66	9	228
P. Delta Caracol		193	29-04-66	9	250
P. D. Cativa Bebedouro		192	16-04-66	9	195
P. Dançarina C. Bebedouro		191	10-04-66	9	152
P. Dorotéia M. Bebedouro		190	06-04-66	9	204
Divida		209	28-05-66	8	176
P. Deilefosa Messina		207	27-05-66	8	196
P. Dora Athenas Fidalgo		206	02-05-66	8	182
P. Duvidira Corca		208	24-06-66	7	165
P. Dentista Corveta Bebedouro		270	13-07-66	6	190
Diadema		269	05-07-66	6	146
P. Dorotéia Tanara Caracol		277	25-08-66	5	123
Dócia		276	13-08-66	5	125
P. Dada Jurema Caracol		272	12-08-66	5	125
Doroti		275	10-08-66	5	141
Doracl		274	10-08-66	5	127
P. Duclina Garota Bebedouro		273	08-08-66	5	128
Diabólico		271	02-08-66	5	116
Dolores		280	30-09-66	4	96
Dorallce		283	25-09-66	4	123
Ducuma		287	22-09-66	4	119
Duranda		286	20-09-66	4	95
Durinha		285	15-09-66	4	88

ral Redondo — Arapoti — PR.
CONJUNTO DA RAÇA SENIOR —
Exp. Adrianus Sleutjes — Castro — PR.
CONJUNTO PROGENIE DE MAE —
Exp. Dohér, Nimar e Laércio Nicolau
— Faz. Curral Redondo — Arapoti —
PR.

CONJ. JR. e PROGENIE DE PAI. —
Exp. Dohér, Nimar e Laércio Nicolau
— Faz. Curral Redondo — Arapoti —
PR.

RAÇA HOLANDESA VERMELHA E
BRANCA — ANIMAIS PUROS POR
CRUZA

GRANDE CAMPEA E CAMPEA VA-
CA ADULTA — SÃO NICOLAU BLES-
KE — Nasc. 15-7-63. Exp. Dohér, Ni-
mar e Laércio Nicolau — Faz. Cur-
ral Redondo — Arapoti — PR.

RESERVADA GRANDE CAMPEA E
RESERVADA CAMPEA VACA ADULTA
— SÃO NICOLAU YAUTJE — Nasc.
12-8-61. Exp. Dohér, Nimar e Laércio
Arapoti — PR.

CAMPEA VACA JOVEM — CAROLI-
NA VALENTE — Nasc. 18-8-64. Exp.
Dohér, Nimar e Laércio Nicolau —
Faz. Curral Redondo — Arapoti —
PR.

CAMPEA NOVILHA — SÃO NICOLAU
RAINHE — Nasc. 2-2-65. Exp. Dohér,
Nimar e Laércio Nicolau — Faz. Cur-
ral Redondo — Arapoti — PR.

RESERVADA DE CAMPEA NOVILHA
— DIAMANTINA — Nasc. 10-6-65. Exp.
Faz. Quatro Meninas — Botucatu —
SP.

RESERVADA DE CAMPEA BEZER-
RA — MARCIA VALENTE — Nasc.
25-12-65. Exp. Luiz G. A. Valente —
Ilhas Valente — Pôrto Amazonas —
PR.

CAMPEA BEZERRA — HOLANDIA
R. CLARA 2 — Nasc. 16-3-66. Exp. Do-
hér, Nimar e Laércio Nicolau — Faz.
Curral Redondo — Arapoti — PR.

MELHOR CHERE DA RAÇA HYB —
SÃO NICOLAU CABREUVA — Nasc. 14-
7-62. Exp. Dohér, Nimar e Laércio
Nicolau — Faz. Curral Redondo —
Arapoti — PR.

CONJUNTO JÚNIOR — Exp. Dohér,
Nimar e Laércio Nicolau — Faz. Curral
Redondo — Arapoti — PR.

RAÇA HOLANDESA — PRETA E
BRANCA

ANIMAIS SEM REGISTRO
MELHOR FÊMEA DA RAÇA
— PEREIRA ESTRELA 029 — Nasc.
15-4-63. Exp. Coop. Batavo — Castro
— PR.

RAÇA JERSEY
CAMPEÃO JÚNIOR — TUFÃO
DA ZULEIRA — Nasc. 29-9-65. Exp.
Antônio C. P. Machado — Granja Zu-
leika — Triunfo — RGS.

CAMPEÃO BEZERRA — SER-
RANO 036 — PORORO — Nasc. 7-7-66.
Exp. Ruy Hélio R. Arruda — Granja
Serrana — Lages — SC.

RESERVADO DE CAMPEÃO BEZER-
RO — SERRANO 038 MOUNT — Nasc.
18-6-66. Exp. Ruy Hélio R. Arruda —
Granja Serrana — Lages — SC.

GRANDE CAMPEA. CAMPEA VACA
JOVEM — TIROLESA S. M. DA ZU-
LEIRA — Nasc. 13-9-64. Exp. Antonio
C. P. Machado — Granja Zuleika —
Triunfo — RGS.

RESERVADA DE GRANDE CAMPEA.
CAMPEA VACA ADULTA — NARA BRU-

TANIA H. DA ZULEIKA — Nasc. 19-10-63. Exp. Antônio C. P. Machado — Granja Zuleika — Triunfo — RGS.

CAMPEA NOVIILHA — LELIA BIBI A. DA ZULEIKA — Nasc. 7-8-65. Exp. Antônio C. P. Machado — Granja Zuleika — Triunfo — RGS.

CAMPEA BEZERRA — NATALIA BRITANIA LAD DA ZULEIKA — Nasc. 24-12-65. Exp. Antônio C. P. Machado — Granja Zuleika — Triunfo — RGS.

RESERVADA DE CAMPEA DE BEZERRA — SERRANA 034 MOUNT — Nasc. 28-5-66. Exp. Ruy H. R. Arruda — Granja Serrana — Lages — SC.

MELHOR FÊMEA S/ REG. — CURIFEUSE — Exp. Irmãos Le Boer Legat — Foz do Iguaçu — PR.

RAÇA FLAMENGA

CAMPEAO SENIOR — ARAUA — Nasc. 28-11-66 — Exp. Mancilio Figueiredo — Faz. Bom Retiro — Lages — SC.

CAMPEAO DOIS ANOS — UARAJA II — Nasc. 15-11-64. Exp. Mancilio Figueiredo — Faz. Bom Retiro — Lages — SC.

RESERVADO CAMPEAO SENIOR — CENTENARIO — Exp. Mancilio Figueiredo — Faz. Bom Retiro — Lages — SC.

RAÇA SCHWYZ

GRANDE CAMPEAO. CAMPEAO JUNIOR — V. B. CRESCENT PRACTITIONER — Nasc. 2-9-65. Exp. Luiz A. de Souza Barros — Faz. Sta. Madalena — Jacarezinho — PR.

RESERVADO DE GRANDE CAMPEAO, CAMPEAO DOIS ANOS — CALIFA DE SANTA MADALENA — Nasc. 37-6-65. Exp. Luiz A. de Souza Barros — Faz. Sta. Madalena — Jacarezinho — PR.

CAMPEAO SENIOR — REBELDE DE SANTA MADALENA — Nasc. 19-7-64. Exp. Luiz A. de Souza Barros — Faz. Sta. Madalena — Jacarezinho — PR.

GRANDE CAMPEAO. CAMPEA VACA JOVEM — TYSUM'S PRUDENCE PAMELA — Nasc. 18-11-64. Exp. Luiz A. S. Barros — Faz. Sta. Madalena — Jacarezinho — PR.

CAMPEA VACA ADULTA E RESERVADA DE GRANDE CAMPEA — JACKIE'S JARDIE — Nasc. 4-2-64. — Exp. Luiz A. S. Barros — Faz. Sta. Madalena — Jacarezinho — PR.

RESERVADA DE CAMPEA VACA JOVEM — REUTER'S VERA RITY — Nasc. 28-7-64. Exp. Luiz A. S. Barros — Faz. Sta. Madalena — Jacarezinho — PR.

EQUINOS

RAÇA MANGALARGA

GRANDE CAMPEAO — BATEL DO ENEPE — Nasc. 13-10-61. Exp. Norman Prochet — Faz. Dois Corregos — Quêrência do Norte — PR.

RAÇA BRETAO POSTIER

GRANDE CAMPEAO — DANUBIO — Nasc. 2-12-63. Exp. Diretoria da Remonta do Exército — Coudelaria de Tindiquera — Araucária — PR.

RESERVADO DE GRANDE CAMPEAO — CATETE — Nasc. 2-11-62. Exp. Diretoria de Remonta do Exército — Coudelaria de Tindiquera — Araucária — PR.

Didinha
P. Diu Vencedora Caracol
Durora
Dulce
Dedecada
Darcil
P. Domastada Juno Babelouza
P. Dagmar Cincelba Caracol

RAÇA: Gir Leiteiro
PROPRIETARIO: Dr. Gabriel Donato de Andrade
MUNICIPIO: Catiolândia
ESTADO: Minas Gerais
DATA DE PESAGEM: 20-1-67

NOME DO ANIMAL

SEXO

Batão Sudhano
Balanço Sudhano
Bonachão Sudhano
Rodista Cachimir
Bolet Sudhano
Bolíche Maringá
Birlinhau Sudhano
Cangaceira Geshoda
Cangaço Geshoda
Capacete Geshoda
Capitão Sudhano
Cartucho Relevo
Caracol Estadista
Castelo Geshoda

Macho

Batalha Krishna
Bagdad Krishna
Balalaika Sudhano
Bazuca Sudhano
Bendelra Cachimir
Bíbola Sudhano
Britânica Marajá
Balana Sudhano
Brigite Sudhano
Brunilda Maringá
Berlinda Sudhano
Bengala Sudhano
Cambuquira Geshoda
Casquinha Relevo
Casaca Estadista
Cacula Sudhano
Centenario Redino
Categoria Redino
Coluna Sudhano
Dauzuza Puspha da Catiolândia
Deuza Sudhano
Dádiva Puspha da Catiolândia

Fêmea

RAÇA: Gir Leiteiro
PROPRIETARIO: Santana Agro-Pastoril S.A.
MUNICIPIO: Catiolândia
ESTADO: Minas Gerais
DATA DE PESAGEM: 20-1-67

NOME DO ANIMAL

SEXO

Bucareste
Cacifo Estadista
Cambuco Estadista
Castor Relevo

Macho

Bolisa
Sautena Sudhano
Dalsi Puspha da Catiolândia

Fêmea

RAÇA: Gir Leiteiro
PROPRIETARIO: Santana Agro-Pastoril S.A. — Far-West
MUNICIPIO: Catiolândia
ESTADO: Minas Gerais
DATA DE PESAGEM: 13-1-67

NOME DO ANIMAL

SEXO

Nobre Bombaim
Talismã Pigol
Caxangá Whisky
Dilema Acarájé
Guarani Bombaim
Não Se Vende Bombaim
Aspecto Bombaim
Manequim Bombaim
Colombo
Paraguai Bombaim
Alambique II
Trevo Bombaim
Ghalor
Ghandi
Libano Bombaim
Polo Bombaim
Cigano Bombaim

Macho

Rainha Bombaim
Drama Whisky
Formosa Buda

Fêmea

N.º	NASCIMENTO	IDADE EM MESES	PESO
4	13-08-66	4	94
4	05-10-66	4	127
4	07-09-66	4	129
4	06-09-66	4	115
4	09-09-66	4	118
4	02-09-66	4	103
4	01-09-66	4	271
3	28-10-66	3	114

N.º	NASCIMENTO	IDADE EM MESES	PESO
-----	------------	----------------	------

N.º	NASCIMENTO	IDADE EM MESES	PESO
5	30-05-65	20	355
1	3-05-65	20	476
7	29-06-65	19	363
20	13-10-65	15	316
28	11-10-65	15	266
40	25-11-65	14	241
33	19-11-65	14	274
72	10-04-66	9	154
71	13-04-66	9	164
85	24-05-66	8	159
82	12-05-66	8	172
90	31-07-66	6	108
100	15-07-66	6	132
131	28-09-66	4	89
11	26-07-65	18	274
8	14-07-65	18	280
17	14-07-65	18	309
23	29-09-65	16	276
22	23-09-65	16	166
21	16-09-65	16	263
25	07-10-65	15	243
37	24-11-65	14	246
32	18-11-65	14	243
38	17-11-65	14	235
41	07-11-65	14	250
46	24-12-65	13	235
70	13-04-66	9	152
105	26-07-66	6	91
107	29-07-66	6	110
112	15-08-66	5	133
129	15-09-66	4	77
127	12-09-66	4	107
150	30-10-66	3	81
193	15-01-67	—	23
191	13-01-67	—	24
183	05-01-67	—	33

N.º	NASCIMENTO	IDADE EM MESES	PESO
-----	------------	----------------	------

N.º	NASCIMENTO	IDADE EM MESES	PESO
224	14-11-65	14	325
233	18-01-66	12	214
243	13-05-66	8	173
26	17-07-66	6	111
191	17-07-65	18	323
268	23-07-66	6	110
299	07-01-67	—	92

N.º	NASCIMENTO	IDADE EM MESES	PESO
-----	------------	----------------	------

N.º	NASCIMENTO	IDADE EM MESES	PESO
431	08-02-66	11	186
618	27-06-66	7	123
490	25-06-66	7	92
494	20-07-66	6	100
504	20-08-66	5	82
502	14-08-66	5	93
501	14-08-66	5	119
500	08-08-66	5	97
527	26-09-66	4	80
601	20-09-66	4	68
626	11-09-66	4	80
509	04-09-66	4	97
637	13-10-66	3	57
636	11-10-66	3	69
684	31-12-66	1	25
679	25-12-66	1	26
686	04-01-67	—	28
453	16-04-66	9	117
493	25-07-66	6	100
493	04-07-66	6	87
555	23-08-66	5	98

Beleza,inha Bombaim
Fábula Bombaim
Patruiha Bombaim
Fama Bombaim
Casca Bombaim
Alteza Bombaim
Escrava
Berna Bombaim
Lisboa Bombaim
Nigária Bombaim
RAÇA: Chianina
PROPRIETÁRIO: Gianmândrea Matarazzo
MUNICÍPIO: Araras
ESTADO: São Paulo
DATA DE PESAGEM: 16-1-67

NOME DO ANIMAL

Ciclope
Delfino
Drago
Doris
RAÇA: Romagnola
PROPRIETÁRIO: Gianmândrea Matarazzo
MUNICÍPIO: Araras
ESTADO: São Paulo
DATA DE PESAGEM: 16-1-67

NOME DO ANIMAL

Foril

N.	NASCIMENTO	IDADE EM MESES	PESO
203	16-08-66	5	98
199	05-08-66	5	103
198	02-08-66	5	105
197	02-08-66	5	91
629	28-09-66	4	52
628	28-09-66	4	62
626	14-10-66	3	57
624	24-11-66	2	47
611	01-11-66	2	47

N.	NASCIMENTO	IDADE EM MESES	PESO
194	05-11-65	14	587
199	18-08-66	5	195
110	29-10-66	3	94
111	08-12-66	1	93

N.	NASCIMENTO	IDADE EM MESES	PESO
113	30-08-66	5	130

Dr. Hugo Prata — Gerente Técnico

A FAZENDA...

(Conclusão da pág. 13)

dos machos servem como reprodutores, comuns, ou bons, o que mostra que o plantel se está tornando muito homogêneo. Os machos excepcionais representam 10% do total.

— Por quanto vende um bezerro de nove meses destinado à reprodução?

— Depende das qualidades do bezerro.

— Todo o plantel é brasileiro?

— Não, tenho cinco touros indianos e de primeiríssima ordem. O Dandá, importado e nascido em 1959, é de extraordinária caracterização. Tem corpo comprido, garupa ampla e plana, sacro rente, inserção de cauda baixa, lombo e dorso largos e longos, e um bom arqueamento de costelas. Os outros touros importados também muito bons: o Godar, o Thalaivan, o Lahore e o Thanjavur. Dos touros brasileiros o melhor é o Zatu de In-

diana, cujos filhos pesaram, em média, aos nove meses, 232 quilos. O seu filho Filó de Indiana tem produzido bezerros que, em média, pesam 36 quilos ao nascer e 207 quilos aos nove meses.

— Ótimas médias! Isto anima! Já sei que seu filho Paulo Ernesto, que teve o prazer de conhecer, é o seu braço direito. E quem cuida da saúde do plantel?

— Meu genro, o médico-veterinário Acácio Szechy. Sem Paulo Ernesto e sem Acácio Szechy, Indiana não seria o que é. Estamos instalando uma nova fazenda em Itaguaí, município fluminense. A fazenda tem 500 hectares e pode alimentar 1.000 bovinos. De Indiana à nova fazenda são 30 minutos de automóvel.

— Vou indo, prezado prof. Menezes. Vou indo ainda mais confiante no Brasil e na capacidade de realização do povo brasileiro, geralmente tão subestimado. Ver-nos-emos na Confederação Rural Brasileira após o carnaval. Boa tarde.

— Boa Tarde, Pimentel Gomes. Apareça. Dará prazer.

FAZENDAS REUNIDAS GUANABARA



JASPE O.M.T. 50, reg. 1116, último filho da grande matriarca CHAPEU DE BANDA, a quinquagésima do rebanho O.M. das Fazendas Reunidas Guanabara. Este reprodutor é primo de Kant, por onde se vê a preocupação de manter a consangüinidade estreita como fator de seleção.

NOSSO NELORE TEM VELOCIDADE DE GANHO DE PÊSO + RAÇA

União dos Palmares — Alagoas
Ipecaetá — Bahia — a 18 km da
Rodovia Rio-Bahia a 36 km antes
de Feira de Santana.

Aguardamos com satisfação a visita de criadores e técnicos para apresentar o fruto de mais de 26 anos de seleção de Nelore trabalhado em consangüinidade com um grupo de descendentes do famoso rebanho OM do saudoso dr. Octácio Ariani Machado.

ANUÁRIO DOS CRIADORES - 1966/1967

NESTA EDIÇÃO:

NOVISSIMA TÉCNICA DE CRIAÇÃO — Prof. Jan C. Bonsma, chefe do Departamento de Ciências Animais da Universidade de Pretória, República da África do Sul.

Nôvo método para selecionar reprodutores — a ôlho. Este cientista sul-africano assinala as características que se deve procurar. A teoria do método baseia-se em que o desequilíbrio hormonal afeta a conformação do gado para carne ou para leite. Com seis interessantíssimas ilustrações das boas e más características do macho e da fêmea.

COMO CRIAR BEZERROS — Celso Souza Meirelles, Méd. Vet.

Dez interessantes capítulos desde o nascimento do bezerro até os três meses de idade.

O APROVEITAMENTO INTEGRAL APÓS O ABATE DO GADO BOVINO — Hilda de Mello Teixeira e Silva, Méd. Vet.

PÊS SAOS PARA EVITAR A DIMINUIÇÃO DA PRODUÇÃO DE LEITE — E. A. Woelfer, Méd. Vet.

Os males nos cascos provocam a perda do apetite nas vacas e conseqüentemente diminuição na produção de leite.

APARELHO DIGESTIVO — O CAMINHO PARA MAIORES LUCROS — T. R. Grethouse

O criador pode alcançar maiores rendimentos e economia da exploração animal se conhecer os processos digestivos dos ruminantes e suas relações com a técnica do arraçãoamento.

PANORAMA DA PECUÁRIA NO RIO GRANDE DO SUL

INDUSTRIALIZAÇÃO DOS SUINOS ABATIDOS NA FAZENDA — Friedmann Galil, Méd. Vet.

AVICULTURA

Contrôle das doenças das aves como base de êxito da avicultura industrial (um verdadeiro tratado sobre moléstias das aves) — Exploração de poedeiras em gaiolas de postura (condições técnicas e manejo) — Debica-

gem para o contrôle do canibalismo e da bleagem das aves — Dr. Henrique F. Raimo

CONHECIMENTOS PRÁTICOS DE VETERINÁRIA — Walter Baptiston — Méd. Vet. da A.P.C.B.

Instruções para coleta e remessa de material para exame em laboratórios

RESERVAS FORRAGEIRAS PARA O INVERNO — MANEJO DOS PASTOS — PLANTAS FORRAGEIRAS DO BRASIL CENTRAL — Geraldo Leme da Rocha, Eng. Agr.

INDUSTRIALIZAÇÃO DO LEITE — L. A. Sandoval, Méd. Vet.

FABRICAÇÃO RURAL DA MANTEIGA

FABRICAÇÃO RURAL DE DOCE DE LEITE E LEITES FERMENTADOS

FABRICAÇÃO DE QUEIJO

O QUE VOCE PODE OBTER NO BANCO DO BRASIL

LEIS E REGULAMENTOS — Nilza Peres de Resende

PAGAMENTO DO IMPOSTO DE RENDA PELOS FAZENDEIROS

MARCAÇÃO A FOGO — Lei 4.714 de 29 de junho de 1965

PRINCIPAIS TIPOS DE DRENOS — Dr. A. E. Klar

Drenos para drenagem superficial.
Drenos para drenagem subterrânea.

Tipos especiais de drenagem.

A SOJA PERENE — Eng. Agr. Alacir Menegário

Soja perene, fonte de proteína bruta. Torta de feno de soja ganha em preço. Pasto melhora com soja perene. Excesso de alimentos no verão não é problema. O gado ganha com subdivisão de pastagens.

A CULTURA DO MILHO — Carlos Benedit, Eng. Agr.

O milho híbrido. O solo. Espaçamento, quantidade e profundidade da semente. Tratos, culturas. A colheita. Armazenamento. Preservação do produto armazenado.

CULTURA DE PINUS — Cesário Lange da Silva Pires, Eng. Agr.

ENDERÊÇOS — Enderêços da Confederação Rural — Federações Rurais — Associações Rurais — Associações de Registro Genealógico — Criadores de gado fino e para corte — Ministério da Agricultura e a organização do Gabinete do Ministério.

52 páginas com 100 clichês dos Campeões de 1965 em São Paulo, Uberaba e Pôrto Alegre

PREÇO DO VOLUME: CR\$ 10.000 (426 páginas)

ONDE V. PODE ADQUIRIR O «ANUÁRIO» — BAHIA, Salvador, Afonso C. Queiroz — CEARA, Fortaleza, Distribuidora Alacir de Revista — DISTRITO FEDERAL, Brasília, Banca de Jornais e Revistas — ESPÍRITO SANTO, Cachoeira de Itapemirim, Darcy E. Ramos — GOIÁS, Goiânia, Agrício Braga — GUANABARA, Rio de Janeiro, Sogeco e Armando de Almeida — MATO GROSSO, Corumbá, Nicanor L. de Albuquerque — MINAS GERAIS, Belo Horizonte, Escritórios Dutra e Henrique H. Pereira; Curvelo, Coop. Agro-Pecuária — PARAIBA, João Pessoa, F. V. Oliveira — PARANÁ, Curitiba, J. Chignone & Cia.; Londrina, Livraria Acadêmica Ltda. — PERNAMBUCO, Recife, Casa das Revistas e Figurinos e Soc. Nordeste dos Criadores — RIO GRANDE DO NORTE, Natal, Livraria e Bazar Pre-vitali; Alegrete, Livraria e Bazar Correa; Ijuí, Livraria Cultural; e Santo Angelo, Livraria e Tipografia Missionária — ESTADO DO RIO — Niterói, Mário Ribeiro — Estréla (Assoc. Fluminense Criadores) — SANTA CATARINA, Florianópolis, Distribuidora Maga — SÃO PAULO, Capital, Livraria do A. Fluminense Criadores — Livraria Kosmos, Livraria Bastos, Livraria Teixeira, Associação Paulista de Criadores de Bovinos; Interoporto, Livraria Kosmos, Cooperativa de Laticínios; Guaratinguetá, Cooperativa de Laticínios; Roseira, Cooperativa de Laticínios; São José dos Campos, Cooperativa de Laticínios; Piracicaba, Octávio de Almeida Penna; e Ribeirão Preto, Angel Castroviejo — SERGIPE, Aracaju, Winston Correa Dantas, ou na

EDITORA DOS CRIADORES - Gráfica e Propaganda Ltda.

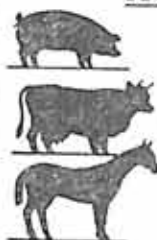
Rua Canuto do Val, 216 — Caixa Postal 1669 — São Paulo



Anúncios Classificados

CERCAS ELÉTRICAS BALLERUP

SEGURANÇA



ECONOMIA DE **75%**
PASTAGENS EM RODIZIO

SOC. ALFA LTDA

RUA BÉLGICA, 152 FONE: 80-6766

SÃO PAULO

ANÚNCIOS CLASSIFICADOS COLUNAS DE 4 cm

Cada cm p/coluna comporta no máximo 10 palavras, inclusive nome e endereço.

Cr\$ 5.000 por centímetro e por publicidade

Otima oportunidade para os Srs. Fazendeiros, Criadores, Comerciantes, etc., fazerem suas ofertas. Todo pedido de publicação deverá vir acompanhado da respectiva importância líquida e em nome da

REVISTA DOS CRIADORES
RUA CANUTO DO VAL, 216 — SÃO PAULO

ALIMENTOS E ALIMENTAÇÃO DOS ANIMAIS

de: Frank B. Morrison
tradução do Prof.
João Soares Veiga

892 páginas

Preço (Porte incluso)

NCr\$ 22

PEDIDOS A

EDITORA DOS
CRIADORES

Gráfica e Propaganda

Ltda.

Rua Canuto do Val, 216

S. Paulo

CARBOLINEUM

Protege e imuniza toda a
classe de madeira contra a
podridão e cupim, principal-
mente as madeiras brancas
de pequena resistência.

OTTO BAUMGART

INDÚSTRIA E COMÉRCIO S/A

AV. PRESTES MAIA, 356

Caixa Postal, 3492 —

São Paulo

ANUÁRIO DOS CRIADORES

Escreva-nos reser-
vando seu exem-
plar de 1966/7, que
já está circulando

Pedidos:

EDITORA DOS CRIADORES

Rua Canuto do

Val, 216

São Paulo

GRUPO "PAULISTA DE SEGUROS"

A MAIS ANTIGA ORGANIZAÇÃO SEGURADORA DE S. PAULO

FUNDADA EM 1906

Cia. Paulista de Seguros
Anhanguera Cia. de Seguros

Araguaia Cia. de Seguros
Avanhandava Cia. de Seguros

Opera em todos os ramos elementares e Acidentes do Trabalho

SEDE PRÓPRIA: São Paulo — Rua Líbero Badaró, 158 — Telefone: 37-5184

Enderêço Telegráfico "PAULICO" — Caixa Postal, 709

SUCURSAL DA GUANABARA: Av. Graça Aranha n.º 19 — 1.º andar

SUCURSAL DE PORTO ALEGRE: Av. Octávio Rocha n.º 161 — 7.º andar

Agentes e Representantes em todo o País

CALENDARIO DE CERTAMES, CONCENTRAÇÕES E CONCURSOS EM 1967

MAIO

2 a 11 — BARRETOS — XI Exposição de Animais e Produtos Derivados.
7 e 8 — PORTO ALEGRE — II Feira Nacional de Gado Leiteiro — Parque Menino Deus.

11 a 14 — BARRETOS — Concurso de Novilhos de Corte.

25 a 28 — SÃO JOSÉ DO RIO PRETO — Concurso de Novilhos de Corte.

JUNHO

1 a 11 — SÃO PAULO — (Capital) — Parque da Água Branca — XI Exposição de Gado Leiteiro, Caprinos, Ovinos e Aves e XI Exposição de Cavalos Mangalarga, Campolina, e Crioulo e Jumentos.

10 — ANDRADINA — Leilão de Reprodutores, na Fazenda Experimental de Criação de Gado Indiano.

AGOSTO

7 a 13 — FRANCA — VIII Exposição de Animais e Produtos Derivados.

7 a 13 — SÃO PAULO — (Capital) — Parque da Água Branca — V Curso Intensivo Técnico de Laticínios, Nível Secundário.

23 a 30 — PORTO ALEGRE — RGS — Exposição Estadual de Animais no Parque Menino Deus.

SETEMBRO

Primeira Quinzena — CAXAMBU — MG — Exposição Estadual de Gado Leiteiro.

5 a 19 — SÃO PAULO — (Capital) — Parque da Água Branca — V Curso Intensivo de Tecnologia de Carne, Nível Superior.

17 a 24 — ITAPETININGA — VIII Exposição de Animais e Produtos Derivados.

OUTUBRO

26 — SÃO JOSÉ DO RIO PRETO — Início da II Prova de Crescimento para Bovinos de Corte, no Posto Experimental de Criação.

5 a 11 — SÃO PAULO — (Capital) — Parque da Água Branca — VI Feira de Reprodutores — Promoção da A.P.C.B.

18 a 29 — SÃO JOSÉ DO RIO PRETO — Exposição de Animais e Produtos Derivados.

NOVEMBRO

9 a 19 — SÃO PAULO — (Capital) — Parque da Água Branca — X Exposição-Feira do Gado de Corte, Cavalos de Trabalho, Esporte, Fins Militares, Sulfos e Coelhos.

11 — RIBEIRÃO PRETO — Reunião de Criadores, Zootecnistas e Leilão de Reprodutores na Estação Experimental de Criação.

25 — ARACATUBA — Reunião de Criadores e Leilão de Reprodutores no Posto Experimental de Criação.

27 a 31 — ARACATUBA — IX Exposição de Animais e Produtos Derivados.

DEZEMBRO

3 a 9 — SERTÃOZINHO — VIII Curso de Suinocultura na Fazenda Experimental de Criação.

9 — SERTÃOZINHO — Reunião de Criadores, Zootecnistas e Leilão de Reprodutores Zebuinos, na Fazenda Experimental de Criação.

MINAS GERAIS

MAIO

3 a 10 — UBERABA — IX Nacional do Zebu e XXXIII Exposição-Feira

14 a 17 — PASSOS — X Exposição Agropecuária

19 a 23 — PATOS DE MINAS — IX Festa Nacional do Milho e III Exposição Agropecuária

21 a 25 — CURVELO — XXVII Exposição Agropecuária

28 a 31 — IV Exposição Agropecuária

JUNHO

1 a 6 — FORMIGA — VIII Exposição Agropecuária

15 a 18 — JEQUITINHONHA — I Exposição Agropecuária

28 a 2/7 — SETE LAGOAS —

VIII Exposição Agropecuária

JULHO

2 a 9 — LEOPOLDINA — XXXI Exposição Agropecuária

2 a 9 — HELIODORA — III Exposição Agropecuária e IV Semana Ruralista

6 a 9 — MORADA NOVA DE MINAS — IX Exposição Agropecuária

13 a 16 — PIRAPORA — IV Exposição Agropecuária

13 a 16 — CARLOS CHAGAS — V Exposição Agropecuária

15 a 20 — ALMENARA — V Exposição Agropecuária

26 a 23 — IGUATAMA — II Exposição Agropecuária

23 a 26 — ITAUNA — I Exposição Agropecuária

24 a 29 — CARANGOLA — XX Exposição Agropecuária
31 a 2/8 — PITANGUI — III Exposição Agropecuária

AGOSTO

6 a 8 — JUIZ DE FORA — XXVIII Exposição Agropecuária

6 a 12 — POUSO ALEGRE — VI Exposição Agropecuária

13 a 20 — LAVRAS — XXXI Exposição Agropecuária

20 a 27 — BELO HORIZONTE — III Exposição Agropecuária

31 a 3/9 — DORES DO INDAIÁ — III Exposição Agropecuária

SETEMBRO

3 a 10 — CAXAMBU — XIX Exposição Agropecuária e VII Especializada de Gado do Holandês

6 a 12 — MURIAE — XXI Exposição Agropecuária

7 a 10 — UNAI — VIII Exposição Agropecuária

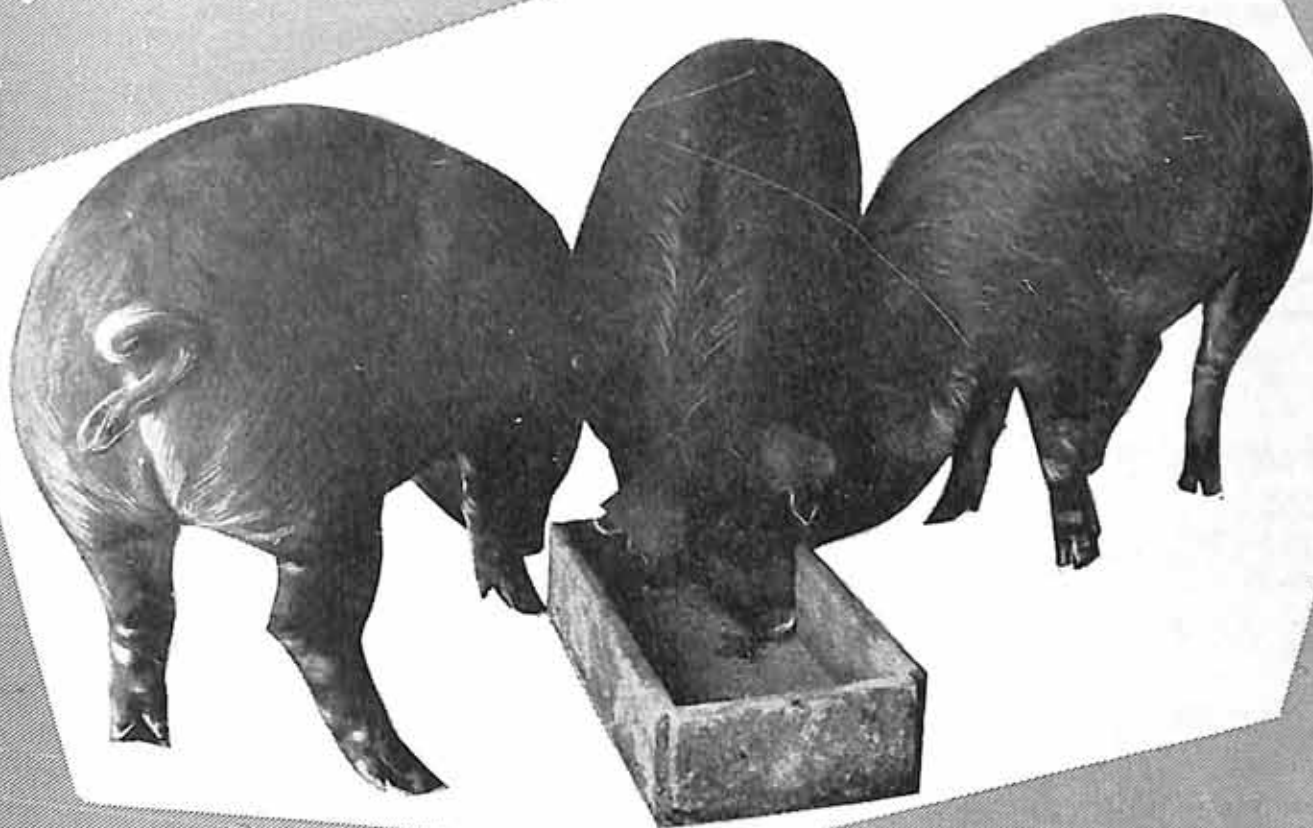
17 a 24 — TRES CORACOES — II Exposição Agropecuária

24 a 30 — VISCONDE DO RIO BRANCO — I Exposição Agropecuária

TRAJES ESPORTE

— magníficos, modernos, confortáveis — calças, camisas, paletós, capas, calçados, japonesas, blusões, para se vestir distintamente quando receber ou fazer visitas nas fazendas, em passeios e excursões, compre-os na Casa José Silva, onde existe a maior variedade de modelos, preços e tamanhos, e onde os artigos são de qualidade garantida. Rua São Bento, 51 em São Paulo e filiais no Brás, Tatuapé, Bragadeiro, Pinheiros e Shopping Center Iguatemi.

a porcada "limpa" o côcho...



Quando a ração é boa e uniforme, a PORCADA LIMPA O CÔCHO. Mas, como preparar uma ração boa e sempre uniforme, aproveitando ao máximo o milho produzido na fazenda? É fácil. Basta misturar de 10 a 20% de SUPERSUIGOLD[®], ao fubá ou ao milho previamente pôsto de molho. Está assim preparada uma ótima ração e assegurado mais lucro ao criador, pois:

- A ração é perfeitamente balanceada, contendo as proteínas, vitaminas e mineirais indispensáveis.
- Garante maior aumento de peso, com menor consumo de alimento.
- Permite o aproveitamento máximo do milho e de outros produtos da fazenda, mandioca, "verdes" etc.
- Com um só concentrado, o SUPERSUIGOLD[®], usado em diferentes proporções, se farão rações para as diversas idades e tipos de explorações.

SUPERSUIGOLD K

Concentrado proteico-vitaminico-mineral

MATRIZ: AVENIDA JOÃO DIAS, 1356
CAIXA POSTAL 12635 - SANTO AMARO
FONES 61-1712 - 61-1856 - SÃO PAULO



FILIAL: AVENIDA FARRAPOS, 2953
C. P. 3.084 - END. TELEGR. "TORTUGA"
PORTO ALEGRE - RIO GRANDE DO SUL

Distribuidores exclusivos dos produtos veterinários CARLO ERBA para todo o Brasil

Revista dos Criadores

ORGÃO OFICIOSO DA ASSOCIAÇÃO
PAULISTA DE CRIADORES DE BOVINOS

Redação: Rua Canuto do Val, 216 — São Paulo — Brasil

Telefones: 51-9234 e 52-3429

End. Telegráfico: «Criadores»

CORRESPONDENTES

BRASILIA — D. F.
José Luiz Cerqueira L. Rocha

INDA
Praça 3 Poderes — Bloco 8 —
5.º andar

AMAZONAS

Manaus
Danilo du Silvan
Rua Mandacaru, 109

GOIAS

Goiânia
Romildo de Carvalho Coutinho
Rua 83, nº 472 - Setor Sul

GUANABARA

Rio de Janeiro
Armando de Almeida
Av. Churchill, 94 — s/ 1110

MINAS GERAIS

Uberlândia
Lauro Coelho de Oliveira
Caixa Postal, 116

PARANA

Curitiba
Mario Marcondes Loureiro
Al. Cabral, 510

PERNAMBUCO

Recife
Dr. Leandro Estima

RIO GRANDE DO SUL

Livramento
Achyilles Alves
Pôrto Alegre
Geraldo Veloso Nunes Vieira
Parque Menino Deus

AFRICA

Mocambique
José Antônio Cardoso Vilhena

ARGENTINA

Buenos Aires
Eng.º Agr.º Pedro Luis Bibé
Cangallo 4318

REPRESENTANTES

BRASILIA — D. F.
José Luiz Cerqueira L. Rocha

INDA
Praça 3 Poderes — Bloco 8 —
5.º andar

ALAGOAS

Penedo
Malta & Cia.
Caixa Postal, 35

AMAZONAS

Manaus
Danilo du Silvan
Rua Mandacaru, 109

BAHIA

Itapetinga
Abilio Freitas Lima
Pça. Augusto de Carvalho, 21
A/c Coop. Mista do Médio
Rio Pardo

GOIAS

Goiânia
Sotave Ltda.
Rua 6, 17

GUANABARA

Rio de Janeiro
Sogeco — Soc. Geral de Co-
mércio de Livros e Revistas
Ltda.

Av. Rio Branco, 9 — s/278

MATO GROSSO

Corumbá
Nicanor Lopes de Albuquerque
Av. Gal. Rondon, 1.069
Campo Grande
Joaquim Allan Kardec Adrien
Cx. Postal, 523

Poconé
João Bosco de Almeida
Serviço de Extensão Rural

MINAS GERAIS

Belo Horizonte
Levy Alves de Almeida
Rua Frutal, 275
Santa Iligênia
Juiz de Fora
Francisco Carlos Martins
Rua Mármore, 132

PARÁ

Belém
Elias I. Aguiar
Almirante Barroso, 61. apto.
302

PARAIBA

Campina Grande
Virgolino de Farias Leite
Netto
Rua Tavares Cavalcanti, 34

PARANA

Curitiba
Dr. Mário Marcondes Loureiro
Rua dr. Cândido Xavier, 225
Londrina
Valdomiro Gross
Rua Prof. João Cândido, 191
Livraria Acadêmica
Rua Sergipe, 1.178
Paranaíba
Luiz Diogo Ferraz
Rua Pernambuco, 1.025

RIO GRANDE DO SUL

Natal
Lulz Romão

RIO GRANDE DO SUL

Pôrto Alegre
Dr. Geraldo Veloso Nunes
Vieira
Parque Menino Deus

RIO DE JANEIRO

Campos
Geraldo Monteiro Carvalho
Vieira

Rua 21 de Abril, 254

ESTADOS UNIDOS

New York
Halpern Associates
108 West 43rd Street
New York, 36, N. Y. — USA

REPUBLICA ARGENTINA

Buenos Aires
Asociacion Argentina de Cria-
dores de Cebu
Bartolomé Mitre, 754 — 2º P.

VENDA AVULSA E ASSINATURA

BAHIA

Salvador
Afonso C. Queiróz

CEARA

Fortaleza
J. Felinto & Cia.

ESPIRITO SANTO

Vitória
Alfredo Copollo
Alegre
Emílio dos Santos Abreu
Mimoso do Sul
Zildo Corrêa

ESTADO DO RIO

Nova Friburgo
Jorge Salim
Pça. Getúlio Vargas, 86
G. 105—

GOIAS

Goiânia
Distribuidora Jardim
Rua 6, esq. com Rua 17

GUANABARA

Rio de Janeiro
Sogeco — Soc. Geral de Co-
mércio de Livros e Revistas
Ltda.

Av. Rio Branco, 9 — s/278

MARANHAO

São Luiz
Livraria H. C.
Rua Tarquínio Lopes, 292

MINAS GERAIS

Juiz de Fora
Agência Campos
Uberlândia
Agência Lopes
Montes Claros
Agência Thais
Distribuidora de Revistas
Souza
Elói Mendes
Astolfo C. Teixeira Filho
Cambuquira
Benedito Ferreira
Itajubá

Casa Lucy
Três Pontas
Conceição A. R. Marques
Barbacena
José Francisco de Assis
São Gonçalo do Sapucaí
José Siqueira Noronha
Lavras

Papelaria Pádla
Belo Horizonte
Sor. Distr. de Jornais e Re-
vistas

Araná
Wantrin Batista Costa

PARANA

Curitiba
Haroldo Maciel Camargo
Ponta Grossa
Livraria Montes

PERNAMBUCO

Recife
Agência de Revistas Maurício
Recife Distribuidora de
Revistas
Rua do Hospício, 340

PIAUI

Terezina
José Alves Martins

RIO GRANDE DO SUL

Rio Grande
Ernani R. Lages
Pôrto Alegre
Ernesto Soveral
Octavio Sageblin S/A
Santa Vitória do Palmar
Flor Amaral
Lagôa Vermelha
Gráfica Lagoense
Santa Maria
Livraria do Globo
Santana do Livramento
Lojas Brisolla
Júlio de Castilhos
Malvina Walhrich

SANTA CATARINA

Agência Distribuidora de
Revistas
Florianópolis
Pôrto União
Livraria Iguassú

SÃO PAULO

Capital
Pedro Lazarini
Livraria da Estação da Luz
Livraria do Aeroporto
Aeroporto de Congonhas

Interior

São José do Rio Preto
Agência Comercial
Baurú
Salomão Gantus
Piracicaba
Lélio A. Hufienbaecker
Taubaté
Judith Mazella Moura

SERGIPE

Aracajú
Winston Corrêa Dantas
Rua Siriri, 969

AFRICA O. PORTUGUESA
Lourenço Marques
J. A. Carvalho & Cia. Ltda.

URUGUAI

Montevideu
Livraria Monteiro Lobato



EBERLE São Paulo S. A.

Comércio, Indústria, Importação e Exportação
FABRICAÇÃO PRÓPRIA

Selas — Arreios e artigos para montaria — Arreios para carroças e charretes —
Cabrestos para gado — Coleiras e guias para cães — Capas de lona — Capas de
retireiros.

Metalúrgica: Esporas — Estribos — Freios — Ferragens para montaria — Artigos
para presentes — Cutelaria.

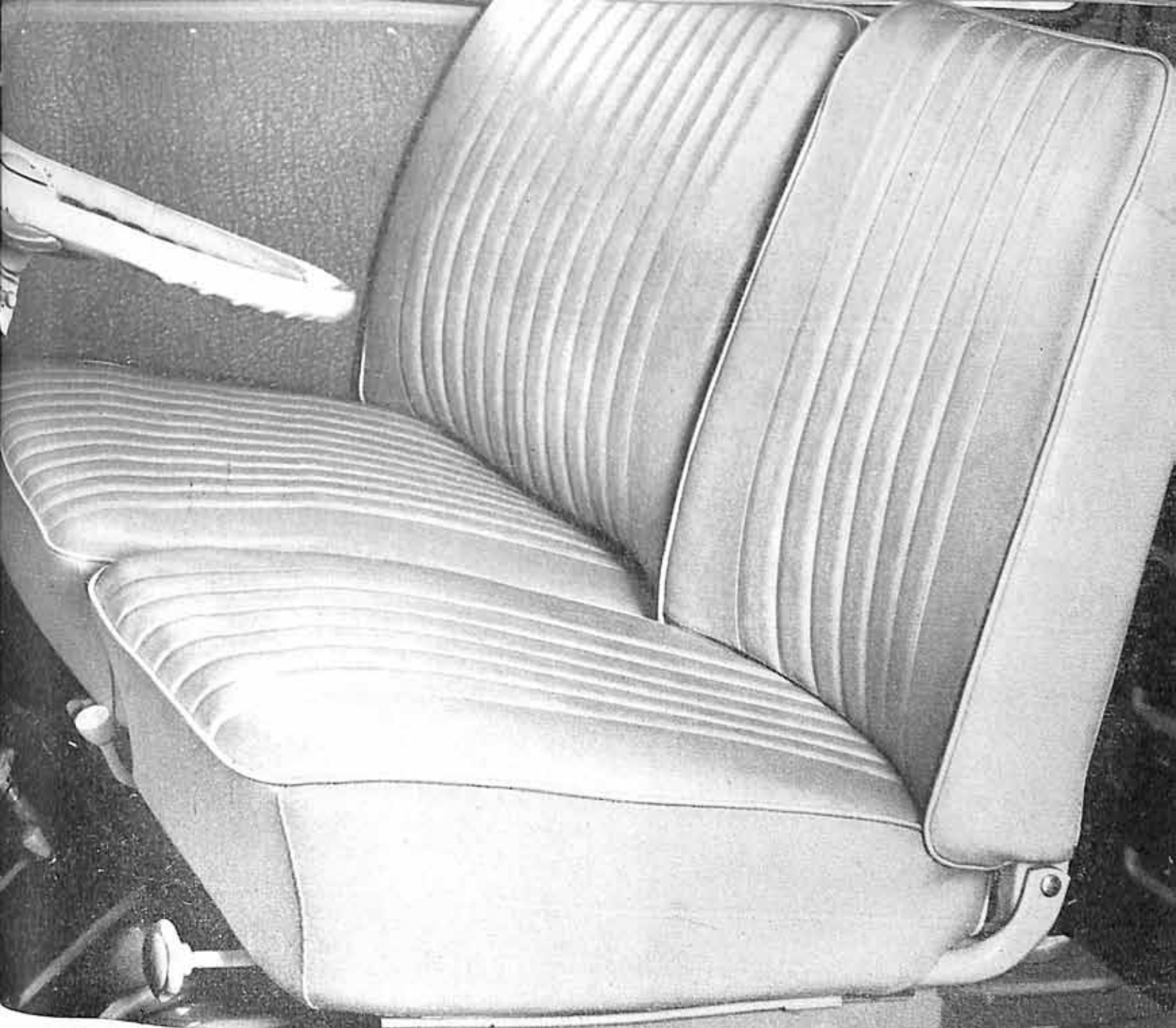
Revendedores: Capas Rener — Palas — Pelegos — Pastas — Malas.

MATRIZ — Rua Paula Souza, 146/164 — Fones: 34-5791 — 34-0584 e 34-8432

LOJA 2 — Av. Cásper Libero, 598 — Fone: 37-2042

LOJA 3 — Av. Adolfo Pinheiro, 256 — Fone: 61-2408. Caixas Postais 1282 e 2049 —

SÃO PAULO



© VOLKSWAGEN DO BRASIL S.A.

Quem dirige a Kombi 1.500 gostou muito de uma das novidades.

Dirigir a Kombi já tinha uma novidade: v. não precisava dividir o espaço com o motor. Na Kombi o motor está lá atrás, sem apalhar ninguém. Na Kombi Volkswagen 1.500 v. tem um motivo para gostar de dirigi-la: o assento é regulável em várias posições, para v. dirigir com todo conforto. Há mais motivos para v. gostar da Kombi 1.500. Por exemplo: o comutador de luzes alta e baixa que

colocado junto à alavanca do pisca-pisca, bem à mão.

O comutador tem também uma tecla para sinalização de luz alta, nas ultrapassagens ou cruzamentos.

Os motivos continuam.

O reservatório de água do pára-brisa tem bomba manual, e está à esquerda do porta-luvas, para v. manejá-la facilmente.

Por falar em pára-brisa, o limpador tem duas velocidades e pára automaticamente do lado direito.

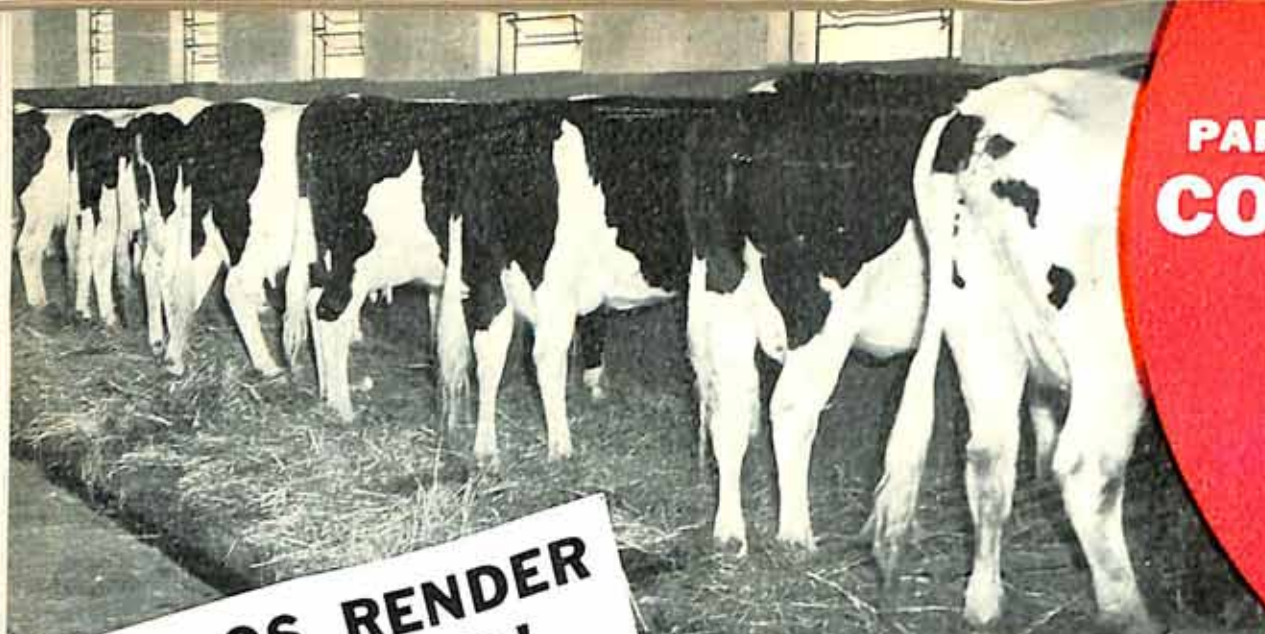
V. ainda quer mais motivos para gostar de dirigir a Kombi 1.500?

individual, dê a partida e experimente a nova Kombi.

V. vai achar que o motor tem mais potência.

E tem mesmo: exatamente 16 HP a mais.





**FAÇA-OS RENDER
AINDA MAIS!**



**PARA O GADO LEITEIRO
CONCENTRADO
LEITIL**

e

**PARA O GADO DE COR
CONCENTRADO
ENGORDIL**

**O CONCENTRADO LEITIL E
O CONCENTRADO ENGORDIL**

promovem **MAIOR RENDIMENTO** do rebanho e permitem **MELHOR APROVEITAMENTO** dos produtos da fazenda (milho, raspas de mandioca, pontas de cana, sabugo etc.).

Para outras fórmulas,
consulte nossos De-
partamentos Técnico
e Científico.

RAÇÕES PARA GADO LEITEIRO

Fórmula A

Milho desintegrado	30 kg
Farelo de arroz	20 kg
Raspa de mandioca	20 kg
CONCENTRADO LEITIL	30 kg
Ração balanceada	100 kg

Fórmula B

Milho desintegrado
Raspa de mandioca
CONCENTRADO
LEITIL
Ração balanceada

SUPLEMENTAÇÃO PARA ENGORDA

O CONCENTRADO ENGORDIL contém 40% de proteína, minerais e vitamina A. Parte da proteína é suprida por técnica. Deve ser deixado à disposição permanente do gado, mais, em côcho separado, sem qualquer mistura. O consumo diário será em torno de um quilo por cabeça, suplementado com as forragens fibrosas, o melão e sais minerais, completa o arraçoamento do gado de engorda.

SOCIL PRÓ-PECUÁRIA S.A.

São Paulo: R. Campos Vergueiro, 85 - Tels. 5-0050-5-0298 - Cx. Postal 5.013
 Porto Alegre: Av. Plínio Brasil Milano, 2.593 - Tel. 7-1204 - Cx. Postal 1.966
 Curitiba: Rua da Indústria, 2.024 - Tel. 4-8163 - Cx. Postal 503

